

DO AUTOR DE VOVÓ VIGARISTA

David Walliams

VOVÔ

DEU NO PÉ

GRÁTIS
UM SPIFFIRE*
*Sem paraquedas



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



David Williams

VOVÔ
DEU NO PÉ

Ilustrações de Tony Ross

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2015 David Walliams
Copyright das ilustrações © 2015 Tony Ross
Copyright da tradução © 2017 Editora Intrínseca
Copyright do lettering do nome do autor na capa © 2010 Quentin Blake
Publicado originalmente em língua inglesa, pela HarperCollins Children's Books.

TÍTULO ORIGINAL
Grandpa's Great Escape

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
Taís Monteiro
Cristiane Pacanowski

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© Tony Ross 2015

ARTE DE CAPA
© HarperCollinsPublishers 2015

ADAPTAÇÃO
Julio Moreira

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0166-0

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-3940
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Introdução

Personagens

Mapa

Prólogo

1. Presuntada à la baba de moça

2. Chinelos

3. Um cheiro de queijo

4. Triciclo de segunda mão

5. Lunático na lua

6. Uma escavadeira desgovernada

7. Disney para idosos

8. Desembuche!

9. Giz colorido

10. Fatos Fatos Fatos

11. Uma lenda

12. Matar aula

13. Arrepios

14. Cambalhotas de alegria

15. Roncando feito um elefante

16. Beliche vazio

17. Nada

18. Pilantragem

19. Ave de rapina

20. Quebrando as regras

21. Rugido da floresta

22. Hora da pestana

23. Nozes e frutinhas

24. Um armário de terno

25. Uma encrenca maior ainda

26. Virando o jogo

27. Atrás das linhas inimigas

28. Uma ligação cara

29. Uma figura sinistra

30. Torres do Crepúsculo

31. As enfermeiras mais feias do mundo

32. Salgueiro-chorão

33. Rasteje feito uma cobra

34. Escondido em um bigode

35. Mais meias ainda

36. Com uma colher?!

37. Algo maligno, algo assustador

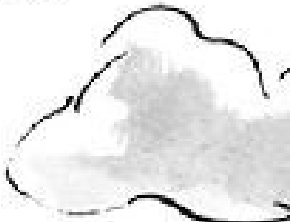
38. Bonecos
 39. Pinel
 40. Corda de calcinhas
 41. Um belo espetáculo
 42. Roxos no bumbum
 43. Portinhola abaixo
 44. De todo tipo
 45. Perucas e maquiagem
 46. Bigode queimado
 47. Sacudir e pronto
 48. Inferno!
 49. Um calor dos infernos
 50. Caixão-bogã
 51. Extasiada
 52. Sem juízo
 53. Dias de glória
 54. Correndo contra o sol
 55. Dirigindo um tanque
 56. Encha o tanque
 57. ZUM!
 58. Render-se, jamais
 59. Pura poesia
 60. Passando pelo fogo
 61. De volta à terra
 62. Homenagens ao herói
 63. Narizes quebrados
 64. Mentiroso!
 65. Um exército de veteranos
 66. Adeus
- Epílogo
Glossário
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça os outros títulos do autor
Leia também

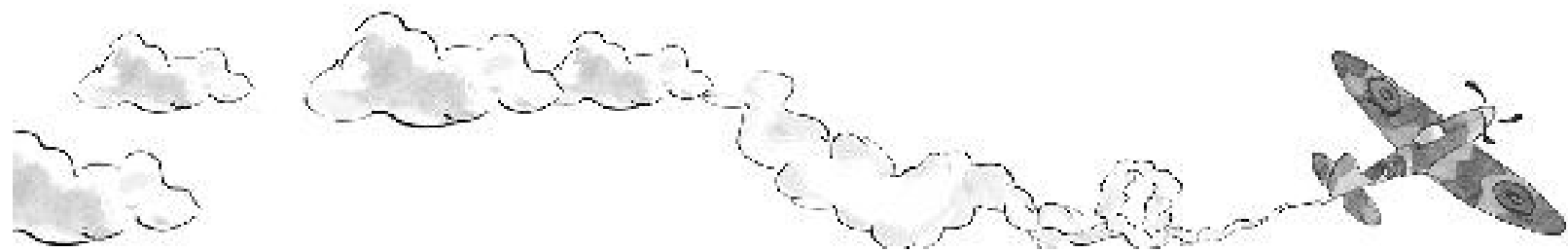
Este livro é dedicado a Sam e Phoebe,
que são quase sempre bonzinhos.
Com amor, David



Para o

céu e além...





Esta é a história de um menino chamado Jack e seu avô.

Muitos anos atrás, vovô foi piloto da Força Aérea Britânica.

Durante a Segunda Guerra Mundial, ele pilotou um caça Spitfire.

Nossa história se passa em 1983. Era uma época anterior à internet, aos telefones celulares e aos videogames que podiam ser jogados por semanas a fio. Em 1983, vovô já era um senhor de idade, mas seu neto Jack tinha apenas doze anos.



Estes são a mãe e o pai de Jack. A mãe, Bárbara, trabalha na seção de queijos de um supermercado. O pai, Barry, é contador.



Raj é o jornaleiro. A Srta. Vera Cidade é professora de história na escola de Jack.



Os detetives Roliço e Espeto são uma dupla que combate o crime.



Este é o vigário da cidade, o reverendo Leitão.



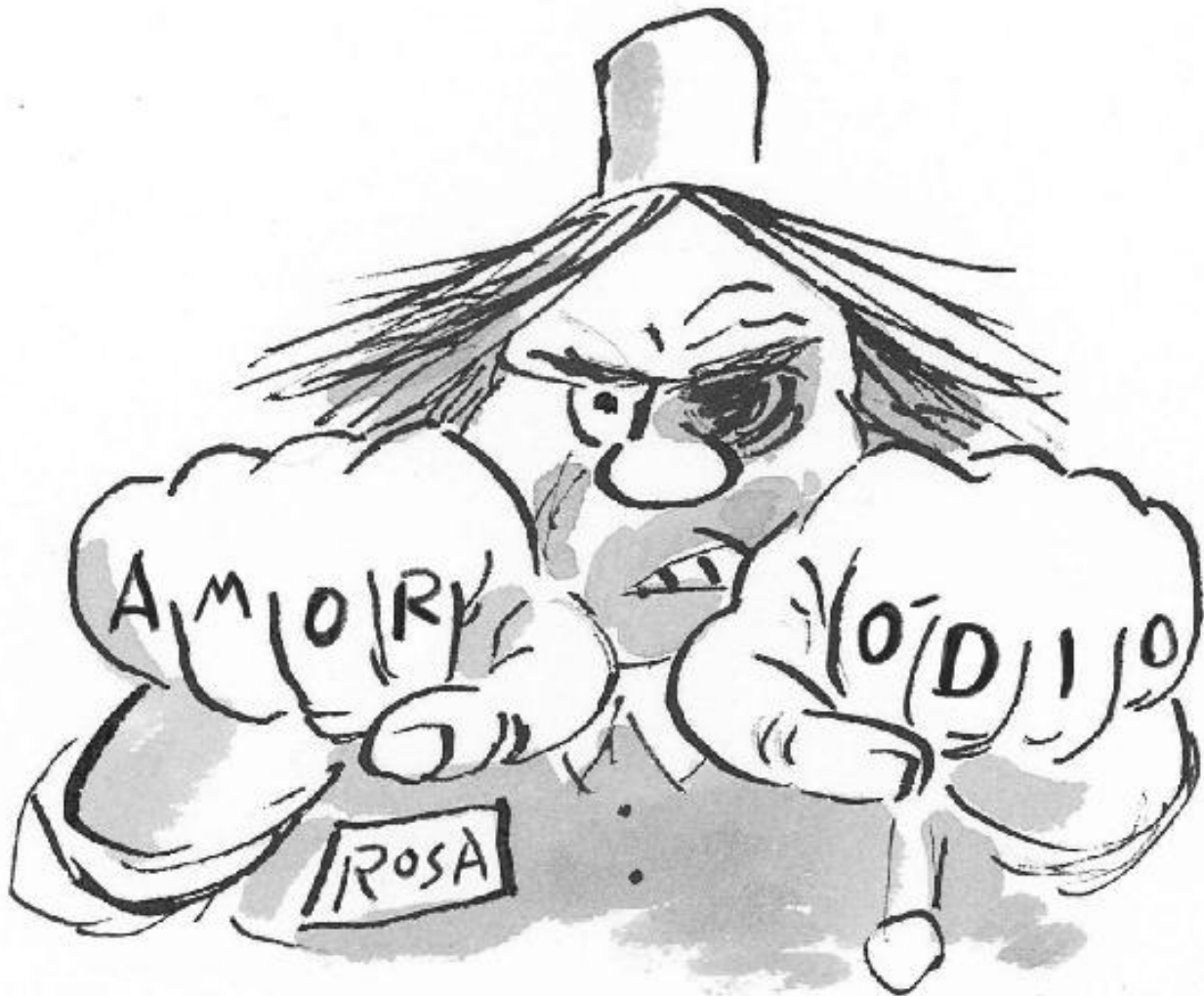
Este segurança trabalha no Museu Imperial da Guerra, em Londres.



A Srta. Porcina é a enfermeira-chefe do lar para idosos **TORRES DO CREPÚSCULO**.



Entre os idosos que moram lá estão a Sra. Bagatela, o major e o contra-almirante.



Estas são algumas das enfermeiras que trabalham no **TORRES DO CREPÚSCULO** —
enfermeira Rosa, enfermeira Margarida e enfermeira Flora.



Este é o **TORRES DO CREPÚSCULO.**



Torres do Crepúsculo

Pântano

Este é um mapa da cidade.

Igreja

Praça

Escola

Parque

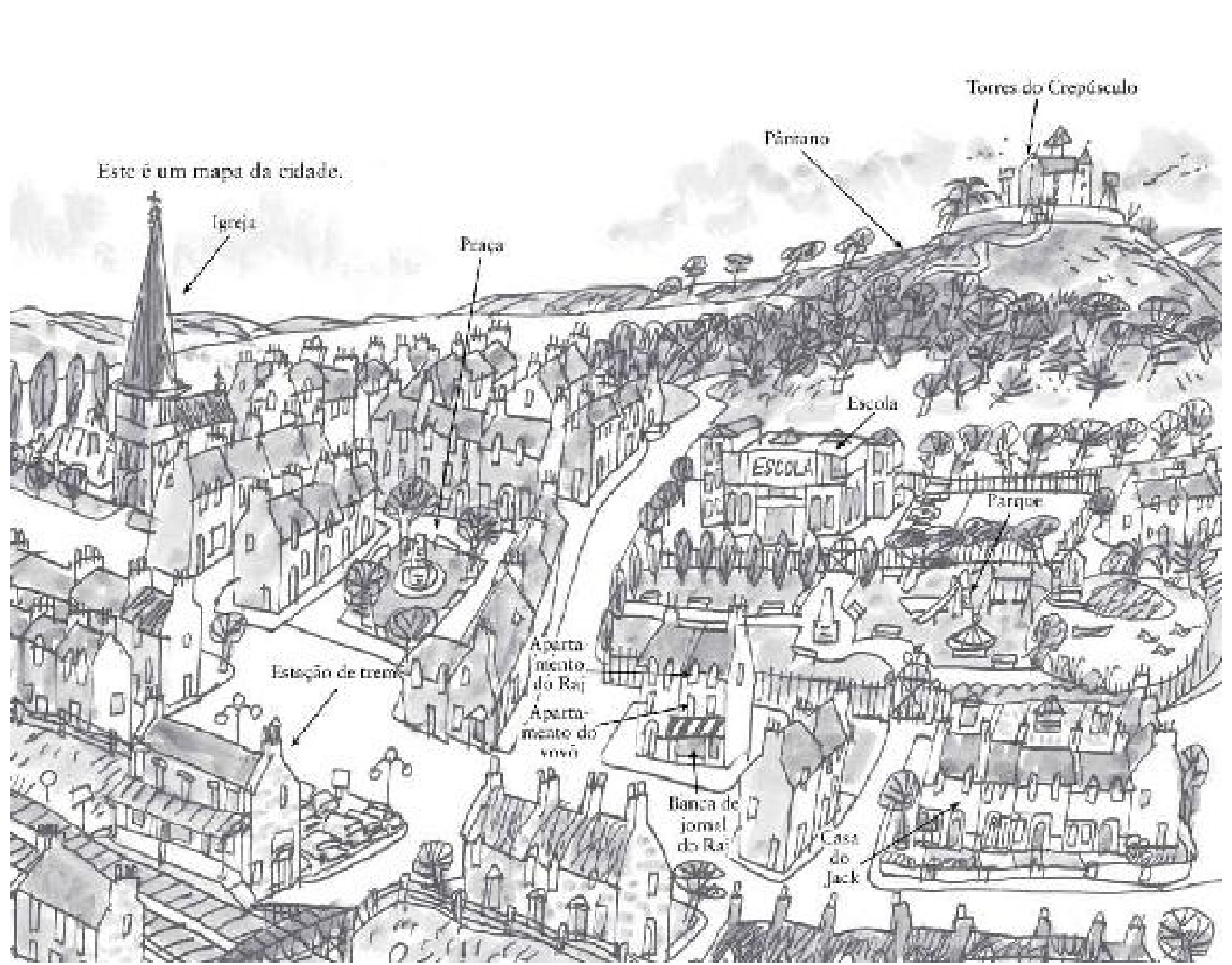
Estação de trem

Aparta-
mento
do Raj

Aparta-
mento
do
vovô

Banca de
jornal
do Raj

Casa
do
Jack



Prólogo

Certo dia vovô começou a se esquecer das coisas. No início, coisas pequenas. Ele preparava um chá e se esquecia de beber. Em pouco tempo havia uma fileira de doze xícaras de chá frio na mesa da cozinha. Ou então enchia a banheira e não se lembrava de fechar as torneiras, alagando o apartamento do vizinho de baixo. Já chegou até a sair de casa com o único objetivo de comprar um selo, mas voltou com dezessete caixas de cereal. E olha que vovô nem gostava de cereal.

Com o tempo, ele começou a esquecer coisas mais importantes. O ano em que estávamos. Se sua esposa, Peggy, que já morrera havia muito tempo, estava viva ou não. Um dia ele parou até de reconhecer o próprio filho.

O mais espantoso de tudo foi quando vovô perdeu totalmente a noção de que era um senhor aposentado. Ele sempre contava ao neto, Jack, histórias de suas aventuras na Força Aérea Britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Só que essas histórias começaram a se tornar cada vez mais reais para ele. Na verdade, em vez de apenas contar as histórias, ele começou a vivê-las. O presente se turvou até se tornar um preto e branco nebuloso, enquanto o passado explodiu em cores gloriosas. Não importava onde vovô estivesse, o que fazia ou com quem. Na sua cabeça, ele era um piloto jovem e valente outra vez, no controle de seu caça Spitfire.

Todas as pessoas na vida do vovô achavam muito difícil entender essa situação.

Menos uma.

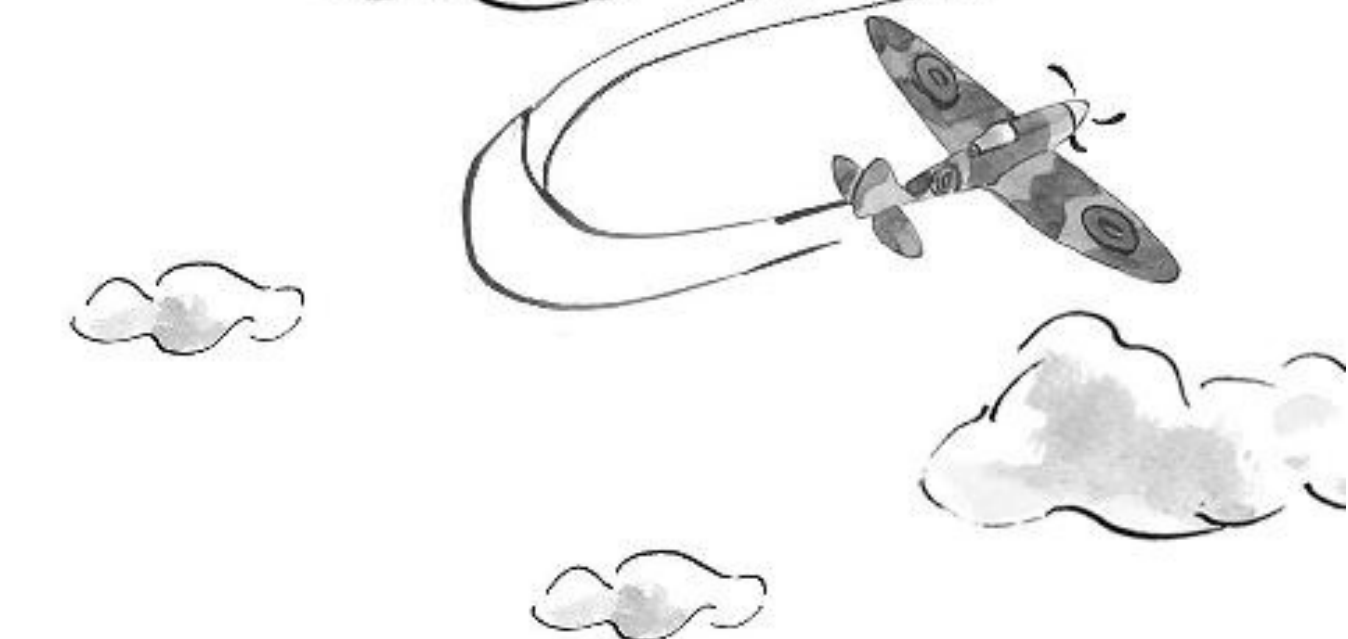
Seu neto, Jack.

Assim como todas as crianças, o menino adorava brincar e, para ele, era como se o avô estivesse brincando.

Jack percebeu que tudo o que precisava fazer era entrar na brincadeira.

PARTE 1

O CÉU AO SEU ALCANCE



Presuntada à la baba de moça

Jack era o tipo de menino que ficava mais feliz quando estava sozinho no quarto. Por ser tímido, não tinha muitos amigos. Em vez de passar os dias jogando futebol no parque com as outras crianças da escola, Jack ficava em casa montando sua adorada coleção de aeromodelos. Seus favoritos eram os da Segunda Guerra Mundial — o bombardeiro Lancaster, o Hurricane e, é claro, o antigo avião do avô, o famoso Spitfire. Do lado nazista, contava com modelos do bombardeiro Dornier, do Junkers e do inimigo mortal do Spitfire, o Messerschmitt.



Com muito cuidado, Jack pintava os aviões e depois os pendurava no teto com linha de pesca. Lá no alto, eles pareciam travar uma terrível batalha aérea. À noite, o menino ficava olhando para eles do beliche e, ao pegar no sono, sonhava ser um piloto experiente, feito seu avô. Também mantinha uma foto antiga do vovô ao lado da cama. Ainda era um rapaz na fotografia em preto e branco, tirada em algum momento do ano de 1940, no auge da Batalha da Inglaterra. Posava, orgulhoso, vestido com o uniforme da Força Aérea.



Nos sonhos, Jack voava *Para o céu e além*, igual ao avô. Daria tudo o que tinha, todo o seu passado e todo o seu futuro, para pilotar o lendário Spitfire do vovô.

Nos sonhos, era um herói austero.

Na vida, se sentia um zero à esquerda.

O problema era que todo dia era exatamente igual. Jack ia para a escola de manhã, fazia o dever de casa à tarde e jantava na frente da TV à noite. Se ao menos não fosse tão tímido... Se ao menos tivesse uma porção de amigos... Se ao menos pudesse se libertar daquela rotina entediante...

O ponto alto da semana de Jack era domingo, o dia em que seus pais o deixavam com o avô. Antes de ficar tão confuso, vovô fazia os mais mágicos passeios com o neto. O lugar que mais gostavam de visitar era o Museu Imperial da Guerra. Ficava em Londres, não muito longe, e era um verdadeiro tesouro do universo militar. Juntos, os dois se maravilhavam com aviões antigos pendurados no teto do Grande Salão. O lendário Spitfire era, claro, o favorito. Sempre que o via, vovô era tomado por uma torrente de memórias. Ele contava todas as histórias para o neto, que devorava cada palavra. Na longa viagem de ônibus de volta para casa, Jack bombardeava o avô com centenas e mais centenas de perguntas...

— Qual foi a maior velocidade que o senhor já alcançou com o Spitfire?

— Já teve que saltar de paraquedas?

— Qual é o melhor caça, o Spitfire ou o Messerschmitt?



Vovô adorava responder a elas. Volta e meia, um grupo de crianças o cercava no segundo andar do ônibus para ouvir as incríveis histórias.

— Era o verão de 1940 — começava vovô. — No auge da Batalha da Inglaterra. Certa noite, eu estava sobrevoando o Canal da Mancha com meu Spitfire. Havia me separado do esquadrão. Meu caça tinha sido atingido em um combate aéreo, e eu voltava para a base aos trancos e barrancos. De repente, logo atrás de mim, ouvi tiros de metralhadora. **RA-TA-TA-TÁ!** Era um Messerschmitt nazista. Bem na minha cola! De novo. **RA-TA-TA-TÁ!** Éramos apenas nós dois, sozinhos sobre o mar. Aquela seria uma luta épica até a morte...

Contar suas aventuras na Segunda Guerra era o que vovô mais gostava de fazer. Jack escutava com atenção; cada pequeno detalhe o fascinava. Com o tempo, o menino se tornou especialista nos antigos aviões de caça. Vovô sempre dizia ao neto que ele “um dia seria um piloto excelente”. Isso o deixava cheio de orgulho.

* * *

No fim do dia, se estivesse passando um filme de guerra em preto e branco na TV, a dupla se aninhava no sofá da casa do vovô para assistir. *O céu ao seu alcance* era um que sempre viam. O clássico contava a história de um piloto que perdia as pernas em um acidente horrível antes da Segunda Guerra. Mesmo assim, Douglas Bader se transformava em um lendário ás da aviação. Tardes de domingo chuvosas eram perfeitas para se assistir a *O céu ao seu alcance* ou *E... um avião não regressou* ou *A caminho das estrelas* ou *Neste mundo e no outro*. Para Jack, não havia nada melhor.

Infelizmente, a comida na casa do vovô era sempre pavorosa. Ele a chamava de “ração”, como a que os militares comiam durante a guerra. Os alimentos eram sempre enlatados. Para o jantar, escolhia duas latas ao acaso na despensa e as misturava em uma panela.



Carne enlatada com abacaxi em conserva.



Sardinha com arroz-doce.



Pudim de leite com ervilhas.



Feijão com molho de tomate adocicado e pêsegos em calda.



Cenoura picada com leite condensado.



Pudim de chocolate com cobertura de sopa de tomate.



Truta com macarrão argolinha.



Empadão de carne e rim com coquetel de frutas.





E a especialidade do vovô, *Presuntada à la baba de moça*.

O uso da expressão em francês dava ao prato um ar sofisticado que ele não merecia. Felizmente, o menino não ia lá pela comida.

A Segunda Guerra Mundial foi o período mais importante da vida do vovô. Foi uma época em que pilotos corajosos da Força Aérea Britânica, incluindo ele próprio, defenderam o país na Batalha da Inglaterra. Os nazistas arquitetavam uma invasão, um plano que chamavam de “Operação Leão-Marinho”. Entretanto, sem conseguir o domínio dos céus para proteger as tropas em terra, eles nunca puderam colocar a teoria em prática. Dia após dia, noite após noite, pilotos como vovô arriscavam a vida para impedir que os britânicos fossem capturados pelos nazistas.

Por isso, em vez de ler um livro para o neto na hora de dormir, o velhinho contava uma de suas aventuras reais durante a guerra. Suas histórias eram mais emocionantes do que qualquer livro.

— Mais uma, vovô! Por favor! — implorou, certa noite, o menino. — Quero ouvir sobre quando o senhor foi derrubado pela Luftwaffe e teve que fazer um pouso de emergência no Canal da Mancha!

— Está tarde, pequeno Jack — respondeu vovô. — Vá dormir. Prometo que conto essa história e muitas outras pela manhã.

— Mas...

— Encontro você em seus sonhos, líder de esquadrão — disse o velhinho, dando um beijo carinhoso na testa de Jack. “Líder de esquadrão” era seu apelido para o neto. — Vejo você nas nuvens. *Para o céu e além.*

— *Para o céu e além!* — repetiu o menino antes de pegar no sono no quarto de hóspedes do avô, sonhando que também era um piloto de caça.

O tempo que Jack passava com vovô não podia ser mais perfeito.

Mas tudo estava prestes a mudar.



Chinelos

Com o passar do tempo, a mente do vovô começou a transportá-lo de volta aos seus dias de glória com mais frequência. No momento em que esta história começou, ele jurava de pé junto que ainda estava na Segunda Guerra. Só que a guerra havia terminado décadas antes.

Vovô acabou desenvolvendo uma doença que afeta alguns idosos, deixando-os muito confusos. Era grave, e infelizmente não havia cura para esse mal. Pelo contrário: ao que parecia, piorava com o tempo. Chegaria um dia em que vovô não se lembraria nem mesmo do próprio nome.

Mas, como muitas vezes na vida, é possível encontrar comédia na tragédia. Nos últimos tempos, a doença do avô havia causado momentos muito engraçados. Na Noite de Guy Fawkes, que é uma data que os ingleses comemoram com muitos fogos de artifício, vovô insistiu para que todo mundo corresse para o abrigo antiaéreo quando os vizinhos começaram a soltar fogos no jardim. Também teve o dia em que ele pegou seu canivete, cortou uma barra fininha de chocolate com menta em quatro pedaços e o distribuiu pela família por causa do “acionamento”.



A mais memorável de todas foi a vez em que vovô decidiu que um carrinho de compras era, na verdade, um bombardeiro Lancaster. Em uma missão ultrassecreta, ele o dirigiu em disparada pelos corredores, lançando grandes sacos de farinha. As “bombas” explodiram por todo lado — na comida, nos caixas e até na gerente metida do supermercado, cobrindo-a da cabeça aos pés.

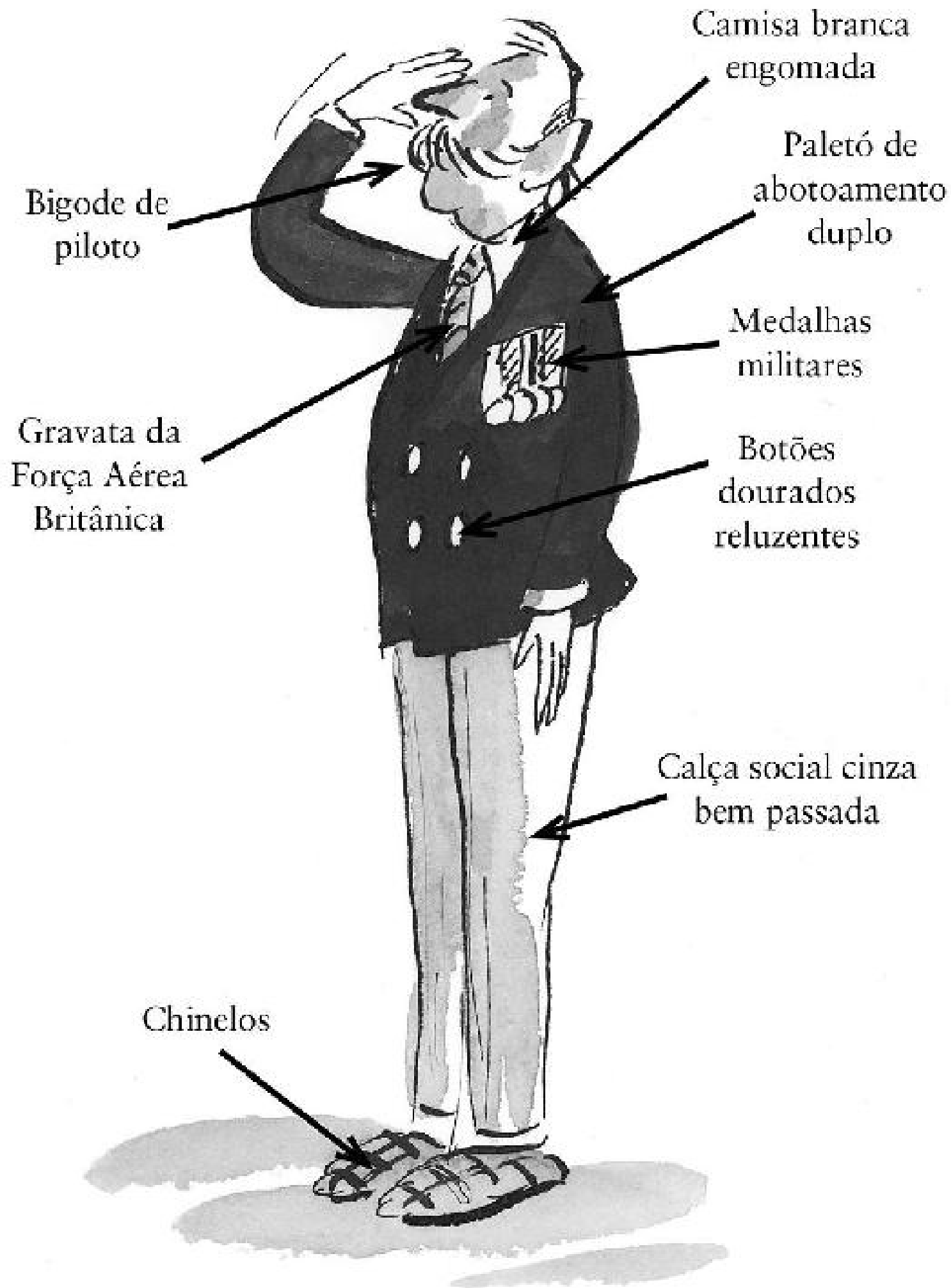


Ela ficou parecendo um fantasma, e a operação de limpeza durou várias semanas. Vovô foi banido do supermercado para sempre.

Às vezes, a confusão do vovô era angustiante. Jack não conheceu a avó, que morreu quase quarenta anos antes, em uma noite no fim da guerra, durante um ataque nazista a Londres. Na época, o pai de Jack era um bebê recém-nascido. Entretanto, quando Jack estava no pequeno apartamento do avô, ele o ouvia chamar por sua “Peggy, querida” como se ela estivesse no quarto ao lado. O menino ficava com os olhos cheios d’água. Era de partir o coração.



Apesar de tudo, vovô era um homem extremamente orgulhoso. Para ele, tudo tinha que ser “certinho”.



Ele estava sempre impecavelmente uniformizado: paletó de abotoamento duplo, camisa branca engomada e calça social cinza bem passada. Em torno do pescoço, presa com um nó caprichado, havia sempre uma gravata listrada de marrom, prata e azul da Força Aérea. Como era moda entre muitos pilotos da Segunda Guerra Mundial, ele usava um elegante bigode. Era impressionante. Tão comprido que emendava com as costeletas. Era quase uma barba mas sem a parte do queixo. Vovô torcia as pontas dos fios por horas, até elas ficarem para cima, no ângulo certo.

A única coisa que entregava o estado de confusão mental dele eram os calçados. Chinelos. Ele não usava mais sapatos. Sempre se esquecia de calçá-los. Qualquer que fosse o clima, mesmo com chuva, granizo ou neve, lá estava seu chinelo xadrez marrom.

Claro que o comportamento excêntrico do vovô deixava os adultos preocupados. Às vezes, Jack fingia que ia dormir, depois sorratamente saía do quarto de pijama e ficava sentado no alto da escada, de onde ouvia a mãe e o pai lá embaixo, na cozinha, falando sobre o avô. Eles usavam palavras complicadas, que Jack não entendia, para descrever sua “condição”. Então discutiam sobre levá-lo para um asilo. O menino odiava ouvir os dois falarem desse jeito sobre vovô, como se ele fosse um problema. Entretanto, por ter apenas doze anos, Jack se sentia impotente para tomar qualquer providência.

Mas nada disso o impedia de adorar aquelas histórias de aventuras dos tempos de guerra. Elas acabaram se tornando tão reais para vovô que a dupla passou a encená-las. Eram contos de bravura dignos de um livro.

Vovô tinha uma vitrola antiga de madeira do tamanho de uma banheira. Nela, tocava música orquestrada no último volume. Bandas militares eram suas favoritas, e os dois ouviam grandiosas obras clássicas como *O Poder da Grã-Bretanha!*, *Terra de Esperança e Glória* ou *Marchas de Pompa e Circunstância* até tarde da noite. Duas poltronas velhas se transformavam em cabines de controle. Enquanto a música se elevava, eles faziam o mesmo

em seus caças imaginários. Um Spitfire para vovô e um Hurricane para Jack. *Para o céu e além* eles iam, voavam alto, acima das nuvens, despistando aviões inimigos. Toda noite de domingo, a dupla vencia a Batalha da Inglaterra sem sequer sair do pequeno apartamento do avô.

Juntos, vovô e Jack habitavam um mundo próprio e tinham incontáveis aventuras imaginárias.



Entretanto, na noite em que começa esta história, uma aventura estava prestes a se iniciar na vida real.

Um cheiro de queijo

Naquela noite, assim como em todas as outras, Jack dormia em seu quarto e sonhava que era um piloto na Segunda Guerra Mundial. Estava sentado na cabine de controle do Hurricane, enfrentando um esquadrão fatal de Messerschmitts, quando ouviu o som nítido de um telefone tocando.

TRIM TRIM TRIM TRIM.

Que estranho, pensou, pois não havia telefones a bordo dos caças nos anos 1940. Mas o telefone continuava a tocar.

TRIM TRIM TRIM TRIM.

Acordou assustado. Ao sentar-se na cama, bateu a cabeça no bombardeiro Lancaster pendurado no teto.

— Ai! — exclamou.

Verificou a hora no relógio niquelado de piloto da Força Aérea que o avô lhe dera.

Duas e meia da madrugada.

Quem poderia estar ligando àquela hora?

O menino saltou do beliche para o chão e abriu a porta do quarto. Lá embaixo, no corredor, a mãe falava ao telefone.

— Não, ele não apareceu por aqui — disse ela.

Após alguns instantes, ela tornou a falar. Pelo tom familiar, Jack soube que a mãe devia estar conversando com o pai.

— Nenhum sinal dele? E o que você vai fazer, Barry? Sei que é seu pai! Mas você não pode passar a noite inteira na rua procurando por ele!

Jack foi incapaz de permanecer em silêncio. Do alto da escada, gritou:

— O que aconteceu com vovô?

Mamãe olhou para cima.

— Ah, muito bem, Barry, agora Jack acordou! — Ela tapou o fone com a mão. — Volte já para a cama, rapazinho! Você tem aula de manhã!

— Eu não ligo! — respondeu o menino em um tom petulante. — O que houve com vovô?

A mãe voltou à ligação.

— Barry, me ligue de volta em dois minutos. As coisas estão complicadas por aqui! — E bateu o telefone no gancho.

— O que houve? — perguntou outra vez o garoto enquanto descia as escadas para se juntar à mãe.

Mamãe deu um suspiro teatral, como se carregasse todas as desgraças do mundo nos

ombros. Ela fazia isso toda hora. Naquele momento Jack sentiu o cheiro de queijo. Não queijo normal. **Queijo fedorento, queijo verde, queijo molenga, QUEIJO MOFADO, queijo vagabundo.** A mãe trabalhava na seção de queijos do supermercado e, aonde quer que fosse, aquele futum a seguia.

Os dois ficaram parados no corredor, com roupa de dormir: Jack de pijama listrado azul e a mãe de camisola cor-de-rosa cheia de babados. Ela estava com bobes no cabelo e uma camada grossa de creme nas bochechas, na testa e no nariz. Era comum usá-lo durante a noite. Jack não sabia bem por quê. A mãe se achava muito bonita e dizia que era “o rosto glamouroso do queijo”, como se algo assim fosse possível.

A mãe acendeu a luz, e ela e Jack piscaram por um momento diante da clareza repentina.

— Seu avô sumiu de novo!

— Ah, não!

— Pois é!

A mulher suspirou outra vez. Era óbvio que estava cansada do sogro. Às vezes até revirava os olhos ao ouvir as histórias de guerra do vovô, como se estivesse entediada. Isso incomodava muito Jack. As histórias do vovô eram infinitamente mais empolgantes do que o queijo mais vendido da semana.

— Eu e seu pai acordamos com o toque do telefone por volta da meia-noite.

— Quem era?

— O vizinho dele, do andar de baixo. Você sabe, aquele jornalista...

No ano anterior, quando a antiga casa ficou grande demais para o vovô, ele se mudou para um apartamento em cima de uma loja. Não qualquer loja. Uma banca de jornal. Não qualquer banca. A banca do Raj.

— O Raj? — confirmou Jack.

— Isso, ele mesmo. Raj disse que achou ter ouvido a porta do seu avô fechando com força por volta da meia-noite. Ele bateu lá, mas ninguém respondeu. O coitado entrou em pânico, então ligou para cá.

— Cadê papai?

— Pegou o carro correndo, e está há umas duas horas procurando seu avô.

— Duas horas? — O menino mal podia acreditar. — Puxa, por que diabo você não me acordou?

A mãe suspirou DE NOVO. Aquela noite estava se transformando em uma maratona de suspiros.

— Eu e seu pai sabemos quanto você gosta dele e não queríamos que se preocupasse, né?

— Bem, eu estou preocupado mesmo! — exclamou o garoto.



Na verdade, ele se sentia mais próximo do seu animado avô do que de qualquer outra pessoa da família, incluindo a mãe e o pai. O tempo que passava com vovô era sempre

precioso.



— Estamos todos preocupados! — respondeu a mãe.



— Eu estou muito preocupado.



— Bem, estamos todos muito preocupados.



— Bem, eu estou muito, muito preocupado.

— Pois estamos todos muito, muito preocupados. Agora, por

favor, chega dessa competição para ver quem está **mais preocupado!** — gritou ela com raiva.



Jack percebeu que a mãe estava ficando cada vez mais estressada, por isso achou melhor não responder à última observação, apesar de estar **muito, muito, muito preocupado.**

— Já falei mil vezes para o seu pai que o seu avô precisa ir para um asilo!

— Nunca! — exclamou o menino. Conhecia o avô melhor que qualquer outra pessoa. — Ele vai odiar!

Vovô — ou comandante Bunting, como ficou conhecido durante a guerra — era orgulhoso demais para passar seus últimos dias com uma porção de outros velhinhos fazendo palavras cruzadas e tricotando.

Mamãe balançou a cabeça e suspirou.

— Jack, você é novo demais para entender.

Como todas as crianças, Jack odiava que lhe dissessem isso. Mas aquele não era o momento de discutir.

— Mamãe, por favor, vamos sair e procurar por ele.

— Você está **LOUCO?** Está um gelo lá fora! — respondeu a mulher.

— Mas precisamos fazer alguma coisa! Vovô está por aí, perdido!

TRIM TRIM TRIM TRIM.

Jack saltou na direção do telefone e atendeu antes da mãe.

— Pai? Onde você está? Na praça? Mamãe disse que devíamos ajudar você a procurar por vovô — mentiu ele, e sua mãe lhe lançou um olhar raivoso. — Chegaremos o mais rápido possível.

O menino encaixou o fone no gancho e pegou a mãe pela mão.

— O vovô precisa de nós...

Então abriu a porta e os dois saíram correndo pela escuridão.



Triciclo de segunda mão

A cidade era assustadoramente estranha à noite. Tudo estava escuro e silencioso. Era o auge do inverno. Uma neblina pairava no ar e o chão estava molhado por causa de uma pancada forte de chuva que caíra mais cedo.

Como papai levara o carro, Jack foi pedalando pela rua em seu triciclo de segunda mão. Era feito para crianças pequenas. Na verdade, o menino o ganhara no aniversário de três anos, e estava grande demais para o brinquedo havia muito tempo. Mas a família não tinha dinheiro para comprar uma bicicleta nova, então ele precisava se virar.

Mamãe ia na garupa, segurando nos ombros dele. Se algum colega da escola o visse dando carona para a mãe no triciclo, Jack sabia que seria obrigado a largar tudo e viver sozinho em uma caverna escura e distante por toda a eternidade.



As músicas do vovô tocavam na mente de Jack enquanto ele pedalava o mais rápido que conseguia pela rua. Para um triciclo infantil, Jack era como um monstro muito pesado, especialmente levando em conta que a mãe estava na garupa, com a camisola de babados cor-de-rosa esvoaçando ao vento.

A mente de Jack dava tantas voltas quanto as rodas do triciclo. O menino era a pessoa mais próxima do avô. Certamente poderia adivinhar onde ele estava, certo?

Sem encontrar ninguém no caminho, os dois finalmente chegaram à praça da cidade. Foram

recebidos por uma visão patética.

Papai estava de pijama e roupão, debruçado sobre o volante do pequeno carro marrom da família. Mesmo a distância, Jack percebeu que o coitado não aguentava mais. Era a sétima vez nos últimos dois meses que vovô desaparecia.

Quando ouviu o triciclo se aproximar, papai ergueu a cabeça. O pai de Jack era magro e branquelo. Usava óculos e parecia mais velho do que realmente era. O menino frequentemente se perguntava se o casamento havia acrescentado alguns anos ao pobre coitado.



Ele esfregou os olhos com a manga do roupão. Dava para ver que havia chorado. O pai de Jack era contador. Passava o dia fazendo contas complicadas e entediadas e não tinha facilidade em expressar seus sentimentos. Por isso, os reprimia. Mas Jack sabia que seu pai amava muito vovô, apesar de não serem nada parecidos. Era como se o gosto pela aventura tivesse pulado uma geração. A cabeça do velho estava sempre nas nuvens, enquanto a do filho vivia enterrada nos livros.

— Você está bem, papai? — perguntou o menino, sem fôlego de tanto pedalar.

Quando baixou o vidro da janela para conversar com eles, a manivela saiu em sua mão. O carro era velho e enferrujado e soltava partes de peças com frequência.

— Sim, sim, estou bem — mentiu o pai, segurando a manivela solta, sem saber ao certo o que fazer com aquilo.

— Nem sinal do seu pai? — perguntou a mãe, já sabendo a resposta.

— Não — respondeu ele, com delicadeza. Virou o rosto e ficou olhando para a frente, tentando esconder a preocupação. — Procurei por ele pela cidade inteira nas últimas horas.

— Olhou no parque? — indagou Jack.

— Olhei.

— Na estação de trem?

— Sim. Já estava trancada, mas não havia ninguém do lado de fora.

De repente, Jack teve uma ideia e falou o mais rápido que conseguiu:

— No Memorial da Guerra?!

O homem voltou-se para o filho e balançou a cabeça com tristeza.

— Foi o primeiro lugar em que procurei.

— Bem, então é isso! — anunciou mamãe. — Vamos chamar a polícia. Eles podem passar a noite inteira procurando. Eu vou voltar para a cama! Amanhã teremos uma grande promoção

de queijo gorgonzola no meu balcão, e preciso estar bonita!

— **Não!** — gritou Jack.

Depois de ouvir as conversas dos pais sobre o avô às escondidas, ele sabia que aquilo poderia significar um desastre. Se a polícia fosse envolvida, faria perguntas. A família teria que preencher formulários. O avô se tornaria “um problema”. Médicos iriam examiná-lo, e, por causa de sua doença, vovô com certeza seria mandado para um asilo. Para uma pessoa feito ele, que teve uma vida de liberdade e aventura, seria como ser condenado à prisão. Eles precisavam encontrá-lo.

— *Para o céu e além...* — murmurou o menino.

— O quê, filho? — perguntou o pai, confuso.

— É o que vovô sempre me diz quando estamos brincando de piloto em seu apartamento.

Toda vez que decolamos, ele fala “*Para o céu e além*”.

— E daí? — perguntou a mãe.

Ela revirou os olhos e suspirou ao mesmo tempo. Duas reclamações em uma.

— E daí que... — respondeu Jack. — Aposto que é onde vovô está. Em algum lugar alto.

O menino passou bastante tempo pensando sobre qual era o prédio mais alto da cidade. Enfim, lembrou.

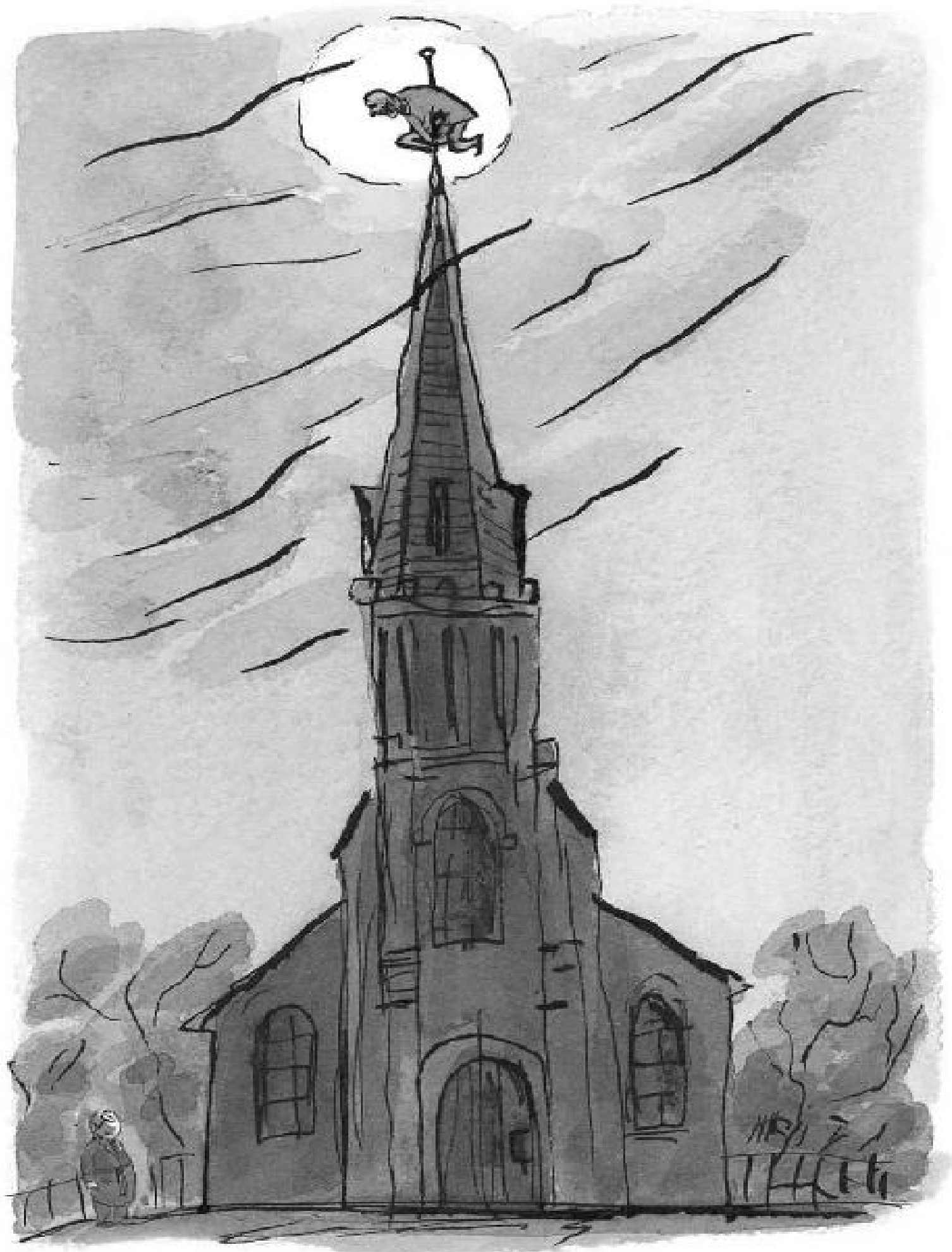
— **Venham comigo!** — exclamou Jack e saiu em disparada pela rua, pedalando o triciclo com vigor.

Lunático na lua

O lugar mais alto da cidade era a torre da igreja, uma espécie de ponto de referência que podia ser visto a quilômetros de distância. Jack tinha um pressentimento de que vovô talvez tivesse tentado subir lá. Nas outras ocasiões em que desapareceu, por vezes era encontrado em algum lugar alto: em um escorrega, no topo de uma escada e até no teto de um ônibus de dois andares. Era como se precisasse tocar o céu, como fazia quando era piloto da Força Aérea Britânica.

Assim que a igreja entrou no campo de visão deles, foi possível ver com nitidez a silhueta de um homem sentado no alto da torre. O brilho da lua, prateada e baixa, lhe fazia uma moldura perfeita.

No momento em que avistou o avô, Jack já sabia o que o velho comandante pensava estar fazendo. Pilotando o Spitfire.



Ao pé da igreja, encontrava-se o vigário baixinho.

O reverendo Leitão usava os fios penteados para o lado para disfarçar a careca. E o pouco cabelo que restava era pintado de um preto tão escuro que chegava a ser azul. Os olhos eram pequenos feito moedas de um centavo, escondidos por trás de óculos de armação preta. Eles ficavam em cima do nariz de porco, que estava sempre empinado para que o vigário pudesse olhar as pessoas de uma posição superior.

A família de Jack não frequentava a igreja, por isso o garoto só conhecia o vigário de vista, de passeios pela cidade. Certa vez, no entanto, vira o reverendo Leitão saindo da loja de bebidas com uma caixa de champanhe que parecia bem cara. Em outra ocasião, Jack jurou ter visto o homem passar em um carro esportivo, fumando um charuto enorme. *Os vigários não deveriam ajudar os pobres em vez de esbanjar dinheiro consigo mesmos?*, perguntou-se Jack.

Como era madrugada, o reverendo Leitão ainda usava roupa de dormir. O pijama e o roupão eram feitos da mais refinada das sedas, e ele calçava um par de chinelos de veludo vermelho com o monograma “I da I” (Igreja da Inglaterra). No punho, havia um relógio de ouro pesado cravejado de diamantes. Ele tinha, obviamente, uma quedinha pela vida luxuosa.

— **DESCÇA LOGO DAÍ!** — berrava o reverendo Leitão no momento em que a família chegou correndo pelo cemitério.

— **É O MEU AVÔ!** — gritou Jack, mais uma vez sem fôlego de tanto pedalar.

O reverendo Leitão fedia a charuto, um cheiro que o menino não aguentava, por isso ficou enjoado no mesmo instante.

— O que raios ele está fazendo no telhado da MINHA igreja?!

— Desculpe, vigário! — gritou papai. — É meu pai. Ele fica confuso...

— Então deveria estar trancado à chave! Por causa dele, algumas telhas de chumbo do MEU telhado caíram!

Um grupo de homens com cara de poucos amigos surgiu por detrás das lápides. Todos tinham cabeça raspada, tatuagens e dentes faltando. Por causa dos macacões e das pás, Jack supôs que fossem coveiros. Apesar de ser estranho estarem cavando túmulos tão tarde.

Um deles entregou uma lanterna ao vigário, que mirou bem nos olhos do vovô.

— **DESCÇA DAÍ AGORA MESMO!**



Ainda assim, não houve resposta. Como sempre, vovô estava em seu próprio mundo.

— **Leme em posição. Mantendo o curso, câmbio** — disse ele.

Pelo visto, acreditava mesmo estar pilotando o amado Spitfire. — Comandante para base, câmbio.

— Mas que raios ele está falando? — perguntou o reverendo Leitão, antes de murmurar baixinho: — Que velho lunático.

Um dos coveiros, um homem grande e forte com a cabeça raspada e uma tatuagem de teia

de aranha no pescoço, falou:

— Quer que eu pegue sua espingarda de ar comprimido, reverendo? Alguns tiros vão fazê-lo descer em um instante!

Os colegas coveiros riram da sugestão.

Espingarda de ar comprimido! O menino precisava pensar rápido se quisesse que o avô chegasse ao chão em segurança.

— Não! Posso tentar? — Jack teve outra ideia. — Aqui é a base, câmbio! — gritou para o alto.

Todos os adultos olharam para ele sem acreditar.

— Comandante Bunting, captando você em alto e bom som — respondeu vovô. — A altitude no momento é de seiscentos metros; velocidade no solo, quinhentos quilômetros por hora. Voei em círculos a noite inteira, mas não há sinal de aviões inimigos.

— Então sua missão está terminada, senhor. Retorne à base, câmbio — concluiu Jack.

— Entendido!

Do pé da igreja, o grupo olhou para cima, incrédulo, enquanto vovô — ainda sentado na torre — fazia uma aterrissagem imaginária. Ele tinha tanta certeza de que estava no controle de um caça que até fez um gesto como se desligasse o motor. Em seguida, abriu a porta da cabine invisível e saltou.

Papai fechou os olhos. Era tanto medo de que vovô caísse que foi incapaz de assistir. Os olhos de Jack estavam arregalados de terror. Ele não ousava piscar.

O senhor desceu da torre para o telhado. Por um instante, ficou parado sobre a cumeeira estreita; depois, sem a menor preocupação, começou a caminhar. Mas a telha que se soltara quando ele subiu deixara um buraco no telhado, por isso, depois de apenas alguns passos...



... vovô saiu voando.

— **Nãããooo!** — exclamou Jack.

— **PAI!** — berrou papai.



— **ARGH!** — gritou mamãe.

O vigário e os coveiros observavam, fascinados.

O velhinho escorregou pelo telhado, soltando mais das preciosas telhas de chumbo do vigário.

PAF!

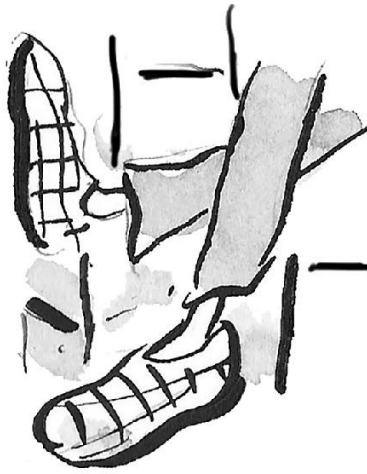
PAF!

Ao mesmo tempo que elas caíam no chão, vovô deslizava até a beira do telhado.

ZÁÁÁS!



Mas então, sem estardalhaço, ele se agarrou à calha e parou. As pernas finas balançaram no ar, os chinelos batendo nos vitrais da igreja.



— Cuidado com o MEU vitral! — gritou o vigário.

— Segure firme, pai! — exclamou o pai de Jack.

— Eu disse que deveríamos ter chamado a polícia — acrescentou a mãe, o que não foi de grande ajuda.

— Tenho um batizado na igreja amanhã cedo! — exclamou o reverendo Leitão. — Não podemos passar a manhã inteira esfregando o chão para limpar pedaços do seu avô!

— Pai! PAI! — chamava o pai de Jack.

O menino pensou por um instante. Se não agisse rápido, o pobre avô com certeza cairia e, daquela altura, não teria chances de sobreviver.



— Ele não vai atender se for chamado assim — disse o menino. — Deixem comigo. Jack voltou a gritar:

— Comandante! Aqui é o líder de esquadrão!

— Ah, aí está você, meu velho! — gritou vovô, pendurado na calha.



O apelido de Jack se tornara real para o avô, que acreditou que o menino era mesmo um colega da aviação.

— Siga seu caminho pela asa da aeronave, à direita — gritou Jack para o alto.

Vovô parou por um instante antes de responder:

— Entendido.

E começou a deslizar as mãos pela calha.



A abordagem de Jack foi totalmente inesperada. Mas funcionou. Era preciso entrar no mundo do vovô para se comunicar com ele.

Jack viu um cano que saía da calha e descia paralelo à parede da igreja.

— Agora, comandante, está vendo aquela barra à direita? — gritou o menino.

— Sim, líder de esquadrão.

— Segure firme e escorregue por ela devagar, senhor.

Mamãe e papai engoliram em seco e cobriram a boca enquanto vovô se balançava feito um acrobata, tomando impulso da calha até o cano. Tudo ficou imóvel por um instante quando ele o alcançou e se segurou firme no topo. Entretanto, seu peso deve ter sido demais para o cano, que, de repente, se soltou da parede e começou a se dobrar depressa para baixo.

CRAC, fez o cano.

Será que Jack tinha pedido a coisa errada? Seria por sua culpa que o avô amado se estatelaria no chão?

— NÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOO! — gritou o menino.

Uma escavadeira desgovernada

Para o alívio de Jack, em vez de quebrar, a calha da igreja se envergou lentamente sob o peso do avô.



Por fim, levou-o a salvo até o chão.

Assim que os chinelos tocaram a grama molhada do cemitério, vovô marchou até o grupo reunido e lhes prestou continência.

— Debandar, homens.

Mamãe ficou um tanto ofendida.

— Comandante — chamou o menino. — Por favor, permita-me acompanhá-lo até seu carro. Vamos levá-lo de volta ao alojamento num instante.

— Foi um espetáculo, meu velho — respondeu vovô.

Jack o pegou pelo braço e o guiou até o carro velho e enferrujado da família. Quando abriu a porta, a maçaneta se soltou. Ele deixou o avô em segurança no banco de trás e fechou a porta, para que ficasse protegido da noite fria de inverno.

Enquanto corria de volta pelo cemitério, Jack ouviu o reverendo Leitão dizer para seus pais:

— Esse homem não está batendo bem da cabeça! Ele precisa ser internado...

— Ele está bem, muito obrigado! — intrometeu-se Jack.

O vigário olhou para o menino e sorriu, exibindo os dentes feito um tubarão antes de atacar. Jack notou alguma ideia se formando na cabeça do homem. De repente, o tom de voz do vigário ficou totalmente diferente.

— Sr. e Sra...? — começou de novo, dessa vez parecendo gentil e preocupado.

— Bunting — responderam mamãe e papai ao mesmo tempo.

— Sr. e Sra. Bunting, durante meus muitos anos como vigário, eu trouxe muito conforto aos idosos desta paróquia e adoraria ajudar seu ente querido.

— Ah, é mesmo? — disse mamãe, imediatamente encantada por aquele picareta.

— Sim, Sra. Bunting. Na verdade, conheço um lugar absolutamente maravilhoso para onde vocês poderiam mandá-lo. Acabou de ser inaugurado, depois que o asilo anterior foi demolido ACIDENTALMENTE por uma escavadeira desgovernada.

Pelo canto do olho, Jack percebeu que os coveiros abriram um sorriso malicioso. O menino não entendeu bem, mas sentiu que havia algo muito errado ali.

— Sim, lemos sobre isso no jornal — respondeu papai. — Uma escavadeira desgovernada? Quem poderia imaginar?

— O bom Deus escreve certo por linhas tortas — respondeu o reverendo Leitão.

— Sabe de uma coisa, Sr. vigário? — prosseguiu mamãe. — É o que tenho dito a esses dois o tempo inteiro. E Jill, da seção de queijos, concorda.

— Então a senhora trabalha na seção de queijos? — indagou o reverendo Leitão. — Bem que senti cheiro de parmesão.

— Sim! — respondeu ela. — É uma de nossas especialidades. Tem um aroma tão agradável, não tem, Sr. vigário? É praticamente um perfume.

Papai revirou os olhos.

— Enfim, Jill acha a mesma coisa — continuou mamãe. — Um asilo seria o melhor lugar para ele.

Jack olhou para o pai e balançou a cabeça com vigor, mas o homem fingiu não ver.

— O lugar é bom? — perguntou papai.

— Sr. Bunting, eu não o recomendaria se não fosse — ronronou o vigário. — É mais que bom. É uma Disney para idosos. O único problema é que é popular demais...

— É mesmo? — perguntou papai, também cativado pelo papo do homem.

— Sim, é muito difícil conseguir uma vaga — contou o reverendo Leitão.

— Bem, então está resolvido — aproveitou Jack. — Ele não vai poder ir mesmo.

O vigário continuou, sem parar para respirar.

— Felizmente, conheço muito bem a enfermeira-chefe. A Srta. Porcina, uma mulher adorável e muito bonita. Tenho certeza de que vão concordar quando a conhecerem. Se quiserem, posso perguntar a ela se seu querido idoso poderia furar a fila.

— Seria muito gentil de sua parte, Sr. vigário — agradeceu mamãe.

— Qual é o nome do lugar? — perguntou papai.

— **TORRES DO CREPÚSCULO** — respondeu o reverendo Leitão. — Não é longe. Fica na beira do pântano. Eu poderia ligar agora para a Srta. Porcina e pedir a um de meus rapazes aqui para levá-lo lá para cima esta noite, se desejarem...

O vigário apontou para sua gangue de coveiros musculosos.

— Isso nos pouparia o trabalho — concordou mamãe.

— **NÃO!** — protestou Jack.

Papai tentou estabelecer um meio-termo.

— Bem, muito obrigado, vigário. Vamos pensar no assunto.

— Não vamos, não — protestou Jack. — Meu avô nunca irá para um

asilo! **NUNCA!**

Papai começou a conduzir a esposa e o filho na direção do carro, onde vovô aguardava pacientemente.

Mas, ao ver que Jack ficou um pouco para trás, o vigário disse, baixinho:

— Veremos, rapazinho...

Disney para idosos

Quando chegaram em casa, estava quase amanhecendo. Jack convenceu os pais de que era melhor vovô ficar com a família aquela noite em vez de voltar sozinho para o apartamento.

O garoto repassou a informação de um jeito que o avô entendesse.

— Por causa de missões de reconhecimento do inimigo na área, o marechal do ar ordenou que o senhor mude de alojamento.

Em pouco tempo, vovô estava dormindo profundamente na cama de baixo do beliche no quarto do menino, roncando pela Inglaterra.

ZZZzzzz! ZZZZZZZ!

Zzz! ZZZzzz!



Cada vez que o homem respirava, as pontas do bigode eram sopradas para cima e para baixo.

Sem conseguir adormecer e com o coração ainda martelando no peito depois da aventura noturna, o garoto levantou da cama em silêncio. Como era frequente, ele ouvia vozes abafadas vindas da cozinha e queria escutar o que os pais diziam. Com habilidade, abriu a porta do quarto sem fazer barulho. Sentou-se no carpete no alto da escada e enfiou a orelha entre duas colunas da balaustrada.

— O Sr. vigário estava certo — disse mamãe. — Um asilo é o melhor lugar para ele.

— Eu não tenho certeza, Bárbara — protestou papai. — Ele não iria gostar.

— Você não ouviu aquele homem simpático? O que o Sr. vigário disse sobre o **TORRES**

DO CREPÚSCULO?

— Que era uma “Disney para idosos”.

— Exatamente! Imagino que não haja montanhas-russas nem toboáguas nem ninguém fantasiado de rato gigante, mas parece maravilhoso.

— Só que...

— O vigário é um homem da igreja! Ele nunca mentiria! — repreendeu mamãe.

— Talvez seja mesmo como ele disse. Mas vovô sempre foi um espírito livre.

— Sim! — concordou mamãe com um tom triunfante na voz. — Tão livre que nós o encontramos no topo do telhado da igreja no meio da noite!

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Papai não tinha uma resposta para aquilo.

— Escute, Barry, o que mais podemos fazer? — prosseguiu mamãe. — Seu pai está colocando a si mesmo em risco. Por pouco não caiu daquele telhado e se quebrou todo!

— Eu sei, eu sei... — murmurou papai.

— E então?

— Talvez seja melhor.

— Então está resolvido de uma vez por todas. Podemos deixá-lo no **TORRES DO**

CREPÚSCULO amanhã.

Enquanto Jack escutava do alto da escada, uma lágrima escorreu lentamente por seu rosto.



Desembuche!

Como era de esperar, no café da manhã seguinte vovô agia como se nada fora do comum tivesse acontecido. Enquanto devorava alegremente os ovos fritos com bacon na cozinha, ficou claro que o velhinho não tinha nenhuma lembrança dos eventos dramáticos da noite anterior.

— Mais pão! Depressa, por favor, criada. Vamos, vamos! — ordenou.

Mamãe não gostava de ser tratada de modo tão grosseiro. Lançou um olhar ao marido para que ele fizesse alguma coisa, mas papai estava fingindo ler o jornal.

Ela jogou duas fatias de pão branco na mesa, e no instante seguinte vovô começou a enxugar a gordura do prato com elas.

Enquanto comia, anunciou:



— Da próxima vez, quero o pão torrado, por favor, criada!

— Ah, é mesmo?! — respondeu mamãe de maneira sarcástica.

Jack não conseguiu manter o rosto sério, mas tentou esconder o sorriso.

Vovô bebeu chá fazendo barulho e depois exclamou:

— Goela abaixo!

Que era o que ele dizia sempre que bebia qualquer coisa.

— Mamãe, papai, eu estava pensando — anunciou o menino. — Como fiquei acordado até

tão tarde, acho melhor não ir para a escola hoje.

— O quê? — retrucou mamãe.

— Sim. Posso ficar aqui e cuidar do vovô. Na verdade, eu deveria tirar a semana inteira de folga!

Jack não gostava muito do colégio. Havia acabado de completar doze anos e fora mandado para uma escola maior. Ainda não tinha feito nenhum amigo lá. Parecia que todos os outros garotos só queriam saber do popstar do momento ou de qualquer engenhoca boba. Como esta história acontece em 1983, boa parte das crianças passava as aulas mexendo em cubos mágicos sob as carteiras. Jack não conhecia ninguém apaixonado por aeromodelos. No primeiro dia de aula, alguns garotos mais velhos até debocharam quando ele falou disso. Então Jack aprendeu a ficar de boca fechada.

— Você vai para a escola hoje, rapaz!

Mamãe sempre chamava o filho de “rapaz” quando ele fazia algo errado.

— Diga a ele, Barry!

Papai ergueu o olhar do jornal.

— Bem, ele foi dormir muito tarde...

— **BARRY!**

O homem de repente percebeu que não era uma boa ideia discordar da esposa e logo mudou o rumo da frase.

— ... mas é claro que você não deve faltar à escola. E, no futuro, por favor, faça tudo o que sua mãe disser. — Em seguida, acrescentou, com certa tristeza: — Eu, pelo menos, faço.

Ela deu uma cutucada nada sutil no ombro do marido. Era óbvio que desejava que ele fizesse o grande anúncio sobre vovô. Como papai não respondeu na mesma hora, ela o cutucou de novo. Dessa vez, com tanta força que ele até soltou um “Ai!”.

— Bar-ry! — insistiu ela.

Mamãe sempre dizia o nome do papai de um jeito estranho e prolongado quando queria que ele fizesse alguma coisa.

Ele baixou o jornal e começou a dobrá-lo bem devagar, levando o máximo de tempo possível. Depois, encarou vovô.

Jack temeu pelo pior.

Seria aquele o momento em que papai diria ao vovô que ele seria mandado para o

TORRES DO CREPÚSCULO?

— Então, pai... Você sabe que nós o amamos muito e só queremos o melhor para o senhor...

Vovô bebeu mais chá fazendo barulho. Não ficou claro se tinha ouvido o filho, pois seus olhos estavam inexpressivos. Papai recomeçou, falando mais devagar e mais alto que antes:

— O... se-nhor... es-tá... me... es-cu-tan-do?

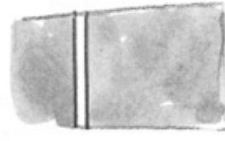
— Desembuche, cadete! — respondeu vovô.

Jack deu um sorriso ao perceber que a patente do pai era mais baixa que a sua. Na verdade, a mais baixa de todas.

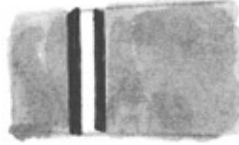
As patentes da Força Aérea Britânica eram as seguintes:



Cadete (a mais baixa de todas)



Co-piloto (um pouco menos baixa)



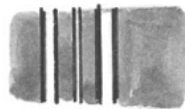
Piloto oficial (agora chegando a algum lugar)



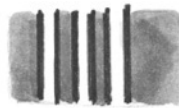
Oficial do ar (ainda dá para melhorar)



Tenente do ar (nada mau)



Líder de esquadrão (melhor ainda)



Comandante do ar (um pouco melhor ainda)



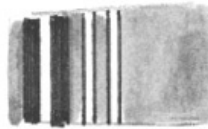
Capitão (ah, mandou bem)



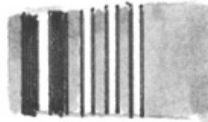
Comodoro do ar (veja só você!)



Vice-marechal do ar (sua mãe deve estar muito orgulhosa)



Marechal do ar (uau!)



Marechal chefe do ar (quase lá, meu caro)



Marechal da Força Aérea Real (o maioral)

Papai (ou “cadete Bunting”, como vovô o chamava) respirou fundo e tentou outra vez.

— Bem, todos amamos muito o senhor e estávamos pensando e, bem, a ideia foi da criada...

Mamãe encarou papai com irritação.

— ... quer dizer, da Bárbara. Mas, depois da noite de ontem, nós dois concordamos. Achamos que seria melhor se o senhor fosse para...

Jack precisava dizer alguma coisa — qualquer coisa. Precisava ganhar tempo para o avô. Então, antes que o pai pudesse terminar a frase, ele disparou:

— ... para a escola comigo hoje!

Giz colorido

Jack passou o semestre todo pedindo à professora de história, a Srta. Vera Cidade, permissão para levar o avô à aula. Jack tinha começado a estudar a Segunda Guerra Mundial na escola nova, e quem melhor para falar sobre o assunto do que uma pessoa que de fato esteve presente? Além disso, todas as outras crianças veriam como seu avô era legal. Talvez, depois disso, não achassem que ter uma coleção de aeromodelos fosse tão triste.

A Srta. Vera Cidade era uma mulher alta e magra que vestia saias até o tornozelo e blusas bufantes até o queixo. Usava os óculos pendurados no pescoço por uma corrente de prata. Era uma daquelas professoras que de algum modo conseguiam transformar um assunto empolgante no mais chato do universo. História deveria ser uma matéria emocionante, que contava sobre heróis e vilões que moldaram o destino do mundo. Reis e rainhas sanguinários. Batalhas audaciosas. Métodos de tortura indescritíveis.

Infelizmente, o método de ensino da Srta. Vera Cidade era entediante. Tudo o que a mulher fazia era escrever datas e nomes com seus amados gizos coloridos no quadro-negro. E os alunos tinham que copiar tudo no caderno.

— **Fatos! Fatos! Fatos!** — recitava enquanto escrevia.

Ela só se importava com fatos. Certo dia, todos os garotos saíram pela janela no meio da aula para jogar futebol no pátio. A Srta. Vera Cidade nem percebeu que eles tinham sumido, pois nunca tirava os olhos do quadro-negro.

Convencer a professora de história a lhe permitir levar o avô para a aula não foi tarefa fácil. Jack acabou precisando suborná-la com uma caixa de gizos coloridos que comprara na banca de jornal. Felizmente para o menino, o dono da loja, Raj, vendeu o conjunto “de luxo” como parte de uma de suas ofertas especiais. Veio com uma caixa de chocolate vencido como brinde.



Foi uma sorte que história fosse a segunda aula do dia, porque vovô fez o neto se atrasar bastante. Para começar, foi preciso algum tempo para convencê-lo de que, quando dizia “escola”, Jack evidentemente queria dizer “escola de pilotos da Força Aérea”, e não uma escola qualquer. Depois, o “atalho” que vovô insistira em tomar pelo parque acabou se mostrando, na verdade, um caminho mais longo. Além disso, vovô insistira em subir até o topo da árvore mais alta para “ficar de olho em algum avião inimigo”. A descida demorou muito mais que a subida, e, por fim, Jack teve que pegar uma escada emprestada com um limpador de janelas para convencer o avô a voltar ao chão.



Quando a dupla enfim cruzou os portões da escola, Jack olhou para seu relógio da Força Aérea Britânica e percebeu que a aula começara havia dez minutos! Algo que a Srta. Vera Cidade não tolerava era atraso. Todos os olhos se voltaram para o garoto quando ele entrou na sala, o que o deixou vermelho de vergonha. Odiava ser o centro das atenções.

— Por que está atrasado, menino? — gritou a Srta. Vera Cidade, virando-se do quadro-negro.

Antes que Jack respondesse, vovô deu um passo à frente.

— Comandante Bunting a seu serviço, senhora — disse ele com uma continência antes de baixar a cabeça e beijar a mão da professora.

— Srta. Vera Cidade — respondeu ela, rindo e cobrindo a boca de nervoso.

A professora ficou obviamente lisonjeada pelo galanteio do vovô. Devia fazer algum tempo que não chamava a atenção de um cavalheiro daquele jeito. A risadinha dela fez a turma rir também. Para silenciá-los, a Srta. Vera lançou às crianças um de seus famosos olhares fatais. Eram tão assustadores que funcionavam na hora.



— Por favor, sente-se, Sr. Bunting. Eu não fazia a menor ideia de que o senhor viria hoje!
Ela olhou feio para Jack, que abriu um sorriso caloroso.

— Mas, já que está aqui, vamos aproveitar ao máximo sua ilustre presença. Acredito que vá nos contar tudo sobre sua vida como piloto de caça na Segunda Guerra Mundial, certo?

— Positivo! — respondeu vovô.

— Muito bem. Acabamos de começar a abordar a Batalha da Inglaterra. O senhor poderia, por favor, compartilhar conosco um pouco de sua experiência pessoal?

Vovô fez que sim e retorceu as pontas do magnífico bigode.



— Sem dúvida, senhorita. No primeiro dia da Batalha da Inglaterra, todos nós soubemos que o inimigo tinha grandes planos. Destruição total era o que Hitler queria. O radar captou um esquadrão de Junkers da Luftwaffe sobrevoando a costa, com caças Messerschmitt na retaguarda. Eram tantos que cobriam o céu de negro.

Do fundo da sala, Jack estava radiante de orgulho. A turma inteira encontrava-se absorta, atenta a cada palavra do avô. Por um momento, ele se sentiu o garoto mais legal da escola.

— Não tínhamos tempo a perder. O inimigo se aproximava depressa. Caso não decolássemos imediatamente, seríamos abatidos.

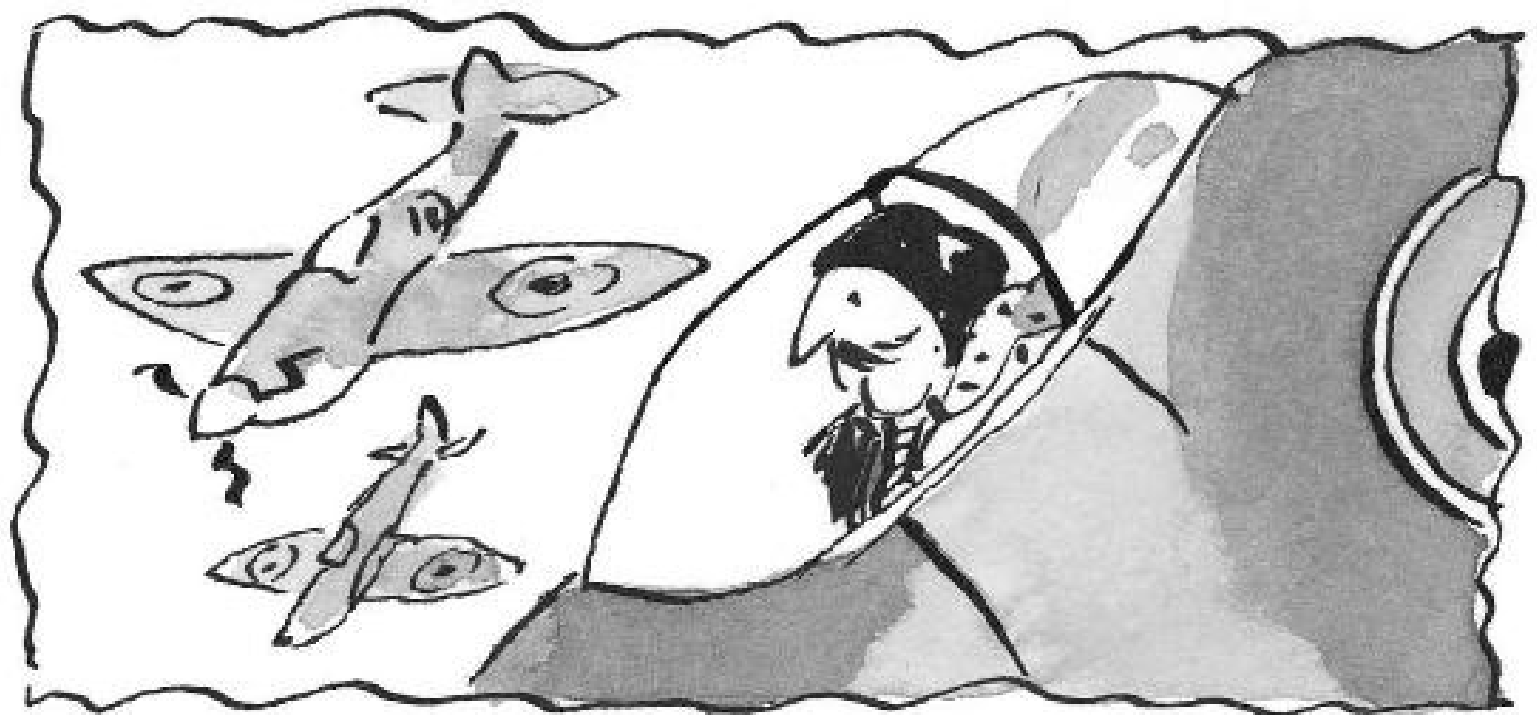
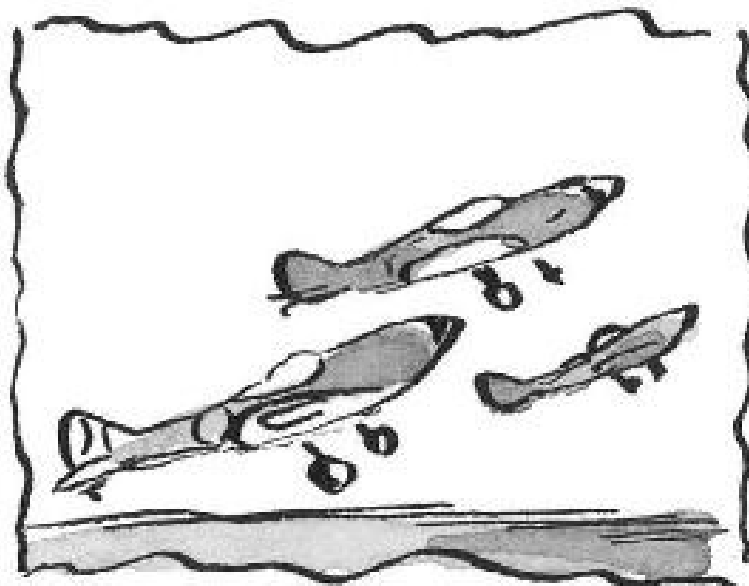
— Ah, não — disse uma menina, encantada, na frente da sala.

— Ah, sim! — prosseguiu vovô. — Toda a pista de pouso seria mandada pelos ares. Meu esquadrão foi o primeiro a decolar, e eu, enquanto comandante, deveria liderar o ataque. Em questão de segundos, todos levantamos voo. *Para o céu e além.* Acelerei meu Spitfire a quinhentos quilômetros por hora...

— Uau! — exclamou um garoto no fundo, erguendo o olhar de sua revista sobre futebol. — Quinhentos quilômetros por hora!

— O marechal chefe do ar me passou um rádio para avisar que estaríamos em menor número. Um para quatro. Então tive que pensar rápido. Precisávamos de um elemento surpresa. Ordenei que meu esquadrão se escondesse acima das nuvens. O plano era esperar até o inimigo chegar tão perto a ponto de sentirmos seu cheiro, então

ATACAR!



— Em que dia foi isso exatamente, Sr. Bunting? — interrompeu a professora. — Preciso anotar no quadro-negro com giz vermelho. O giz vermelho é exclusivo para datas.

A Srta. Vera Cidade usava um rigoroso código de cores no quadro-negro:

Giz vermelho — datas
Giz verde — lugares
Giz azul — acontecimentos
Giz laranja — batalhas famosas
Giz rosa — citações
Giz roxo — reis e rainhas

Giz amarelo — políticos

Giz branco — líderes militares

Giz preto — não aparece bem no quadro-negro. Usar com parcimônia.

Vovô pensou por um tempo. Jack sentiu um frio na barriga, pois sabia que datas não eram o ponto forte dele.

Mas, por fim, vovô respondeu em tom confiante:

— Três de julho, onze horas da manhã. Eu me lembro muito bem!

A professora escrevia aqueles **Fatos! Fatos! Fatos!** no quadro-negro, o giz vermelho guinchando enquanto vovô continuava.

— Então esperamos até o último minuto. Assim que vi o primeiro Messerschmitt surgir de debaixo das nuvens, dei a ordem:

MERGULHAR!

— E em que ano foi isso?

— Perdão, senhorita?

— Em que ano foi isso? — insistiu a Srta. Vera Cidade.

Desastre. A expressão do vovô ficou tão confusa quanto sua mente.

Fatos Fatos Fatos

Do fundo da sala, Jack interveio para defender o avô.

— Senhorita, seria melhor se parasse de interromper com perguntas...

— Mas isto é uma aula de história. Precisamos de **Fatos! Fatos!**

Fatos! — retrucou a Srta. Vera Cidade.

— Por favor, só deixe o comandante terminar a história, senhorita, e podemos rever todos os fatos mais tarde.

— Muito bem — murmurou a professora de história, segurando o giz vermelho em posição.

— Por favor, continue, Sr. Bunting.

— Obrigado, senhorita — disse vovô. — Onde eu estava mesmo?

Estava claro que o pobre senhor tinha perdido o fio da meada. Por sorte, o neto conhecia a narrativa muito bem. Ouvira aquela história de bravura centenas de vezes e nunca se cansava dela. Prontificou-se a ajudar.

— O senhor viu o primeiro Messerschmitt e deu ordem para...

— **MERGULHAR!** Isso mesmo, rapaz! Assim que meu esquadrão de Spitfires atravessou as nuvens, percebemos que aquela seria a luta de nossas vidas. — Os olhos de vovô se iluminaram de animação. Ele estava revivendo o momento como se tivesse acontecido no dia anterior. — O radar havia estimado cem aviões no total. Mas pareciam duzentos! Cem Junkers e cem Messerschmitts. Do nosso lado, havia apenas vinte e sete Spitfires.

As crianças estavam em êxtase. A Srta. Vera Cidade escrevia seus **Fatos**

Fatos Fatos preciosos no quadro-negro — por exemplo, quantos aviões havia de cada lado — com uma coleção de giz coloridos. Assim que terminou, voltou ao giz vermelho (exclusivo para datas) e abriu a boca como se estivesse prestes a falar. Mas, antes que dissesse uma palavra, toda a turma fez:

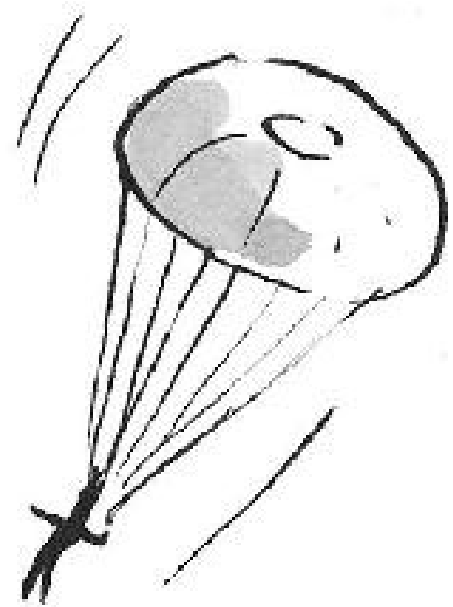
— **SHHHH!**



Vovô prosseguiu a todo vapor. As crianças estavam na palma de sua mão.

— Disparei minhas metralhadoras e a batalha começou. Foi ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante. O céu estava cheio de balas, fumaça e fogo.

Bang!



— Acertei meu primeiro Messerschmitt. O piloto da Luftwaffe pulou de paraquedas.

Bang!

— E mais um! Nossa missão do dia era derrubar os Junkers. Eles eram mortíferos. Cada bombardeiro daqueles carregava toneladas de explosivos. Se não os detivéssemos, choveriam bombas sobre os homens, as mulheres e as crianças de Londres. A batalha feroz pareceu durar horas. A Força Aérea Britânica deve ter derrubado cinquenta aviões inimigos naquele dia. Muitas aeronaves da Luftwaffe ficaram tão danificadas que precisaram se retirar imediatamente para o outro lado do Canal da Mancha. Ao voltar para a base naquele dia, todos do meu esquadrão fomos recebidos como heróis.

As crianças irromperam em aplausos empolgados.

— VIVA!



Uma lenda

Quando as palmas dos alunos cessaram, vovô retomou a história:

— Mas aquela não era hora de comemorar. Sabíamos que o inimigo voltaria, e logo. Em números ainda maiores. A Batalha da Inglaterra tinha começado de verdade. Nosso esquadrão perdeu quatro pilotos corajosos naquele dia.

Os olhos do homem se encheram de lágrimas.

Toda a turma ficou em um silêncio deslumbrado. Aquilo, sim, era como uma aula de história deveria ser!



O menino sentado ao lado de Jack virou-se para ele e sussurrou:

— Seu avô é uma lenda!

— Eu sei — respondeu Jack, e sorriu.

— Bem, muito obrigado por seu tempo, Sr. Bunting — agradeceu em voz alta a Srta. Vera Cidade, quebrando o feitiço. — Estamos chegando ao fim da aula. Meu giz vermelho está a

postos. Precisamos anotar todos esses **Fatos, Fatos, Fatos!** O senhor poderia, por favor, nos contar em que ano isso aconteceu?

— Em que ano? — repetiu vovô.

— Sim. Preciso anotar no quadro. Para que meus alunos passem nas provas do próximo

semestre, precisamos saber os **Fatos, Fatos, Fatos!** E ainda mais fatos.

Vovô olhou para a professora, confuso.

— Foi este ano.

— Como assim? — perguntou ela.

— Este ano, senhorita, 1940.

A turma deu risadinhas, desconfiada. Com certeza vovô estava brincando, certo? Jack se remexeu na cadeira, desconfortável.

A Srta. Vera Cidade lançou outro de seus famosos olhares fatais para a turma, que voltou ao silêncio.

— O senhor acha mesmo que estamos em 1940?

— Sim, é claro que estamos em 1940! O rei George VI está no trono. E o Sr. Churchill é o primeiro-ministro.

— Não não não, Sr. Bunting. Estamos em 1983!

— Não pode ser!

— Sim sim sim. A rainha Elizabeth II ocupa o trono. E a maravilhosa Sra. Thatcher é a primeira-ministra.

Vovô não pareceu nada convencido. Na verdade, olhou para a professora como se ela estivesse **PIRADA!**

— Senhora? Uma mulher primeira-ministra?! A senhorita deve ter um parafuso solto!

— Acho que é o *senhor* quem tem um parafuso solto, Sr. Bunting! Bem, muito obrigada por essa visita tão informativa — disse a professora com sarcasmo. — Agora, adeus.

Como se estivesse enxotando um pombo, a Srta. Vera Cidade expulsou o homem da cadeira. Baixinho, murmurou para a turma:

— Vocês não precisam anotar nada que esse senhor disse, ouviram? Ele não sabe nem em que ano estamos, e além de tudo está de chinelo!

O pobre vovô ficou parado diante da turma. Antes, ele estava subindo aos céus; agora, parecia ter acabado de fazer um pouso forçado. Jack ficou arrasado.

TRIIIM!

O sinal tocou no momento perfeito. O garoto nunca se sentiu tão aliviado com o fim de uma aula.

Jack abriu caminho para chegar ao avô enquanto a turma saía da sala. O que tinha começado como a melhor aula de história de todos os tempos havia se transformado na pior de todas.

Quando Jack alcançou o avô, a Srta. Vera Cidade chamou o menino de volta.

— Jack. Posso falar com você, por favor?

— Um momento, senhor — disse o menino para o avô enquanto se dirigia para a professora.

— Prometa que nunca mais vai trazer seu avô à minha sala de aula — sibilou a professora.

— Prometo! — respondeu Jack com raiva. — Não vou trazê-lo aqui outra vez de jeito nenhum.

O garoto deu meia-volta e estendeu o braço para segurar a mão do avô. Sua pele tinha uma textura de bebê. Macia e sedosa.



— Vamos, comandante. Vamos voltar à base.

— Eu não... eu não entendo. A apresentação não foi clara? Eu decepcionei você?

Era difícil não chorar ao ver o avô daquele jeito. Mas Jack estava determinado a ser forte.

— Não, comandante, de jeito nenhum. O senhor nunca me decepcionou, nem nunca vai decepcionar.

Matar aula

Matar aula é uma coisa que Jack nunca havia feito. Mas sabia que precisava garantir que vovô chegasse bem em casa. Ele estava muito mais confuso que o normal. A Srta. Vera Cidade tinha lhe deixado sem chão, e vovô parecia um pouco desorientado.

E a última coisa que o menino queria era ligar para os pais. Se eles descobrissem como a visita do vovô à escola tinha sido desastrosa, talvez o mandassem direto para o **TORRES DO CREPÚSCULO**. Por isso, Jack seguiu para o apartamento do avô.

Quando os dois se aproximaram do prédio, Raj estava na vitrine encardida da banca de jornal, exibindo seu lado artístico. Ele arrumava as principais ofertas da semana — alcaçuz e figurinhas de futebol. O alcaçuz foi disposto em torno das figurinhas, deixando ambos nem um pouco desejáveis. Assim que viu Jack e o avô, Raj saiu correndo da banca para cumprimentá-los.



— Ah, Sr. Bonting! Mestre Bonting!

— É Bunting! — corrigiu Jack.

— Foi o que eu disse — reclamou Raj. — Bonting!

Como todas as crianças das redondezas, Jack gostava muito do jornaleiro. O homem sempre o fazia sorrir.

— Então, Sr. Bonting, como vai o meu freguês favorito? Fiquei morrendo de preocupação quando o senhor desapareceu no meio da noite.

— Ah, Char Wallah! Aí está você! — proclamou vovô.

— Char Wallah? Que porcaria é essa? — perguntou Jack, que nunca ouvira essa expressão antes.

Raj sussurrou para o menino.

— Perguntei ao meu pai, que mora na Índia. Ele me contou que é o nome para designar um

indiano que serve chá. Os oficiais britânicos usavam esse termo durante a Segunda Guerra Mundial. Acho que seu avô está ficando mais confuso a cada dia.

— O que você disse, Char Wallah? — gritou vovô enquanto começava a escolher algumas barras de chocolate vencidas.

— Nada, senhor! — respondeu Raj. — Descobri que é muito mais fácil simplesmente concordar com ele — sussurrou para Jack.

— Eu também — respondeu o menino. — Mas agora vou precisar de ajuda para acomodá-lo lá em cima.

— Claro, meu jovem. Antes de irmos, talvez você possa se interessar por um exemplar da revista *Radio Times*, de 1975?

— Não, obrigado, Raj.

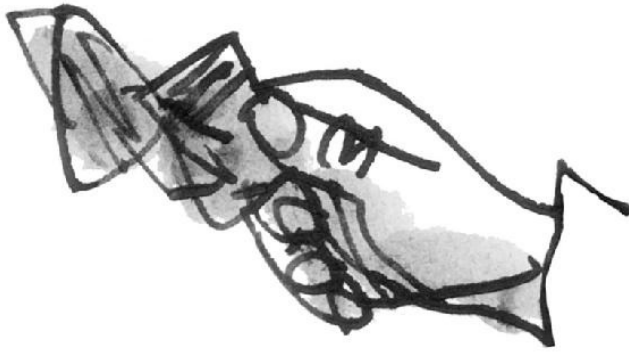
O jornalista não iria desistir.

— Muitos programas que passam na TV são reprises, por isso talvez ainda seja útil.

— Nós deveríamos mesmo levá-lo para casa, Raj.

— É claro. E quanto você me daria por esse bombom de caramelo com cobertura de chocolate? Alguém lambeu o chocolate, e está faltando o recheio de caramelo.

O jornalista tirou do bolso um papel roxo reluzente.



— Mas só tem a embalagem!

— É por isso que está saindo pela metade do preço.

— Mas não tem bombom nenhum!

— Você ainda pode sentir o cheiro na embalagem!

— Chega de papo furado, Char Wallah, obrigado! — interrompeu vovô enquanto enfiava nos bolsos algumas barras de chocolate vencidas para comer mais tarde. — É hora da minha soneca da tarde!

* * *

Foi uma sensação estranha colocar um senhor para dormir. Até recentemente, era ele quem fazia isso com Jack.

Os papéis tinham se invertido.

Nos últimos tempos, vovô passou a ficar cansado durante o dia. Por isso, sempre tirava um cochilo de uma hora depois do almoço. Raj trancou a banca por um tempo para ajudar Jack a subir as escadas com o avô.

— Hora de tirar uma pestana!

Era assim que vovô sempre chamava seu cochilo. Raj fechou as cortinas desgastadas enquanto Jack arrumava o cobertor do avô.

— Você poderia abastecer meu Spitfire, líder de esquadrão? Preciso estar preparado caso

sejamos atacados! A Luftwaffe pode voltar a qualquer momento.

— Sim, é claro, vovô — respondeu Jack, sem pensar.

— Quem é esse “vovô”? — perguntou ele, de repente muito desperto.

— Quer dizer, sim, é claro, *comandante do ar*. — Jack prestou continência para completar a ilusão.

— Assim é melhor, oficial. Dispensado. Estou exausto!

O avô prestou continência e conteve um bocejo. Logo que fechou os olhos, o ronco ensurdecedor começou.

— *Zzzzzzz!* *ZZzzzzz!* *ZZZzzzz!* *ZZZZzzz!* *ZZZZZZz!*

ZZZZZZZ!

As pontas do bigode do vovô balançavam para cima e para baixo enquanto Jack e Raj saíam do quarto na ponta dos pés.

Arrepios

De volta à banca de jornal, Raj pegou dois caixotes de madeira para que ele e Jack se sentassem. Em seguida, procurou alguma coisa para comer, indeciso entre um ovo de páscoa amassado e meio pacote de biscoitos de queijo que, de algum modo, tinha ido parar embaixo do aquecedor.

— Muito obrigado por ligar para o meu pai ontem à noite, Raj — agradeceu Jack.

— Imagine, jovem mestre Bonting. Para dizer a verdade, não foi a primeira vez que seu avô saiu por aí depois do anoitecer.

— Eu sei — respondeu o menino.

Seu rosto ficou tenso de preocupação. Um homem da idade do vovô saindo por aí à noite no auge do inverno poderia se tornar uma fatalidade.

— Nas outras vezes, consegui segui-lo pela rua e o levar de volta para casa. Como dá para ver, tenho um porte atlético — comentou o jornalista, dando tapinhas na barriga, que balançou como uma gelatina enorme. Como em um terremoto, as ondas pós-choque duraram um tempo. — Mas ontem à noite não fui rápido o bastante. Estava me sentindo um pouco tonto porque tinha comido bombons de licor.

Jack achava que bombons de licor não deixavam ninguém bêbado.

— Quantos você comeu, Raj?

— Só três — respondeu o jornalista com inocência.

— Não pode ter tanto álcool assim em só três bombons!

— Eu quis dizer três caixas — confessou Raj. — Estou com uma bela ressaca hoje. Mas é que não vendi nenhum no Natal, e eles passaram do prazo de validade.

— Mas estamos em janeiro.

— Foi no Natal de 1979.

— **Ah** — retrucou o menino.

— Eles já estavam brancos — admitiu o jornalista. — Enfim, quando eu finalmente me levantei da cama, me vesti e saí de casa aos tropeços, ele já tinha desaparecido. Corri para cima e para baixo, mas não havia sinal do seu avô. Ele é veloz. Sua mente pode estar ficando fraca, mas o corpo ainda está forte. Por isso, voltei correndo para casa e folheei a lista telefônica, mas ela está com um erro de impressão, pois diz “Bunting” em vez de “Bonting”.

O menino quase interrompeu para corrigir, mas mudou de ideia.

— Enfim, acabei encontrando o número e ligando para seu pai. O Sr. Bonting disse que ia sair e procurar por ele de carro. Falando nisso, onde vocês encontraram vovô?

— Procuramos por toda a cidade, Raj — disse Jack, prosseguindo com a história. — Mas nos lugares errados. Estávamos olhando para baixo em vez de olhar para cima.



O jornalista coçou a cabeça.

— Não entendi — disse enquanto jogava outro biscoito de queijo na boca. — Estes estão cobertos de mofo peludo — acrescentou antes de mandá-lo goela abaixo.

— Meu avô sempre diz *Para o céu e além*. Ele falava isso ao decolar quando era piloto da Força Aérea.

— E daí?

— E daí que eu sabia que ele estaria em algum lugar alto. Qual você acha que é o ponto mais alto da cidade?

Raj pareceu perdido em pensamentos por um instante.

— Aquele vidro de balas está muito no alto. Preciso de uma escada para alcançar.

Jack balançou a cabeça com impaciência.

— Não! É a torre da igreja.



— Meu Deus! Como seu avô foi parar lá em cima?

— Deve ter escalado. Queria tocar o céu. Lá no alto, achou que estava pilotando o Spitfire.

— Minha nossa! No alto daquela torre da igreja, achando que estava pilotando um avião?

O velho tem sorte de estar vivo. É uma pena, mas acho que a mente do seu avô está piorando a cada dia.

A verdade atingiu o menino como um trem desgovernado e seus olhos se encheram de lágrimas. Por instinto, Raj passou o braço em torno dos ombros do garoto.

— Tudo bem, tudo bem, Jack, pode chorar se quiser. Você gostaria de comprar um pacote de lenços de papel usados?

Jack não queria enxugar os olhos onde um estranho havia assoado o nariz, por isso respondeu:

— Não, obrigado, Raj. O problema é que minha mãe e meu pai querem que vovô vá para aquele asilo novo, um tal de **TORRES DO CREPÚSCULO**.

— Ai, ai, ai — murmurou Raj, balançando a cabeça.

— Qual é o problema?

— Desculpe, jovem mestre Bonting, mas não gosto nem um pouco daquele lugar. Ele me dá

arrepios!

— Bom, fica na beira do pântano, né?

Raj estremeceu.

— Algumas pessoas dizem que só se sai do **TORRES DO CREPÚSCULO** em um caixão — acrescentou ele, sério.

— Não! — exclamou Jack. — Ele não pode ir para lá, então. Mas, Raj, meus pais já decidiram. Estão determinados!

— Por que seu avô não pode ir morar com a família?

De repente, um sorriso enorme se abriu no rosto do menino.

— Seria incrível!

— É assim que fazemos na Índia! Os mais jovens cuidam dos mais velhos. Tenho uma tia que mora comigo.

— Eu não sabia.

— Pois é. Tia Dhriti. Só que ela não pode sair de casa.

— É velha demais?

— Não, grande demais. — Raj falou mais baixo e olhou para o teto. — Ela sempre foi uma mulher corpulenta, mas depois que veio morar em cima de uma loja de doces, acabou

engordando feito um **balão**. Eu teria que contratar um guindaste e derrubar uma parede se ela resolvesse sair.

Jack imaginou a cena por um instante: uma mulher gorda vestindo um sári colorido sendo içada pela rua. Depois voltou os pensamentos para a questão mais imediata e importante: seu avô.

— Não temos quarto de hóspedes, mas minha cama é um beliche. Foi onde vovô dormiu ontem. Não há razão para ele não poder ficar para sempre! Raj, você é um gênio!



— Eu sei — respondeu o jornalista.

— Vou correr para casa e falar com mamãe e papai.

— Faça isso, jovem mestre Bonting!

O menino disparou até a porta.

— E, por favor, diga a seus bons pais para passarem na minha banca. Estou com uma promoção excelente de iogurte. Bem, quando digo iogurte, quero dizer leite do mês passado e...

Porém, antes que o jornalista terminasse a frase, o menino já tinha ido embora.

Cambalhotas de alegria

Não é preciso dizer que os pais de Jack ficaram muito relutantes em levar vovô para morar na casa deles. Entretanto, o menino defendeu o caso com tanta paixão que acabaram cedendo. Vovô não iria ocupar espaço, porque dormiria no quarto do neto. Além do mais, Jack prometeu que cuidaria dele sempre que não estivesse na escola. Quando os pais finalmente concordaram, o menino ficou tão alegre que teve vontade de sair dando cambalhotas pela sala.

— É só por um período de experiência — lembrou a mãe de Jack.

— Também não temos certeza de que poderemos lidar com essa situação para sempre, filho — murmurou o pai com tristeza. — Os médicos disseram que o estado do vovô vai se agravar muito com o tempo. Não quero que você fique decepcionado se a vinda dele para cá não funcionar.

— E se ele desaparecer à noite outra vez... — anunciou mamãe. — Aí chega, Jack! Ele vai

ter que ir direto para o **TORRES DO CREPÚSCULO!**

— Claro! Claro! Ele vai dormir no meu quarto, assim posso garantir que isso nunca aconteça! — exclamou o menino.

Jack saiu correndo de casa em direção ao apartamento do avô para lhe dar aquela notícia tão **FANTÁSTICA**, sem parar de sorrir o caminho todo.

Roncando feito um elefante

Jack ajudou o avô a empacotar todos os pertences no pequeno apartamento. Vovô não tinha muita coisa além das lembranças. Uns óculos de aviador, um pote de cera para bigode, uma lata de presuntada. Com tudo pronto, eles caminharam a curta distância até o novo “alojamento”.



Assim que chegaram ao quarto do menino, começaram a brincar de pilotos da Segunda Guerra Mundial. Já deveriam estar dormindo havia muito tempo. Em vez disso, subiram aos céus juntos, vovô no amado Spitfire e Jack no veloz Hurricane.

— *Para o céu e além!* — exclamaram enquanto enfrentavam a poderosa Luftwaffe.

Faziam tanta bagunça que corriam o risco de acordar todos os vizinhos. Por um instante, Jack não se importou de não ter amigos próximos que pudesse convidar para dormir em casa.

Aquela era a melhor festa do pijama de todos os tempos! Quando a dupla de ases da aviação estava aterrissando, mamãe esmurrou a porta do quarto e gritou:

— Eu já disse: **APAGUEM AS LUZES!**

— Eu gostaria que essa maldita criada falasse mais baixo! — reclamou vovô.

— **EU OUVI ISSO!** — retrucou a mulher do outro lado da porta.

Depois de um jogo de cartas na “sala dos oficiais” à luz de lanternas, vovô se dirigiu à janela. Olhou para o céu vazio. Apenas algumas estrelas esparsas eram vistas na escuridão.

— O que está fazendo, senhor? — perguntou Jack.

— Tentando ouvir aviões inimigos, meu velho.

— Consegue escutar algum? — quis saber o menino, animado.

Jack estava sentado de pernas cruzadas na cama de cima do beliche, com os aviões de montar emoldurando sua cabeça.



— **Shhh...** — fez vovô, pedindo silêncio. — Às vezes os pilotos da Luftwaffe desligam os motores e deixam os aviões planando. A única coisa que os entrega é o vento assobiando pelas asas. Escute...

Jack clareou a mente e se concentrou em ouvir. Se pensasse bem, aquilo era absurdo. Eles estavam em pleno ano de 1983 e tentavam ouvir aviões que não sobrevoavam a Grã-Bretanha havia quase meio século. Mas era tão real na mente do vovô que Jack não conseguia deixar de

Beliche vazio

RRRRRIINGGG!!!

Foi o que Jack ouviu em seguida: o despertador tocando às sete horas, como acontecia toda manhã. Deitado, tateou à procura do velho relógio de corda da Força Aérea Britânica e o desligou. Com os olhos ainda fechados, Jack de repente lembrou que o avô estava dormindo na cama de baixo. Ficou parado por um instante, tentando ouvir o ronco do velho. *Que estranho*, pensou. Não ouvia nada. Mas sentia a chave escondida em segurança sob o travesseiro. A porta ainda devia estar trancada. Vovô não podia ter saído.

De repente, Jack percebeu que fazia frio. Muito frio. O cobertor estava gelado. Os aviõezinhos acima de sua cabeça tinham sido cobertos por uma fina camada de geada. A temperatura no quarto devia estar a mesma da rua.

Naquele momento, o vento de inverno soprou forte, agitando as cortinas. A janela devia estar aberta! Por um instante, Jack foi incapaz de olhar para o colchão de baixo. Reuniu toda a sua coragem e respirou fundo antes de espiar.

Estava vazio.



A cama estava tão arrumada que era como se ninguém tivesse dormido nela. Aquilo era típico do vovô. Mesmo em uma fuga ousada no meio da noite, ele não deixaria de fazer a cama. O tempo passado na Força Aérea o ensinara a deixar tudo sempre imaculadamente limpo e arrumado.

Jack pulou do beliche, correu até a janela e olhou para a fileira de jardins congelados à procura de algum sinal do avô. Seu olhar percorreu as árvores, os telhados e até os postes de

luz, caso o velhinho tivesse subido em algum deles. Nada. Depois dos jardins ficava o parque. Ainda estava cedo e vazio. O grande gramado estava coberto por uma camada grossa de gelo, e Jack não avistou nenhuma pegada.

Vovô tinha desaparecido havia muito tempo.

Nada

Passaram-se dias e noites sem sinal do vovô. Os moradores da cidade fizeram grupos de busca, a polícia foi chamada e Jack até fez um apelo emocionado no noticiário local pedindo que o avô retornasse a salvo.

Nada.



Seguindo as instruções do menino, foram verificados todos os pontos elevados em um raio de quilômetros. Topo de colinas, telhado de prédios altos, a torre da igreja (é claro) e até mesmo torres de transmissão de energia elétrica.

Nada.

Jack fez um cartaz de “Desaparecido” para o avô, tirou centenas de cópias na escola e circulou pela cidade, colando o anúncio em todas as árvores e os postes que encontrou.

Nada.

Toda vez que o telefone ou a campainha tocava, Jack corria para atender, torcendo para serem notícias sobre vovô. Mas não havia nem sombra dele.

O menino se sentia terrivelmente culpado e, à noite, chorava até dormir. Mamãe e papai diziam a Jack que não se culpasse, mas ele desejava constantemente ter lhes dado ouvido antes.

Talvez um asilo fosse mesmo o melhor lugar para vovô. Pelo menos lá ele estaria em

segurança. Por mais que o menino odiasse admitir, pelo jeito tinha ficado complicado demais para a família cuidar do seu avô.

Conforme os dias passavam, a sensação de ausência crescia.

Entretanto, após algum tempo, Jack se deu conta de algo terrível: o mundo não havia parado de girar. A mãe e o pai voltaram a trabalhar. As pessoas da cidade retomaram suas vidas. Um velho desaparecido tinha virado notícia velha.

O que dava mais agonia era não saber. Será que vovô tinha desaparecido para sempre? Ou estava perdido em algum lugar, precisando muito de ajuda?

O menino voltou para a escola com relutância. Se antes, quando tudo estava bem, já era difícil se concentrar, depois de tudo aquilo a mente de Jack ficava sempre bem longe. Qualquer que fosse a matéria, ele só pensava no avô.

Todo dia depois da aula, Jack parava na banca do Raj para ver se havia notícia.

DING!, fez o sino quando Jack entrou na loja. Fazia uma semana que o avô tinha desaparecido.

— Ah, jovem mestre Bonting! Meu freguês favorito! Saia do frio, entre, por favor! — chamou Raj atrás do balcão.

O menino estava tão triste que a única coisa que conseguiu fazer foi assentir, por educação.

— Folheei todos os jornais hoje outra vez, mas sinto muito dizer que não vi sinal do seu avô — disse Raj.

— Eu não entendo! — respondeu Jack. — Nas outras vezes em que ele sumiu, nós sempre o encontramos. Mas agora é como se tivesse evaporado.

Raj refletiu por algum tempo e, para ajudar na concentração, pegou um pirulito que estava à venda e o pôs na boca. Fez uma leve careta, deixando claro que não tinha gostado do sabor, e o devolveu ao balcão.

Na escola de Jack havia rumores de que Raj provava muitos dos doces que colocava à venda. Naquele momento o menino comprovou aquilo. Por incrível que pareça, a descoberta não afetou nem um pouco sua amizade com o jornaleiro.



— Seu avô é um herói de guerra... — disse Raj, pensando alto.

— É! Ele tem até uma Medalha da Ordem do Mérito Aeronáutico! — concordou Jack. — É uma das maiores honras que um piloto pode receber.

— ... por isso, não acredito que ele desistiria da vida desse jeito. Ele está por aí, em algum lugar. Eu apenas sei.

DING! Pela primeira vez em dias, o menino deixou a banca com os ombros mais leves. Ao menos sentia que havia esperança. O ruído de um motor ecoou pelo céu. Jack olhou para cima por um instante, meio que esperando ver o avô. Mas, claro, não era um Spitfire. Só um avião qualquer.

— *Para o céu e além!* — recitou o menino para si mesmo.

Raj tinha razão: vovô tinha que estar em algum lugar.

Mas onde?

Pilantragem

Excursões eram uma raridade na escola de Jack. Depois que um menino escorregou de bunda pelo esqueleto do Tiranossauro Rex no Museu de História Natural, o diretor proibira todos os passeios até segunda ordem. Era só mais um de uma imensa lista de delitos cometidos por alunos ao longo dos anos. A maioria já tinha virado lenda na escola...

- No Zoológico de Londres, uma menina pulou o muro e entrou na área dos pinguins. Ela achou que, se puxasse o suéter por cima da cabeça, andasse de forma engraçada e pegasse um peixe com a boca, poderia se passar por um deles.



- Uma visita a uma exposição do *Doctor Who* terminou em caos quando um grupo de meninos roubou figurinos de Cybermen, Sontarans e Daleks e fingiu que alienígenas estavam invadindo a Terra.



- No Natal, durante um passeio ao teatro, dois alunos roubaram a fantasia de cavalo da peça. Eles só foram descobertos quando, vários meses depois, tentaram entrar no Grande Prêmio Nacional de hipismo.



- Uma excursão a um antigo forte teve um final infeliz quando o professor foi disparado por um canhão. Ele foi encontrado no alto de uma árvore a três quilômetros de distância.



- Em um passeio ao navio HMS *Victory*, um grupo de garotos levantou âncora e zarpou. Eles ergueram uma bandeira com uma caveira e dois ossos cruzados e se declararam piratas. Após vários meses no mar, foram detidos por um porta-aviões da Marinha Real.



- A visita a uma fazenda da região terminou em desastre quando o professor de geografia foi arrebanhado com o resto das ovelhas para um curral e teve o cabelo tosquiado. Só não foi tão ruim quanto no ano anterior, quando os alunos o prenderam à máquina de ordenha.



- Na National Gallery, um menino pichou “Gaz teve aki” com canetinha preta em uma obra-prima de Turner de valor inestimável. A princípio ele negou, até ser lembrado de que era o único menino na escola chamado “Gaz”.



- Uma visita ao Banco da Inglaterra terminou mal quando perceberam que um milhão de libras havia desaparecido. O professor de matemática, o Sr. Gatuno, ainda está na prisão por sua participação no roubo.



- Em uma ida ao corpo de bombeiros, o chefe da brigada se arrependeu de ter deixado as crianças sem supervisão com uma das mangueiras. Uma professora foi jogada no ar pela pressão do jato e ficou lá em cima por mais de uma hora, até a água acabar.



- A escola foi banida para sempre do Museu de Cera Madame Tussaud depois que dois meninos fugiram com a réplica da Sra. Thatcher. No dia seguinte, eles saíram empurrando o boneco de cera pela escola em um skate, fingindo que a primeira-ministra estava fazendo uma visita.



Apesar da longa lista de crimes, a Srta. Vera Cidade solicitou permissão ao diretor para levar a turma de história ao Museu Imperial da Guerra. Ela era conhecida por ser a professora mais rigorosa da escola, e o diretor tinha certeza de que não haveria gracinhas sob sua vigilância.

Jack estava tão distraído com o desaparecimento do avô que quase se esqueceu da excursão. De manhã cedo, com a cabeça em outro lugar, o menino embarcou no ônibus. Não preciso dizer que, antes mesmo de o ônibus sair do parquinho, todas as crianças já tinham devorado o que havia nas lancheiras. Aqueles pequenos famintos!

Voltar ao Museu Imperial da Guerra foi legal, mas também um pouco triste. Jack o visitara tantas vezes com vovô que o local se tornara um segundo lar para eles. Isso, claro, na época em que ele ainda sabia que era seu avô.

Assim que o ônibus estacionou, Jack avistou o museu. Era uma construção impressionante, com colunas em estilo romano na frente, uma cúpula verde no telhado e dois canhões navais apontando orgulhosamente para o alto no pátio.



O passeio quase foi cancelado antes que qualquer um tivesse sequer saltado do ônibus. Dois meninos nos fundos tinham mostrado a bunda na janela para alguns turistas japoneses idosos. Depois que a Srta. Vera Cidade sentenciou os dois a passar o resto da vida na detenção, ela fez um discurso para todas as crianças do ônibus.



— Agora, escutem! — gritou, em meio ao burburinho entusiasmado.

As crianças estavam a todo vapor depois de terem devorado os bolos e as barras de chocolate das lancheiras. Era agitação demais para que ficassem quietas.

— Eu falei “**ESCUTEM!**” — berrou ela. Ficaram todos em silêncio. — Hoje, cada um de vocês deve se comportar muito bem. Vocês são uma propaganda viva da escola. Se houver o mínimo sinal de **PILANTRAGEM**, **macaquice** ou **travessura** de qualquer espécie, todos vão voltar direto para o ônibus.

Como todas as outras crianças, Jack não tinha ideia do que exatamente significava “pilantragem”. Mas imaginou que pudesse ter a ver com escorregar de bunda em um valioso esqueleto de dinossauro.

— Enfim, aqui estão os exercícios! — anunciou a Srta. Vera Cidade, distribuindo folhas de papel.

Todas as crianças, que esperavam que a excursão fosse ser moleza, suspiraram em coro, decepcionadas.

— Trouxe até uma folha para o senhor — disse ela enquanto entregava uma ao motorista

do ônibus, que não entendeu nada. — O que espero de hoje são três **Fs. Fatos.**

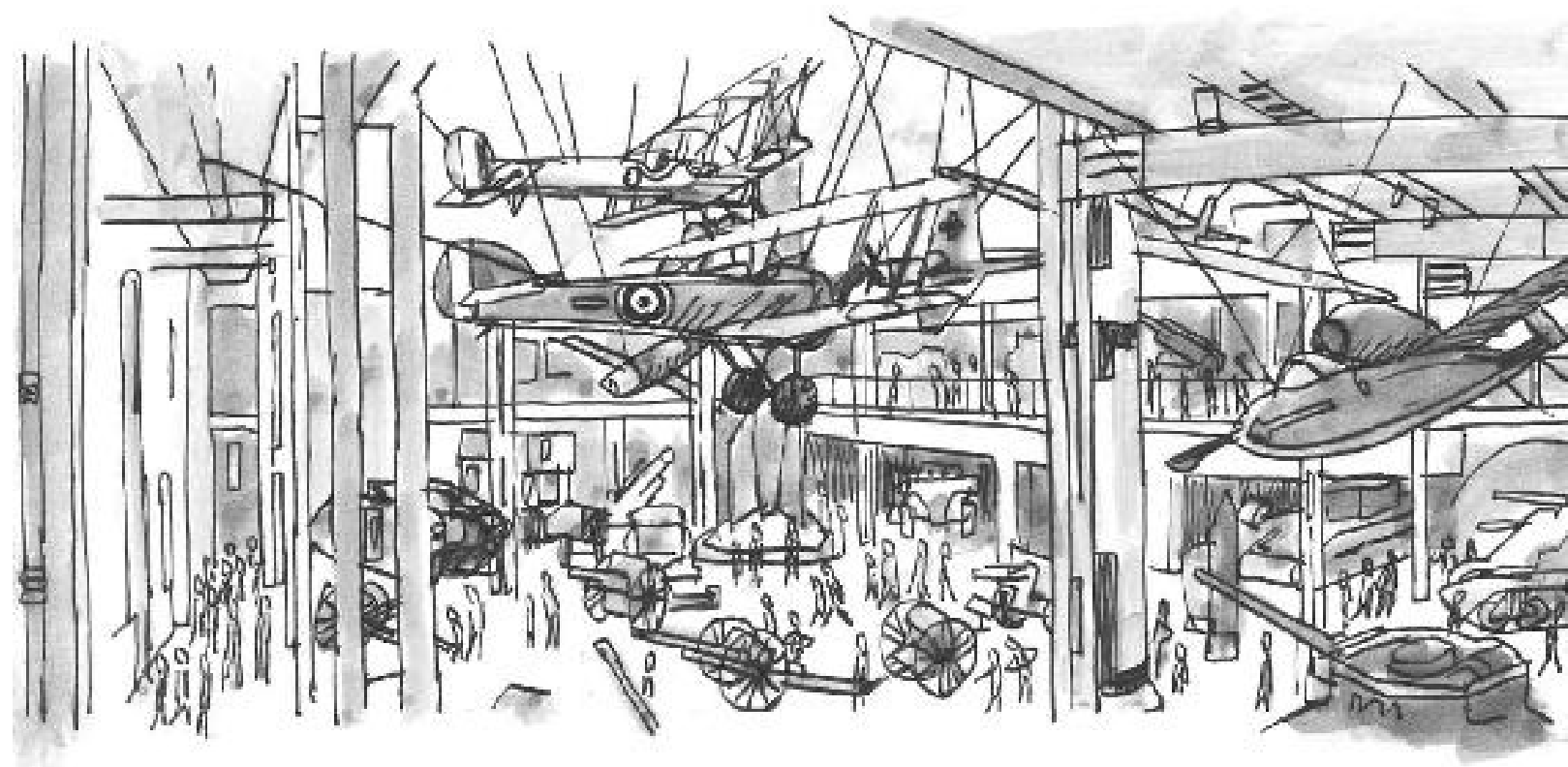
Fatos. Fatos.

Jack examinou os exercícios. Havia centenas de perguntas, todas relacionadas a detalhes históricos entediante. Datas, nomes, lugares. Jack e seus colegas nem teriam tempo de se maravilhar com a exposição. Em vez disso, teriam que passar o tempo inteiro lendo todas as

placas em todas as paredes e anotando cada um dos **fatos, fatos, fatos.**

O Museu Imperial da Guerra era repleto de tanques, armamentos e uniformes até o teto, tanto do passado quanto do presente. A parte favorita de Jack era o Grande Salão, onde os aviões ficavam pendurados no teto. Fora o que o inspirara a dispor seus aeromodelos de maneira parecida no próprio quarto.

O museu tinha uma coleção incrível de caças. Havia um biplano da Primeira Guerra Mundial, o Sopwith Camel; um Focke-Wulf, da Luftwaffe; e um Mustang americano. Mas o lugar de honra era do caça mais lendário de todos: o Spitfire.



Quando Jack o viu, seu coração se alegrou. De algum modo, aquilo o fez se sentir perto do avô outra vez.

Ave de rapina

A maioria das crianças da escola de Jack queria passar o mais rápido possível pelo Museu Imperial da Guerra. O plano era ir direto à loja de lembrancinhas e gastar todo o dinheiro em algo sem qualquer relação com as exposições. Como uma borracha perfumada em formato de sorvete que poderiam ficar cheirando no caminho para casa.

Tudo o que Jack queria era observar o Spitfire. O avião sempre havia chamado sua atenção. Naquele dia, chamou mais do que nunca. Fora construído para causar morte e destruição, mas também era muito bonito. Ao vê-lo outra vez, Jack entendeu por que aquele caça, mais que qualquer outro, se tornou uma lenda.

Ah, se Jack pudesse decolar com ele!

— *Para o céu e além* — murmurou para si mesmo.

Era uma pena que aquela grande ave de guerra estivesse juntando poeira em um museu, quando deveria estar

zunindo

pelos céus.

O Spitfire era impressionante de todos os ângulos. Ao olhá-lo de baixo, Jack percebeu como a superfície ali era lisa e branca como a barriga de uma orca. As asas pareciam fortes e potentes, como asas de uma ave de rapina. A parte predileta de Jack era a hélice de madeira. Localizada no nariz do avião, parecia mais um bigode de estilo militar. Era como se o Spitfire não fosse uma máquina, mas sim uma pessoa.

A sala de exposições tinha pé-direito alto e uma escada que levava a uma passarela elevada. De lá, os visitantes podiam ter uma visão melhor dos diversos aviões pendurados. Mas, quando Jack subiu para admirar o Spitfire mais de perto, percebeu algo muito curioso. A janela da cabine estava embaçada. Devia haver algo quente ali dentro.



Ainda mais curioso era o som que vinha lá de dentro. Um ronco.

Zzzzzz! Zzzzzzzzz! Zzzzzzzzz!

Alguém devia estar dormindo pesado dentro do Spitfire!

Quebrando as regras

— Venha, Jack! — chamou a Srta. Vera Cidade lá embaixo antes de se virar em direção à próxima sala do museu.

— Estou indo, senhorita! — gritou o menino do alto da passarela, apesar de não ter nenhuma intenção de segui-la naquele momento.

Precisava descobrir se havia mesmo alguém dormindo dentro do Spitfire.

— Olá? — chamou Jack na direção do caça.

ZZZZZZZZZZZZZZzzz! ZZZZzzZ!

Não houve resposta.

— OLÁ! — repetiu, dessa vez um pouco mais alto.

ZZZZZZZZZZZZZZzzz

ZZZZZZZZZZZZZZzzz!

ZZZZZZZZZZZZZZzzz

ZZZZZZZZZZZZZZzzz

ZZZZZZZZZZZZZZzzz

ZZZZZZZZZZZZZZzzz

ZZZZZZZZZZZZZZzz!

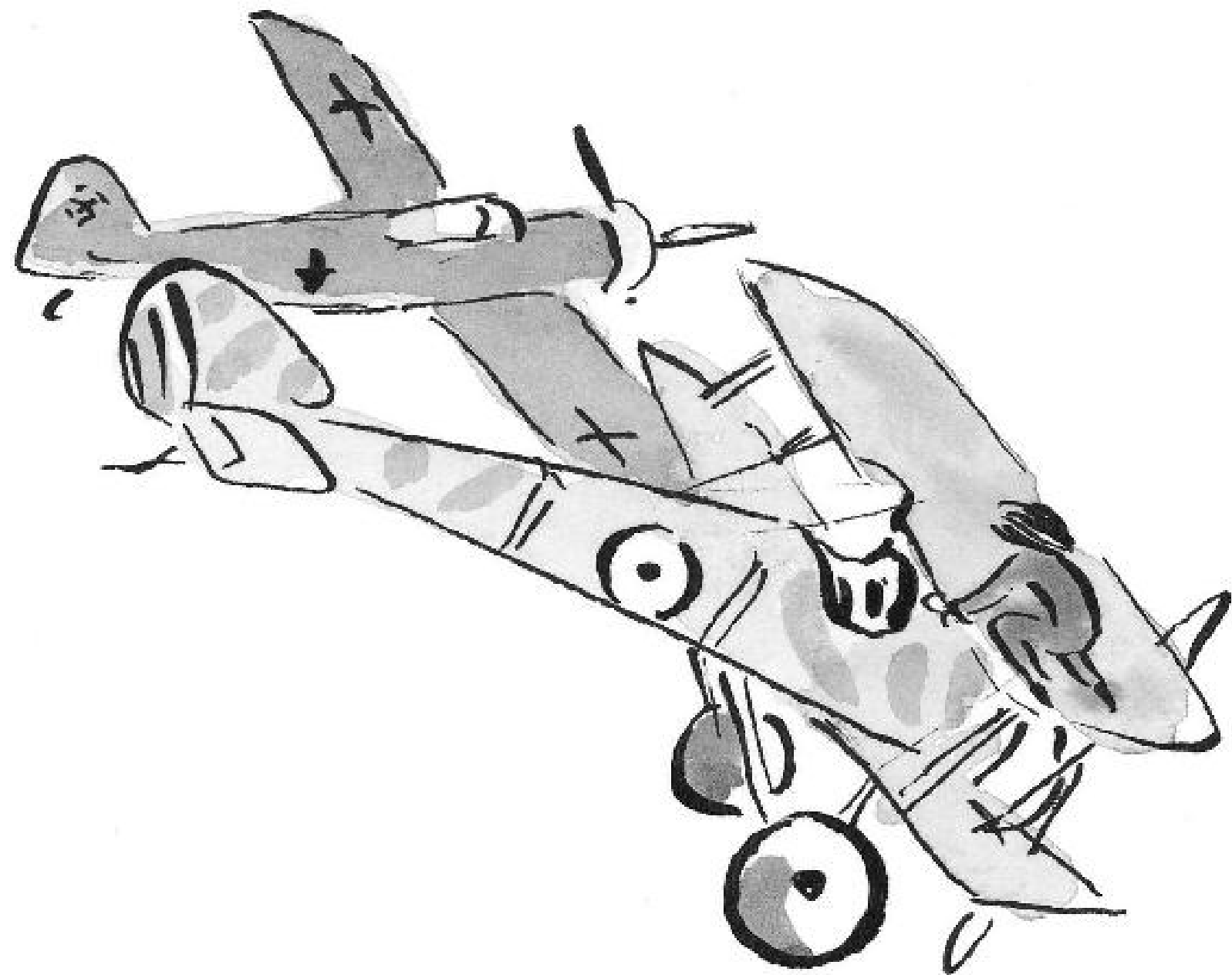
Nada de resposta.

Era impossível alcançar o Spitfire pela passarela. Correr e saltar seria fatal. Todos os aviões estavam suspensos a uma grande distância do chão.

Entretanto, a asa do Sopwith Camel não ficava longe da passarela. Se Jack, de algum modo, se agarrasse ali, seria capaz de rastejar até o avião seguinte, até enfim alcançar o Spitfire.

Jack até poderia ser corajoso em seu avião imaginário, mas nunca se sentiu valente na vida real, apenas acanhado e um tanto tímido. Naquele momento, estava prestes a quebrar todas as regras.

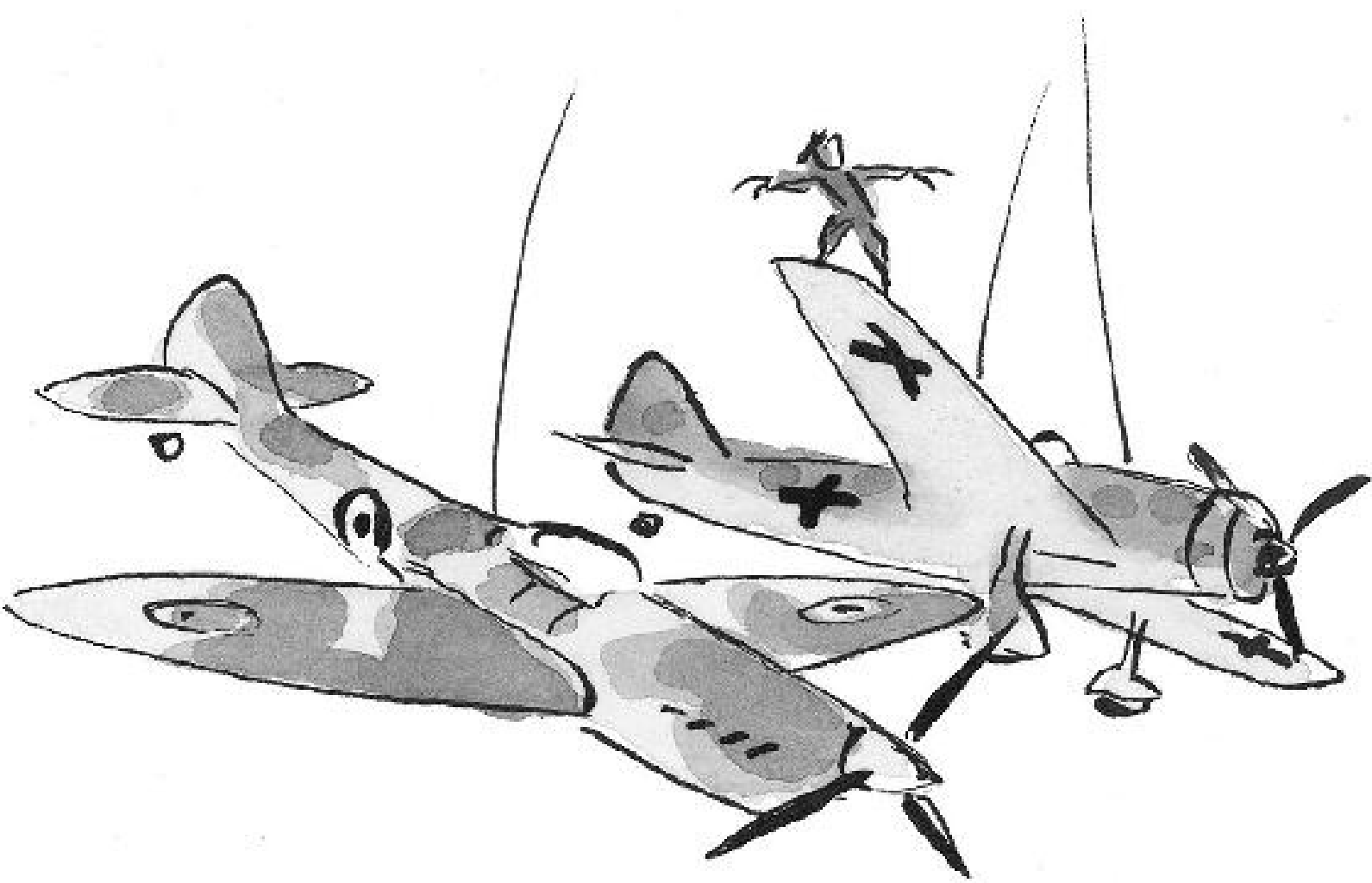
O menino respirou fundo. Sem ousar olhar para baixo, ficou de pé na grade da passarela. Fechou os olhos por um instante antes de saltar em direção à asa do biplano da Primeira Guerra Mundial.



BONC!

Feito principalmente de madeira, o Sopwith Camel era muito mais leve do que Jack imaginava. O peso do menino fez o avião antigo balançar. Por um instante, Jack ficou aterrorizado, temendo perder o equilíbrio e despencar lá embaixo. Por instinto, abaixou-se e ficou de quatro para distribuir melhor o peso. Feito um caranguejo, seguiu pela asa até se aproximar do avião seguinte.

Era o temido Focke-Wulf, da Luftwaffe. Para alcançá-lo, o menino teria que saltar. Mais uma vez, Jack tomou fôlego e pulou.



BONC!

Aterrissou na asa do Focke-Wulf, ficando a apenas um avião de distância do Spitfire. Estava tão perto que o ronco que vinha da cabine soava extremamente alto.

ZZZZZZZZZZZZZzz

zzZZZZZZZZZZzz

ZZZZZZZZZZZZzz!

A menos que houvesse um elefante dormindo ali em cima, ele reconhecia muito bem aquele barulho...

Rugido da floresta

— EI! VOCÊ!

O grito ecoou pelo Grande Salão.

Jack engoliu em seco e olhou para baixo. Ele nunca havia se metido em encrencas. Mas, naquele momento, estava saltando de asa em asa de valiosos caças antigos no Museu Imperial da Guerra.

Um segurança imenso olhava para ele. Era como se a equipe do museu tivesse capturado o maior gorila da selva, enfiado o bicho em um uniforme e posto um quepe em sua cabeça. Tufos densos de cabelo preto brotavam do nariz, do pescoço e das orelhas do homem.

— EU? — perguntou o menino, em tom inocente, como se fosse perfeitamente normal estar agachado na asa de um caça da Segunda Guerra Mundial pendurado no teto do Museu Imperial da Guerra.

— É! VOCÊ! DESÇA DAÍ!

— Agora? — perguntou Jack, ainda fingindo não saber o motivo de tanto alvoroço.

— É!

A raiva do segurança aumentava, e a voz dele estava se transformando em algo semelhante a um rugido selvagem.



O urro foi tão alto que atraiu a atenção de todos os outros visitantes do museu de volta ao salão. Logo todos os colegas de Jack estavam olhando para ele, incrédulos. O rosto do menino ficou vermelho de vergonha. Por fim, a Srta. Vera Cidade entrou apressada, com a saia comprida e esvoaçante se arrastando pelo chão.

— *Jack Bunting!* — exclamou ela, furiosa.

Quando um professor usava o nome completo de um aluno, era sinal de encrenca das brabas.

— Desça daí agora mesmo. Você está acabando com a reputação da escola!

A escola tinha uma reputação bem ruim, então Jack não sabia se havia como piorar a situação. Mas aquele não era o momento nem o lugar para discutir.

Além disso, o menino tinha coisas mais importantes na cabeça.

— Eu só preciso saltar até o Spitfire, professora, depois prometo que desço rapidinho! —

disse ele.

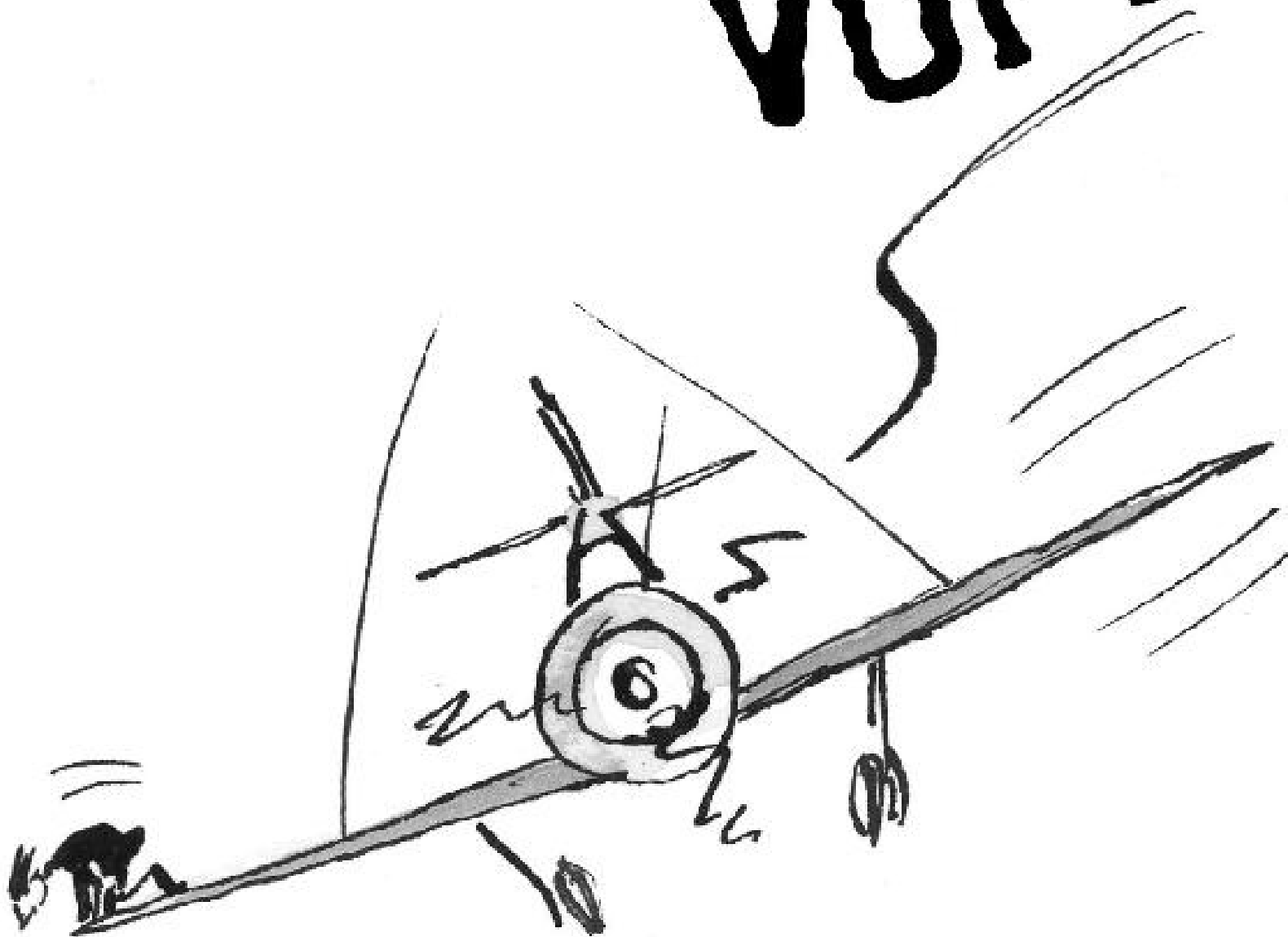


Houve uma onda de risos vinda das crianças. O segurança gigante não achou nenhuma graça. Seguiu na direção da passarela. Ele não só tinha a *aparência* de um gorila, como também parecia ter as habilidades do animal. Em pouco tempo, estava saltando na asa do Sopwith Camel. Mas, tal qual um gorila, ele devia ser dez vezes mais pesado que Jack. O biplano balançou com força de um lado para outro, batendo a asa com violência no avião seguinte.

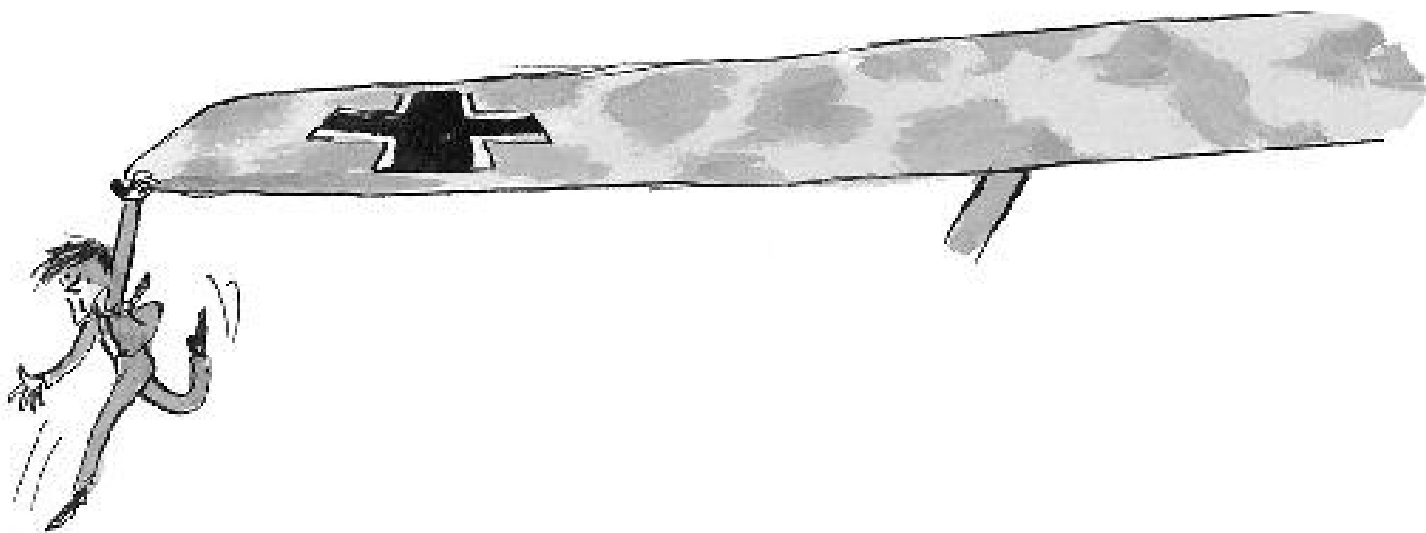
PAF!

Isso fez o Focke-Wulf, onde Jack estava agachado, oscilar dramaticamente.

VUP!



O coitado perdeu o equilíbrio. Cambaleou, caiu e acabou pendurado na asa do Focke-Wulf pela ponta dos dedos.



— *Ahhh!* — gritou Jack, de medo.

— Segure firme, Jack! — exclamou a Srta. Vera Cidade, de baixo.

O Museu Imperial da Guerra nunca tinha visto tanto drama.

— Vai pegar muito mal para mim se um aluno morrer em uma excursão da escola.

Jack sentiu os dedos escorregando do metal frio e reluzente da asa, um de cada vez.

— **FIQUE ONDE ESTÁ!** — rosou o segurança.

O que mais posso fazer?, pensou o menino.

Dali até o chão havia

uma

distância

e

n

o

r

m

e.

Hora da pestana

Bem naquele momento, Jack viu a entrada da cabine do Spitfire deslizar e se abrir.

— Que barulheira é essa? Será que um piloto não pode tirar uma pestana em paz?!

— Vovô! — gritou o menino, alegre por finalmente o ter encontrado.



— Quem é esse tal de “vovô”? — perguntou o senhor.

Fazia tempo que ele não respondia a esse nome, mas às vezes era fácil para Jack se esquecer disso.

— Comandante! — corrigiu-se Jack.

— Assim é melhor! — disse vovô enquanto saía da cabine e subia na asa do Spitfire. Então, olhou para baixo e viu que estava suspenso a uma grande altura. — Que bobagem a minha! Ainda devo estar voando! — murmurou para si mesmo antes de se virar para entrar novamente na cabine.

— Não, o senhor não está voando! — corrigiu o menino.

O avô de Jack olhou para a multidão que crescia.

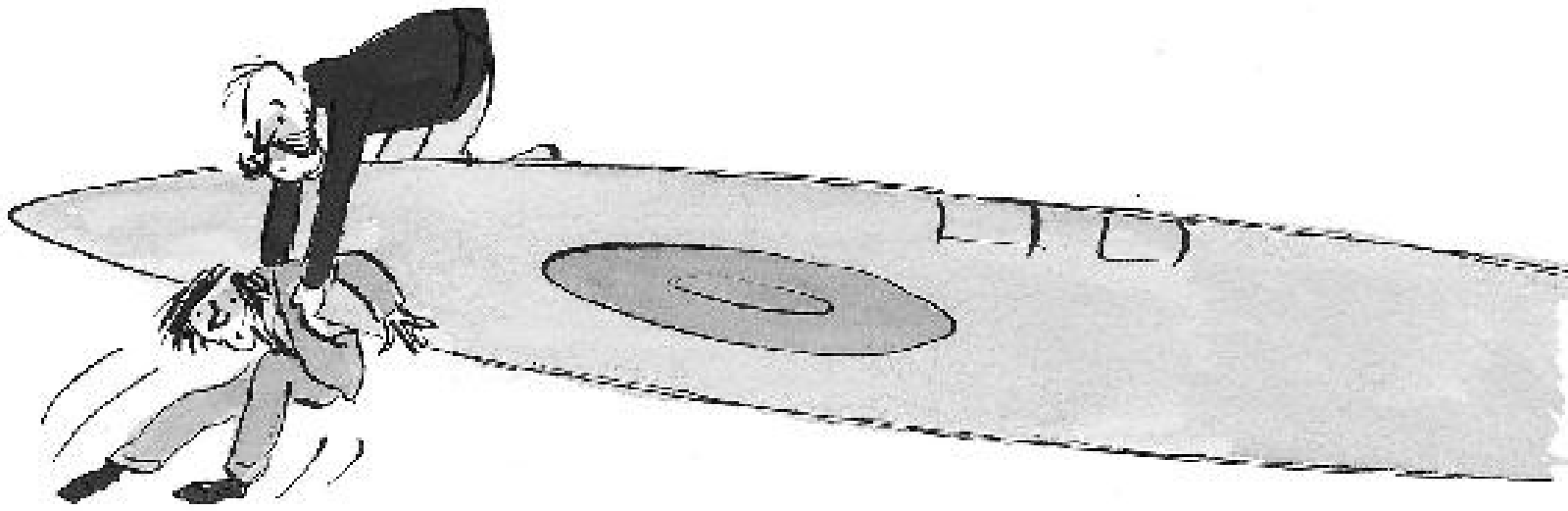
— Mas que estranho!

— Hum... Comandante? — disse o menino, tentando chamar a atenção do avô a todo custo.

Vovô olhou na direção da voz de Jack. O menino estava pendurado pela pontinha dos dedos.

— Líder de esquadrão, mas que raios você está fazendo aí embaixo? Deixe-me ajudá-lo, meu velho.

Vovô foi arrastando os pés pela asa do Spitfire até chegar ao Focke-Wulf, onde Jack estava pendurado, então agarrou a mão do neto. Apesar de idoso, ele era surpreendentemente forte. Jack, que nunca foi bem em esportes, ficou grato pela ajuda.



De uma só vez, vovô ergueu o menino.

Gritos, vivas e aplausos irromperam entre as crianças no chão.



Sem pensar, Jack deu um grande abraço no avô. Já fazia mais de uma semana que o velho tinha desaparecido, e Jack temia que nunca mais fosse vê-lo.



— Lembre-se de que estamos em guerra, líder de esquadrão! — disse vovô.

Com delicadeza, ele afastou as mãos do menino. Os dois pararam um de frente para o outro e prestaram continência.

De repente, um urro soou às costas deles.

— VOCÊS ESTÃO MUITO ENCRENCADOS!

Era o segurança.

Logo em seguida, o homem meio gorila estava correndo e saltando do Focke-Wulf para a

asa do Spitfire. O peso dos três fez o cabo acima deles se tensionar e esticar.



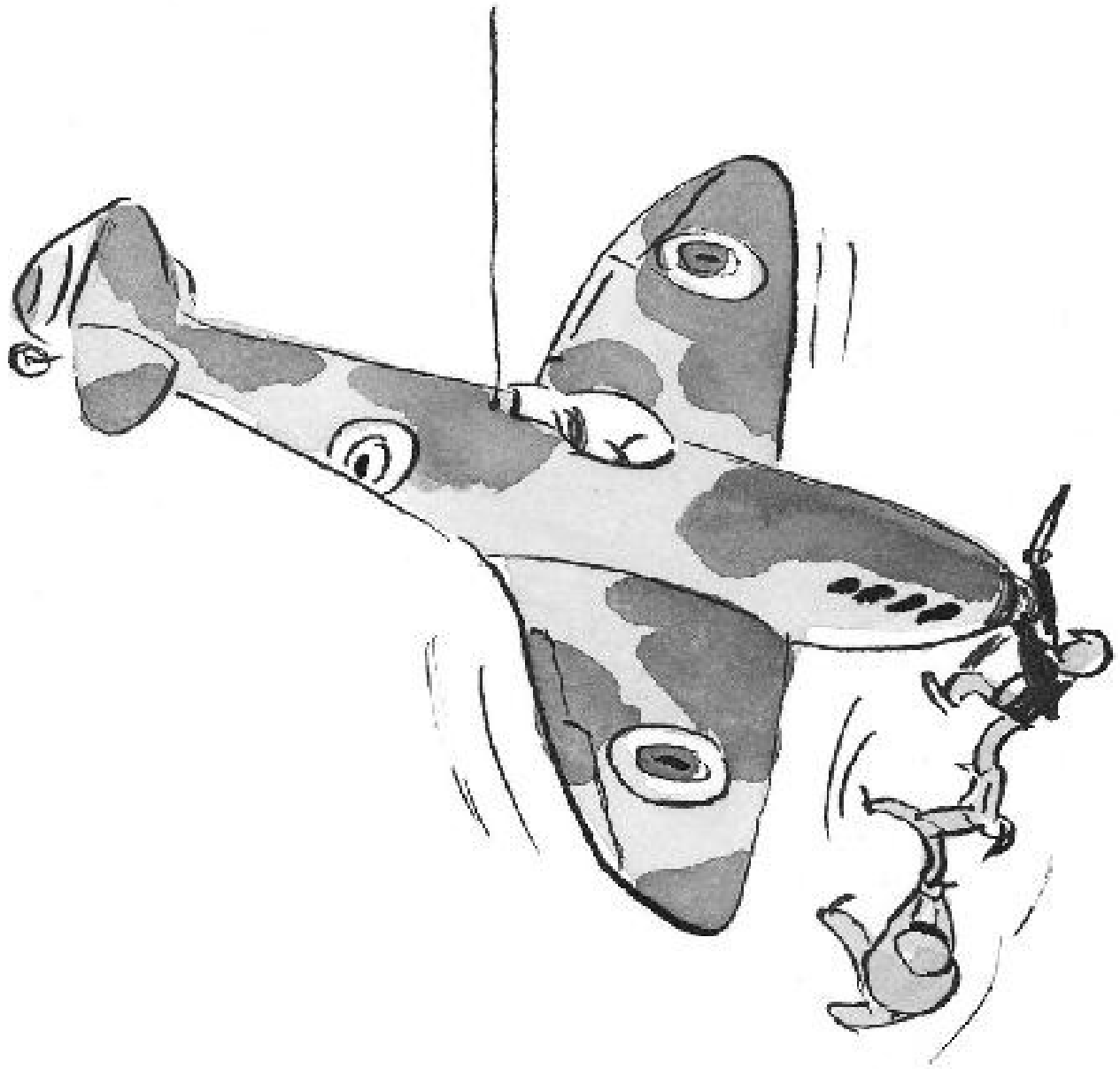
Tof!

IRRC!

E finalmente...

TAF!

A asa do Spitfire tombou na direção do chão; restava apenas um cabo sustentando o avião.



Os três escorregaram pela asa enquanto a multidão arquejou, assustada.

Vovô conseguiu se agarrar à hélice do avião. Jack conseguiu se segurar nos chinelos dele. O segurança, por sua vez, abraçou os tornozelos do menino, e os três ficaram balançando de um lado para outro feito trapezistas.

— Segure-se, líder de esquadrão! — exclamou vovô do alto.

— Segure-se você, comandante! — gritou o menino para cima.

Alguém soluçava ali embaixo.

— **EU NÃO QUERO MORRER!** — choramingava o segurança, engasgado com as lágrimas.



— Olhe para baixo! — disse a Srta. Vera Cidade com a voz calma.

— **ESTOU COM MUITO MEDO!** — gritou ele, com a voz estridente de pavor.

O segurança fechou os olhos com toda a força.

— Pelo amor de Deus, você está a poucos centímetros do chão — falou a professora, suspirando.

Lentamente, o segurança abriu os olhos e espiou ali embaixo. Por estar no fim da corrente humana, suas botas praticamente tocavam o piso.

— Ah! — disse ele, de repente muito envergonhado por ter chorado feito um bebê na frente de tantas crianças.

Ele contou até três e soltou os tornozelos de Jack, percorrendo aquela distância mínima até o chão.

O homem se virou para a professora.

— Você salvou a minha vida — declarou com a voz embargada, dando o maior abraço de urso na Srta. Vera Cidade e a levantando um pouquinho do chão.

— Está esmagando meus óculos! — protestou ela.

A situação toda a deixou nitidamente desconfortável. Ainda mais quando percebeu que os alunos observavam, rindo da professora pomposa abraçada a um homem.

— E nós? — perguntou Jack do alto, ainda agarrado aos tornozelos do avô.

— Vou pegar você! — disse o segurança em uma tentativa de recuperar a imagem de macho. — Solte no três. Um, dois, três...

— Lá vamos nós! — gritou o velhinho.

Antes que o segurança pudesse dizer qualquer coisa, vovô se soltou.

Em um piscar de olhos, Jack e o avô aterrissaram em cima do segurança, cujo corpo enorme serviu como um colchão de proteção perfeito.

BOING!



O peso de duas pessoas caindo em cima dele o nocauteou. O segurança ficou esparramado de barriga para cima no piso do museu.

— Para trás, todo mundo! — ordenou a professora. — Preciso fazer respiração boca a boca nele!

A Srta. Vera Cidade se abaixou para soprar ar para os pulmões do segurança. O homem estava apenas atordoado e logo voltou a si.

— Obrigado, senhorita...? — disse o segurança.

— Vera Cidade. Mas pode me chamar de Vera.

— Obrigado, Vera.

Eles sorriram um para o outro.



Em seguida, a professora olhou para o alto e reconheceu vovô.

— Ah, é o senhor outra vez, Sr. Bunting! Eu deveria ter imaginado!

Com o segurança no chão e um valioso Spitfire antigo balançando no teto, Jack achou que a melhor estratégia era agir como se absolutamente nada tivesse acontecido.

— Bem, terminamos de cobrir a Batalha da Inglaterra, Srta. Vera Cidade — disse o menino com um tom alegre. — E agora?

— Agora... — disse, furiosa, a professora de história — **eu vou chamar a polícia!**

Nozes e frutinhas

Assim como a maioria das crianças, Jack sempre quis andar em um carro de polícia. Mas imaginava que estaria sentado na frente, perseguindo bandidos, e não no banco de trás acompanhando um parente que acabara de ser preso.

A viatura avançou pelas ruas de Londres com a sirene **BERRANDO.** Estavam sendo levados até a Scotland Yard para serem interrogados, sob a acusação de “desordem pública”, embora vovô acreditasse ter sido capturado pelo “inimigo”.

O menino tentou explicar ao policial que, se o segurança não fosse tão pesado, o cabo que sustentava o Spitfire nunca teria arrebentado. Obviamente, isso não limpou a barra do seu avô.

O policial era um indivíduo de aspecto muito sério. Passou a viagem inteira até o quartel-general sentado ao volante sem dizer uma palavra.

Jack se virou para o avô, que estava ao seu lado.

— Vov... quero dizer, comandante.

— Sim, meu velho.

— Como é que você acabou indo dormir na cabine do seu avião? — Em meio a toda aquela comoção, Jack se esquecera de perguntar.



Vovô pareceu confuso por um instante. Ele passara uma semana desaparecido. O Museu

Imperial da Guerra ficava a muitos quilômetros de casa.

— Tudo começou quando caí de paraquedas atrás das linhas inimigas... — começou a contar depois de algum tempo.

Ficou claro que ele estava desorientado e tentava resgatar os acontecimentos da semana anterior.

Isso deve ter sido quando ele saltou da janela do quarto lá de casa, pensou o menino.

— Caminhei por vários dias e noites — prosseguiu vovô. — Mantive distância das estradas principais, permanecendo nos campos e florestas o máximo que pude. Exatamente como os pilotos da RAF são treinados a fazer caso se encontrem em território inimigo.

Foi por isso que ninguém o viu, pensou Jack. O menino olhou os chinelos do avô; estavam cobertos de lama e pareciam encharcados.



— Mas como o senhor sobreviveu? — perguntou Jack.

— Comi nozes e frutinhas e bebi água da chuva.

— E dormiu ao ar livre?

— É o único modo de dormir, líder de esquadrão! Você com certeza fez isso em seu tempo de serviço, não fez? — indagou o velho.

Jack sentiu vergonha ao responder:

— Não, nunca. — A vida do avô tinha sido cem vezes mais empolgante do que a dele jamais seria. — Mas como o senhor sabia que caminho seguir?

— Devo ter atravessado a fronteira e entrado em território aliado pelo campo, porque, em certo momento, avistei uma placa gigante em uma estrada principal.

— O que havia na placa? — perguntou Jack.

— Uma foto grande e maravilhosa de um Spitfire! Com direções! Muito estranho.

Um outdoor do Museu Imperial da Guerra, concluiu o menino.



— Preciso informar o marechal chefe do ar. Isso entrega ao inimigo a localização da base mais próxima da Força Aérea Britânica. Se eles conseguirem desembarcar tropas terrestres, podem seguir as instruções e marchar direto para lá.

O garoto não resistiu e abriu um sorriso. Todo mundo via a doença do vovô como um problema. Para Jack, o jeito como a mente do avô funcionava era pura magia.

— Estava escurecendo quando finalmente cheguei à base aérea — prosseguiu vovô. — E havia alguns bisbilhoteiros no hangar. Deviam ser refugiados...

O Museu Imperial da Guerra estava sempre cheio de crianças. *Ele deve estar se referindo a elas*, pensou Jack.

— E eu precisava usar o banheiro. Já fazia uma semana. E todas aquelas nozes e frutinhas dão vontade de... Você sabe! Mas eu estava tão cansado que devo ter dormido lá dentro. Foi só uma pestana. Quando acordei, alguém tinha apagado as luzes. Caminhei no escuro por séculos até encontrar o Spitfire. Tive que subir em outros aviões para alcançá-lo.

Vovô tinha sorte de estar vivo! Escalar todos aqueles aviões antigos suspensos àquela altura já era bastante perigoso com as luzes acesas.

— E o que aconteceu depois, senhor? — perguntou Jack, intrigado.

— Resolvi levá-lo para dar uma volta. *Para o céu e além* e tudo o mais. Mas não consegui ligar aquela belezura! Devia estar sem combustível... — Vovô hesitou com uma expressão confusa no rosto. — Então... então... Imagino que devo ter pegado no sono outra vez. Só mais uma pestana rápida, você entende.

— Sim, claro, comandante.

A dupla permaneceu calada por um instante antes que o menino quebrasse o silêncio. Sentiu uma onda de amor pelo avô.

— Sabe, todo mundo estava muito preocupado com o senhor...

Vovô deu um riso de descaso diante da ideia.

— Não é preciso se preocupar comigo, meu velho — falou ele. — Nem toda a Luftwaffe do Hitler pode medeter. Nada disso! Este velho piloto sempre vai viver para lutar **mais um**

dia!

Um armário de terno

Quando chegaram à Scotland Yard, a confusão reinou. Nenhum dos policiais tinha a menor ideia do que fazer com aquele velho engraçado que havia entrado em um avião do Museu Imperial da Guerra.

Mas a acusação era séria. Desordem pública. Por causa do caos daquele dia no museu, três caças antigos precisavam de reparos dispendiosos. Por isso, vovô foi levado até uma sala de interrogatório no porão da Scotland Yard. Jack implorou aos policiais que deixassem que ele fosse junto. Explicou que a mente do avô às vezes ficava confusa e que ele precisaria de ajuda. Jack se perguntou o que aconteceria com o avô. Um julgamento? Prisão? Sabia que o velhinho estava encrencado. A questão era: muito ou pouco?

A sala de interrogatório era pequena e escura, e tudo lá dentro tinha um tom cinzento. As paredes. A mesa. As cadeiras. Uma lâmpada nua pendia do teto. Não havia janelas, apenas uma fresta no alto da porta através da qual quem estava de fora podia espiar lá dentro.

O menino e o avô ficaram sentados ali sozinhos por algum tempo antes de quatro olhos surgirem na fresta.



Chaves tilintaram, e a enorme porta de metal se abriu.

Dois policiais à paisana estavam parados na entrada. O interrogatório iria começar.

Um dos detetives era inusitadamente alto e forte, parecia um armário de terno. Seu companheiro de combate ao crime, ao contrário, era magro feito um palito. A distância, seria possível confundi-lo com um taco de sinuca.

Ali, nas profundezas da Scotland Yard, os dois homens tentaram passar pela porta da sala de interrogatório ao mesmo tempo. Nem é preciso dizer que ficaram entalados, os ternos cinzentos reluzentes e mal cortados pressionados um contra o outro.

— Estou preso! — exclamou o homem grande, detetive Roliço.

— Não é culpa minha, *Rafaelle* — disse o homem magro, o detetive Espeto.

— Não me chame de *Rafaelle* na frente do suspeito! — sussurrou Roliço em voz alta.

— Mas, *Rafaelle* Roliço, seu nome é *Rafaelle*!

— Pare de dizer esse nome!

— Desculpe, *Rafaelle*! Nunca mais vou chamá-lo de *Rafaelle* outra vez, *Rafaelle*. Prometo, *Rafaelle*!

— Você continua chamando!

Era óbvio que o homem grande odiava ter um nome de menina. Sem dúvida ele preferiria algo mais bruto como Arthur, Igor, Victor, João, Zeus ou mesmo Brutus.

Por fim, *Rafaelle* forçou a passagem, esmagando o parceiro.



— Você está me machucando! — exclamou Espeto.

— Desculpe! — respondeu Roliço.

Jack precisou segurar o riso enquanto a dupla entrava na sala aos trambolhões. Em meio a toda aquela comoção, eles deixaram a porta escancarada com o chaveiro ainda pendurado na fechadura.

— Gestapo! — sibilou vovô para o neto. — Deixe que eu cuido deles!



Gestapo era a temida polícia secreta de Hitler, a um mundo de distância daqueles dois palhaços. Porém, quando vovô encasquetava com uma coisa, não tinha quem o convencesse do contrário, por isso Jack ficou em silêncio.

Depois de ajeitar a roupa e arrumar a gravata, a dupla nada dinâmica sentou-se em frente a Jack e seu avô.

Um silêncio estranho pairou por um longo momento. Parecia que os dois detetives esperavam que o outro falasse.



— Você não vai dizer nada? — sussurrou Roliço pelo canto da boca grande.

— Achei que tínhamos concordado que você ia começar — respondeu Espeto.

— Ah, é verdade. Desculpe.

Ficou um silêncio.



— Mas agora não sei o que dizer.

— Por favor, nos deem licença por um instante — falou Roliço, dirigindo-se aos suspeitos.



Os dois deram sorrisos constrangidos antes de se afastarem da mesa outra vez. Jack estava achando a situação hilária, mas não ousou demonstrar, enquanto vovô exibia uma expressão de pura estupefação.

No canto da salinha cinza, os dois detetives se aproximaram feito jogadores de rúgbi discutindo táticas. Espeto deu as ordens a Roliço.



— Olha só, *Rafaelle*, nós já fizemos isso antes. Podemos usar a técnica do policial bom e do policial mau. Sempre funciona.

— Isso!

— Ótimo!

Roliço pensou por um instante.

— Qual eu sou mesmo?

— O policial bom! — Espeto estava ficando um bocado agitado.

— Mas eu quero ser o policial mau — protestou Roliço, que definitivamente era o mais infantil dos dois.

— Eu **SEMPRE** sou o policial mau! — insistiu Espeto.

— Não é justo! — reclamou Roliço, agindo como se um menino maior que ele tivesse roubado seu sorvete.

— Está bem, está bem — cedeu Espeto. — Você pode ser o policial mau!

— OBA!

Roliço deu um soco triunfante no ar.

— Mas só por hoje.

Jack estava começando a ficar impaciente e chamou:

— Com licença, vocês vão demorar muito?

— Não não não. Só um momento — respondeu Espeto antes de se voltar para o parceiro.

— Está bem, eu vou primeiro. Como sou o policial bom, vou dizer alguma coisa simpática, e aí, você, que vai ser o policial mau, fala algo desagradável.

— Entendi! — respondeu Roliço.

Com passos confiantes, os dois detetives voltaram aos seus lugares. O magro falou primeiro:

— Como o senhor sabe, desordem pública é uma acusação séria. Mas nós somos amigos. Estamos aqui para ajudá-lo. Só precisamos de algumas respostas sobre o que o senhor estava tramando com aqueles caças antigos.

— Sim — interveio Roliço. — Por gentileza.

O detetive Espeto **urrou** de desespero.

Uma encrenca maior ainda

Na sala de interrogatório, as coisas não estavam transcorrendo conforme o planejado. O detetive Espeto arrastou o detetive Roliço de volta para o canto.



- Seu idiota! Era para você ser o policial mau! Não pode dizer “por gentileza”.
- Não? — perguntou o detetive Roliço de maneira inocente.
- **NÃO!** Você tem que ser ameaçador.
- Ameaçador?
- **ISSO!**
- Não sei se consigo ser ameaçador. É difícil com um nome tipo *Rafaelle*.
- Acho que eles não sabem qual é o seu nome.
- Você falou umas cem vezes! — exclamou Roliço.

— Ah, sim, desculpe, *Rafaelle* — respondeu Espeto.

— Você acabou de falar de novo.

— Foi mal, *Rafaelle*.

— Outra vez!

— Prometo que não vai tornar a acontecer, *Rafaelle*.

— Pare de dizer meu nome! Talvez seja melhor eu ser o policial bom, afinal.

— Mas você acabou de dizer que queria ser o policial mau!

— Eu sei... — Roliço parecia envergonhado. — Mas decidi que gostaria de trocar. Por gentileza.

Espeto concordou sem pestanejar. O interrogatório estava se transformando rapidamente em uma grande farsa.



— Está bem, está bem. Como quiser. Você pode ser o policial bom, *Rafaelle*, e eu vou ser o policial mau.

— Obrigado. E, por favor, lembre-se de não me chamar de *Rafaelle* na frente do suspeito.

— Desculpe, eu chamei você de *Rafaelle* outra vez?

— Chamou, sim — afirmou Roliço.

— Desculpe, *Rafaelle* — respondeu Espeto.

Jack não conseguiu mais se segurar, e uma risada escapou.

— Haha!



— O que é tão engraçado? — perguntou Roliço, com raiva.

— Nada, *Rafaelle* — respondeu o menino, rindo.

Rafaelle ficou tão furioso quanto uma pessoa chamada *Rafaelle* pode ficar.

— Agora eles sabem que meu nome é *Rafaelle*! E é tudo culpa sua.

Espeto não estava disposto a assumir toda a responsabilidade.

— Acho que, para começar, quem tem mais culpa são seus pais, por terem dado esse nome a você, *Rafaelle* Roliço. Por que raios foram escolher um nome de menina?

— *Rafaelle* não é nome de menina! — gritou Roliço. — É unissex!

Aqui estão outros supostos nomes unissex que o Sr. e a Sra. Roliço poderiam ter dado a seu saudável bebê:

Agnes

Ariel

Cris

Darci

Francis

Alisson

Josimar

Lucimar

Muriel

Nadir

Sasha

ou Vanir.



— Ah, sim, claro que é um nome unissex. Tem uma porção de homens chamados *Rafaelle* — murmurou o detetive Espeto, antes de se recompor. — Olha só, temos um interrogatório a fazer, lembra?

— Sim, sim. Desculpe.

— E lembre-se de que você agora é o policial bom, então tente ser simpático.

— Sim sim sim, eu sou o policial bom. Policial bom policial bom policial bom — repetiu Roliço várias vezes, como um mantra, para não esquecer.

— Vamos lá! — entoou Espeto, confiante.

— Será que dá tempo de eu fazer um xixi rapidinho? — perguntou Roliço.

— Não! Falei para você ir antes de começarmos!

— Mas naquela hora eu não estava com vontade!

— Agora vai ter que segurar!

— Como?

— Cruze as pernas ou algo assim! Seja lá o que for, nunca pense em um rio correndo!

— **Agora tudo o que me vem à mente é um rio!**

— Detetive Roliço! Assim a gente não parece nem um pouco profissional!

— Desculpe!

— Deveríamos ser dois dos melhores detetives da Scotland Yard.

— Os melhores!

— Então vamos lá!

Roliço e Espeto voltaram à mesa com determinação renovada.

— Certo... — começou Roliço — ... vocês gostariam de jantar lá em casa?

Jack e o avô se entreolharam, sem acreditar.

— Assim você está sendo simpático demais, *Rafaelle!* — gritou Espeto.

— Mas você me disse para ser o policial bom!

— Mas não precisa ser tão legal a ponto de convidá-los para jantar.

Roliço pensou por um instante.

— Almoço?

— **NÃO!**

— Um café da manhã?

— **NÃO!** Olha só, *Rafaelle...*

— Não me chame de *Rafaelle...*

— *Rafaelle*, eu conduzo o interrogatório de agora em diante. Está bem?



Roliço fez um **bico gigantesco**. Tão gigantesco que passou a se recusar a falar, assentir ou mesmo encarar qualquer pessoa. Apenas dava de ombros para tudo.

Espeto dirigiu um olhar sério para vovô e seguiu em frente sozinho.

— Três valiosos aviões antigos foram seriamente danificados hoje. O senhor poderia se explicar?

— Ele não quis causar nenhum problema! — protestou Jack. — Foi só um acidente! Eu juro!

— O senhor está muito quieto. O que tem a dizer em sua defesa? — perguntou Espeto.

Os olhos de Jack correram para o avô. Será que ele diria alguma coisa que o deixaria em

uma

encrenca

maior

ainda?

Virando o jogo

Lá embaixo, na sala de interrogatório subterrânea da Scotland Yard, Jack lançava olhares nervosos para o avô. O que ele iria dizer?

Com muita calma, vovô ajeitou a gravata com as cores da Força Aérea Britânica antes de olhar o detetive Espeto nos olhos.

— Eu tenho perguntas para você...! — declarou ele.

— O que o senhor está fazendo?! — sussurrou Jack.

— A única maneira de derrotar a Gestapo é fazer o jogo deles — sussurrou vovô em resposta.

— Não, o *senhor* não vai *nos* perguntar nada! Não é assim que funciona — replicou Espeto, com um quê de descrença na voz.

Mal sabia o detetive que vovô não era o tipo de homem que aceitava não como resposta.

— Quando vai ser o lançamento da Operação Leão-Marinho? — indagou vovô com firmeza.

— Operação o quê? — perguntou Roliço.

— Não dê uma de bobo para cima de mim! O senhor sabe muito bem do que estou falando! — gritou vovô enquanto se levantava e começava a andar de um lado para outro na sala.

Os dois detetives pareciam ainda mais confusos que vovô. A dupla não fazia a menor ideia do que o velho estava dizendo.

— Na verdade, não sabemos mesmo — respondeu Espeto.

— Vocês nunca vão ganhar essa guerra. E pode passar o recado ao seu amigo Hitler por mim!

— Eu nunca nem o conheci! — protestou Roliço.

— Nenhum de vocês dois vai sair desta sala até me contar a data de início da ofensiva terrestre!

Por ter sido um oficial da Força Aérea, vovô tinha um senso natural de autoridade. Os dois detetives se encolheram de medo ao perceber que o jogo tinha virado. Jack ficou impressionado.

— Mas eu combinei uma partida de badminton mais tarde... — suplicou Espeto.

Vovô parou de andar e se debruçou na mesa, ficando cara a cara com os detetives. Apesar da idade, o velho era um personagem formidável.

— Vocês não vão sair até me contarem!

— Mas eu preciso muito fazer xixi! — implorou Roliço. — Vou acabar fazendo nas calças.

O pobre homem parecia prestes a cair no choro.

— ME DIGA A DATA DE INÍCIO DA OPERAÇÃO LEÃO-MARINHO!

— O que faremos? — sussurrou Roliço.

— Vamos dizer qualquer coisa! — respondeu Espeto.

Os dois responderam exatamente ao mesmo tempo.

— Segunda-feira!

— Quinta-feira!

Isso fez com que parecessem mentirosos. O que, é claro, eram mesmo.



— Vamos, líder de esquadrão! — ordenou vovô, e Jack ficou de pé em posição de sentido.

— Vamos deixá-los aqui para pensarem melhor. Voltaremos pela manhã!

Vovô se voltou para os policiais.

— É bom que me contem a verdade quando eu voltar ou, juro por Deus, vão se ver comigo!

Então marchou na direção da enorme porta de metal, com Jack logo atrás.

Os dois detetives só ficaram olhando, atônitos, sem dar um pio. Em um impulso, Jack tirou as chaves da fechadura e fechou a porta. Estava com o coração acelerado quando girou a chave e trancou os dois homens lá dentro.

CLIQUE.

Só naquele momento os detetives se deram conta do que acontecera. Correram até a porta para tentar abri-la, mas era tarde demais. Começaram a socá-la, pedindo ajuda.

— Bom trabalho, senhor. Agora... vamos correr! — disse Jack enquanto puxava o avô pela manga.

— Só uma última coisa, líder de esquadrão — respondeu vovô.

Ele abriu a fresta da porta e gritou para o interior da sala.

— Aliás, *Rafaelle* é, sem sombra de dúvida, um nome de menina!

Em seguida, Jack e o avô desceram depressa pelo corredor, subiram a escada e saíram da Scotland Yard.

NEW
SCOTLAND
YARD



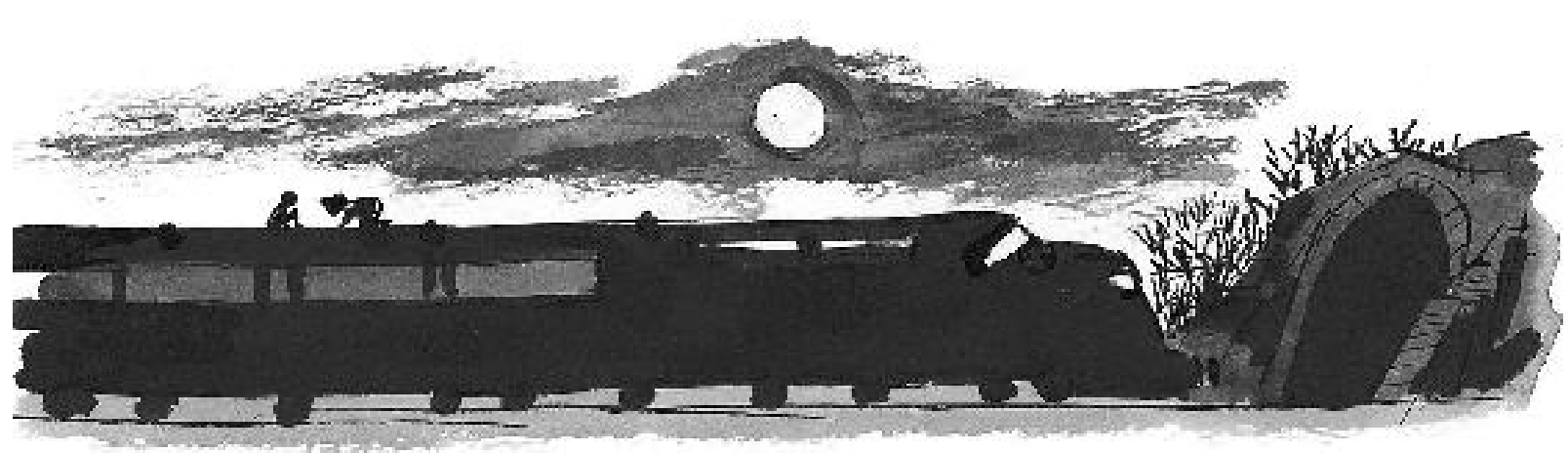
Atrás das linhas inimigas

Graças ao treinamento na Força Aérea, vovô sabia muito bem como evitar ser pego atrás das linhas inimigas. Todo piloto tinha que saber. As chances de ser derrubado em território inimigo eram altas.

Juntos, ele e Jack evitaram as ruas principais e ficaram longe do alcance da luz dos postes. Quando já estava escuro, escalaram uma parede da estação de trem mais próxima e subiram no teto do vagão que os levaria de volta para casa. Congelando de frio e tendo que se agarrar para não cair, os dois fizeram a viagem para casa.

— P-P-Por q-q-que precisamos ficar aqui em cima, c-c-comandante? — perguntou Jack, tremendo enquanto falava.

— Se conheço bem a Gestapo, eles já devem ter embarcado no trem e estão checando os documentos de identidade de todos os passageiros, à nossa procura. Estamos muito mais seguros aqui em cima.



Naquele momento, Jack viu, às costas do avô, que o trem se aproximava depressa de um túnel.

— A-A-Abaixa! — gritou o menino.

O velhinho olhou para trás e se deitou ao lado de Jack no teto do vagão. Bem a tempo. Depois que atravessaram o túnel, vovô se ajoelhou.

— Obrigado, líder de esquadrão! — disse ele. — Essa foi por um triz.

Naquele momento, um galho baixo de árvore o acertou na nuca.

PAF!

— *Ai!*

— O senhor está bem?

— Sim, tudo certo, meu velho — respondeu vovô. — Malditos inimigos que colocaram aquela droga de árvore ali!

Jack podia apostar que Hitler e seus amigos nazistas não tinham nada a ver com aquilo, mas deixou para lá.

Era quase meia-noite quando finalmente chegaram à estação. Logo depois, alcançaram a rua do apartamento do vovô. O plano era se esconder lá por algum tempo. Depois de tudo o que acontecera no Museu Imperial da Guerra e na Scotland Yard, o menino achou melhor não ir para casa.

Para surpresa de Jack, a luz na banca do Raj estava acesa. O jornalista ainda estava acordado, guardando os jornais do dia seguinte que haviam acabado de ser entregues. O menino sabia que eles podiam confiar em Raj. Isso era bom, pois ele e o avô tinham virado fugitivos da polícia.

— Raj! — chamou Jack.

O jornalista olhou para a escuridão.

— Quem está aí?

A dupla caminhou pela rua na ponta dos pés. Foram se esgueirando pela parede, evitando a luz. Demorou alguns instantes até que o jornalista os visse.

— Jack! Sr. Bonting! Vocês me deixaram com **arrepios!**

— Desculpe, Raj, não era nossa intenção assustar você. Só não queríamos ser vistos — disse o menino.

— Por quê?

— É uma longa história, Char Wallah! — respondeu vovô. — Não vejo a hora de contar tudo bebendo uma cervejinha na sala dos oficiais.

— Estou tão feliz em ver que o senhor foi encontrado bem e em segurança! — exclamou o jornalista.

Um carro entrou na rua. Os faróis iluminaram os três.

— É melhor entrarmos... — disse Jack.

— Sim, sim, claro — retrucou Raj. — Entrem, entrem. E tragam uma pilha de jornais para mim, por favor!

Uma ligação cara

O jornaleiro abriu a porta da banca e levou Jack e o avô para dentro. Depois gesticulou para que o velhinho se sentasse em uma das pilhas de jornal.

— Aqui estamos, senhor.

— Muito gentil da sua parte, Char Wallah.

— Estão com fome? Sede? Por favor, Sr. Bonting, pode se servir do que quiser.

— Sério? — perguntou Jack. Para um menino de doze anos, era uma oferta e tanto. — Tem certeza? Qualquer coisa?

— Qualquer coisa! — exclamou Raj. — Vocês dois são meus fregueses favoritos. Por favor, por favor, fiquem à vontade. Peguem o que quiserem.

Jack sorriu.

— Muito obrigado.

Depois das aventuras do dia, ele estava precisando desesperadamente de um lanchinho. Pegou algumas coisas para si mesmo e para o avô. Um pacote de batatas fritas, algumas barras de chocolate e duas caixinhas de suco.

Para a surpresa de Jack, Raj começou a marcar todos os itens na caixa registradora.

— Uma libra e setenta e cinco centavos, por favor.

Jack suspirou e levou a mão ao bolso para pegar algumas moedas, colocando-as no balcão.

— Aí está, Raj.

— O Sr. e a Sra. Bonting passaram por aqui há algumas horas. Queriam saber se eu tinha visto algum de vocês. Pareciam mortos de preocupação.

— Ah, não. — Em meio a tanta euforia, o menino nem pensara nos pais. E acabou se sentindo muito culpado. — É melhor eu ligar logo para eles, Raj. Posso usar seu telefone, por favor?

— É claro! — disse o jornaleiro, colocando o telefone no balcão. — Para vocês, não vou cobrar pela ligação.

— Obrigado — respondeu o menino.

— Só seja bem breve, por favor. Não mais de quatro ou cinco segundos, se puder.

— Vou tentar.

Jack olhou para o avô, que devorava alegremente uma barra de chocolate e murmurava entre mordidas:

— Ótimas rações, Char Wallah.

— Desculpe por não ter biscoitos — disse o jornaleiro. — Minha tia Dhriti conseguiu entrar aqui ontem à noite e devorou quatro caixas. Mastigou até o papelão.

— Mamãe? Sou eu! — disse Jack ao telefone.

— Onde raios você estava? — perguntou a mãe. — Eu e seu pai passamos dia e noite

procurando você de carro!



— Bem, eu posso explicar...

Mas a mãe o interrompeu:

— Sua professora, a Srta. Vera Cidade, ligou aqui para casa e nos contou o que aconteceu no Museu Imperial da Guerra hoje. **Você quebrou um Spitfire!**

— Não foi minha culpa. Se o segurança não fosse tão pesado...

Mamãe não estava a fim de escutar.

— Não quero saber! Ela disse que seu avô apareceu no museu. Justo lá! E que foi preso pela polícia! Então, quando eu e seu pai chegamos na Scotland Yard, eles nos disseram que vocês dois tinham **fugido!**

— Bem, sim e não. Na verdade, nós saímos de lá pela porta da frente...

— CALE A BOCA! ONDE VOCÊS ESTÃO?

Raj se intrometeu:

— Você poderia fazer a gentileza de pedir para sua mãe retornar a ligação? Já se passaram um minuto e trinta e oito segundos e vai ficar muito caro!

— Mamãe, Raj está perguntando se você pode ligar de volta.

— Ah, então vocês estão na banca do Raj, é? **FIQUEM BEM AÍ!** ESTAMOS A CAMINHO!

Ela bateu o telefone.

CLIQUE!

TU-TU-TU-TU.

Quando Jack ergueu a cabeça, percebeu que Raj passara o tempo inteiro de olho no relógio.

— Um minuto e quarenta e seis segundos. Tsc, tsc.

— Minha mãe disse que eles estão vindo nos buscar.

— Esplêndido! — respondeu o jornalista. — Agora, enquanto esperam, vocês se interessariam em dar uma olhada de cortesia nos meus cartões de Natal novinhos em folha?

— Não, obrigado, Raj. Estamos em janeiro.

— Este é especialmente natalino — disse o homem enquanto mostrava a Jack um cartão completamente em branco.

Jack olhou para o cartão, depois para Raj. Por um instante, pensou que o jornalista estivesse ficando doido.

— Mas não tem absolutamente nada nele, Raj.

— Não, não, não, é aí que você se engana, jovem mestre Bonting. Na verdade, é uma foto em close de um monte de neve. Perfeito para as festas de fim de ano. Dez cartões por apenas uma libra. Também tenho uma oferta especial de...

— Que surpresa — murmurou o menino.

— Se comprar mil cartões na minha mão, posso fazer um preço muito bom para você!

— Não, obrigado, Raj — respondeu Jack com educação.

Mas o jornalista adorava barganhar.

— Dois mil?

Naquele instante, sirenes da polícia soaram do lado de fora.

“O inimigo” estava se aproximando.

Uma figura sinistra

No início, as sirenes soavam em algum lugar ao longe, mas foram ficando cada vez mais altas. Pelo barulho, parecia que uma frota inteira de carros de polícia disparava em direção à banca. Jack encarou o jornaleiro com expressão acusadora.

— Eu não os chamei! Juro — disse Raj.

— Mamãe deve ter chamado! — exclamou o menino.

Sem perder tempo, ele segurou o braço do avô e correu para a porta.

— Comandante, precisamos sair daqui. **AGORA!**

Mas, quando saíram na escuridão, já era tarde demais. Estavam cercados.

Pneus cantaram quando uma dúzia de carros de polícia parou, encurralando a dupla em um semicírculo. As luzes eram ofuscantes, e o barulho, ensurdecedor.

— **Mãos ao alto!** — gritou um dos policiais.

Eles obedeceram.

— Vão me mandar direto para um campo de prisioneiros de guerra. Com a sorte que eu tenho, provavelmente para o Castelo de Colditz. Se cuide, meu velho! Vejo você em Blighty! — sussurrou vovô.

Raj os seguiu até lá fora. Ele havia amarrado seu lenço branco a uma barra de chocolate e a agitava como uma bandeira de rendição.



— Por favor, não atirem! Acabei de redecorar a vitrine.



Os pais de Jack deviam ter vindo em uma das viaturas, porque surgiram em meio aos policiais, correram na direção do filho e o abraçaram.

— Ficamos tão preocupados! — disse papai.

— Desculpe — falou Jack. — Eu não queria deixar vocês preocupados.

— Mas deixou, Jack! — respondeu mamãe, seu tom suavizando ao ver o filho.

— O que vai acontecer com vovô? — perguntou o menino. — Eles não podem mandá-lo para a prisão.

— Não — respondeu mamãe. — Nenhum de nós quer isso. Nem mesmo a polícia. Liguei para aquele simpático vigário esta noite. Vovô tem muita sorte. Por algum milagre, o

reverendo Leitão garantiu uma vaga para ele naquele lar para idosos, **TORRES DO CREPÚSCULO.**



Bem naquele momento, uma figura sinistra saiu de um dos carros. Com o brilho forte dos faróis às suas costas, Jack a princípio só conseguiu enxergar a silhueta. Era uma mulher atarracada com algo que parecia uma touca de enfermeira na cabeça e uma capa sobre os ombros.

— Quem é você? — perguntou Jack.

A figura caminhou a passos lentos na direção dele. O salto alto da bota ecoou na calçada fria e molhada. Quando ela enfim chegou até eles, seu rosto se contorceu em algo próximo a um sorriso. Os olhos eram pequenos e cruéis, e o nariz, achatado e arrebitado, como se estivesse impressado em uma janela.

— Ah, você deve ser o jovem Jack! — disse a mulher, animada.

O tom de voz dela era leve, mas o menino percebeu um toque sombrio em suas palavras.

— Recebi uma ligação do encantador reverendo Leitão. O vigário e eu somos muito próximos. Ambos nos importamos muito com os idosos da cidade.

— Eu perguntei quem é você — repetiu o menino.

— Meu nome é Srta. Porcina. Eu sou a enfermeira-chefe do asilo **TORRES DO**

CREPÚSCULO. Vim para levar seu avô embora — ronronou a mulher.

PARTE 2

NESTE MUNDO E NO OUTRO



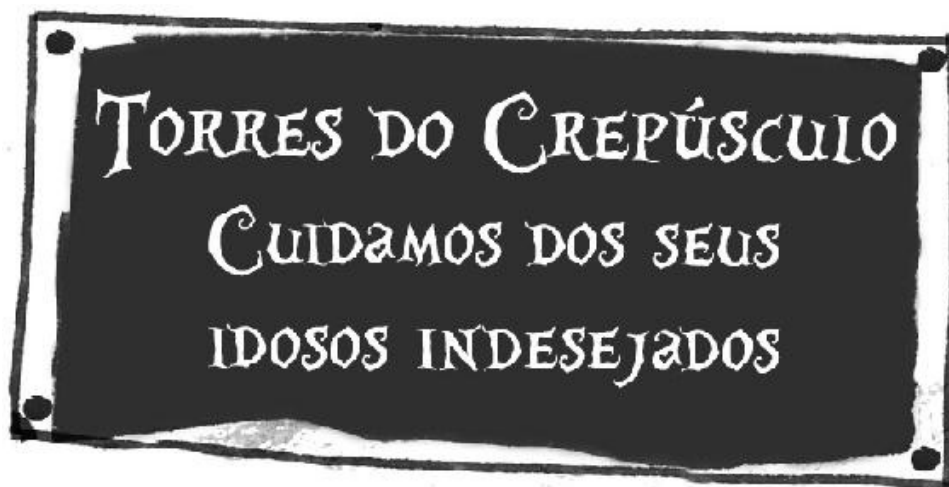
Torres do Crepúsculo

Naquela noite, vovô foi levado para o **TORRES DO CREPÚSCULO**. Essa era a condição para a polícia retirar a queixa.

Nem é preciso dizer que Jack não pregou os olhos. Só pensava no avô. Por isso, no dia seguinte, assim que a aula terminou, o menino pegou seu triciclo e disparou para o **TORRES DO CREPÚSCULO**. Pedalou o mais depressa possível, desesperado para encontrar o avô e morrendo de medo de um colega da escola vê-lo naquele triciclo de bebê. Jack estava juntando dinheiro para uma bicicleta, um modelo que mais parecia uma moto que uma bicicleta, mas até então só tinha o suficiente para comprar os pedais.

O **TORRES DO CREPÚSCULO** ficava um pouco distante do centro da cidade. Assim que a sequência de casas terminava, começava o pântano. Depois, no alto de uma colina, via-se um prédio antigo. Cercado por muros e portões igualmente altos, o edifício parecia mais uma prisão que um lar para idosos. Com certeza não era nenhuma Disney.

Jack pedalou pela estrada de terra, parando ao chegar aos portões. Eles eram de metal grosso, com pontas afiadas. Um *T* e um *C* ornamentais, de **TORRES DO CREPÚSCULO**, tinham sido soldados neles. Do lado de fora, uma placa informava:



O lugar havia sido aberto pouco tempo antes. O lar de idosos anterior da cidade, Recanto do Sol, fora demolido em um acidente inexplicável com uma escavadeira desgovernada. O

TORRES DO CREPÚSCULO era, na verdade, um antigo manicômio vitoriano. Um prédio de tijolos alto pontilhado de janelinhas, todas com grades. O edifício até podia ser chamado de “lar de idosos”, mas, na verdade, passava uma sensação tão agourenta que jamais poderia ser o lar de ninguém. Era composto de quatro andares, e no telhado havia uma torre com um sino.



Em cada lado do terreno tinha uma torre de observação, eram construções mais modernas, com holofotes enormes no topo, operados por enfermeiras grandes e corpulentas. Ainda era um mistério se toda aquela segurança servia para evitar que as pessoas entrassem ou saíssem.

Jack estendeu o braço para balançar os portões e ver se estavam trancados.

Z
A
P!



Uma corrente elétrica correu pelo seu corpo.

— *Ai!*

Foi como se ele tivesse sido virado de cabeça para baixo e do avesso e de volta ao lado certo, tudo ao mesmo tempo. Jack tirou as mãos do portão o mais rápido possível e respirou fundo. A dor fora tão intensa que o menino achou que ia passar mal.

— QUEM SE APROXIMA? — perguntou uma voz grave por um megafone.

Piscando para conter as lágrimas de dor, Jack olhou para cima e viu uma enfermeira no alto da torre de observação.

— Jack.

— QUE JACK?

Amplificada, a voz da enfermeira parecia mecânica, igual à de um robô.

— Jack Bunting. Vim visitar meu avô.

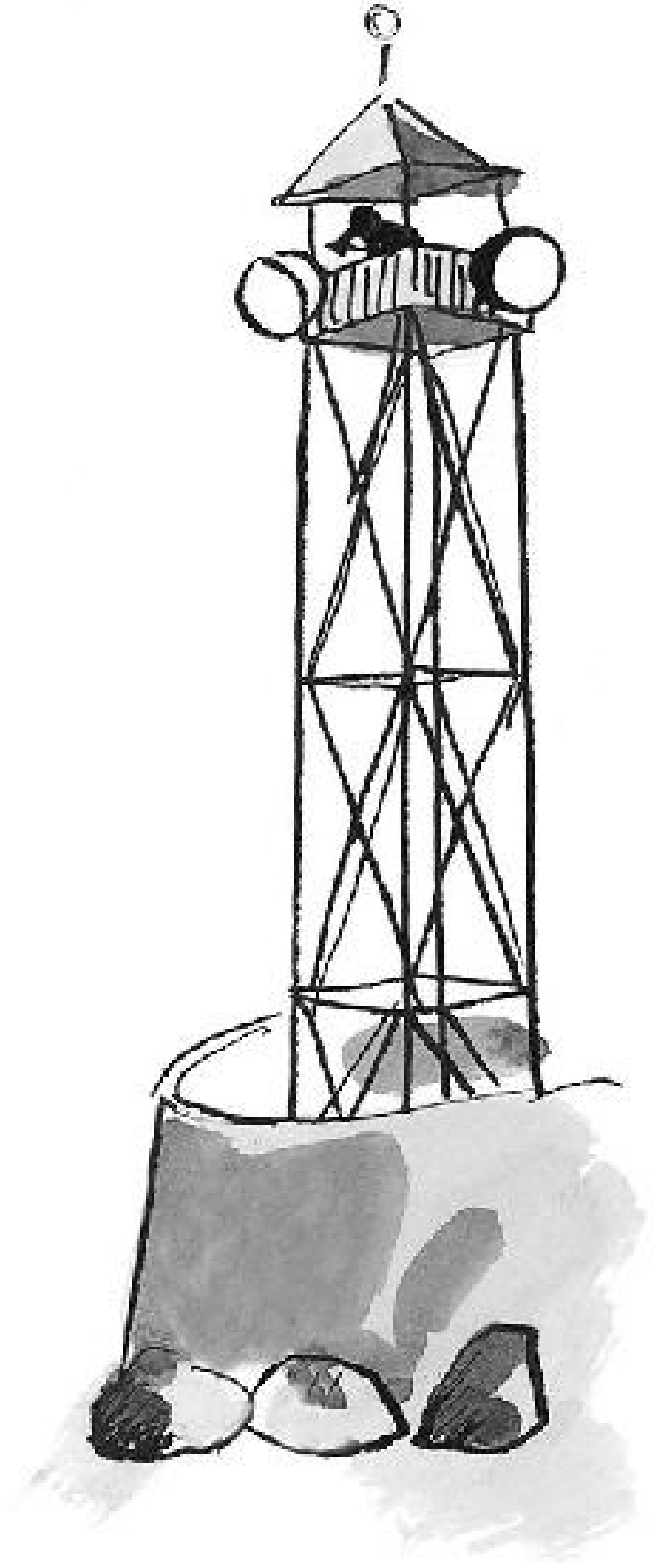
— Visitas são permitidas apenas aos domingos. Volte

depois.

— Mas pedalei até aqui...

Jack não conseguia acreditar que estava sendo proibido de entrar. Só queria ver seu avô rapidinho.

— Qualquer visitante precisa de permissão da enfermeira-chefe para entrar no **TORRES DO CREPÚSCULO** em outro dia.



— Eu tenho permissão! — mentiu o menino. — Sim, estive com a Srta. Porcina ontem à noite e ela me disse para passar aqui esta tarde.

— **ENTRE PELOS PORTÕES E SE APRESENTE À RECEPÇÃO.**

BIIP!

CLIQUE.

Os portões se abriram automaticamente, e o menino entrou pedalando devagar.

Era difícil se locomover pelo cascalho, ainda mais em um triciclo feito para uma criancinha.

Depois de algum tempo, Jack chegou à enorme porta de madeira. Quando tocou a campainha, percebeu que suas mãos tremiam.

CLIQUE CLAQUE CLIQUE CLIQUE. A porta devia ter umas dez fechaduras diferentes, de tanto que demorou a abrir.

CLIQUE CLIQUE CLIQUE CLIQUE CLAQUE CLAQUE CLIQUE

Por fim, uma enfermeira grande e musculosa surgiu do outro lado. Tinha pernas grossas e peludas, um dente de ouro e uma tatuagem de caveira no braço. Apesar disso, usava um crachá de identificação com o nome “Margarida”.

— **QUE FOI?** — perguntou ela com a voz grave.

Não havia ninguém no mundo que combinasse menos com um nome de flor.

— Ah, olá! — cumprimentou Jack, muito educado. — Eu gostaria de saber se a senhora poderia me ajudar.

— **O QUE É QUE VOCÊ QUER?** — perguntou a enfermeira Margarida.

— Vim visitar meu avô, Arthur Bunting. Ele chegou ontem à noite.



— ESTAMOS FECHADOS PARA VISITAS!

— Eu sei, eu sei, mas conheci a adorável Srta. Porcina ontem à noite e gostaria de saber se poderia dar uma palavrinha rápida com ela.

— **GUENTA AÍ!** — disse a enfermeira enquanto batia a porta de carvalho pesada na cara dele. — **ENFERMEIRA-CHEFE!**

Jack esperou por tanto tempo que quase perdeu as esperanças de que alguém fosse voltar. Mas, por fim, ouviu passos pesados ecoando pelo corredor e a porta se abriu, revelando uma **IMAGEM REALMENTE ATERRORIZANTE.**

As enfermeiras mais feias do mundo

A enfermeira-chefe do **TORRES DO CREPÚSCULO** estava parada à porta. A mulher baixinha usava touca de enfermeira e estava entre duas colegas incrivelmente corpulentas que faziam com que ela parecesse ainda menor. Uma tinha um olho roxo, e “*AMOR*” e “**ÓDIO**” tatuados nos dedos. A outra tinha uma tatuagem de teia de aranha no pescoço e algo no queixo que parecia barba por fazer. Ambas olhavam de cara feia para o menino. Eram as enfermeiras mais feias que alguém poderia sonhar em conhecer. Os olhos de Jack se voltaram para os crachás de identificação com os nomes “Rosa” e “Flora”.

A Srta. Porcina estava girando o que, à primeira vista, parecia um bastão de comando. Segurava-o em uma das mãos e o tamborilava na palma da outra. Era bastante ameaçador. Uma das extremidades do objeto tinha duas pontas pequenas de metal, e a outra, um botão. O que seria aquela engenhoca esquisita?



— Ora, ora, ora... e não é que nos encontramos de novo? Boa tarde, jovem Jack — ronronou a Srta. Porcina.

— Boa tarde, enfermeira-chefe. É tão agradável revê-la — mentiu ele. — É um prazer conhecê-las também, senhoras — tornou a mentir.

— Estamos muito ocupadas cuidando de todos os idosos aqui no **TORRES DO CREPÚSCULO**. O que é que você quer?

— Quero ver meu avô.

As duas enfermeiras começaram a rir. Jack não fazia a menor ideia do que poderia ser tão engraçado.

— Sinto muito, muito mesmo, mas no momento não será possível — respondeu a Srta. Porcina.

— P-P-Por quê? — perguntou o menino, nervoso.

— Seu avô está tirando um cochilo. Meus idosos adoram um bom cochilo. Você não ia querer interromper, ia? Seria muito egoísmo de sua parte, não acha?

— Bem, tenho certeza de que, se vovô soubesse que estou aqui, ia querer me ver. Sou o único neto dele.

— Estranho. Ele não mencionou você desde que chegou. Talvez tenha se esquecido da sua existência.

Se a intenção era magoar o menino, a Srta. Porcina havia conseguido.

— Por favor! — implorou Jack. — Só quero ver meu avô. Preciso saber se ele está bem.

— Pela última vez, seu avô está cochilando! — A enfermeira-chefe estava perdendo a paciência. — Ele acabou de tomar os comprimidos.

— Comprimidos? Como assim “comprimidos”?

Até onde Jack sabia o avô não tomava nenhum comprimido. Na verdade, vovô sempre se recusara a tomar qualquer tipo de remédio, argumentando que estava “em plena forma”.

— Eu receitei pessoalmente alguns comprimidos para ajudá-lo a dormir.

— Mas ainda é cedo. Ele não precisa dormir agora. Não está na hora. Eu quero ver meu avô!

O menino se jogou para a frente, forçando a entrada. Imediatamente, foi repellido pela enfermeira Rosa, que agarrou seu rosto com a mão grande e peluda e o jogou para trás como se fosse uma bola. Jack tropeçou no cascalho e aterrissou de bunda no chão. As enfermeiras acharam a maior graça.

— HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!
HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!
HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!
HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!
HA! HA! HA! HA! HA!

Jack se levantou com dificuldade.

— Vocês não vão se livrar de mim. Exijo ver meu avô agora mesmo!

— O bem-estar dos meus idosos é de fundamental importância para todos nós do **TORRES DO CREPÚSCULO** — anunciou a Srta. Porcina, os dois olhinhos refletindo o sol fraco de inverno. — Por isso, mantemos uma rotina de horários rígidos. E, como você pode ver, o horário de visitação está escrito bem aqui...

Ela apontou para uma placa na parede com seu bastão.
Informava:

TORRES DO CREPÚSCULO

HORÁRIO DE VISITAS:

DOMINGO À TARDE, DAS 15H ÀS 15H15

ATRASADOS NÃO SERÃO ADMITIDOS.

PERMANECEMOS ESTRITAMENTE FECHADOS PARA TODOS OS VISITANTES EM QUALQUER OUTRO

PERÍODO.

— Não dura nem uma hora! — protestou o menino.

— **Buá buá buá** — respondeu a Srta. Porcina antes de abrir um sorriso sinistro. — Agora, se não se importa, preciso cuidar dos meus velhinhos. Não posso deixar que uma criancinha mimada e egoísta estrague tudo, posso? Enfermeiras?

— Não, enfermeira-chefe — responderam elas em uníssono.

— Por favor, acompanhem este rapaz até o portão.

— Sim, enfermeira-chefe.

As duas mulheres corpulentas avançaram. Juntas, a enfermeira Rosa e a enfermeira Flora pegaram Jack pelos braços. Sem o menor esforço, carregaram o menino pelo caminho de cascalho na direção dos portões. Jack tentou se debater, mas as enfermeiras eram tão grandes e fortes que não havia como enfrentá-las.

A Srta. Porcina observou enquanto o menino era levado embora. Abriu um sorriso e deu um tchauzinho para Jack enquanto gritava:



— Já estou com saudade!

Volte logo

para nos ver!

Salgueiro-chorão

A enfermeira Rosa e a enfermeira Flora jogaram o menino do outro lado dos portões, como se ele fosse um saco de lixo. O triciclo foi atirado em seguida, aterrissando com um estrondo.



PAF!

Os grandes portões de metal guincharam ao se fechar.

PUF!

Lá dentro, as duas enfermeiras ficaram observando enquanto o menino se levantava, subia no triciclo e ia embora, pedalando pela estrada.

Àquela altura, o céu estava todo avermelhado por causa do pôr do sol. A noite estava prestes a cair. Como o **TORRES DO CREPÚSCULO** ficava na beira do pântano, havia

poucos postes de luz espaçados no caminho. Logo escureceu. O tipo de escuridão intensa digna do campo.

Depois de um bom tempo pedalando, Jack olhou para trás. O **TORRES DO CREPÚSCULO** estava bem longe e, do mesmo modo que ele não via mais as enfermeiras, elas também não podiam vê-lo.

Jack não era o tipo de menino que aceitaria um “não” como resposta quando se tratava de visitar o avô. E mais: estava claro que a Srta. Porcina e sua gangue de enfermeiras não eram dignas de confiança. Quando chegou a um bosque ali perto, Jack saltou do triciclo, escondeu-o em um arbusto e o cobriu de galhos, da mesma forma que vovô lhe contou que a Força Aérea Britânica fazia com Spitfires ao chão para que os aviões inimigos não os avistassem do céu.

Lentamente, Jack começou a voltar para o asilo sinistro, dessa vez a pé. Em vez de ir pela estrada, abriu caminho pelo pântano que levava ao **TORRES DO CREPÚSCULO**. Apenas com a ajuda da luz da lua, Jack chegou ao muro externo. Era muito mais alto que ele, e um arame farpado serpenteava pelo topo. Como seria impossível escalar, Jack precisava pensar. E depressa.

Havia um salgueiro-chorão ao lado do muro, com dois galhos pendendo para o outro lado, sobre o terreno do **TORRES DO CREPÚSCULO**. Só havia um problema: a árvore ficava no campo de visão das duas torres de observação. Do alto delas, os holofotes enormes varriam a propriedade de cima a baixo. Aquilo seria perigoso. Jack estava com medo. Nunca ousara fazer algo como aquilo antes.

Devagar, mas com determinação, começou a subir na árvore. Como era inverno e os galhos estavam sem folhas, foi mais fácil. Depois de escalar o tronco, ele seguiu lentamente por um galho. Mas o plano se transformou em desastre quando o galho envergou com o peso de Jack e assustou um bando de corvos empoleirado ali.

Assustados, os pássaros negros fizeram uma algazarra terrível ao levantar voo. O fecho de luz dos holofotes girou na escuridão até parar na árvore.



Usando toda a sua rapidez, Jack girou ao redor do tronco até parar no lado fora de vista. Depois, agarrou-se ali e ficou imóvel como uma estátua.

As luzes pararam sobre o salgueiro por algum tempo, antes de finalmente seguir adiante. Mas as enfermeiras no alto das torres de observação deviam ter ficado desconfiadas. Se fizesse um movimento errado, o menino seria pego. E sabe-se lá o que a Srta. Porcina seria capaz de fazer com ele?

Depois de contar mentalmente até dez, Jack se esgueirou de volta até o outro lado da árvore. De quatro, rastejou pelo galho que ficava acima do terreno amplo da casa de repouso. Mas, por não estar acostumado a subir em árvores, o menino cometeu um erro de cálculo. Ele passava muito tempo pintando aeromodelos no quarto e não era muito chegado a atividades ao ar livre. Então, chegou até a ponta do galho, achando que seu peso funcionaria como alavanca.

CRAAC...

Mas o galho não era forte o suficiente para aguentá-lo.

CRAAAAAAC.

E acabou quebrando.

PLEC!

Rasteje feito uma cobra

O garoto caiu no capim alto. Os holofotes das torres de observação desenharam círculos pelo terreno do **TORRES DO CREPÚSCULO**. Jack permaneceu imóvel e em silêncio, apesar de sem fôlego por causa da queda. Pelo canto do olho, via as luzes chegando mais perto. Parte do menino estava totalmente em pânico e queria fugir, mas ele se lembrou dos ensinamentos do avô sobre como agir em uma situação de perigo. Não mexer um músculo. Quando as luzes enfim se afastaram, Jack ergueu os olhos devagar. Ainda havia um longo caminho até o prédio. Como chegaria lá sem ser visto?

Outra lição que aprendera com vovô foi: quando estiver em campo aberto, rasteje feito uma cobra. Jack nunca sonhou que um dia precisaria usar aquelas habilidades em uma aventura da vida real. Mas era exatamente o que o menino estava fazendo naquele momento, seguindo o caminho pela grama fria e molhada.



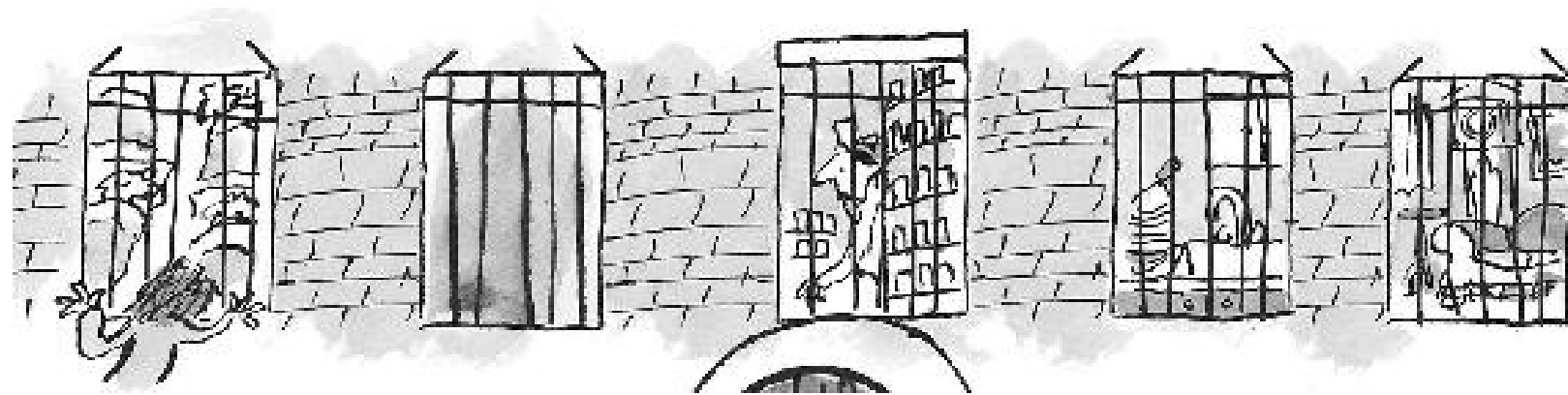
Foi difícil, mas Jack conseguiu chegar ao prédio principal sem ser visto.

O problema seguinte era que ele não tinha a menor ideia de onde vovô estaria. Mantendo-se colado à parede, começou a contornar o prédio, abaixando-se sob as janelas ao passar. Só havia um jeito de entrar e sair do **TORRES DO CREPÚSCULO**: pela porta da frente, que as enfermeiras mantinham trancada a duas, três chaves. Jack encontrou uma porta nos fundos do prédio, mas ela estava selada com tijolos.

Com cuidado para não ser notado, o menino espiou por uma das janelas. O interior era um

alojamento com umas vinte camas dispostas em duas fileiras organizadas. Embora não passasse das seis da tarde, todas as senhoras ali já estavam na cama. Jack olhou para cada uma delas e percebeu que todas estavam mergulhadas em sono profundo. Não havia nenhum homem, por isso o menino seguiu em frente sem demora.

Algumas janelas depois, Jack espiou uma sala que parecia uma farmácia. Do chão ao teto, o cômodo estava cheio de frascos de comprimidos, remédios e seringas. Uma enfermeira corpulenta de jaleco andava de um lado para outro. Devia haver milhares de pílulas naquele lugar — já seriam suficientes para dopar uma manada de elefantes, que dirá uns cem velhinhos.



Depois de espiar por mais algumas janelas do térreo e encontrar apenas uma cozinha imunda e uma sala de visitas vazia, o menino resolveu passar para o andar seguinte. Por isso, juntou forças e começou a subir por uma calha na lateral do prédio.

Avançando com cuidado por um parapeito estreito no andar de cima, Jack chegou à primeira janela. Por ela, avistou um escritório imponente coberto com painéis de carvalho. A enfermeira-chefe estava à escrivaninha, reclinada em uma luxuosa poltrona de couro, fumando um grande e vistoso charuto. Com os pezinhos sobre a mesa, soltava baforadas de fumaça cinzenta e densa no ar. Aquela versão particular da Srta. Porcina era bem diferente da que ela mostrava aos outros.

Acima da lareira havia um grande retrato da enfermeira-chefe em moldura pesada e dourada. Permanecendo o mais próximo possível da parede, Jack inclinou um pouco a cabeça para ter uma visão melhor. Na escrivaninha larga com tampo de couro havia uma grande pilha de papéis que a Srta. Porcina estava folheando. Ela colocou o charuto em um cinzeiro de cristal e começou a trabalhar.



Primeiro, a enfermeira-chefe pegou uma folha de papel da pilha e posicionou sobre ela uma folha de papel-vegetal.



Segundo, copiou com um lápis no papel-vegetal, lenta e calmamente, o que estava escrito no papel de baixo.



Terceiro, virou o papel-vegetal e esfregou a ponta do lápis em todo o verso.



Quarto, pegou uma folha de papel em branco na gaveta e pôs o papel-vegetal sobre ela.



Quinto, traçou com força os contornos das letras com o lápis, de modo que as palavras aparecessem no papel em branco.

Por último, pôs a folha de papel na máquina de escrever e começou a martelar as teclas.

Depois de datilografar por um tempo, a Srta. Porcina examinou o resultado com satisfação. Em seguida, amassou o papel original e o jogou na fogueira. Riu sozinha enquanto observava a bola de papel queimar, colocando o charuto mais uma vez na boca.

O que raios a Srta. Porcina estava tramando?

Enquanto observava do parapeito, intrigado, o menino escorregou, precisando se segurar rapidamente para não cair.



De repente, a enfermeira-chefe ergueu os olhos, como se tivesse ouvido algo do lado de fora. Jack se espremeu contra a parede para sair de vista. A mulher se levantou da poltrona de couro e caminhou até a janela. Pressionou o nariz arrebitado no vidro, deixando-o ainda mais achatado do que já era, e espiou a escuridão lá fora...

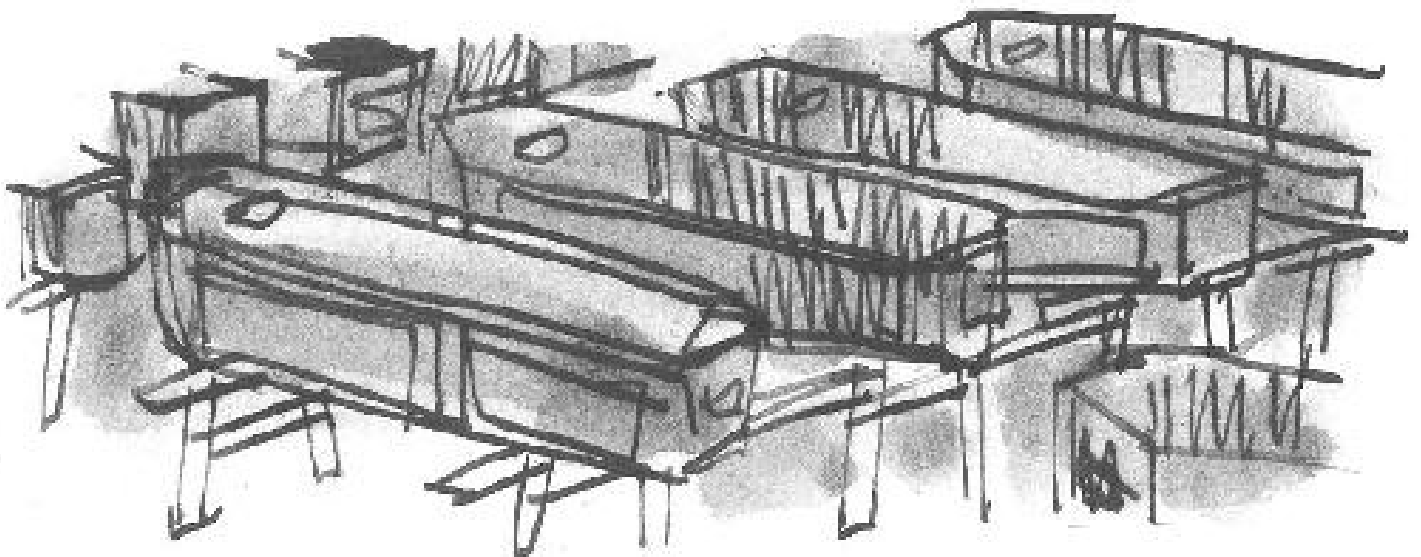
Escondido em um bigode

Jack permaneceu imóvel, sem ousar respirar. Enquanto olhava pela janela do escritório, no alto do **TORRES DO CREPÚSCULO**, a enfermeira-chefe ficou tão perto de Jack que o menino pôde sentir o cheiro do charuto. Ele sempre detestara qualquer tipo de fumo, e sua garganta começou a coçar. *Não tussa!*, implorou a si mesmo. *Por favor, por favor, por favor, não tussa!*

Depois de ouvir o silêncio por um tempo, a enfermeira-chefe balançou a cabeça com desinteresse. Por fim, fechou as pesadas cortinas de veludo preto, de modo que nem uma alma veria o lado de dentro do cômodo.

O primeiro impulso de Jack foi correr para casa e contar aos pais que achava que a enfermeira-chefe estava tramando alguma coisa ruim. Mas hesitou: ele mentira, dizendo que ia para um clube de xadrez depois da aula. Além disso, as chances de sua mãe ou seu pai acreditarem nele eram pequenas. Já estavam convencidos de que o **TORRES DO CREPÚSCULO** era o melhor lugar para vovô.

Então, o menino seguiu devagar pelo parapeito estreito até a janela seguinte. As luzes lá dentro estavam apagadas, mas mesmo na escuridão Jack conseguiu identificar algo assustador: fileiras e mais fileiras de caixões!

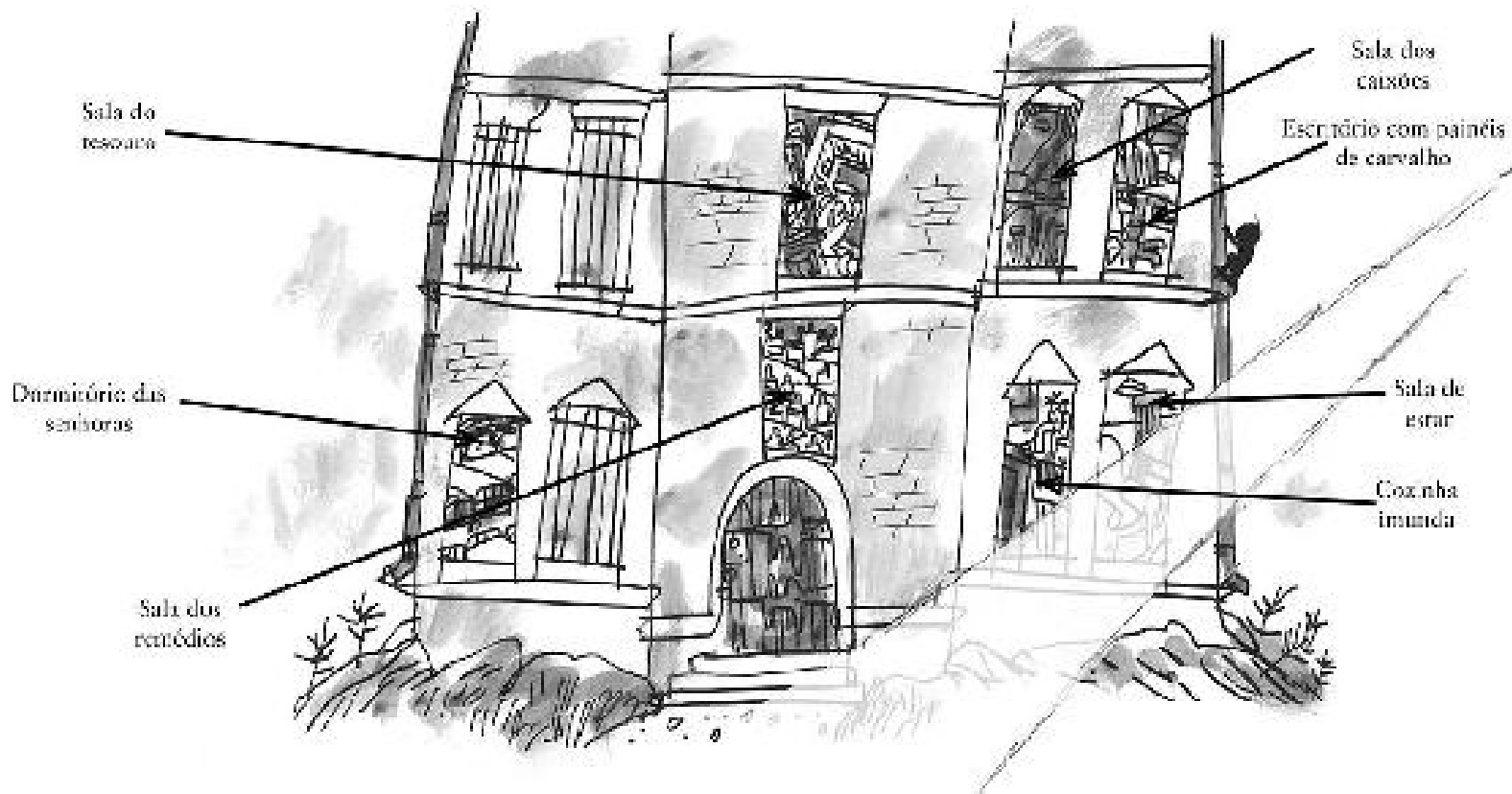


Ainda esgueirando-se pelo parapeito, Jack espiou o cômodo seguinte. A luz estava acesa e, à

primeira vista, a sala parecia uma loja de antiguidades. Era cheia do chão ao teto de pinturas, vasos e relógios antigos. Todos os objetos pareciam valiosos, e duas enfermeiras arrastavam para dentro um espelho antigo, de moldura dourada e aspecto caro, e o apoiavam à parede. De onde estavam vindo todas aquelas coisas?



O fecho de um holofote passou por aquela área, perigosamente perto de Jack, que se deslocou para a lateral do prédio o mais rápido possível, se escondendo.



Subindo pela calha congelada até o andar seguinte, os dedos de Jack começaram a ficar congelados. Ainda assim, ele seguiu em frente com coragem e espiou pela janela mais próxima. Era outro alojamento, ainda maior que o primeiro. Deitados em camas pequenas demais para eles, velhinhos aglomeravam-se em fileiras e mais fileiras. Como no dormitório feminino, os idosos estavam imóveis, em sono profundo. Jack examinou cada um dos rostos, desesperado para achar o avô. Precisava saber se a pessoa que mais amava no mundo continuava viva e bem.

Olhou as fileiras de cama de cima a baixo até encontrar aquele inconfundível bigode da Força Aérea Britânica. Vovô! Seus olhos estavam bem fechados e, assim como todos os outros, ele parecia em um sono muito, muito pesado.



Jack se segurou nas barras de metal diante da janela com uma das mãos para se equilibrar. Então enfiou a outra pela grade e tateou as bordas da janela com a ponta dos dedos para ver se conseguia abri-la pelo lado de fora.

Como era de esperar, assim como todas as outras janelas ou portas daquela fortaleza, estava trancada.

Jack tinha chegado tão longe que não poderia ir embora sem ao menos tentar falar com o avô. Sem saber ao certo o que fazer, o menino começou a bater na janela.

TAP TAP TAP.

Baixinho a princípio, depois cada vez mais alto.

TAP TAP TAP.

De repente, um dos olhos bem fechados do vovô se abriu. Então, o outro. Jack socou a janela com ainda mais força, e o velho se sentou depressa na cama, com as costas eretas. Usava um pijama puído que parecia de segunda, terceira ou até de quarta mão. Ao ver o neto do lado de fora da janela, abriu um sorriso. Depois de dar uma olhada rápida para a esquerda e para a direita, verificando se a barra estava limpa, vovô foi até a janela na ponta dos pés.

De dentro, ele conseguiu abrir uma fresta para que os dois pudessem se comunicar.

— Líder de esquadrão! — sussurrou vovô, cumprimentando o neto com a mesma

continência de sempre.

— Comandante! — disse o menino enquanto se agarrava à grade da janela com uma das mãos e prestava continência com a outra.



— Como pode ver, o inimigo me trancou aqui no Castelo de Colditz, o campo de prisioneiros de guerra mais bem protegido que existe!

Jack não contradisse o avô. Quebrar a ilusão só iria confundi-lo. Para falar a verdade, o

TORRES DO CREPÚSCULO parecia muito mais um campo de prisioneiros de guerra do que um lar de repouso para idosos.

— Sinto muito, senhor.

— Não é sua culpa, Bunting. Essas coisas acontecem na guerra. Deve haver um jeito de escapar, mas, droga, eu ainda não descobri como.

Jack olhou para atrás do avô, para todos os velinhos apagados, e perguntou:

— Como o senhor está acordado se todo mundo está ferrado no sono?

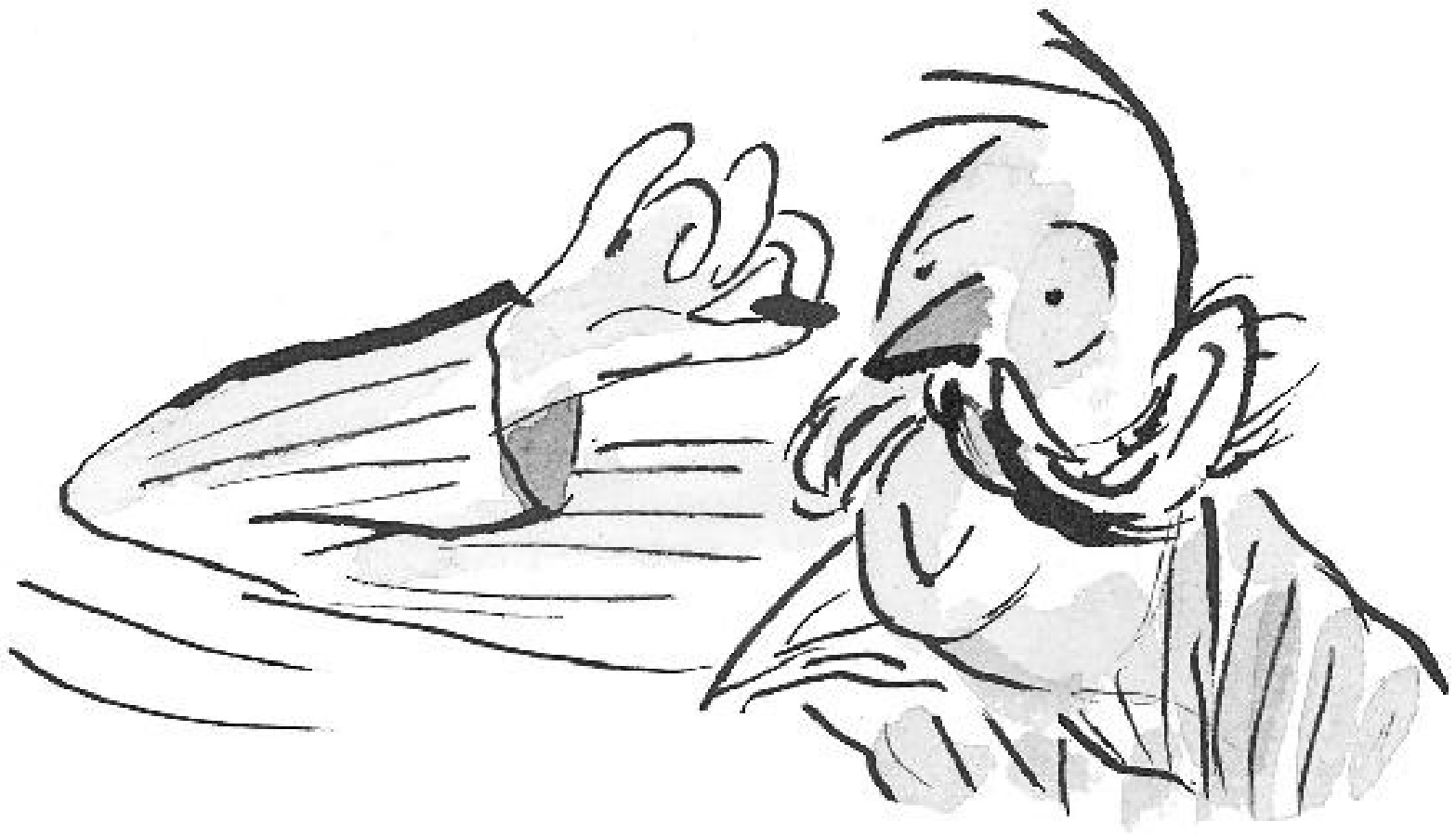
— Ha-ha! — Vovô deu uma risada maligna. — Os guardas nos obrigam a tomar comprimidos e os distribuem como se fossem balas. Um é suficiente para derrubar um homem.

— Como conseguiu não engolir o seu?

— Os guardas ficam parados na sua frente até terem certeza de que você os tomou. Coloquei o meu na boca e fingi engolir. Quando seguiram para o prisioneiro seguinte, cuspi o remédio e escondi no bigode.



Ele pescou dois comprimidos coloridos de debaixo dos fios grossos.



Vovô era engenhoso mesmo!

Uma vez herói, sempre herói, pensou Jack.

— Você é brilhante, comandante — elogiou o menino.

— Obrigado, líder de esquadrão. Estou muito satisfeito de vê-lo aqui. Agora podemos botar meu plano em ação. Quanto antes, melhor.

Jack ficou intrigado.

— Que plano, comandante?

O avô olhou para ele e sorriu.

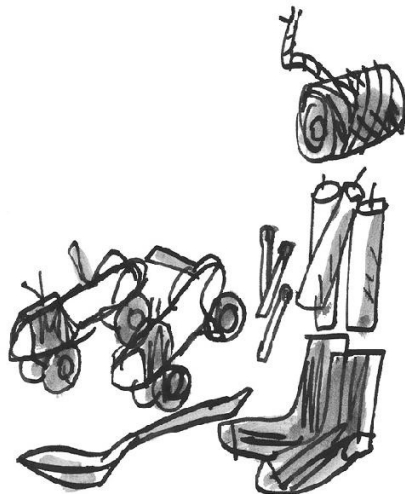
— O plano de fuga, é claro!

Mais meias ainda

Como parte do plano, o velhinho entregou ao neto uma lista repleta de itens que precisavam ser contrabandeados para o **TORRES DO CREPÚSCULO**. Lendo-a na cama aquela noite, Jack nem imaginava como vovô planejava usar aquelas coisas na fuga.

A lista era a seguinte:

- Confeitos coloridos de chocolate
- Barbante
- Meias
- Elásticos
- Latas vazias
- Mapa
- Mais meias
- Fósforos
- Colher
- Bandeja de chá
- Velas
- Patins
- Mais meias ainda



Providenciar os doces de chocolate era fácil. Na manhã seguinte, Jack fez uma visita à banca do Raj a caminho da escola e descobriu que havia um estoque abundante. E mais: Jack estava com sorte, pois os chocolates multicoloridos estavam até em promoção. Trinta e oito pacotes pelo preço de trinta e sete.

Jack pescou latas vazias na lixeira de casa e as lavou na pia.

Os patins, ele encontrou no brechó de caridade local.

Coletou elásticos, barbante, uma colher, velas e fósforos espalhados pela casa e em diversas gavetas e armários.

Assim como as meias. Papai deixava várias sem par jogadas por aí, e Jack tinha certeza de que ele não sentiria falta delas.

Ninguém sabe como as meias desaparecem. É um dos maiores mistérios do Universo. Ou elas são sugadas por um buraco negro onde o tempo e o espaço não existem ou ficam presas no fundo da máquina de lavar. De qualquer modo, o pai de Jack tinha muitas.

A bandeja de chá foi o objeto mais difícil de tirar da cozinha sem ninguém notar, por causa do tamanho. Jack teve que enfiar a bandeja na parte de trás da calça e puxar o moletom por cima. Não ficava ruim quando o menino estava parado, mas, assim que tentou caminhar, pareceu um robô.



* * *

Depois de passar o dia juntando os itens da lista do vovô, Jack se sentou na cama de cima do

beliche e esperou o céu escurecer. Quando os pais, sem suspeitar de nada, acharam que o filho estava dormindo pesado, ele seguiu o exemplo do avô e fugiu pela janela do quarto.

A lua estava baixa. As sombras das árvores se estendiam através do terreno do **TORRES DO CREPÚSCULO**. Jack precisou ser muitíssimo cuidadoso para não ser visto enquanto escalava o salgueiro-chorão e saltava para o outro lado do muro por meio de outro de seus galhos suspensos. Ele rastejou pela grama e depois escalou a calha até o alojamento masculino.

Assim que o menino chegou à janela, o avô anunciou, triunfante:

— Vou cavar um túnel de fuga!

Como na noite anterior, Jack se esforçava para manter o equilíbrio no parapeito estreito na lateral do prédio. Por causa das grades externas, a janela só abria um pouco. Enquanto falavam, Jack passou todos os objetos da lista do vovô pela fenda estreita.

— Cavar? — O menino não estava convencido de que era uma boa ideia. — Com o quê?

— Com a **colher**, é claro, líder de esquadrão!

Com uma colher?!

— O senhor vai cavar um túnel com uma colher? — perguntou Jack, sem acreditar no que estava ouvindo. — Quer cavar todo o caminho através das paredes usando uma colher?

— Sim, Bunting! — respondeu vovô do outro lado da grade. — Começarei esta noite.

Preciso recuperar o Spitfire e ir *Para o céu e além* sem demora. Assim que você for embora, vou descer escondido até o porão e começar a escavar o chão de pedra.



Jack não queria acabar com as ilusões do avô, mas era óbvio que o plano estava fadado ao fracasso. Seriam necessários anos só para atravessar o chão do porão. Ainda mais usando só uma mísera colher. Não era nem uma colher especialmente grande.

— Você se lembrou das latas? — prosseguiu o avô.

Jack levou a mão ao bolso interno do casaco e passou duas latas de feijão vazias pela fresta.

— Claro, senhor. Para que vai usá-las? — perguntou o menino.

— **Baldes, Bunting! Baldes!** Vou enchê-las com toda a terra que escavar com a colher, depois transportá-las para fora do túnel usando um sistema de polias.

— Ah, então é para isso que serve o barbante!

— Isso mesmo, líder de esquadrão. Você entendeu bem!

— Mas o que o senhor vai fazer com toda a terra?

— Esse detalhe é o pulo do gato, meu velho. É aí que entram as meias.

— As meias? Não estou entendendo, senhor — disse o menino enquanto levava a mão ao bolso e sacava um punhado de meias velhas do pai.

— Tem um buraco nesta aqui! — reclamou vovô ao examinar uma delas.

— Desculpe, senhor. Eu não sabia para que iam servir.

— Vou lhe contar, líder de esquadrão — prosseguiu vovô. — Quando amanhecer, vou botar toda a terra que tirei durante a noite dentro das meias. Aí vou amarrar um elástico no alto de cada uma e depois esconder a meia com terra, ou “meia de terra”, como serão conhecidas a partir de agora, dentro da calça. Ao final, pedirei ao *Kommandant* que me deixe encarregado do trabalho no jardim.

— *Kommandant*? — Jack estava intrigado.

— Sim, preste atenção! O administrador deste campo de prisioneiros.

A enfermeira-chefe!, pensou Jack.

— Claro, senhor, entendi.

— Quando estiver nos canteiros de flores, depois que me assegurar de que os guardas não estejam olhando, vou tirar os elásticos das meias e pronto! Soltarei a terra! Então vou misturá-la ao solo pisoteando o chão feito um pinguim.



Para ilustrar aquela parte específica do plano, vovô caminhou com passos de pinguim pelo alojamento.

— Isso ainda não explica a bandeja de chá e os patins, senhor — disse Jack.

— Já vamos chegar lá, Bunting! O objetivo é prender os patins na parte inferior da bandeja de chá e usá-la para viajar de um lado para outro do túnel, deitado de costas.

— Nossa, o senhor realmente pensou em tudo.

— É genial, Bunting. **GENIAL!** — exclamou vovô, um pouco alto demais.

— Precisa tomar cuidado para não acordar os outros, senhor — sussurrou o menino, apontando para as fileiras de idosos adormecidos no alojamento.

— Uma bomba não acordaria essa gente, meu velho. Os comprimidos que os guardas nos dão são fortes o bastante para derrubar um rinoceronte. Meus colegas prisioneiros de guerra só ficam acordados por menos de uma hora por dia. Tomam uma tigela rápida de sopa aguada, depois voltam direto para a cama!

— É aí que entram os confeitos de chocolate! — adivinhou o menino.

— Correto, líder de esquadrão! Não tenho como esconder esses malditos comprimidos no bigode para sempre. O *Kommandant* ficou desconfiado.

— É mesmo, senhor?

— Sim, ele quer saber por que eu fico tão mais acordado que todos os outros. Os guardas dobraram minha dose e passaram a me observar como falcões na hora do remédio. Por isso, planejo invadir a farmácia e trocar os comprimidos por chocolate. Cortar o fornecimento! Aí não haverá problemas em engoli-los. Na verdade, sou bem chegado a esses confeitos de chocolate.

Jack tinha que reconhecer: o plano do avô era brilhante e ousado. Mas, do parapeito estreito onde estava, o menino observou o terreno do **TORRES DO CREPÚSCULO**. O muro do perímetro ficava a pelo menos cem metros dali. O avô precisaria de uma vida inteira para cavar toda aquela distância, ainda mais quando suas únicas ferramentas eram uma colher, algumas meias velhas e uma bandeja de chá amarrada a um par de patins.

E vovô não tinha mais uma vida inteira.

Jack teria que ajudar.

Mas não fazia ideia de como.

Algo maligno, algo assustador

Era domingo, dia em que a enfermeira-chefe permitia visitas ao **TORRES DO CREPÚSCULO**. Que não duravam nem uma hora. Só quinze minutos. Das três às três e quinze. E, como Jack descobrira mais cedo, se tentasse ver seu parente em qualquer outro horário, as enfermeiras o expulsavam.

A família permaneceu em silêncio durante quase toda a viagem até lá.

No assento do motorista, o pai de Jack olhava fixamente para a frente, sem dizer uma palavra. Do banco de trás, o menino tinha vislumbres dos olhos do pai pelo espelho retrovisor. Estavam úmidos de lágrimas.

No banco do carona, a mãe de Jack não parava de tagarelar, querendo preencher o silêncio. Ela usava frases feitas, do tipo a que as pessoas recorrem quando tentam convencer a si mesmas de algo que sabem que não é verdade. Expressões como “É melhor assim”, “Acho que ele está muito mais feliz do que quando estava em casa” e até “Com o tempo, sei que ele vai aprender a amar esse lugar”.

O menino precisou se segurar para manter a boca fechada. Os pais não faziam ideia de que ele já visitara duas vezes o **TORRES DO CREPÚSCULO** em segredo. Mas, apesar de não achar que os pais fossem acreditar em suas suspeitas de quão horrível era aquele lugar, Jack esperava que, quando eles realmente entrassem no **TORRES DO CREPÚSCULO**, talvez começassem a enxergar as coisas da mesma maneira que ele.

O carro parou aos solavancos diante dos portões de metal e papai saiu para abri-los. No último instante, Jack se lembrou do choque elétrico que recebera antes e gritou:

— Só toque a campainha!

O pai pareceu intrigado, mas seguiu a sugestão do menino. De maneira lenta e ruidosa, os portões começaram a se abrir. Papai voltou para o carro, e eles entraram.

Os pneus carecas derraparam no caminho de cascalho. Quando o carro deslizou para o lado, o **TORRES DO CREPÚSCULO** assomou à vista.

— Bem, parece muito, hum, simpático — disse mamãe.

Assim que o carro parou diante da porta, papai desligou o motor. Os ouvidos de Jack se aguçaram, e ele ouviu uma música vindo lá de dentro. Reconheceu qual era na mesma hora.

ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ ŁÁÁ 𠂇

Era “Baile dos passarinhos”, uma canção tão irritante que, quando entrava na cabeça, nunca mais saía.

ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ ŁÁÁ 𠂇

Pouco tempo antes, a gravação tinha feito muito sucesso, conquistando o primeiro lugar nas paradas.

ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ 𠂇

A música tocara repetidas vezes em todos os casamentos, festas e aniversários infantis do país inteiro.

ŁÁ-ŁÁ ŁÁ-ŁÁ 𠂇

O “Baile dos passarinhos” deveria ser *PURA DIVERSÃO!*

ŁÁ-ŁÁ-ŁÁ ŁÁÁÁ, ŁÁ-ŁÁÁÁ, ŁÁ-ŁÁÁ ŁÁÁ 𠂇

Mas aquilo não era divertido. Era uma tortura.

ŁÁ-ŁÁ-ŁÁ ŁÁÁ, ŁÁ-ŁÁ-ŁÁ-ŁÁ-ŁÁ ŁÁÁ! 𠂇

Para a surpresa de Jack, a enfermeira-chefe saiu pela porta da frente usando um chapéu de festa.

— Bem-vindos, bem-vindos, bem-vindos! — exclamou, com uma voz alegre que ficava tão estranha nela quanto o chapeuzinho ridículo em sua cabeça.

O olhar da Srta. Porcina voltou-se para o menino. Ela o fitou de cara feia sem que os pais percebessem. A intenção era clara. Crie algum problema, e vai haver **PROBLEMA.**

— Entrem, entrem!



A enfermeira-chefe conduziu a família para dentro. A primeira coisa que Jack notou com seus olhos de águia foi um aviso na parede, semiescondido atrás de itens de decoração de festa. Nele estava escrito:

REGRAS DO TORRES DO CREPÚSCULO

Por ordens da enfermeira-chefe, a Srta. Porcina:

- **TODOS OS OBJETOS PESSOAIS** como joias, relógios, itens de valor etc. devem ser entregues no escritório da enfermeira-chefe no momento da chegada.
- Todas as enfermeiras são altamente treinadas e devem ser **OBEDECIDAS** o tempo todo.
- **SILÊNCIO!** Não fale a menos que um membro da equipe se dirija a você.

- NÃO reclame do chá. Sabemos que tem gosto de água de banho com XIXI. É porque é isso mesmo.
- As luzes serão apagadas às 17h EM PONTO. Qualquer um pego acordado depois desse horário tão avançado vai ficar responsável pela limpeza de privadas, munido apenas de uma escova de dentes.
- A HORA DO BANHO é na primeira segunda-feira do mês. A água deve ser compartilhada por todos os internos.
- Os aquecedores devem permanecer DESLIGADOS o tempo todo. Se estiver com frio, comece a SALTITAR.
- Qualquer bolo, biscoito, chocolate etc. trazido por visitantes deve ser entregue a uma enfermeira IMEDIATAMENTE.
- Deve-se utilizar apenas um pedaço de PAPEL HIGIÊNICO a cada ida ao banheiro. Isso vale tanto para o número dois quanto para o número um.
- Você TEM QUE tomar os remédios. Se deixar de engolir os comprimidos, todas as pessoas de seu alojamento serão CASTIGADAS por toda a ETERNIDADE.
- É absolutamente PROIBIDO ASSOVIAR ou CANTAROLAR.
- UM PENICO por alojamento – favor NÃO pedir mais.
- TODAS AS REFEIÇÕES servidas, por mais RANÇOSAS que estejam, devem ser comidas. Qualquer RESTO deixado voltará para você na refeição seguinte.
- É PROIBIDO olhar a enfermeira-chefe nos olhos e falar diretamente com ela.
- É obrigatório usar pijamas e camisolas o dia INTEIRO.
- É PROIBIDO sair da propriedade. Quem tentar, será ACORRENTADO à cama.
- Se tiver alguma RECLAMAÇÃO, escreva e deposite na caixa de reclamações. A caixa é esvaziada toda sexta-feira à tarde e os papéis são queimados.

TENHA UMA ÓTIMA ESTADIA.

A mãe não viu a placa, apenas os balões e as fitas coloridas que tentavam escondê-la. Isso a levou a perguntar:

— Ah! Estão dando uma festa hoje, enfermeira-chefe?

— Bem, sim e não, Sra. Bunting. É sempre festa aqui no **TORRES DO CREPÚSCULO!** —

mentiu a Srta. Porcina. — Por favor, venham para a sala de estar e juntem-se a toda essa d-d-diversão.

Jack percebeu que “diversão” não era uma palavra que a Srta. Porcina tinha facilidade em dizer. Na verdade, ela a cuspiu como se fosse veneno. Era uma vergonha que nem mamãe nem papai percebessem como aquela mulher era do mal.

O “Baile dos passarinhos”, felizmente, chegava ao fim. Mas, assim que acabou, uma enfermeira corpulenta levantou a agulha do toca-discos e a canção voltou a tocar desde o início.

LÁ-LÁ LÁ-LÁ LÁ-LÁ LÁÁÁ ♪

A sala de estar estava cheia de idosos e ainda mais enfermeiras.

À primeira vista, os internos pareciam estar se movendo alegremente ao ritmo da música.

— Não é maravilhoso, Barry? — disse mamãe. — Todos os velhinhos estão se divertindo pra valer!

Papai assentiu de leve. Mas não estava realmente ouvindo. Seus olhos examinavam a sala à procura do pai.

— Bem, Sra. Bunting... — começou a Srta. Porcina.

— Pode me chamar de Bárbara, ou Babs, para facilitar — respondeu mamãe.

— Bem, Babs — recomeçou a enfermeira-chefe. — Odeio me gabar, mas todo mundo

concorda que o que torna o **TORRES DO CREPÚSCULO** tão especial é como todos os meus velhinhos são felizes. Na minha opinião, isso se deve à atmosfera divertida que temos aqui! A

gente com certeza saber fazer uma **FESTA!**



Jack odiou o modo como aquela mulher maligna estava conquistando sorrateiramente a confiança da mãe.

— Ah, só uma coisinha — disse a enfermeira-chefe de forma abrupta. — Sr. Bunting?

— Sim?

— O senhor trouxe o testamento do seu pai, como eu pedi?

— Ah, sim, Srta. Porcina, está bem aqui.

Papai levou a mão ao bolso interno do paletó, pegou um envelope e o entregou a ela.

DING!

Então era isso que a enfermeira-chefe estava tramando no escritório, concluiu Jack de repente.

Ele se deu conta do que a mulher maligna estava fazendo com o papel-vegetal. Estava reescrevendo os testamentos dos idosos e forjando suas assinaturas, sem dúvida para se tornar a única herdeira de suas fortunas. Isso também explicava a sala misteriosa cheia de tesouros.

Aquilo era fraude, e das brabas.

— Obrigada! Só preciso mantê-lo aqui no escritório por segurança.

— Mamãe! Papai! — exclamou Jack.

Ele precisava lhes contar.

— Por favor, fique quieto por um instante, filho. A simpática enfermeira-chefe está falando!

— insistiu mamãe.

— Sim, pode guardá-lo para nós, por favor, enfermeira-chefe — prosseguiu papai. — Muito obrigado.

Nesse momento, ao olhar de um lado para outro da sala, desesperado, o menino se deu conta de outra coisa.

ALGO MALIGNO.

ALGO ASSUSTADOR.

ALGO TÃO SINISTRO QUE GELOU SEUS OSSOS.

Bonecos

Jack notou que nenhum dos idosos na sala de estar se mexia por conta própria.

Na verdade, as enfermeiras musculosas do **TORRES DO CREPÚSCULO** estavam manipulando todos eles, como se fossem ventríloquos com bonecos. Um senhor com um aparelho auditivo que apitava alto parecia bater palmas ao ritmo da música. Mas, olhando bem, dava para perceber que a enfermeira Rosa estava segurando as mãos dele.

Uma senhora aparentemente balançava a cabeça conforme a melodia. Olhando de novo, dava para ver que era a enfermeira Flora que a movimentava.

Um terceiro idoso de nariz vermelho e monóculo passava a impressão de ser um campeão de dança de salão. O homem baixinho girava uma enfermeira alta pela sala de estar como se estivesse em uma pista de dança. Mas... será que girava mesmo? Examinando com atenção, via-se que era a enfermeira Violeta quem conduzia, carregando-o nos braços. Seus chinelos arrastavam no chão, os olhos estavam fechados e ele roncava alto.

Além da família Bunting, havia outros visitantes no **TORRES DO CREPÚSCULO** naquela tarde. Afinal, eram os únicos quinze minutos da semana em que pessoas de fora podiam entrar. Entre eles, um idoso usando óculos fundo de garrafa aparentava estar visitando a esposa. A mulher era pequenina feito um passarinho. O casal estava jogando damas, mas, na verdade, uma das enfermeiras mais gordas, a enfermeira Tulipa, tinha enfiado os braços pelas mangas do cardigã da senhora e estava movendo as peças por ela. Jack só percebeu isso ao notar a senhora com mãos peludas e enormes.



Também havia algumas criancinhas sentadas com uma senhora bem gorda que devia ser a avó. A mãe das crianças tinha uma expressão totalmente desinteressada enquanto folheava uma revista com as pontas amassadas. Parecia que a velhinha estava acariciando a cabeça das crianças, mas Jack percebeu uma linha de pesca presa às mãos dela. Com o olhar, o menino seguiu a linha, que reluzia um pouco contra a luz. O fio se estendia através da sala e terminava atrás de uma cortina. Ali, escondida, havia outra enfermeira, a enfermeira Jacinta, com uma vara de pesca. Ela usava o instrumento para mexer a mão da senhora para cima e para baixo.

Isto é bizarro, pensou Jack. Sem dúvida, a Srta. Porcina montava aquele show absurdo toda tarde de domingo só para os visitantes do **TORRES DO CREPÚSCULO**.

Aquilo podia enganar a maioria das pessoas, mas não a Jack.

— Srta. Porcina, cadê meu avô? — perguntou o menino. — O que a senhora fez com ele?

A enfermeira-chefe apenas sorriu para o menino.

— Assim que vocês chegaram, mandei buscar seu avô. Imagino que ele vá se juntar a nós a qualquer momento...

Bem naquele momento, a porta da sala de estar se abriu. Vovô estava em uma cadeira de rodas muito velha, empurrada pela enfermeira Margarida, aquela do dente de ouro e da tatuagem de caveira no braço. Ele parecia dormir profundamente.

Ah, não, pensou o menino. *Devem ter feito vovô tomar os comprimidos à força para dormir, no fim das contas*. Enquanto a enfermeira Margarida empurrava vovô até deixá-lo diante da TV tremeluzente, Jack correu até ele. Sabendo da ligação especial entre os dois, a mãe e o pai ficaram para trás por um instante.



O menino segurou firme a mão do avô.

— O que fizeram com você? — perguntou em voz alta, sem esperar resposta.

No entanto, vovô abriu um dos olhos, examinando o cômodo ao redor antes de focar no neto.

— Ah, aí está você, líder de esquadrão! — sussurrou ele. — Veio disfarçado, não é?

Com uma leve hesitação, o menino assentiu.

— Sim, comandante.

— Que belo show. Preciso dizer, os confeitos de chocolate funcionaram muito bem!

Ele deu uma piscadela e o neto não conseguiu reprimir um sorriso. Vovô tinha enganado a todos!



O senhor olhou de um lado a outro da sala antes de completar:

— Então, líder de esquadrão, o que acha de dar um pulo lá fora para fazer um pouco de... “jardinagem”?

Jack entendeu muito bem a mensagem e deu uma piscadela em resposta.



Pinel

A Srta. Porcina observou com olhos de falcão enquanto vovô e Jack deixavam a sala de estar juntos. Como era dia de visita no **TORRES DO CREPÚSCULO**, a porta da frente ficava destrancada, e a dupla saiu em direção ao jardim. Os pais de Jack ficaram na sala aquecida, olhando os dois pela janela.

Assim que estavam a uma distância segura do prédio principal, vovô passou algumas meias cheias de terra para Jack, instruindo-o a enfiá-las dentro da calça, uma em cada perna. Assim que chegaram ao deprimente canteiro de flores (que, na verdade, não passava de uma faixa de terra com alguns bulbos de flores para fora), o menino imitou o avô. Com passos oscilantes como os de pinguins, primeiro vovô e depois Jack tiraram os elásticos e viraram as meias para baixo. A terra deslizou pelas pernas deles e saiu pelas bocas das calças. Após verificar que as enfermeiras nas torres de observação não vigiavam, os dois pisaram na terra nova para assentá-la no solo do canteiro.

— Essa foi **TODA** a terra retirada na noite passada, comandante? — perguntou o menino.

— Positivo, líder de esquadrão — respondeu vovô, com orgulho.

Jack baixou os olhos para o pequeno montinho de terra. Não correspondia a mais do que algumas latas. Naquele ritmo, o túnel só ficaria pronto em 2083.



— O problema é que... — começou o menino, mas hesitou, por medo de magoar o avô.
— **Desembuche, homem!**— exigiu vovô.



— Bem, é que tenho medo de que o túnel demore uma eternidade para ficar pronto, se esse for o máximo de terra que você consegue escavar em uma noite.

O velho olhou para o menino com desdém.

— Você alguma vez já tentou cavar um chão de pedra usando apenas uma colher?

Jack nem precisou pensar para responder. Como a maior parte das pessoas no mundo, o menino nunca foi tolo a ponto de tentar realizar uma tarefa dessas.

— Não.

— Bem, deixe-me elucidar: é extremamente difícil! — exclamou vovô.

— Como posso ajudá-lo a melhorar o plano de fuga, então?

O velho pensou por um instante.

— Pode contrabandear uma colher maior?

— Com todo o respeito, comandante, não acho que o tamanho da colher vá fazer muita diferença.

— Vou tentar qualquer coisa para sair deste campo de prisioneiros de guerra infernal. Como oficial britânico, é meu dever escapar. Prometa que me trará outra colher amanhã à noite! — exigiu vovô.

— Uma colher de sopa?

— Essa é uma tarefa importante, rapaz. Preciso de uma concha!

— Prometo, senhor — murmurou Jack.

— Líder de esquadrão, a única coisa que me mantém são aqui é a ideia de voltar ao meu Spitfire.

Naquele momento, as suspeitas da Srta. Porcina devem ter levado a melhor, pois ela saiu correndo do prédio. A mulher cambaleou pelo jardim em suas botas de salto alto, a capa tremulando às costas. Duas de suas ajudantes sinistras a acompanhavam, a enfermeira Rosa e a enfermeira Flora. As duas eram tão grandes e musculosas que mais pareciam seguranças da enfermeira-chefe. Mais atrás vinham mamãe e papai, arquejantes, se esforçando para acompanhá-las.

— Está fazendo jardinagem, é? — perguntou a enfermeira-chefe, com a voz tomada de desconfiança.

— Isso mesmo. Apenas cuidando dos canteiros, *Kommandant!* — gritou vovô.

— *Kommandant?! —* repetiu a Srta. Porcina. — Esse velho boboca acha que está em um campo de prisioneiros de guerra!

A enfermeira-chefe deu uma gargalhada. As outras duas foram um pouco lentas para entender, mas, após um instante, se juntaram a ela com suas risadas.

— HA HA HA!

Quando mamãe e papai chegaram ao canteiro, a Srta. Porcina se dirigiu aos dois por um momento.

— Ai ai, é preciso ter um bom senso de humor para trabalhar aqui no **TORRES DO CREPÚSCULO!**



— A senhora com certeza tem, chefe — respondeu a enfermeira Rosa com sua voz rouca.

— Muitos de meus velhinhos já ficaram gagás. Mas “vovô” aqui é o mais gagá de todos.

— Como ousa falar isso?! — vociferou o menino.

— Não seja rude com a gentil enfermeira-chefe, meu filho — disse mamãe.

— Olhem para ele! — exclamou a enfermeira-chefe. — Este homem está pinel!

— Não, *Kommandant*, meu nome não é “Pinel”, é Bunting! — corrigiu vovô. — Acho que há um tenente Pinel no Esquadrão 501, em Gloucester.

— Minha nossa — murmurou a enfermeira-chefe. — Bem, está ficando muito frio aqui fora, não acham?

— Sim, senhora — concordou papai, que, por ser tão magro, estava tremendo ligeiramente

de frio.

— Enfermeiras, vocês fariam a gentileza de ajudar o pobre Sr. Bunting a voltar para dentro?

— ordenou a Srta. Porcina.

— É comandante Bunting! — protestou vovô.

— Sim, sim, é claro que é! — respondeu a Srta. Porcina, com sarcasmo.

Juntas, as enfermeiras Rosa e Flora pegaram o idoso pelos tornozelos. Carregando-o pendurado de cabeça para baixo, as duas marcharam de volta para o prédio.



— Soltem meu avô! — gritou o menino.

— Elas precisam mesmo carregá-lo desse jeito? — indagou papai.

— É bom para a coluna! — respondeu a enfermeira-chefe com alegria.

Jack não aguentou mais assistir àquilo e pulou nas costas de uma das enfermeiras. Ela o enxotou como se fosse uma mosca.

— Jack! — exclamou mamãe, puxando-o para trás pelo braço.

— Fique sabendo que não vou abrir a boca, *Kommandant!* — gritou

vovô enquanto era levado embora. — Prefiro morrer a trair o rei e o país.

— *Kommandant!* Essa é boa! Ha-ha-ha! — disse a enfermeira-chefe antes de olhar o relógio. — Bem, vamos todos entrar para aproveitar a festa. Ainda restam dois minutos de visita!

A enfermeira-chefe gesticulou para que mamãe e papai fossem na frente.

— Por favor, vocês primeiro, Bárbara e Barry.

Então se demorou por um instante para ficar a sós com Jack.

— Sei que você está tramando alguma coisa, criancinha asquerosa... — sibilou ela. — Vou ficar de olho em você.

Um **calafrio** percorreu a espinha do menino.

Corda de calcinhas

Na noite seguinte, Jack estava sentado na cama de cima do beliche, em seu quarto. Embaixo do travesseiro, tinha escondido uma concha surrupiada do refeitório da escola na hora do almoço. Ele a enfiara na calça, o que o fez mancar como se tivesse uma perna de pau.

Com os modelos de avião do teto do seu quarto sobrevoando sua cabeça, o menino se sentia péssimo. Havia prometido ao avô que faria outra visita secreta ao **TORRES DO CREPÚSCULO** naquela noite. Entretanto, mesmo com uma colher maior, vovô não tinha praticamente nenhuma chance de escapar. Jack só continuava com toda aquela farsa para não destruir as esperanças do avô. Porque, sem esperança, ele não teria nada. *Será que vovô poderia viver seus últimos dias cavando aquele túnel e sonhando com uma fuga que nunca*

chegaria?, pensou Jack. Por mais que odiasse o **TORRES DO CREPÚSCULO** e a sinistra Srta. Porcina, o menino não tinha outro plano. Falar com os pais de novo não adiantou nada. Os dois acreditavam que o filho tinha desenvolvido uma imaginação muito fértil após passar tanto tempo com o avô caduco, e aquilo soava apenas como mais uma das fantasias deles.

Por isso, pontual como um relógio, o menino esperou que anoitecesse. Depois pegou a concha e saiu pela janela. Assim que chegou ao **TORRES DO CREPÚSCULO**, porém, notou algo preocupante. A calha que ele usara antes para subir até a janela do vovô tinha sido arrancada. O metal estava caído no cascalho, despedaçado. Será que a enfermeira-chefe e seu exército de enfermeiras estavam desconfiados? Aquela era a única maneira de escalar o prédio. Com medo de cair em uma armadilha que deixasse o avô ainda mais encrencado, o menino resolveu ir embora imediatamente. No entanto, enquanto rastejava pelo pátio no caminho de volta, Jack ouviu um barulho vindo do telhado.

CRAAC...

Era o som de uma portinha de madeira se abrindo. Seria a Srta. Porcina ou uma das enfermeiras? Será que Jack tinha sido flagrado?

Ele olhou para cima e avistou uma figura saindo por uma portinhola no alto do prédio. Era vovô!



Ainda de pijama, o velhinho tentava se espremer pela portinhola. A abertura era pequena. Enquanto se esforçava para passar, a calça do pijama deslizou, deixando seu traseiro murcho à mostra.



Vovô engatinhou pelo telhado e se levantou. Assim que recuperou o equilíbrio, puxou a calça do pijama para cima.



O telhado era bem inclinado e, com o vento de inverno perverso que vinha do pântano, o velho cambaleou ao descer até a beira do telhado.

Jack chamou pelo avô tentando não gritar.

— Mas que droga você está fazendo aí em cima?

O homem pareceu intrigado por um instante, sem saber de onde vinha aquela voz.

— Aqui embaixo!

— Ah! Líder de esquadrão! Aí está você! Mas acho que você quis dizer: “Que droga o SENHOR está fazendo aí em cima?” Não vamos esquecer os bons modos só porque estamos em guerra.

— Desculpe. Que droga o senhor está fazendo aí em cima? — perguntou o menino.

— O *Kommandant* desconfiou de que algo estava acontecendo. Mandou revistar o campo inteiro, de cima a baixo. Um dos guardas encontrou o túnel que eu tinha cavado no porão. Quer dizer, quando digo túnel, me refiro aos arranhões que fiz com a colher no chão de pedra. Agora eles sabem que há um plano de fuga em andamento. Mais cedo, guardas entraram nas celas e reviraram tudo. Malditos sejam todos eles. Quebraram móveis e tombaram camas à procura de pistas.

— Encontraram a colher?

— **Não!** Eu a escondi entre as nádegas. Foi o único lugar onde não procuraram! Mas não aguentava mais segurá-la ali. Por isso, precisei bolar outro plano. Vou fugir esta noite!

— Esta noite?

— Sim, líder de esquadrão.

— Mas como o senhor vai descer daí? Está a quatro andares de altura.

— Sim, é uma pena que eu não tenha trazido o paraquedas. Mas dei um jeito de amarrar isto aqui!

Vovô voltou rapidamente à portinhola e tirou de lá algo parecido com uma corda. Olhando de perto, não era uma corda coisa nenhuma. Na verdade, eram cerca de trinta calcinhas de babados amarradas umas às outras.

— Onde conseguiu todas essas calcinhas, senhor?

— Não são minhas, líder de esquadrão. É isso que está insinuando?!

— Não, senhor! — respondeu o menino.

Mesmo assim, eram muitas calcinhas. Ou, como também podemos chamar, uma “calcinhada”.

— Encontrei todas elas penduradas para secar na lavanderia! — contou vovô. — Havia dezenas! Todas em tamanhos extragrandes. **Muito esquisito!**

Devagar, vovô começou a desenrolar a corda improvisada, até que alcançasse o chão.

Ah, não, pensou Jack. *Meu avô tão velhinho vai descer de um prédio pendurado apenas por uma corda feita de calcinhas de babado.*

— Por favor, tome cuidado, vovô, quer dizer, comandante, senhor.

Do chão, Jack observou o avô amarrar uma das pontas da corda na torre do sino, no alto

do **TORRES DO CREPÚSCULO.**

— Cuidado para o nó não se desfazer, senhor! — exclamou o menino.

O velho oficial da Força Aérea Britânica não gostava de ser desafiado daquela forma.

— Eu sei lidar com calcinhas, muito obrigado, líder de esquadrão!

Vovô deu alguns puxões na corda de calcinhas algumas vezes para ter certeza de que estava bem presa. Em seguida, segurou-a firmemente com ambas as mãos e começou a descer pela lateral do prédio. O tecido de seda era surpreendentemente forte — sustentou o peso do velhinho com facilidade.

Aos pouquinhos, ele foi deslizando até o chão.

Por um instante, parecia que ia acontecer um desastre: vovô perdeu o equilíbrio. Seu pé escorregou nos tijolos molhados, o chinelo escapou e caiu bem na cabeça de Jack.

BONC!



— Minhas sinceras desculpas, líder de esquadrão.

Jack pegou o chinelo e ficou segurando — extremamente impressionado com a força e a agilidade do velhinho — até que vovô chegasse ao chão. O menino prestou a continência de sempre e lhe entregou o calçado como se fosse uma medalha.



O homem desabotoou o pijama e revelou que estava de paletó e calça social por baixo.

— Obrigado, meu velho! — disse vovô enquanto calçava outra vez o chinelo.

Jack olhou para o terreno do **TORRES DO CREPÚSCULO**. Os holofotes faziam círculos na outra extremidade. Se fossem rápidos, teriam uma chance de alcançar o muro e a liberdade sem serem vistos.

— Certo. Precisamos partir imediatamente, senhor — sussurrou o menino.

— Ah, sim, líder de esquadrão, só tem uma coisinha.

— O que é, comandante?

— Bem, o comitê de fuga agora tem mais membros.

— Como assim, “comitê de fuga”? — perguntou Jack.

— *Pssiu!* — chamou uma voz do alto.

A dupla olhou para cima. Havia cerca de uma dúzia de velhinhos parados no telhado. Todos estavam de pijama e camisola. A cada instante, mais e mais se juntavam a eles, se espremendo para fora pela portinhola diminuta.

Aquilo havia se transformado em uma fuga em massa.

Um belo espetáculo

- Desçam em uma fila ordenada! — mandou vovô. — Um de cada vez, por favor.
Enquanto o primeiro interno idoso deslizava até o chão, Jack observou:
- Mas eu achei que davam comprimidos a todos eles para mantê-los dormindo, não?
- Sim, mas eu dividi meu chocolate.
- Bem que o senhor pediu muitos mesmo. — O menino sentiu uma súbita onda de pânico.
- Mas quantos estão fugindo esta noite?
O avô de Jack suspirou.
- Não preciso lembrá-lo, líder de esquadrão, de que escapar é o dever de todo prisioneiro de guerra britânico.
- **TODOS ELES?**



— Até o último! Pode botar a chaleira no fogo, Sr. Churchill, nós estaremos em casa para o chá!



Cada velhinho que chegava ao chão era recebido por uma continência do vovô e tirava a roupa de dormir, revelando “trajes civis” por baixo.

— Boa noite, major! — disse vovô para o senhor de nariz vermelho e monóculo. Jack o reconheceu da visita no domingo.

— Bela noite para uma fuga, comandante do ar! — respondeu o homem.

Vovô prestou continência para o próximo camarada a descer pela corda de calcinhas.

— Boa noite, contra-almirante! — disse ele.

— Boa noite, Bunting. Essa fuga está um belo espetáculo — respondeu o contra-almirante, que no passado devia ocupar uma posição muito importante na Marinha.

Ele era o homem que se encontrava na sala de estar no dia anterior com um aparelho auditivo que apitava tão alto a ponto de deixar todo mundo ao redor surdo.

— Ah, obrigado, senhor.

— Não se esqueça de tomar uma taça de champanhe comigo a bordo do navio para celebrar quando tudo isto acabar!

— Será um prazer — respondeu vovô. — Boa noite e boa sorte.

— Boa sorte para o senhor também. Então, o muro é por aqui, certo? — prosseguiu o contra-almirante, sem pressa aparente para escapar.

Jack interveio.

— Sim, senhor. É só subir naquele galho do salgueiro e escalar até o outro lado.

— Certo certo certo, vou caminhar até lá, então — respondeu o contra-almirante. — Até mais tarde.

Então prestou continência para o menino e começou a acender o cachimbo.



— Não seria melhor esperar até estar do outro lado para fumar seu cachimbo, senhor? — sugeriu Jack. — Não vai querer atrair os holofotes.

— Não não não. Claro que não. Que tolice a minha! — concordou o veterano enquanto guardava o cachimbo de volta no bolso e saía em direção à escuridão.

De repente, uma balbúrdia começou no telhado. O último fugitivo, a senhora gorda que Jack vira na véspera, tinha ficado presa na portinhola. Estava gritando por socorro lá para baixo.

— Estou presa, comandante do ar! — gritou ela.

— Ah, não! — suspirou vovô. — É Bagatela. Ela deve ser da FAAF.

— Força Aérea Auxiliar Feminina? — perguntou o menino.

— Sim, mas, em vez de mapear aeronaves inimigas, ela tem exagerado nos bolos! Eu deveria ter imaginado que ela não passaria por aquela portinha. Líder de esquadrão, fique aqui. Vou voltar lá para cima! — anunciou.

— Não, senhor! — respondeu Jack em tom de desafio. — É perigoso demais. Eu vou junto. Vovô sorriu para o rapaz.

— Esse é o espírito, líder de esquadrão!

A dupla começou a escalar a corda de calcinhas até o telhado.

— É muito mais difícil subir! — disse o idoso.



Aquela altura, as calcinhas tinham se esticado quase a ponto de arrebentarem. Vendo todos os rasgos na seda ao subir, Jack não ficou convencido de que a corda aguentaria o peso da Sra. Bagatela. Mas não havia plano B. Eles teriam que tentar.

Por fim, a dupla chegou ao telhado.

Jack e o avô pararam por um momento, olhando para a Sra. Bagatela e pensando no que fazer.

— Cada um pega um braço — disse vovô com confiança, como se fosse especialista em desentalar mulheres gordas de portinholas pequenas.

— Isso é tão embaraçoso! — declarou a Sra. Bagatela, que era assustadoramente elegante.

— E preciso usar o *quarto de banho*...

— O quê? — perguntou Jack.

— A, hum, a *latrina* — respondeu a senhora.

— O quê?

O menino não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— O..., hã, a *sentina*!

— Desculpe, mas não sei do que a senhora está falando!

— **ESTOU DESESPERADA PARA USAR A PRIVADA!**

— gritou a Sra. Bagatela com raiva.

— Ah, desculpe...

— Vai ter que esperar um momento, Bagatela — disse vovô. — Primeiro, precisamos tirá-la dessa portinhola.

— Sim! Se não se importarem!

Seu tom foi sarcástico, como se a culpa fosse do vovô. Com certeza não era culpa dele se a mulher tinha passado a vida inteira comendo bolo. Mas não havia tempo para discutir o assunto.

— Se ao menos alguém pudesse se posicionar na parte de trás e empurrar... — refletiu o idoso.

— *Ah, que encantador!* — reclamou a senhora elegante em voz alta. — O senhor me faz parecer um ônibus enguiçado!

— A senhora poderia falar baixo, por favor?! — sussurrou vovô. — Vai chamar a atenção dos guardas.

— Não vou dizer mais nem uma palavra! — respondeu a Sra. Bagatela, ainda um pouco alto demais para o gosto de Jack e do vovô.



— Pronto, líder de esquadrão? — perguntou ele.

— Pronto, senhor — respondeu o menino.

Cada um pegou um braço da senhora.

— Com força, líder de esquadrão — disse vovô. — Agora, no três, puxe. Um, dois, três,

PUXE!

Nada.

A mulher não se moveu nem um centímetro.

— Esta não é minha ideia de um passeio noturno agradável! — retrucou a Sra. Bagatela, o que não ajudou muito.

— De novo! — ordenou vovô. — Um, dois, três, **PUXE!**

Nada, ainda.

— Da próxima vez que for convidada para uma fuga, por favor, lembre-se de agradecer e recusar! — murmurou a senhora, basicamente para si mesma. — Eu só aceitei pelo chocolate de graça.

— Uma última vez! — anunciou vovô. — Um, dois, três, **PUXE!**

Porém, de algum modo, essa tentativa fez com que a Sra. Bagatela deslizesse de volta para dentro do **TORRES DO CREPÚSCULO**.

— *Bem, muitíssimo obrigada!* — reclamou ela. — Agora vou ficar presa aqui para sempre!

— Mas que droga nós vamos fazer, senhor? — suplicou Jack. — Nunca vamos conseguir soltá-la, e o tempo está se esgotando!

Roxos no bumbum

— Estou pensando, líder de esquadrão — disse vovô para Jack, ambos de pé no telhado do **TORRES DO CREPÚSCULO**. — Não quero deixar nem um único homem...

— Ou dama! — corrigiu a Sra. Bagatela.

— ... ou dama para trás. Precisamos de apoio. Deixe-me chamar o Exército e a Marinha. — Vovô foi até a beira do telhado depressa e gritou para baixo: — Major! Contra-almirante!

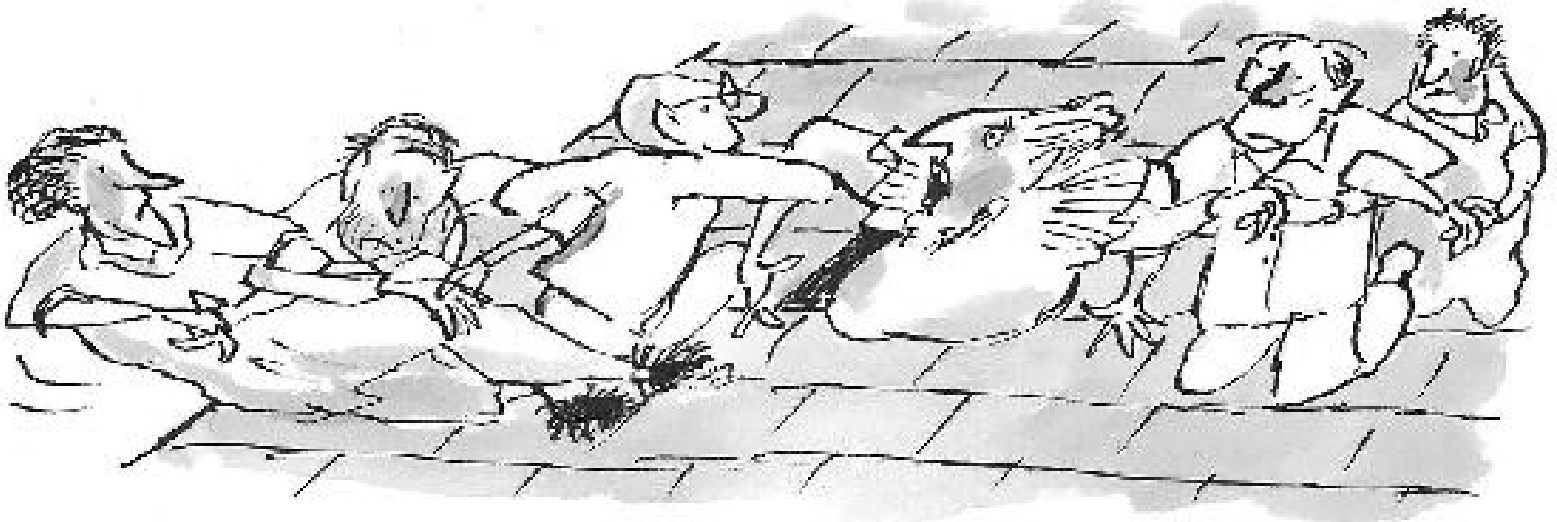
— Sim, senhor — veio do chão a voz do major.

— Preciso de reforços!

Sem hesitação, os dois velhos heróis de guerra voltaram pelo pátio e subiram a corda de calcinhas. Um a um, cerca de dez outros fugitivos o seguiram.

— Vocês poderiam se apressar, por gentileza? — reclamou a Sra. Bagatela. — Preciso mesmo usar o banheiro!

Os idosos formaram duas correntes humanas. A pessoa na extremidade de cada uma delas segurava firmemente os braços da Sra. Bagatela.



— Trabalho em equipe — anunciou vovô. — É assim que vamos vencer a guerra. Trabalho em equipe! Todos precisamos trabalhar juntos.

— Isso, isso! — concordou o major.

Em seguida, vovô gritou:

— Um, dois, três, **PUXEM!**

Dessa vez, a Sra. Bagatela explodiu para fora da portinhola. No instante seguinte, todo mundo voou e acabou amontoado em uma pilha.

UUFFF!



— Trabalho em equipe, senhor! — observou Jack com um sorriso enquanto escapava da base da pilha.

— **Bravo, todos vocês!** — disse vovô. — Certo, agora desçam pela corda bem depressa.

Um a um, os velhinhos tornaram a descer. A Sra. Bagatela ficou por último na fila.

Após examiná-la por um segundo, Jack sussurrou:

— Não sei se a corda vai aguentar o peso dela, senhor.

— Eu conferi e posso garantir que são todas calcinhas britânicas de primeira qualidade, líder de esquadrão. Tenho certeza de que tudo vai ficar bem se Bagatela escutar minhas instruções e for devagar...

Mas a Sra. Bagatela não era do tipo que escutava instruções de ninguém. Sem aviso, ela agarrou as calcinhas e se lançou do telhado com empolgação demais. Como Jack previu, a corda não aguentou o peso. Enquanto ela descia, escorregando em velocidade alarmante...



— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!!!

Felizmente, a queda não foi grande, e ela não se machucou gravemente. Só ficou com alguns roxos no bumbum. A corda de calcinhas caiu em seguida e aterrissou em sua cabeça.

— Agora estou coberta de calcinhas! — reclamou ela em voz alta. — Nunca mais vou poder mostrar o rosto na sociedade!

— **Shhh!** — fez Jack, pedindo silêncio.

Mas era tarde demais. As enfermeiras no alto das torres de observação já tinham ouvido a escandalosa Sra. Bagatela. De imediato, os holofotes deram meia-volta. Um deles flagrou a Sra. Bagatela; outro, o grupo de fugitivos que corria pelo pátio.

— Rápido! Corram para o salgueiro! — gritou Jack do telhado. — É a única saída!

Ajudando uns aos outros o máximo que podiam, os idosos seguiram apressados na direção do muro.



De repente, um clarão repentino iluminou o prédio e as redondezas.

**DING DONG DING DONG
DING DONG DING DONG!**

O sino da torre começou a badalar. O alarme tinha sido acionado.

Um dos holofotes flagrou vovô e Jack no telhado. Por um instante, os dois ficaram enquadrados em um fecho de luz. Com a corda de calcinhas arrebitada, não havia como descer.

Estavam
presos.

Portinhola abaixo

Do telhado do **TORRES DO CREPÚSCULO**, Jack e vovô observaram os fugitivos desaparecerem por cima do muro.

— Boa sorte, homens — murmurou vovô, prestando-lhes uma última continência antes que saíssem de vista.

Eles estavam sendo perseguidos por uma gangue de enfermeiras que tinha saído correndo do prédio munida de lanternas e redes enormes.

Enquanto isso, Jack e o avô estavam a quatro andares de altura. A corda de calcinhas havia arreventado. A calha fora arrancada da parede. Se tentassem saltar, com certeza quebrariam todos os ossos do corpo. Jack só via uma saída.

— Portinhola abaixo, senhor! É a única saída!

— Ótima ideia, líder de esquadrão. Preciso recomendá-lo ao marechal chefe do ar. Você merece uma medalha!

O menino achou que fosse explodir de orgulho.

— Obrigado, senhor. Mas não há tempo a perder! Vamos!

Jack pegou a mão do avô para guiá-lo pelo telhado inclinado. Um escorregão, e já era. Mas, assim que chegaram à portinhola, avistaram a ponta do bastão de comando da enfermeira-chefe. A extremidade chiava com eletricidade.

Jack percebeu que, na verdade, o objeto era um agulhão usado por fazendeiros para dar choque elétrico nas vacas e conduzi-las na direção certa. Mas, nas mãos da enfermeira-chefe, devia ser algum instrumento de tortura.

A mulher baixinha saiu rastejando pela portinhola e ficou de pé no telhado. Depois ergueu o agulhão no ar, sua capa adejando ao vento.

Uma a uma, as enfermeiras Rosa e Flora espremeram os corpos musculosos para fora da portinhola, se juntando a ela.

Sorrindo de forma sinistra, a mulher perversa avançou, com uma enfermeira de cada lado.



— Sabia que vocês dois não estavam tramando boa coisa ontem no jardim — ronronou ela.

— Houve uma fuga em massa esta noite, e vocês são os líderes!

— Não o castigue, por favor. Eu imploro! — suplicou Jack. — A ideia foi toda minha!

— Na verdade, *Kommandant*, sou eu que o senhor deveria mandar para a cela de castigo. Este jovem não teve absolutamente nada a ver com o plano!

— **SILÊNCIO!** — gritou ela. — Os dois!

E eles obedeceram.

A enfermeira-chefe apertou o botão no agulhão e um grande raio de eletricidade foi expelido da ponta.

— O que vai fazer com isso, *Kommandant*? — perguntou vovô.

— Mandei adaptar este agulhão especialmente para transmitir dez milhões de volts! Basta apertar este botão uma única vez para derrubar e apagar um homem adulto.

Em um gesto protetor, vovô postou-se na frente de Jack.

— Isso é uma barbárie, *Kommandant*! — exclamou ele. — A tortura de prisioneiros de guerra é proibida!

Um sorriso insano se abriu no rosto da Srta. Porcina.

— Aguarde e verá.

Ela cutucou a enfermeira Rosa com o agulhão e apertou o botão. Um raio branco e azul saltou da ponta.

Por um momento, o corpo inteiro da enfermeira brilhou de eletricidade. Então a enfermeira-chefe tirou o dedo do botão e a mulher caiu no chão, inconsciente.

Enquanto a Srta. Porcina dava risadinhas, Jack e o avô observavam em um silêncio atônito. Como ela podia fazer aquilo com uma de suas próprias capangas? Até a enfermeira Flora parecia nervosa, se remexendo de maneira desconfortável.



— Desculpe, mas preciso ver isso mais uma vez — arriscou vovô, torcendo para que a enfermeira-chefe caísse no truque e derrubasse a outra enfermeira também.

— Não vou cair nessa, seu velho! — anunciou a enfermeira-chefe.

A enfermeira Flora suspirou de alívio.

— **Pegue-os!** — ordenou a Srta. Porcina.

A enfermeira musculosa passou por cima da colega inconsciente e avançou na direção deles com os braços grossos esticados.

— A torre do sino! — gritou vovô.

O sino do **TORRES DO CREPÚSCULO** ainda estava tocando, como um alarme. Conforme se aproximavam, o barulho ficava ensurdecedor. O sino estava suspenso no alto de uma pequena torre, e abaixo dele havia uma corda comprida e espessa.

– AGARRE A CORDA! – gritou o avô.



O problema era que a corda se movimentava depressa para cima e para baixo à medida que alguém no chão tocava o sino.

Jack olhou para trás e viu a enfermeira Flora se aproximando. A Srta. Porcina vinha logo em seguida, brandindo o agulhão. Não havia escolha. Com um salto, Jack agarrou a corda com ambas as mãos. Sentiu como se as palmas estivessem pegando fogo ao deslizar em alta velocidade.

— *Ai!* — exclamou o menino.

Jack olhou para baixo e viu que era a enfermeira Margarida quem balançava a corda. Bem no momento em que a mulher olhou para o alto, Jack se estatelou em cima dela.

Pof!

A enfermeira amorteceu sua queda **E** acabou nocauteada. **PERFEITO!**, pensou o menino. Mas, quando a enfermeira Margarida foi derrubada no chão, sua peruca caiu, revelando uma cabeça raspada. Ao olhar mais de perto, Jack constatou que a enfermeira tinha barba por fazer.

Ela era um homem!



De todo tipo

Parado no pé da torre, Jack ouviu um barulho vindo do alto. Era vovô, descendo depressa pela corda. O menino chegou para o lado sem demora, saindo do caminho do homem.

— Veja, comandante, ela é um homem! — disse o menino quando vovô aterrissou.

Começava a fazer sentido por que as enfermeiras do **TORRES DO CREPÚSCULO** eram tão grandes e musculosas. — Talvez todas elas sejam!

Vovô espiou o homem no chão.

— Ah, bem, tem de todo tipo. Eu treinei com um piloto excelente chamado Charles. Nos fins de semana, ele se montava e pedia para ser chamado de “Clarissa”. Era uma mulher extremamente bonita. Recebeu uma ou duas propostas de casamento.

Infelizmente, não havia tempo para processar aquela informação preciosa. Eles precisavam arranjar um jeito de sair do **TORRES DO CREPÚSCULO** imediatamente. Vovô conhecia o prédio por dentro muito melhor que Jack.

— Para onde, comandante? — perguntou o menino.

— Estou pensando, líder de esquadrão, estou pensando... — respondeu o velhinho.

Antes que vovô tivesse chance de concluir o pensamento, o menino gritou:

— **Cuidado!**

Jack puxou o avô para fora do caminho enquanto a enfermeira Flora descia com toda a velocidade, as pernas muito cabeludas dela (ou talvez “dele”) enroladas na corda.

— Depressa! Por aqui! — disse vovô enquanto a dupla saía correndo.

Bem no momento em que a enfermeira Margarida começava a recobrar a consciência, a enfermeira Flora aterrissou em cima dela, nocauteando-a outra vez.

Pof!



Na colisão, a peruca da enfermeira Flora também caiu. Era outro homem! *Todas as enfermeiras do TORRES DO CREPÚSCULO devem ser*, pensou Jack. Nada naquele asilo era o que parecia.

Enquanto o brutamontes de cabeça raspada ficava de pé, Jack e o avô alcançaram a porta aberta. Eles a fecharam com pressa depois de passar.

BAM!



Enquanto a enfermeira Flora (ou qualquer que fosse o nome verdadeiro dele) socava a porta com punhos pesados feito tijolos, Jack e vovô pressionaram as costas contra ela para mantê-la fechada. A “enfermeira” era forte feito um touro, e eles não aguentariam por muito tempo.
— O aparador, líder de esquadrão! — ordenou vovô.



Ele se manteve firme pressionando a porta enquanto o neto empurrava o móvel pesado de madeira até ela, prendendo as enfermeiras Flora e Margarida dentro da torre.
A porta começou a bater com força no aparador...

BAM! BAM! BAM!

... e a dupla saiu em disparada pelo corredor comprido na direção da porta da frente. O som de passos ecoou na escada naquele momento. Era um pelotão de mais “enfermeiras”, sem dúvida em busca dos fugitivos.

— Elas estão por toda parte — sussurrou Jack, escondido com vovô atrás de um relógio de chão enquanto as “enfermeiras” passavam. — Nunca vamos conseguir escapar desse jeito, senhor!

— Bem, nesse caso... Eu aprendi outra técnica no campo de treinamento! — anunciou vovô. — Nossa única esperança é nos disfarçarmos.

Jack não sabia ao certo se tinha entendido o que vovô dissera.

— O senhor quer dizer...

— Sim, líder de esquadrão. Devemos vestir uniformes de enfermeira.

Perucas e maquiagem

Quando saíram do vestiário, Jack e o avô formavam uma dupla inusitada de enfermeiras. O menino era muito baixinho, e vovô não teve tempo de raspar o bigode espesso.

O vestiário, localizado nos fundos do lar de idosos, contava com uma grande fileira de uniformes de enfermeira. Apressados, Jack e vovô pegaram dois deles e os vestiram por cima das roupas. Em um canto do vestiário, havia um espelho de corpo inteiro e uma mesa com uma seleção de perucas e uma grande caixa de maquiagem, que Jack e o avô reviraram. Vovô se transformou em uma loura fatal, e o neto, em uma morena atraente.

O menino tinha razão: todas as enfermeiras eram homens disfarçados. **TORRES DO CREPÚSCULO** certamente não era um lar de repouso comum. Quanto mais você o conhecia, mais e mais estranho ele se tornava.

Enquanto andavam, hesitantes, pelo corredor, um grupo de “enfermeiras” passou por eles rumo à porta da frente. Vovô assentiu para Jack, indicando que se juntassem a elas. A única chance de escapar era tentando se misturar à equipe. Depois, precisavam torcer para não serem detidos enquanto seguiam pelo labirinto de corredores a caminho da liberdade.



Quando as “enfermeiras” chegaram à porta da frente, vovô e Jack estavam logo atrás. Porém, quando estavam prestes a escapar para a escuridão, ouviram um berro:

— **PAREM!**

Todos se viraram para a enfermeira-chefe, que ainda brandia o agulhão de gado turbinado. As enfermeiras Margarida e Flora a cercavam. As duas estavam com a peruca virada para trás, ainda mais ridículas do que antes. A enfermeira-chefe se aproximou lentamente do exército de “enfermeiras”, dando batidinhas leves com o instrumento de tortura na palma da mão.

Da maneira mais discreta possível, Jack e o avô se deslocaram lentamente para o fundo do grupo, se escondendo.

— O restante dos internos parece ter escapado. Por enquanto. Mas os dois precursores

ainda estão aqui no **TORRES DO CREPÚSCULO**. Tenho certeza — afirmou a Srta. Porcina.
— Posso sentir nos ossos. E são eles os que não podem escapar.

— Sim, enfermeira-chefe — respondeu um coro de vozes, todas grossas demais para pertencerem a mulheres.

— Minha ordem é que todas vocês se dividam em duplas e vasculhem cada canto e cada fresta deste prédio, até encontrá-los. Se falharem, vou usar meu agulhão em vocês! — gritou ela.

— S-S-S-Sim, enfermeira-chefe.

Apesar de todas as “enfermeiras” serem homens grandes e fortes, era claro que viviam com um medo mortal da chefe.



Com a voz cheia de autoridade, ela continuou a berrar ordens para as tropas.

— Enfermeiras Tulipa e Jacinta, revistem os alojamentos.

— Sim, enfermeira-chefe — responderam as duas antes de começarem a marchar na direção da escada.

— Enfermeiras Violeta e Amor-Perfeito? Vocês duas ficam com este andar, a sala de estar, a cozinha. Cada cantinho.

— Sim, enfermeira-chefe — repetiu a dupla seguinte antes de também sair marchando.

— Enfermeiras Margarida e Flora?

— Sim, enfermeira-chefe — responderam em uníssono.

— Vocês podem revistar o porão.

— Mas eu tenho medo do escuro! — reclamou a enfermeira Margarida.

O rosto da Srta. Porcina se contorceu de insatisfação. Ela não estava acostumada a ser desobedecida. Bateu o agulhão com um estalo na palma da mão.

— Você vai fazer o que estou mandando!

— Sim, enfermeira-chefe! — respondeu a “enfermeira”, nervosa e tremendo de medo.

A dupla foi embora.

Isso deixou a enfermeira-chefe sozinha no corredor com as duas mais novas “enfermeiras”, Jack e vovô.

— Quanto a vocês...

A Srta. Porcina olhou diretamente para eles. A dupla não tinha mais onde se esconder. O menino estava na ponta dos pés para parecer mais alto. O avô, por sua vez, cobria o bigode com a mão, fingindo tossir.

— Nunca vi vocês duas aqui. Quem são?! — perguntou a Srta. Porcina.

Jack deixou a voz o mais grave que conseguiu.

— Enfermeiras, enfermeira-chefe.

— Como se chamam?

Eles precisavam pensar rápido se não quisessem ser pegos.

— Enfermeira Azaleia! — respondeu Jack.

— E enfermeira Gaspar — disse vovô, esquecendo que devia escolher um nome de menina.

Jack deu uma leve cotovelada no avô.

— Quer dizer, Gardênia.

A enfermeira-chefe se aproximou devagar. Os dois baixaram a cabeça instintivamente em uma tentativa desesperada de não serem reconhecidos. Isso aumentou a desconfiança da enfermeira-chefe. Ainda batendo o agulhão na mão, ela chegou mais e mais perto.

— Tire a mão do rosto — sussurrou ela para vovô.

Ele fingiu tossir outra vez.

— Estou levemente resfriada!

A mulher agarrou a mão dele com firmeza, cravando as unhas grandes e afiadas na pele do velho. Então, com força considerável, puxou a mão dele para longe do rosto, revelando o bigode característico da Força Aérea Britânica.

— Eu me esqueci de me depilar hoje — tentou vovô.



É óbvio que isso não convenceu a enfermeira-chefe. De maneira lenta e determinada, ela ergueu o agulhão e o apontou para o rosto dele. Ao fazer isso, um raio de eletricidade saiu da ponta do objeto.

Vovô engoliu em seco, horrorizado.

GULP!

Bigode queimado

— Com licença! Preciso usar o toailete — anunciou a Sra. Bagatela bem naquele exato momento, entrando a passos largos pela porta da frente às costas do vovô e de Jack.

Em vez de escapar por cima do muro como todos os colegas, parecia que a senhora tinha dado meia-volta e seguido direto para o prédio do **TORRES DO CREPÚSCULO** à procura do banheiro. Sem dúvida não era parte do plano, mas foi uma distração excelente, bem no momento em que Jack e o avô mais precisavam.



A Srta. Porcina virou a cabeça para olhar a Sra. Bagatela. Ainda com o agulhão da enfermeira-chefe a centímetros do rosto, vovô aproveitou a oportunidade e segurou o pulso da mulher. Os dois iniciaram uma luta silenciosa. Ela era muito mais forte do que ele poderia imaginar, e a ponta do objeto começou a se aproximar cada vez mais de seu rosto. Até que, de repente, um raio de eletricidade foi disparado...

ZAP!



E queimou uma das pontas do seu bigode.

Com um crepitar, uma pequena coluna de fumaça cinzenta ergueu-se diante do nariz do vovô. Ele baixou os olhos para seu pelo facial antes magnífico. Um dos lados não passava de uma ponta enegrecida, feito uma salsicha esquecida na churrasqueira por cem anos. Ela se desfez em pó e caiu no chão.

Desde que era jovem, vovô se orgulhava de sua aparência imaculada — mesmo com uniforme de enfermeira. Mas o paletó de botões dourados polidos duplos, a gravata da Força Aérea Britânica, a calça cinza bem passada... tudo isso não valia nada se o bigode não estivesse perfeitamente arrumado.

Para vovô, queimar o bigode era traição. A fúria que sentiu o fez ser tomado por uma força quase sobre-humana. Ele pegou o braço da mulher e o empurrou de volta.

— Líder de esquadrão, pegue aquele urinol, rápido! — ordenou ele.

Jack pegou o objeto de porcelana no chão e, confuso, o ofereceu à Sra. Bagatela.

— Obrigada, querido — disse a senhora. — Não é ideal, mas, se eu mirar direito, pode servir!

— Não, líder de esquadrão! Use-o no *Kommandant*!

A enfermeira-chefe se virou no momento em que o menino ergueu o urinol e o acertou na cabeça dela.

PAF

O urinol explodiu em centenas de pedacinhos.

— Ora, muito obrigada! — reclamou a Sra. Bagatela. — Eu estava prestes a usá-lo.

Os três olharam para a cruel mulher deitada no carpete, esparramada feito uma estrela-do-mar.



— Não há tempo a perder! — gritou vovô.

— Posso, POR FAVOR, fazer meu xixi? — perguntou a Sra. Bagatela.

— Bagatela! Recomponha-se, mulher! Você vai ter que esperar! — ordenou vovô.

— Não tem como esperar na minha idade! — A idosa bufou. — Quando bate a vontade, não tem jeito! Agora, por favor, me acompanhe! Achei que o senhor fosse um cavalheiro!

— Eu sou um cavalheiro! — exclamou vovô, embora seu cavalheirismo estivesse sendo testado ao limite.

— Então por que está vestido desse jeito? — indagou a senhora.

— Faz parte do plano de fuga! — respondeu vovô com rispidez. — Agora, por favor, senhora, não há tempo a perder. Segure meu braço.

— Obrigada, comandante. Meu pobre... hum... qual é a palavra educada? — perguntou, apontando para o bumbum.

— Bunda? — arriscou vovô.

— Não! — disse a Sra. Bagatela.

— Nádegas! — sugeriu o menino de forma atrevida.

— Não! — retrucou a Sra. Bagatela, irritada. — Eu sou uma dama! Ia dizer retaguarda! Minha pobre retaguarda está doendo muito depois daquela queda. Mal consigo andar em linha reta.

Com o braço enlaçado ao dela, vovô acompanhou a senhora em postura galante pelo corredor comprido até o banheiro mais próximo.

— Ah, que cavalheiro! Eu me sinto uma debutante em seu primeiro baile na sociedade! — comentou a Sra. Bagatela, enrubescendo.

— Líder de esquadrão? — chamou vovô.

— Sim, senhor.

— Fique de olho no *Kommandant*!

— Sim, senhor! — respondeu o menino com um sorriso.

Embora estivesse tremendo de nervoso, Jack estava bem satisfeito consigo mesmo por ter sido o responsável pelo golpe que nocauteou a cruel Srta. Porcina.



O menino olhou para ela. O rosto era estranhamente familiar, com aqueles olhinhos e o nariz achatado. Mas, antes que Jack conseguisse se lembrar de onde a conhecia, a Srta. Porcina começou a piscar, recobrando a consciência. O urinol a apagou, verdade, mas ela estava se recuperando aos poucos. Primeiro os dedos começaram a se retorcer, depois os olhos começaram a piscar.

Jack sentiu bastante **medo**.

Sacudir e pronto

— Comandante! — gritou Jack na direção do corredor, sem conseguir esconder um tom de pânico na voz, por mais que tentasse.

— Diga, líder de esquadrão — soou a voz do vovô do outro lado da curva.

— O *Kommandant* está começando a voltar a si, senhor!

Jack ouviu o avô batendo na porta do banheiro.

TOC TOC.

— Poderia acelerar aí dentro, Bagatela?

— Nunca apresse uma dama no toailete! — reclamou a Sra. Bagatela lá dentro.

— Por favor, senhora! — exclamou vovô.

— Esperei muito tempo por isso, então vou aproveitar, com licença!

Naquele instante, o menino percebeu que as pernas e os braços da enfermeira-chefe também começaram a estremecer e a voltar à vida.

— Senhor! — chamou ele, desesperado.

Vovô tentou apressar a senhora mais uma vez.

TOC TOC TOC.

— Terminei! — respondeu ela por fim. — É claro que não tem papel. O senhor faria a gentileza de pegar um pouco para mim? Do tipo absorvente, por favor. Não suporto os brancos lustrosos!

— Não temos tempo, Bagatela.

Vovô tentava ser educado, mas seu tom de voz deixava claro que ele estava ficando cada vez mais irritado com aquela senhora.

— O que espera que eu faça? — reclamou a Sra. Bagatela.

— É só sacudir e pronto! É isso que nós, homens, fazemos!

Ficaram em silêncio por algum tempo, então a Sra. Bagatela anunciou em tom alegre:

— Nossa, obrigada! Até que deu certo.

O menino se virou em direção aos dois fugitivos idosos quando eles reapareceram no corredor. De repente, vovô gritou:

— Líder de esquadrão! **CUIDADO!**

Jack olhou para trás. A enfermeira-chefe estava se levantando e apontando o agulhão para o menino.

— **CORRE!** — gritou vovô.

A Srta. Porcina investiu contra Jack com o agulhão como se empunhasse uma espada, com raios elétricos saindo da ponta. As faíscas voaram nas cortinas de veludo grosso atrás dele, que imediatamente começaram a pegar fogo, as chamas subindo até o teto.



Inferno!

Para escapar das chamas, Jack voltou pelo corredor até vovô e a Sra. Bagatela. Juntos, os três correram para longe do fogo. A enfermeira-chefe vinha cambaleando atrás deles, emoldurada pelo inferno que se aproximava. As chamas se moviam rapidamente e estavam prestes a alcançá-la.

— *Aí!* — gritou a Srta. Porcina diante do calor abrasador.

O incêndio saía rapidamente do controle, consumindo tudo à vista. Labaredas lamberam o corredor à frente dela. Em um instante, a Srta. Porcina estava encurralada.

— Cuide de Bagatela, meu velho — ordenou vovô. — Vou salvar o *Kommandant!*

— O quê?

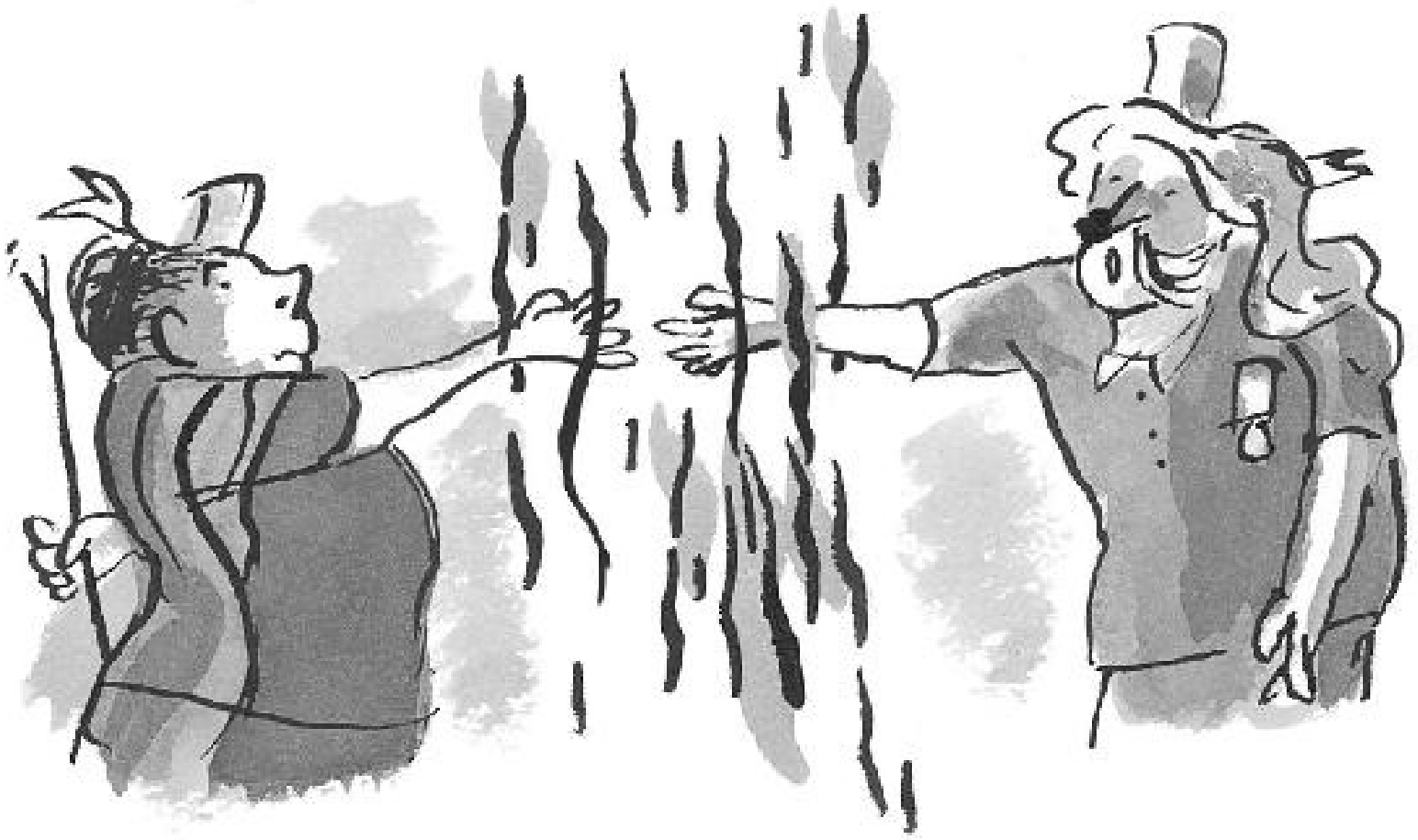
Jack não acreditou no que ouvia.

— Eles podem ser inimigos, mas, como oficial e cavalheiro, é uma questão de honra. Preciso tentar salvar o *Kommandant!*

Em seguida, vovô protegeu o rosto das chamas com o braço e caminhou corajosamente na direção da Srta. Porcina.

— *Kommandant!* — disse ele. — Me dê sua mão!

Ele estendeu o braço através das chamas.



A Srta. Porcina estendeu a mão para encontrar a dele. Então a segurou com firmeza e sorriu com malícia para vovô.

— Tome isso, seu velho tolo! — gritou ela enquanto erguia o agulhão.

— **CUIDADO!** — exclamou o menino.

PAF!

Era tarde demais.

A Srta. Porcina tinha acertado vovô na cabeça com o agulhão, derrubando-o no chão, inconsciente.

— **Nããooo!** — berrou Jack.

CREPÚSCULO. E rápido. Acabara com dois idosos sob seus cuidados. Vovô, inconsciente, e uma senhora elegante, que já estava começando a irritá-lo.

Segurando os tornozelos do vovô embaixo dos braços, ele o arrastou até onde a Sra. Bagatela aguardava, a uma distância segura das chamas.

— Bem, preciso dizer — começou ela. — Este lugar está um caos completo!

— A senhora pode me ajudar? — implorou o menino. — Pegue uma das pernas!

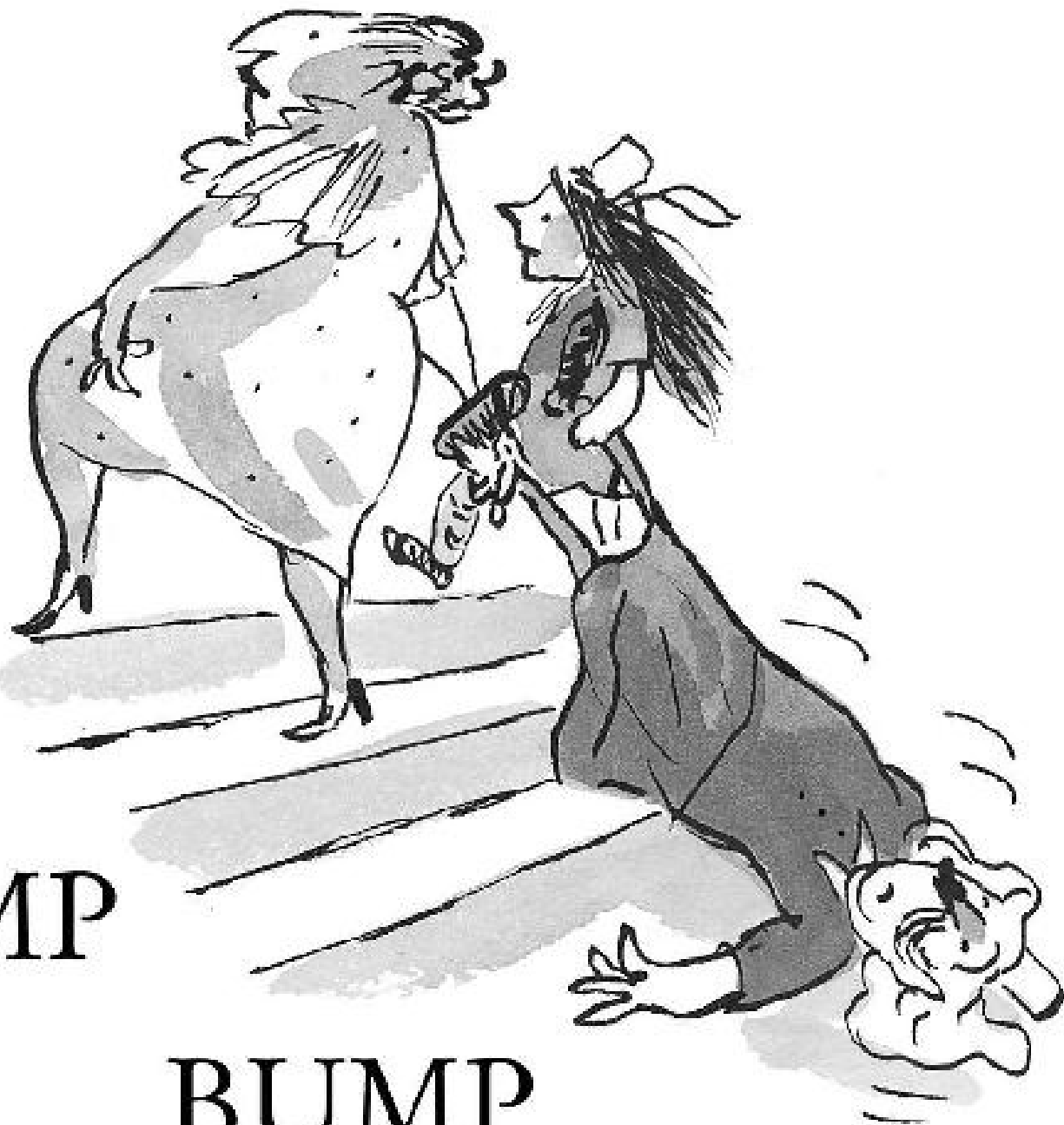
Pela primeira vez, a Sra. Bagatela fez o que lhe mandaram.

— Você poderia, por gentileza, me informar aonde estamos indo?

— Para qualquer lugar! Longe do fogo! — berrou o menino.

Juntos, arrastaram vovô pelo corredor e pela grande escada acima.

Era difícil avançar, e a cabeça do pobre velhinho batia a cada degrau.



BUMP

BUMP

BUMP.

— Ai! Ai! Ai — murmurava ele em intervalos regulares.

A parte positiva era que isso o estava despertando e, quando chegaram ao primeiro andar, ele tinha aberto os olhos.

— O senhor está bem? — perguntou o menino, se debruçando sobre ele.

— Sim. Só fiquei com um galo feio na cabeça. Da próxima vez que eu tentar salvar o *Kommandant*, por favor, detenha-me!

— Farei isso, senhor! — respondeu Jack, tirando o uniforme de enfermeira e revelando suas roupas por baixo.

— Com licença — disse a Sra. Bagatela, dando tapinhas no ombro do menino. — Como

você propõe que nós saíamos deste lugar horrível?

— Ainda não sei! — respondeu o menino, sem fazer questão de ser gentil.

Ele repassou em sua mente todas as salas do **TORRES DO CREPÚSCULO** que viu na primeira vez que escalou a calha, algumas noites antes. De repente, Jack teve uma ideia tão maluca que talvez até funcionasse.



— O senhor ainda tem os patins que lhe dei na outra noite? — perguntou ele.

— Tenho — respondeu vovô, intrigado, enquanto se levantava e arrancava o uniforme de enfermeira.

— Pode buscá-los? — pediu o menino com urgência.

— Sim, é claro. Estão em meu alojamento. Eu os escondi no colchão.

— Então pegue-os imediatamente, senhor! O barbante também. E o senhor sabe onde fica o escritório da enfermeira-chefe... quer dizer, do *Kommandant*?

— É claro, líder de esquadrão.

— Tem alguns... documentos nazistas ultrasecretos empilhados na mesa dela! Pegue tudo o que achar. Depois, encontre-nos na sala no fim deste mesmo andar — disse Jack, apontando o lugar.

— Positivo!

Enquanto vovô saía correndo pelo corredor, a Sra. Bagatela olhava atônita para o menino.

— Criança, isso não é hora de andar de patinhos... — Depois de dizer isso ela percebeu que talvez tivesse cometido alguma gafe.

— Patins — corrigiu o menino.

— Foi isso que eu disse! — resmungou a mulher.

— Não! Tenho uma ideia melhor! Venha comigo!

Jack conduziu a Sra. Bagatela até a porta no fundo. Como bem se lembrava, aquela era a

sala mais assustadora do **TORRES DO CREPÚSCULO**.

A sala dos caixões.

— Ah, meu Deus! — A senhora arfou de susto ao ver as fileiras e mais fileiras de caixões de madeira. — Sempre desconfiei de que a enfermeira-chefe terrível e suas enfermeiras assustadoras só estavam esperando a nossa morte. Sei que sou velha, mas estou aqui ainda cheia de vida!

O menino fechou a porta para impedir que a fumaça entrasse, então se aproximou da Sra. Bagatela, cujos olhos estavam cheios de lágrimas, e tocou seu ombro para reconfortá-la.

— Nós vamos sair daqui, Sra. Bagatela. Prometo — sussurrou o menino.

A porta se abriu. Era vovô, segurando com orgulho os patins, um monte de barbante e uma pilha de testamentos do escritório da enfermeira-chefe. Ele prestou continência, e o menino respondeu da mesma forma. Então, pela primeira vez, vovô espiou os caixões atrás do neto.

— Pelo amor de Deus, homem, que raios estamos fazendo aqui? — gritou ele.

Jack organizou os pensamentos por um instante.



— Raj me disse que o único jeito de sair do **TORRES DO CREPÚSCULO** era dentro de

um caixão...

— Não estou entendendo... — respondeu a senhora.

— Desembuche, homem! — disse vovô.

— Bem, acho que ele estava certo. É assim que vamos sair daqui. Em um desses...

Caixão-bogã

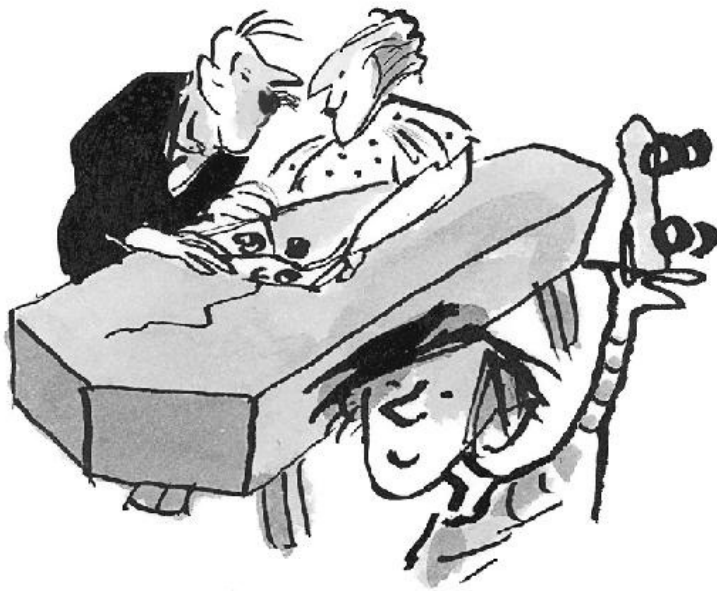
— Mas que disparate! — exclamou a Sra. Bagatela, fora de si.

— Com todo o respeito, senhora, eu acho que o líder de esquadrão teve uma boa ideia! — retrucou vovô.

— Obrigado, senhor! — disse o menino. — Se tivermos sorte, um caixão em alta velocidade deve nos proteger das chamas por tempo suficiente. Só precisamos encontrar o maior deles e prender os patins no fundo com o barbante.

A Sra. Bagatela tornou a resmungar — ela era uma resmungona e tanto —, mas se juntou à missão. Trabalhando em equipe, os três logo acharam o maior caixão. Depois, o mais rápido possível, amarraram os patins nele com o barbante. Em seguida, tiraram o caixão da base e o puseram no chão.

Jack o deslizou para a frente e para trás, e vovô sorriu. Ensinara muito bem o garoto — aquele era um plano brilhante.



Assim que Jack abriu a porta, sentiu o calor intenso que emanava do incêndio. Fumaça negra e densa se espalhava por toda a parte. Com pressa, os três empurraram o caixão para fora da sala e seguiram pelo corredor. Quando chegaram à escada, depararam com um grande muro de chamas esperando para engoli-los no andar de baixo. O tempo estava se esgotando. Depressa.

— Sra. Bagatela — começou Jack.

— Sim, querido.

— A senhora poderia subir aqui primeiro, por favor?

— Ah, que falta de dignidade! — reclamou ela, mas fez o que lhe disseram e entrou na engenhoca.

Com a tampa pesada embaixo do braço, Jack deu a ordem:

— Certo. Comandante, força total, por favor!

— Positivo! — respondeu vovô.

Os dois heróis improváveis correram, um de cada lado do caixão sobre rodas, ganhando o máximo de velocidade possível.

Era como se o caixão fosse um tobogã.

Um caixão tobogã.

Um caixão-bogã.

Quando estavam quase na beira da escada, a dupla deu um salto para se juntar à Sra. Bagatela. Jack primeiro. Depois vovô. A senhora deu um grito quando o caixão-bogã começou a descer a escada aos solavancos e em alta velocidade...

— *Ai!*

— *Aaaaiii!!*



POF

POF

... diretamente para a boca do inferno. Jack pôs a tampa por cima deles e a segurou firme.

Lá dentro, estava escuro como breu. À medida que avançavam aos solavancos e batidas, primeiro escada abaixo, depois pelo corredor do andar inferior, os três começaram a sentir uma onda repentina de calor intenso.

Estava **QUENTE QUENTE QUENTE**.

Por um instante, era como se eles fossem três pedaços de carne assando em um forno. Então...

PAF

... o caixão-bogã atravessou a porta da frente, quebrando tudo.

BUM

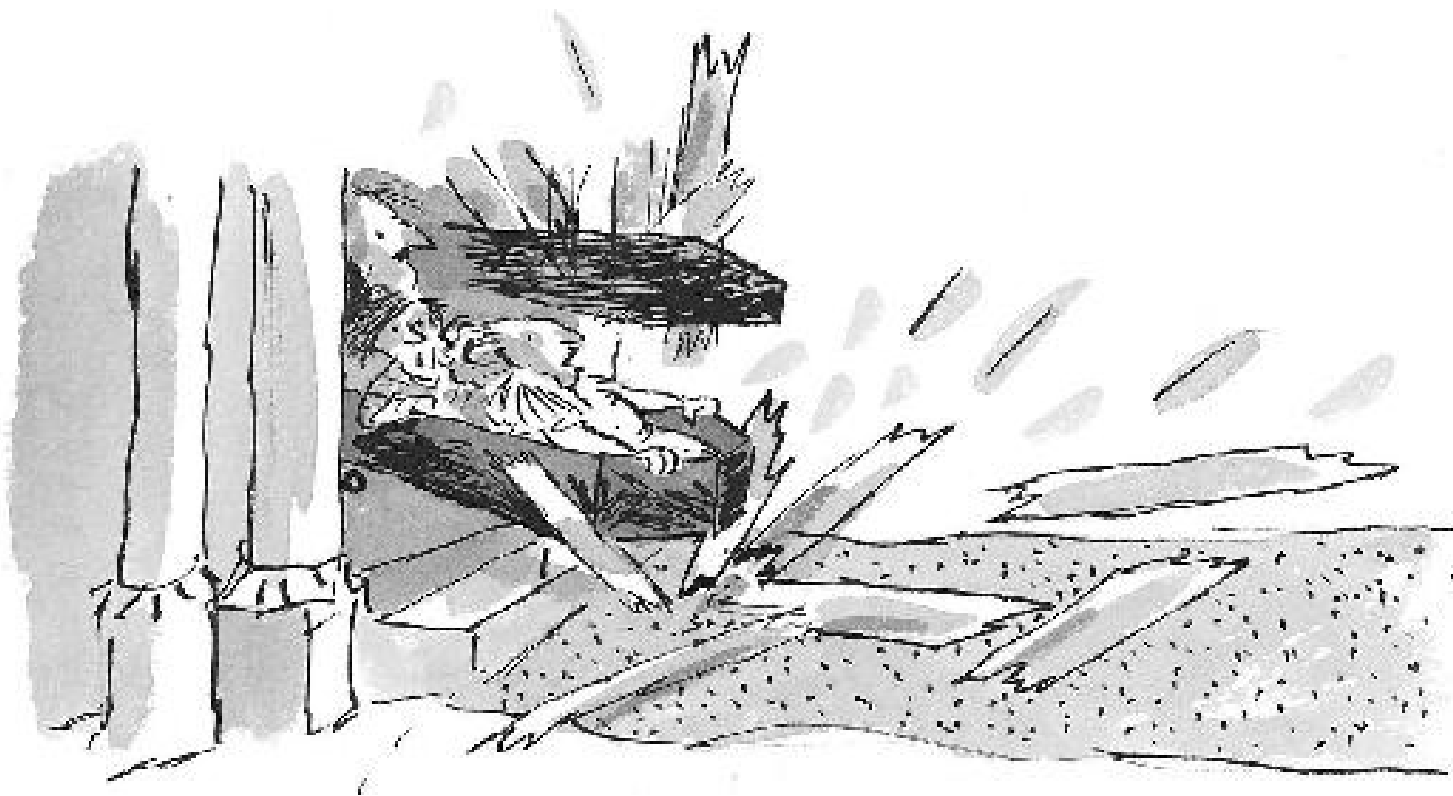
O plano de Jack tinha funcionado com perfeição.

EBA!

De repente, o som das rodas contra o chão mudou. O ruído pedregoso significava que haviam chegado à trilha de cascalho lá fora. Sucesso!

O caixão-bogã parou de repente. O menino empurrou a tampa e logo percebeu que o caixão, antes marrom, estava negro de fuligem.

Jack saltou lá de dentro, depois o avô e a Sra. Bagatela saíram.



Os portões do **TORRES DO CREPÚSCULO** ainda estavam fechados, então o menino conduziu a dupla de velinhos na direção do galho de salgueiro. Ajudou os dois e subiu em seguida. Parados sobre o galho, Jack e o avô olharam para trás em direção ao **TORRES DO CREPÚSCULO** pela última vez. Eles tinham escapado no último instante.

O prédio inteiro estava sendo devorado pelo fogo. Labaredas saíam das janelas que explodiam e subiam pelas paredes externas. Até o teto estava em chamas.

Pouco antes de se virarem para ir embora, Jack disse:

— Parabéns! O senhor conseguiu!

Vovô olhou para o neto.

— Não. NÓS conseguimos!



Ao longe, Jack viu todas as “enfermeiras” fugindo às pressas pelo terreno. A Srta. Porcina, por sua vez, não estava em lugar nenhum. Será que tinha ficado presa no prédio incendiado? Ou de algum modo havia escapado também?

Algo dizia a Jack que ele ainda a veria de novo.

Extasiada

Amontoado no triciclo do menino, o trio parecia uma apresentação de circo. O veículo era projetado para uma criança bem pequena, não para uma criança crescida e dois idosos. Depois de tentar de várias formas, eles enfim se ajustaram. Jack pedalava, a Sra. Bagatela se equilibrava no guidom, sentada, e vovô ia de pé na traseira.



Por causa do tamanho enorme da Sra. Bagatela, Jack não enxergava nada. O bumbum avantajado dela estava bem no rosto do pobre menino. Por isso, vovô tinha que gritar instruções enquanto seguiam pela estrada rural em direção à cidade.

— Curva à direita, quarenta e cinco graus! Vem aí um caminhão de leite na diagonal.

O plano era ir direto à polícia. Armados com a pilha de testamentos falsificados (ou os “documentos nazistas ultrassecretos”) que vovô roubara, todos finalmente descobririam a

verdade sobre o **TORRES DO CREPÚSCULO** e a mulher perversa que administrava o lugar — fosse ela encontrada algum dia ou não. Se as “enfermeiras” fossem capturadas, também estariam fadadas a uma vida inteira atrás das grades por seus feitos malignos.

Era difícil avançar no triciclo, ainda mais morro acima, e, quando os três enfim chegaram à

delegacia, começava a amanhecer. A cidade estava deserta. Em razão do incidente anterior dos dois com a polícia, o menino decidiu que era a Sra. Bagatela quem deveria entrar e apresentar a pilha de provas ou, como acreditava vovô, os planos secretos do inimigo a serem entregues à Inteligência Britânica.

— Bem, até logo, Sra. Bagatela! — disse Jack.

Por mais que ela tivesse lhe dado nos nervos, ele sentiria saudade.

— Até logo, rapazinho — disse a senhora. — Foi uma noite e tanto. Não sei se algum dia vou dançar *Giselle* outra vez, mas obrigada.

— Até logo, Bagatela — disse vovô.

— Adeus, comandante — respondeu ela, jogando um charme para vovô.

Então fechou os olhos e fez um biquinho, esperando um beijo longo e demorado, mas vovô pareceu um pouco tímido.

Ele deu um beijinho no rosto da senhora, e mesmo isso bastou para deixá-la extasiada. Estava claro que ela arrastava uma asa para aquele herói de guerra.

Enquanto os dois observavam a Sra. Bagatela entrar na delegacia, Jack se virou para o avô.

— Bem, senhor. Está muito tarde. Devo levá-lo para casa.

— Ah, não não não, líder de esquadrão.

Vovô riu diante da ideia.

— O que o senhor quer dizer com “não”? — perguntou o menino.



— Com “não”, quero dizer “não”! Caso você tenha esquecido, líder de esquadrão, tem uma guerra acontecendo!

— Mas...

— A qualquer momento, a Luftwaffe pode lançar outra ofensiva. Preciso voltar ao serviço imediatamente.

— O senhor não deveria pelo menos descansar um pouquinho? Tirar uma pestana rápida? — sugeriu Jack, desesperado.

— Onde está seu senso de aventura, homem? Precisamos voltar à base e tirar meu Spitfire do hangar!

— O quê?

Vovô olhou para as nuvens do início da manhã.

Jack acompanhou seu olhar.

— Precisamos ir aos céus sem demora! — exclamou o velhinho.

Sem juízo

Não.

Era impossível.

O Spitfire estava a quilômetros de distância, em Londres, pendurado no teto do Museu Imperial da Guerra. Era uma antiguidade e fazia anos que não voava. Qual era a chance de ainda estar funcionando?

O menino tinha que pensar rápido se quisesse impedi-lo.

— Comandante.

— Sim, líder de esquadrão.

— Espere, vou botar o marechal do ar ao telefone.

Quando vovô olhou, o menino abriu a porta da cabine telefônica vermelha que ficava do lado de fora do posto policial. Claro que Jack não tinha a mínima ideia de qual era o número de telefone do marechal do ar. Então, enganou o avô ligando para o serviço de hora certa. Era um número fácil de lembrar: um, dois, três.

Com a porta aberta para que o avô ouvisse, ele teve uma conversa imaginária com o chefe da RAF. Em 1940.

— Olá! Bom dia, marechal do ar! Aqui é o líder de esquadrão Bunting. Sim, sim, é muito tarde, ou muito cedo, dependendo do ponto de vista. **Ha, ha!**

O menino nunca tinha participado de nenhuma peça na escola, mas estava precisando de todo o seu poder de atuação.

Do outro lado da linha, Jack ouvia a gravação:

— No terceiro toque, serão precisamente cinco horas. — E em seguida: — Bipe. Bipe. Bipe.

Parado fora da cabine, vovô ficou muito impressionado ao ver que aquele jovem piloto conhecia tão bem seu superior que estavam rindo juntos de uma piada.

— Estou com o comandante Bunting. Sim, senhor. Isso mesmo, seu piloto mais corajoso...

O velho se encheu de orgulho.

— Notícias maravilhosas, marechal do ar! — prosseguiu Jack. — O comandante escapou do Castelo de Colditz! Sim, claro, foi uma fuga incrivelmente ousada. Ele ajudou até o último soldado, marinheiro, aviadores e aviadoras da RAF a sair daquele maldito lugar. O que foi? O senhor está dizendo que o comandante precisa descansar e se recuperar? Tirar uma licença muito merecida?

De repente, a expressão do vovô mudou. Ele não gostou nada daquilo.



— E isso é uma ordem, senhor? Não se preocupe, marechal do ar, eu mesmo posso repassar a ele — disse Jack pelo telefone ao relógio falante. — Então, o senhor está dizendo que o comandante deve se dedicar à jardinagem? Ler um bom livro? Fazer um bolo?

Vovô não era homem de fazer bolos.

— Minha nossa! Estamos em guerra! Preciso voltar imediatamente para meu Spitfire! É meu dever! Deixe-me falar com o marechal do ar!

Vovô tomou o fone do neto.

— Senhor? Aqui é o comandante Bunting.

— No terceiro toque, serão cinco horas, um minuto, quarenta segundos — disse a voz do outro lado da linha.

— O quê, marechal do ar? Sim, eu sei que horas são. O senhor não tem que ficar me dizendo a hora. Senhor? Senhor?

O velho estava muito confuso e recolocou o fone no gancho antes de se virar para Jack.

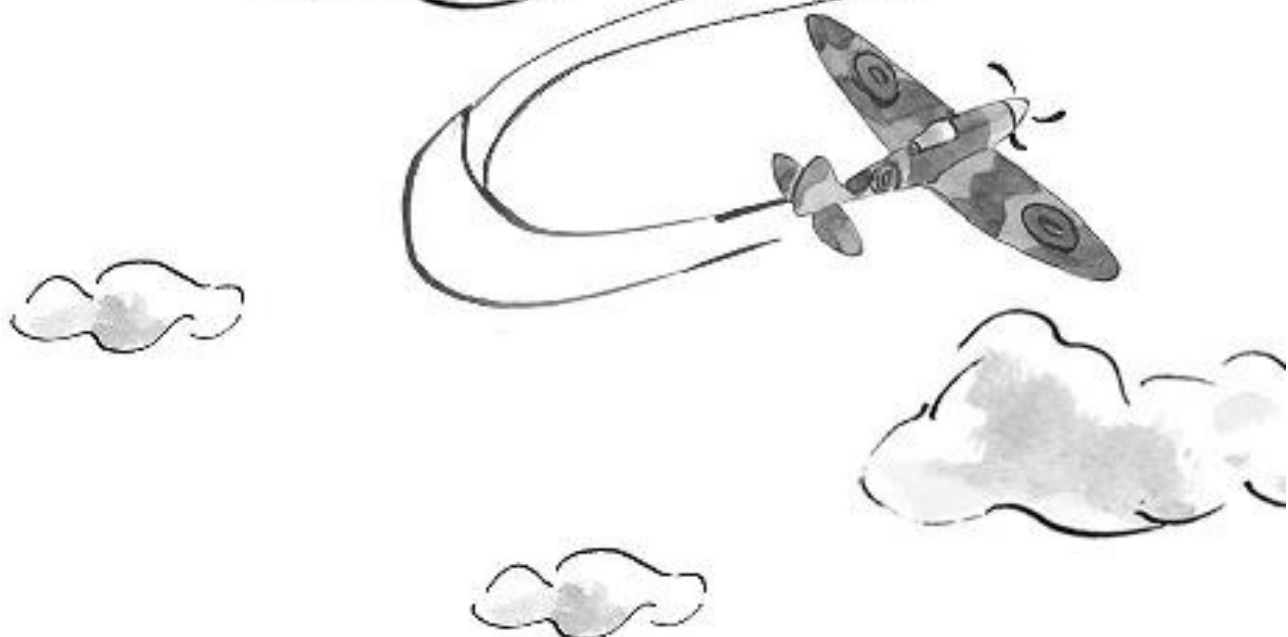
— Sinto dizer que o marechal do ar perdeu o juízo! O homem não para de me dizer a porcaria das horas!

— Vou ligar de novo! — suplicou Jack, com certo desespero na voz.

— Não, não, não! Não temos tempo. Precisamos ir *Para o céu e além!*

PARTE 3

E... UM AVIÃO NÃO REGRESSOU



Dias de glória

Antes de irem *Para o céu e além!*, Jack convenceu o avô de que eles precisavam providenciar rações. Era muito cedo, e Jack sabia que só haveria uma loja aberta. A banca de Raj. Na verdade, o menino esperava que o jornaleiro devolvesse ao velho algum juízo.

DING!

Apesar da hora, Raj já estava de pé atrás do balcão. Folheava a pilha de jornais para entrega, como fazia toda manhã.

— Sr. Bonting! O senhor voltou! — observou o jornaleiro.

Ele mal acreditava no que estava vendo. Depois de testemunhar o dia em que o velho foi despachado para o **TORRES DO CREPÚSCULO** pela Srta. Porcina em pessoa, Raj não esperava rever vovô tão cedo.



— Sim, Char Wallah! Fugi dos chucrutes! — anunciou o idoso.

— Chu o quê? — perguntou Raj.

O menino interrompeu:

— Ele está falando dos nazistas! — Em seguida sussurrou: — Vovô ainda acha que estamos em guerra, lembra?

— Ah, sim, claro — sussurrou o jornalista.

— Precisamos de algumas rações, Char Wallah! Bem depressa. Tenho que voltar a meu Spitfire antes do amanhecer.

Raj virou depressa para ver a reação do menino. Jack balançou discretamente a cabeça e o jornalista entendeu que aquilo significava que ele e o menino precisavam ter uma conversa secreta.

— Sirva-se, senhor! — disse Raj para o velho, que foi circular pela loja à procura de algo para comer. — Isto é, se encontrar alguma comida. Tia Dhriti arrombou a porta durante a noite e devorou tudo o que viu pela frente. Ela mordeu até os livros de colorir.

O menino conferiu mais de uma vez se o avô estava ouvindo antes de falar:

— Acabei de ajudá-lo a fugir do **TORRES DO CREPÚSCULO**.

— Era tão ruim quanto as pessoas dizem?

— Pior. Muito pior. Vovô achava que estava no Castelo de Colditz. E não estava assim tão errado. Mas agora ele quer voar no Spitfire.

— Quer dizer aquele do museu?

— Sim! É loucura! Não sei mais o que dizer a ele, Raj. Por favor, você pode tentar botar algum juízo na cabeça do meu avô?

Raj pareceu perdido em pensamentos por um instante.

— Seu avô foi um grande herói de guerra. Aqueles foram seus dias de glória.

— Sim, sim, sim, eu sei — concordou o menino. — Mas...

Enquanto vovô mordiscava uma barra de chocolate já pela metade que encontrara no chão do outro lado da loja, Raj levantou o dedo.

— Mas mas mas! Por que sempre tem um “mas”?

— Mas...

— Outro! Jack, seu avô é um homem muito idoso. Você sabe que ele está ficando cada vez mais desorientado. Esse negócio está devorando a mente dele.

Uma lágrima se formou no olho do menino quando o jornalista disse isso. Raj passou o braço em torno dos ombros de Jack.

— Não é justo — declarou o menino, fungando. — Por que isso tinha que acontecer com meu avô?

Raj podia ser sábio quando queria.

— Jack, a única coisa que o impede de ir é ter você ao lado.

— Eu? — perguntou o menino, sem entender.

— É... você! Sempre que está com você, seu avô volta aos dias de glória.

— Acho que é verdade.

— Eu tenho certeza. Escute, sei que é loucura, mas é bom ser um pouco louco, às vezes. Por que não deixar esse velho herói voar em seu avião?

Jack enxugou as lágrimas na manga. Olhou para Raj e assentiu. Na verdade, o menino tinha pegado o gosto por aventura e também desejava mais. Jack havia brincado de ser piloto de caça com o avô muitas vezes. Toda noite ia dormir sonhando ser um grande aviador.



E naquele momento o menino tinha a chance de fazer o sonho virar realidade.

— Comandante! — disse ele.

— Sim, líder de esquadrão — responde vovô, alheio à conversinha entre o menino e Raj.

— Vamos levantar voo!

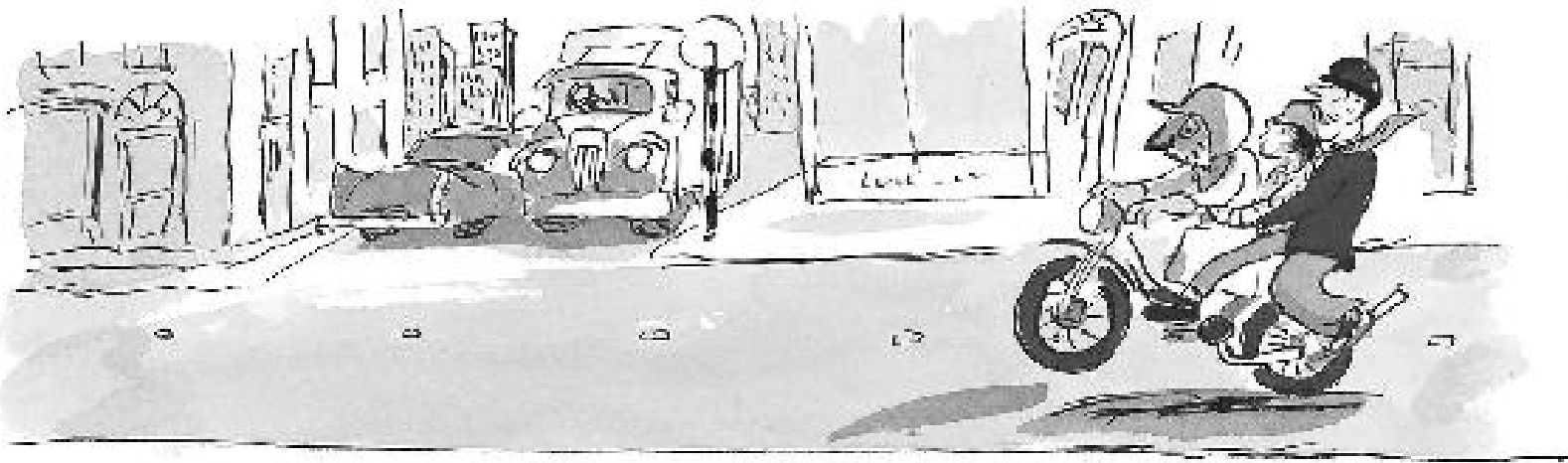
Correndo contra o sol

Instantes depois, os três disparavam na motocicleta caindo aos pedaços de Raj em direção ao Museu Imperial da Guerra. Quanto mais rápido iam, mais a moto sacolejava. Jack, espremido entre Raj e o avô, estava com medo de que aquela coisinha fosse sacudir até desmontar.

Estavam correndo contra o sol nascente. A esperança era chegarem ao museu antes do amanhecer, pois teriam muito mais chances de roubar o Spitfire. Com as ruas ainda escuras poderiam passar despercebidos e, se estivessem com sorte, ainda não teria começado o turno do segurança gorilesco.

Era tão cedo que não havia trânsito nenhum na rua. Eles levaram uma hora para chegar ao museu, e nesse meio-tempo passaram por apenas alguns carros, uns poucos caminhões e um ônibus vazio. O mundo ainda não havia acordado.

Raj deixou a dupla em frente ao Museu Imperial da Guerra. O lugar estava deserto, exceto por um bando de pombos no telhado.



— Boa sorte lá em cima, comandante, senhor — disse o jornaleiro, prestando continência.

— Obrigado, Char Wallah — respondeu vovô, assentindo.

— E boa sorte para você, líder de esquadrão.

Raj repetiu o gesto para o menino.

— Obrigado, Raj... Char Wallah.



— Se cuidem, vocês dois! E, por falar nisso, aquela barra de chocolate meio comida que o senhor encontrou no chão da banca fica por minha conta.

— É muita gentileza sua — respondeu vovô.

Raj acelerou a motocicleta com força e saiu chacoalhando pela rua.

Então, depois de escapar de um prédio muito bem protegido, Jack e o avô precisavam entrar em outro. Cheio de artefatos históricos valiosíssimos, o museu contava com um sistema de segurança excelente. Uma olhada rápida pelo exterior do prédio só confirmou o que Jack já suspeitava. Todas as janelas e portas estavam trancadas. Da última vez que vovô tinha entrado lá, o museu estava aberto ao público. Dessa, não seria tão fácil.

Quando a dupla voltou à entrada, quase já não restava mais esperança.

— Algum palhaço trancou o hangar! — murmurou vovô.

Jack olhou lá para cima, para o topo do prédio. No alto das colunas em estilo romano do museu estava postada uma grande cúpula verde. Pontilhadas ao longo da base, havia várias janelas pequenas e redondas; pareciam escotilhas de um navio. Havia uma entreaberta na frente. Talvez pudesse ser arrombada. Mas como chegariam lá?

Enquanto pensava, Jack se apoiou em um dos dois grandes canhões navais que apontavam para o pátio em postura orgulhosa. O menino teve uma ideia.

— Comandante.

— Sim, meu velho.

— Se virássemos os canhões e os apontássemos para o outro lado, poderíamos subir por eles e chegar àquela janela aberta lá em cima.

Os canhões ficavam em uma grande base de metal. Juntos, os dois tentaram empurrar um deles, só que a coisa não girava.

Mas, tocando por baixo dele, Jack encontrou vários parafusos grandes.

— Estou com uma colher aqui, senhor! — exclamou o menino.

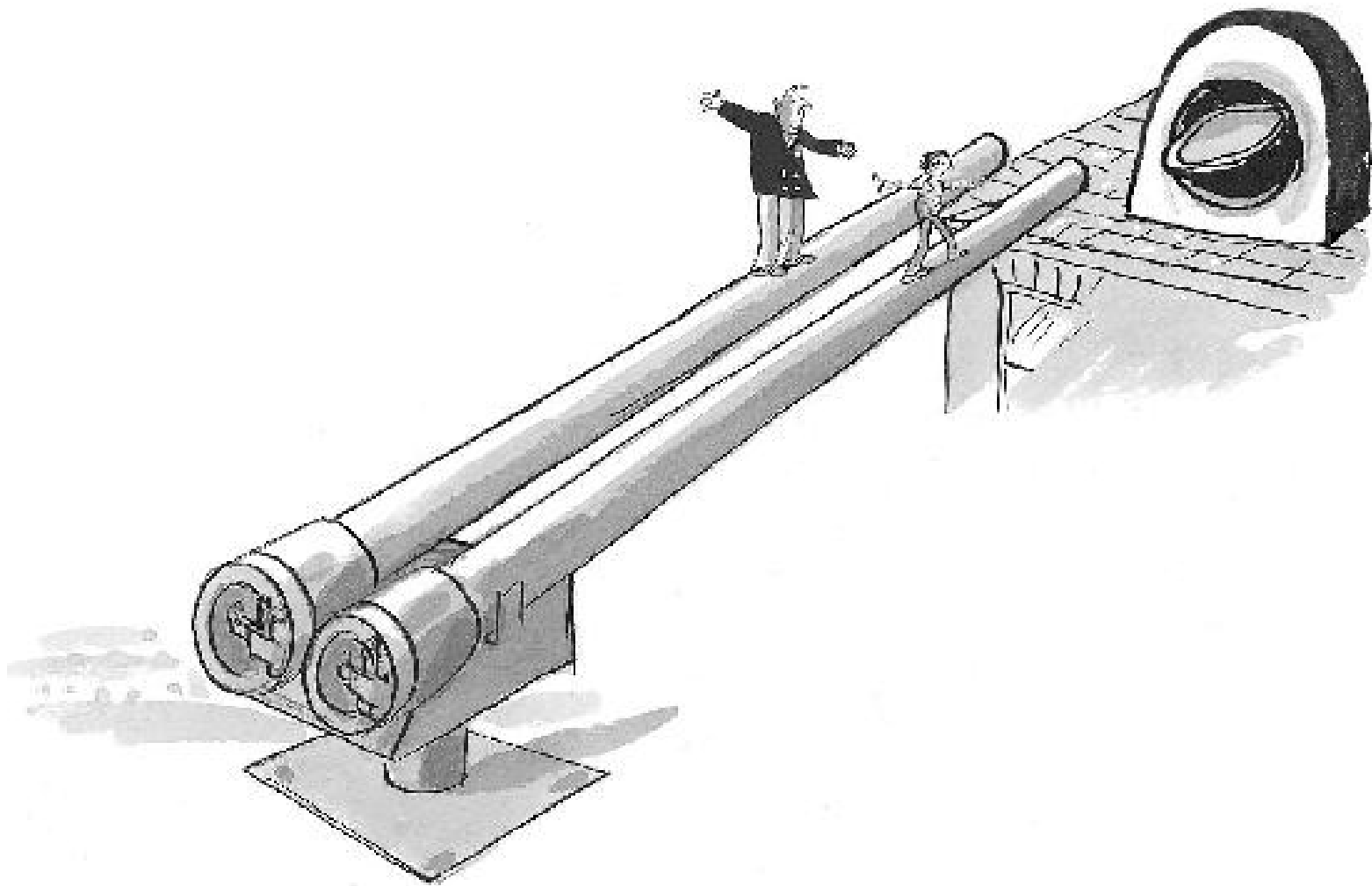
Era a concha que ele havia roubado do refeitório da escola e não tivera a oportunidade de dar ao avô naquela noite.

— Podemos usá-la como chave de fenda! — disse vovô.

Usando o cabo da colher, o velho afrouxou os parafusos, sem perder tempo.

Com toda a força, a dupla posicionou os ombros na base e empurrou com disposição.

Era um trabalho duro, mas enfim conseguiram apontar os canhões para o museu.



Jack subiu em um deles, e o avô, no outro. Os dois abriram os braços para se equilibrar. Depois de alguns passos, Jack percebeu que era melhor não olhar para baixo; seria uma queda e tanto.

Por fim, Jack e o avô alcançaram o telhado do museu. Ao ver a bandeira do Reino Unido tremulando ali, vovô prestou continência a ela, e o menino se sentiu compelido a fazer o mesmo.

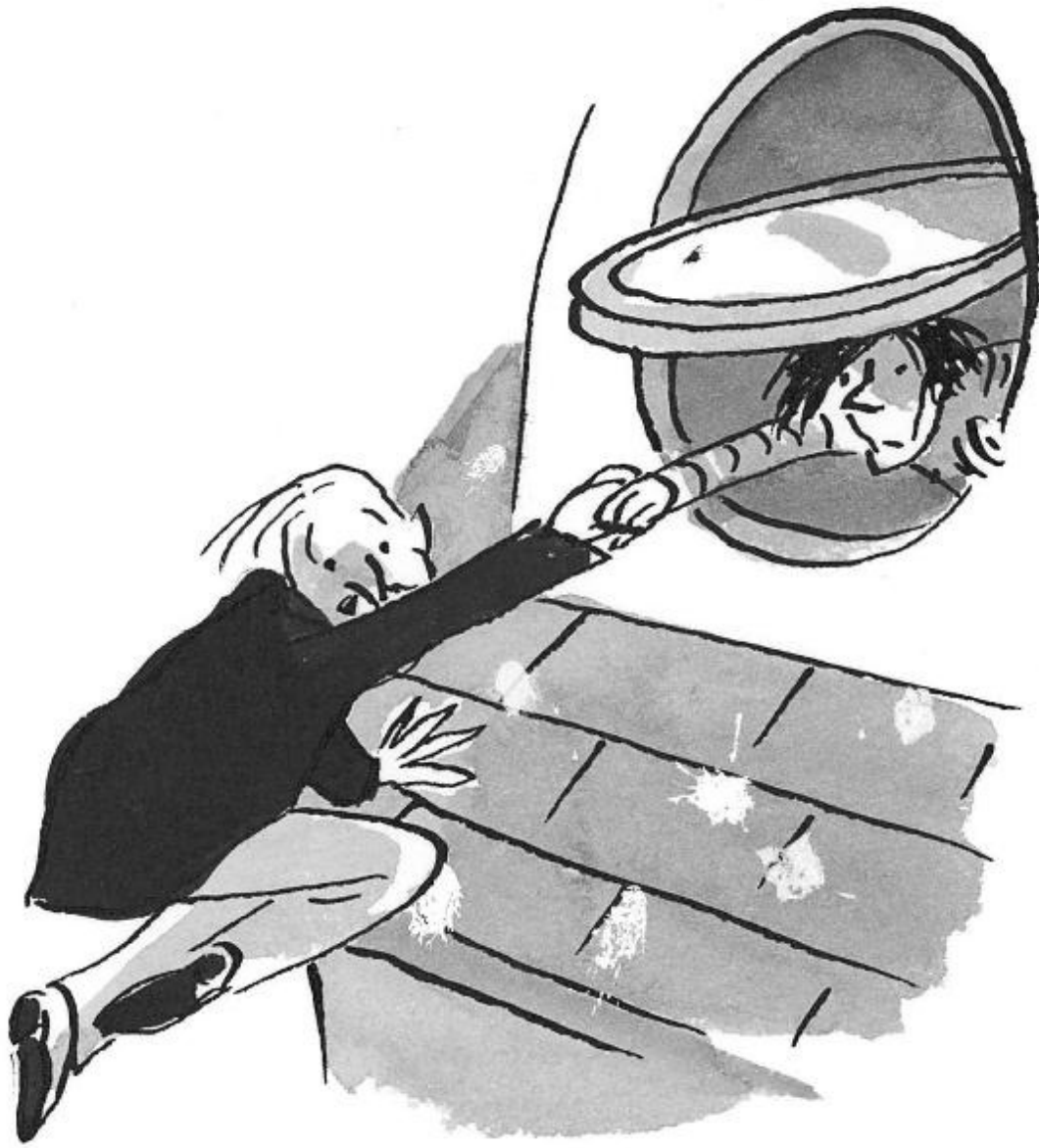
O telhado estava coberto de titica de pombo e era muito escorregadio, especialmente para quem estava de chinelos.

— Por ali, senhor! — disse o menino, indicando a janelinha redonda que estava um pouquinho aberta.

Os dedinhos de Jack mal passaram pela fenda, mas então ele puxou e escancarou a janela.

— Bom trabalho, líder de esquadrão! — disse vovô.

O velho deu apoio para o menino subir. Jack, em seguida, estendeu a mão para ajudar o avô.



A dupla havia entrado no Museu Imperial da Guerra.

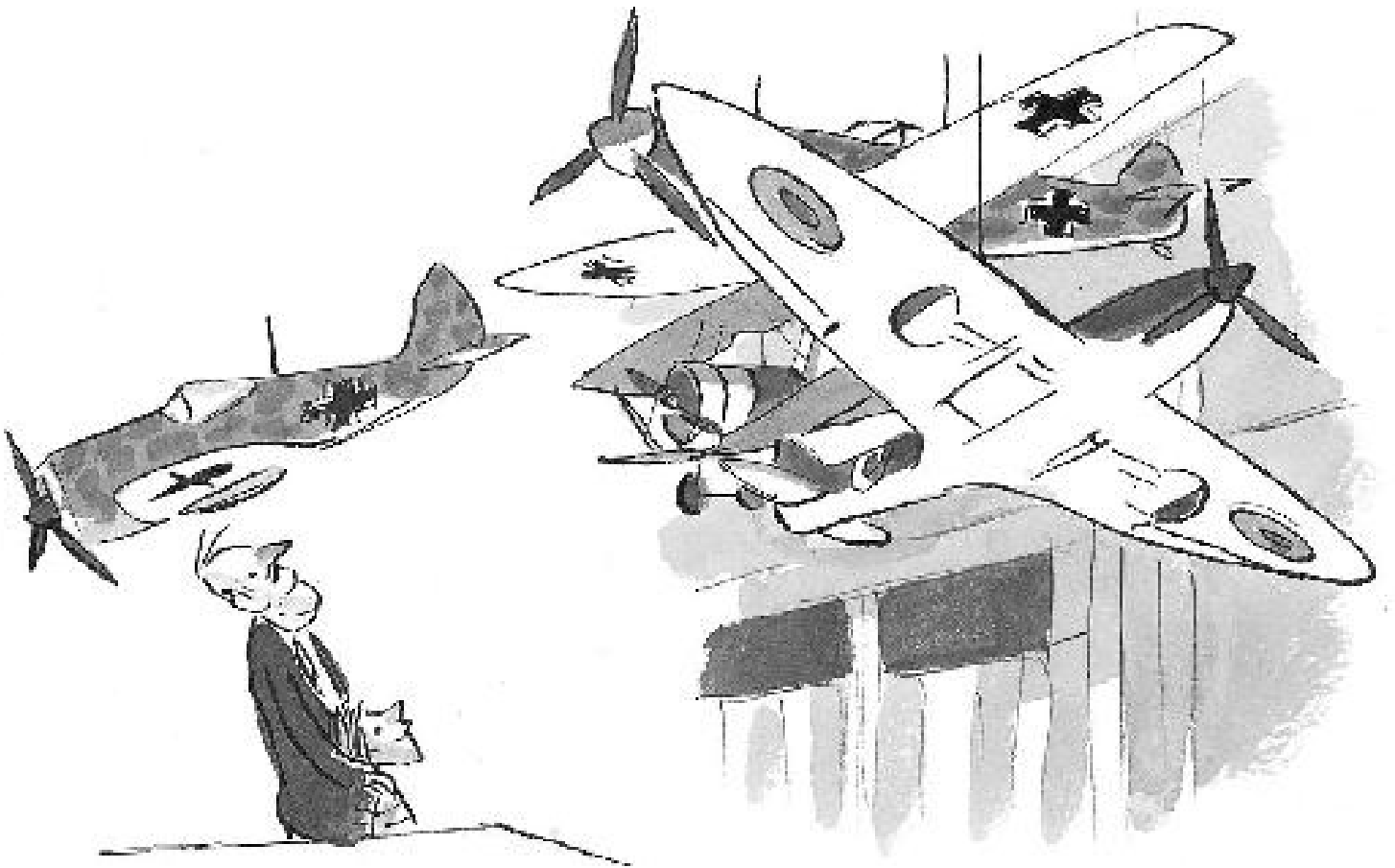
A sensação atingiu Jack como um enorme **EBA!**

Agora só faltava roubar o Spitfire.

Dirigindo um tanque

Jack e o avô desceram a escada correndo até o Grande Salão do museu, onde os aviões ficavam suspensos do teto.

Os caças tinham sido consertados desde a última visita dos dois. O Spitfire fora restaurado para manter sua antiga glória.



Na parede havia uma manivela, e os dois foram rápidos em descer o pássaro de guerra até o chão.

Em uma vitrine ali perto, em manequins, havia uma exposição de uniformes de piloto da RAF. Pensando rapidamente, os dois empurraram na direção do expositor um velho canhão de cavalaria da Primeira Guerra Mundial, que em sua época teria sido puxado por um cavalo. O canhão espatifou o vidro.

Como se estivesse partindo para um combate, a dupla correu para vestir os uniformes de piloto.

O menino viu seu reflexo no vidro do mostruário ao lado:



ÓCULOS — OK
CAPACETE — OK
CALÇA DE PILOTO — OK
CACHECOL — OK
JAQUETA DE COURO MARROM — OK
BOTAS — OK
LUVAS — OK
PARAQUEDAS — OK

Eles estavam em uniformes de piloto.
O Spitfire encontrava-se no chão.

Mas, em meio a toda a excitação, a dupla se esqueceu de uma coisa.

Uma coisa importante.

— Comandante — chamou o menino.

— Sim, líder de esquadrão.

— Como vamos tirar o avião daqui?

Vovô olhou de um lado para outro, com uma expressão de perplexidade.

— O palhaço que projetou este hangar se esqueceu das portas!

De repente, foi como se um balão tivesse se esvaziado dentro de Jack. Chegar ao museu já tinha sido bem difícil, mas tirar o Spitfire dali parecia impossível.

Do outro lado do salão, estava exposto um tanque da Primeira Guerra Mundial. Era um Mark V britânico, verde-musgo com duas grandes lagartas. Era tão grande e pesado que parecia capaz de arrebentar concreto.

De repente, Jack teve uma ideia.

— O senhor sabe dirigir um tanque? — perguntou o menino.

— Não! Mas não deve ser muito difícil.

Vovô era um homem que sabia se virar em qualquer situação.

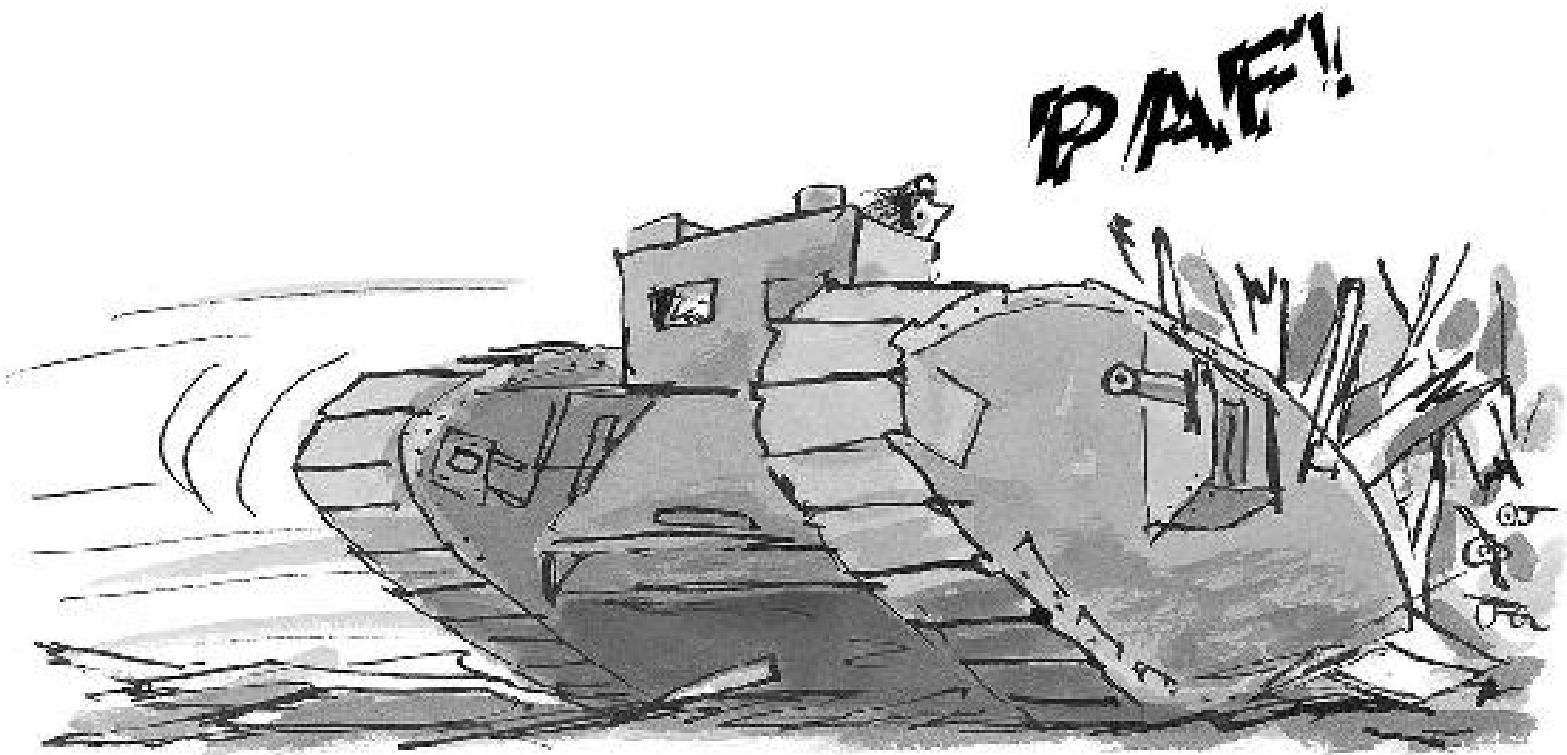
A dupla correu até o tanque, subiu e abriu a escotilha no alto. Entrando na cabine apertada, viram um conjunto desconhecido de pedais e alavancas.

— Vamos tentar alguns desses, que tal? — sugeriu vovô.

Depois de ligar o motor, o velho baixou uma alavanca que imediatamente pôs o tanque em marcha a ré.

— Pare! — gritou Jack.

Era tarde demais. A lojinha do Museu Imperial da Guerra tinha sido destruída.



Com certo pânico, o menino puxou a alavanca mais próxima, e o tanque antigo foi para a frente em grande velocidade.

TRAF!

Ele demoliu a parede do museu com uma facilidade absurda.

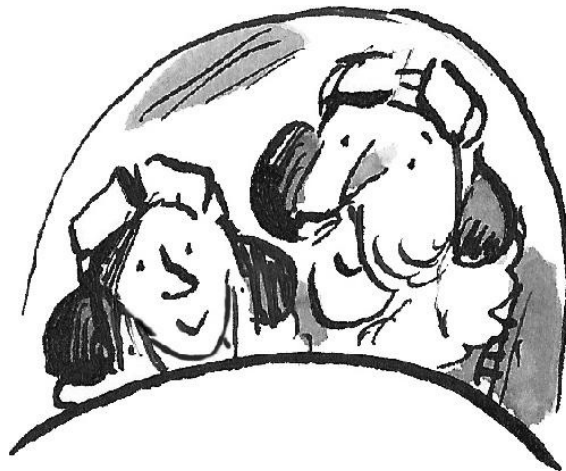
Pegando o jeito com o Mark V, a dupla dirigiu o tanque para a frente e para trás, abrindo um buraco grande o suficiente para que as asas do Spitfire passassem.

SMASH!
Bang!
CRASH!

Em seguida, saíram depressa do tanque e correram de volta para o Spitfire. Pularam para a asa e subiram na cabine. Como na maioria dos caças da Segunda Guerra Mundial, havia apenas um lugar, então o menino se sentou no colo do avô.

— Aconchegante, aqui, não é, líder de esquadrão? — observou o idoso.

Pela primeira vez na vida, Jack se viu dentro de um Spitfire de verdade. Seu sonho estava se tornando realidade.



Após tantos anos brincando de piloto com o avô, o interior do avião era exatamente como ele descrevera.

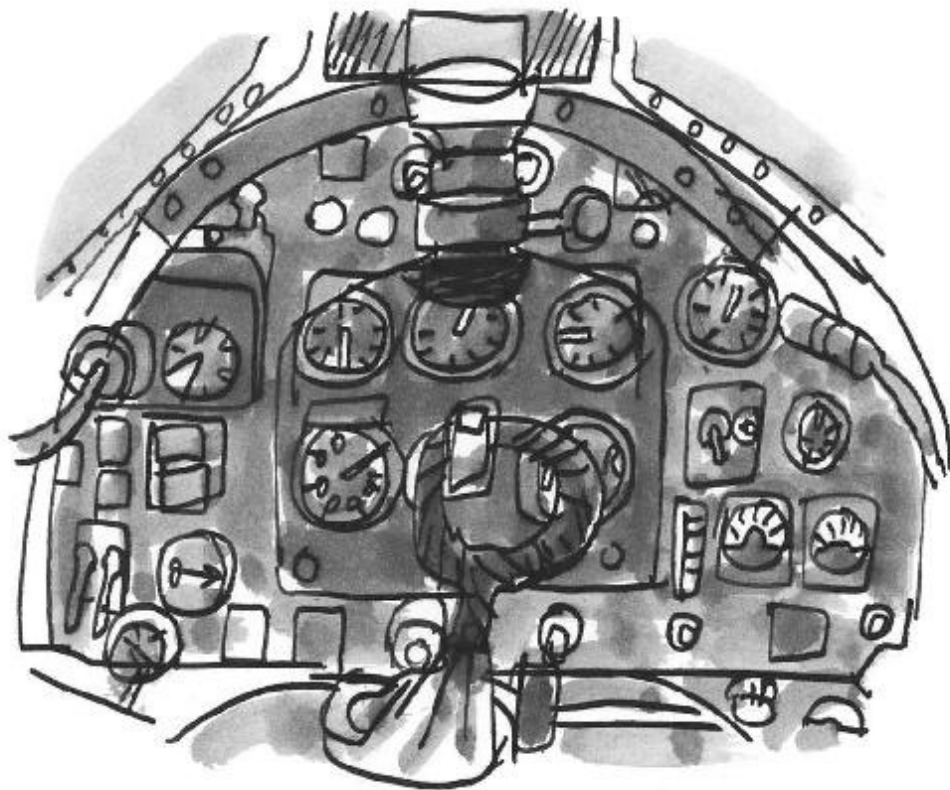
Havia um painel de controle com mostradores para velocidade e altitude.

Abaixo, uma bússola.

A mira das armas ficava, claro, na altura da cabeça.

O manche estava posicionado entre os joelhos do menino. No alto do manche ficava a parte mais emocionante: um botão para disparar as metralhadoras.

Vovô fez suas verificações.
— Cabine trancada? Ok!
“Motor acionado? Ok!
“Bateria ligada? Ok!
“Flaps levantados e em posição? Ok!
“Equipamento de navegação? Ok!
“Instrumentos de voo? Ok!
“Combustível? Combustível? Vazio!”



Os olhos de Jack se voltaram para o mostrador de combustível. Estava mesmo vazio. Ali estavam eles, nos devidos trajés, mas sem nenhum lugar para ir.

— Fique aqui, líder de esquadrão — disse vovô.

— O que o senhor vai fazer? — perguntou o menino.

— Um de nós vai ter que sair e empurrar!

Encha o tanque

O menino estava sentado no lugar do piloto, dirigindo, enquanto vovô usava toda a sua força para empurrar o caça até a rua do lado de fora do museu. Por sorte, a maior parte do caminho era uma descida.

Os dois estavam à procura de um posto de gasolina, pois precisavam encher o avião de combustível se quisessem decolar.

Felizmente, logo encontraram um pertinho, na rua que vinha do museu.

A mulher atrás do balcão ficou olhando, chocada e boquiaberta, enquanto o caça da Segunda Guerra era empurrado pela área de acesso.

Da cabine, Jack gritou para baixo:

— O senhor tem certeza de que gasolina comum vai servir para o Spitfire, comandante?



— Ele não vai gostar, líder de esquadrão! — disse vovô. — Este garotão aqui vai tossir e engasgar um pouco, mas vai voar.

É desnecessário dizer que um avião precisa de muito mais combustível que um carro.

O menino observava com ansiedade enquanto o preço na bomba passava de cem libras para

duzentas, depois trezentas, depois quatrocentas.

— Tem dinheiro, senhor? — indagou Jack.

— Não. E você?

Quando vovô, por fim, sentiu que o tanque de combustível estava cheio, o preço chegou a novecentas e noventa e nove libras. Então, ele achou que poderia muito bem arredondar para mil libras, mas apertou a bomba com força e o preço foi para mil libras e um centavo.

— **Droga!** — gritou o idoso.

— Como vamos pagar?

— Vou só dizer à mulher que estamos em uma missão oficial da RAF. E, como são tempos de guerra, podemos requisitar o combustível para uso militar.

— Boa sorte, senhor!

Vovô não entendeu o sarcasmo e marchou na direção do caixa.

Naquele momento, um carrinho amarelo parou ao lado da bomba. Da cabine, Jack viu que, no banco do motorista, estava o segurança grande e peludo do Museu Imperial da Guerra. O homem estava de uniforme, ao que tudo indicava, a caminho do trabalho.

— **Vovô! Quero dizer, comandante!** — gritou o menino.

— Com licença, senhora — disse o idoso antes de se virar para o neto, com as sobrancelhas erguidas. — O que foi agora, líder de esquadrão?

— Acho que é melhor o senhor voltar para o avião! **Depressa!**

O segurança saiu do carro, pronto para confrontar o menino.

— **Ei! Você!**

— Acabei de receber uma mensagem no rádio, senhor! — exclamou o menino, desesperado.

— Precisamos decolar **imediatamente!**

Vovô saiu correndo na direção do avião, gritando instruções.

— **Vamos lá, então!** Pode ligar.

Depois de todas as simulações na casa do avô, Jack sabia exatamente onde ficava o botão certo. Ele o apertou e o pássaro de guerra de quarenta anos estremeceu e despertou.

— Mas que droga vocês dois acham que estão fazendo? — berrou o segurança mais alto que o ronco do motor.

— **Comece a taxiar!** — gritou vovô enquanto corria pelo posto.

— **SENHORA, CHAME A POLÍCIA!** — berrou o segurança.

Enquanto o Spitfire saía do posto taxiando, vovô correu atrás dele e saltou na asa.

O segurança um tanto pesadão começou a perseguição a pé, mas logo sentiu uma fisgada e mancou de volta ao carro para ir atrás deles.

O Spitfire estava taxiando pela rua a uma velocidade considerável, enquanto vovô se arrastava pela asa até a cabine.

Jack tinha acabado de estudar as regras de trânsito para triciclos e, quando viu o semáforo à frente ficar vermelho, pisou no freio.

O carrinho amarelo parou atrás e o segurança começou a gritar com raiva para a dupla.

Jack não sabia ao certo o que fazer, por isso apenas sorriu e acenou.

— Por que você está parando, meu velho? — gritou vovô.

— VAI

VAI

VAI!

O idoso entrou na cabine. Quando puxou a cobertura da cabine no alto, afivelou o cinto de segurança, assumiu os controles e o caça saiu roncando.

O Spitfire seguiu caminho pela estrada principal do lado sul do rio Tâmis.

Havia carros correndo pela rua na direção deles. Como se fosse um jogo mortal, vovô desviou o avião da rota dos veículos, um a um, bem a tempo.

Por cima do ruído do motor, Jack ouviu sirenes. No início, bem distantes, mas se aproximando cada vez mais.

Uíííí uuuu

Uíííí uuuu.

O menino olhou para trás e viu que havia uma fila de carros da polícia em sua cola.

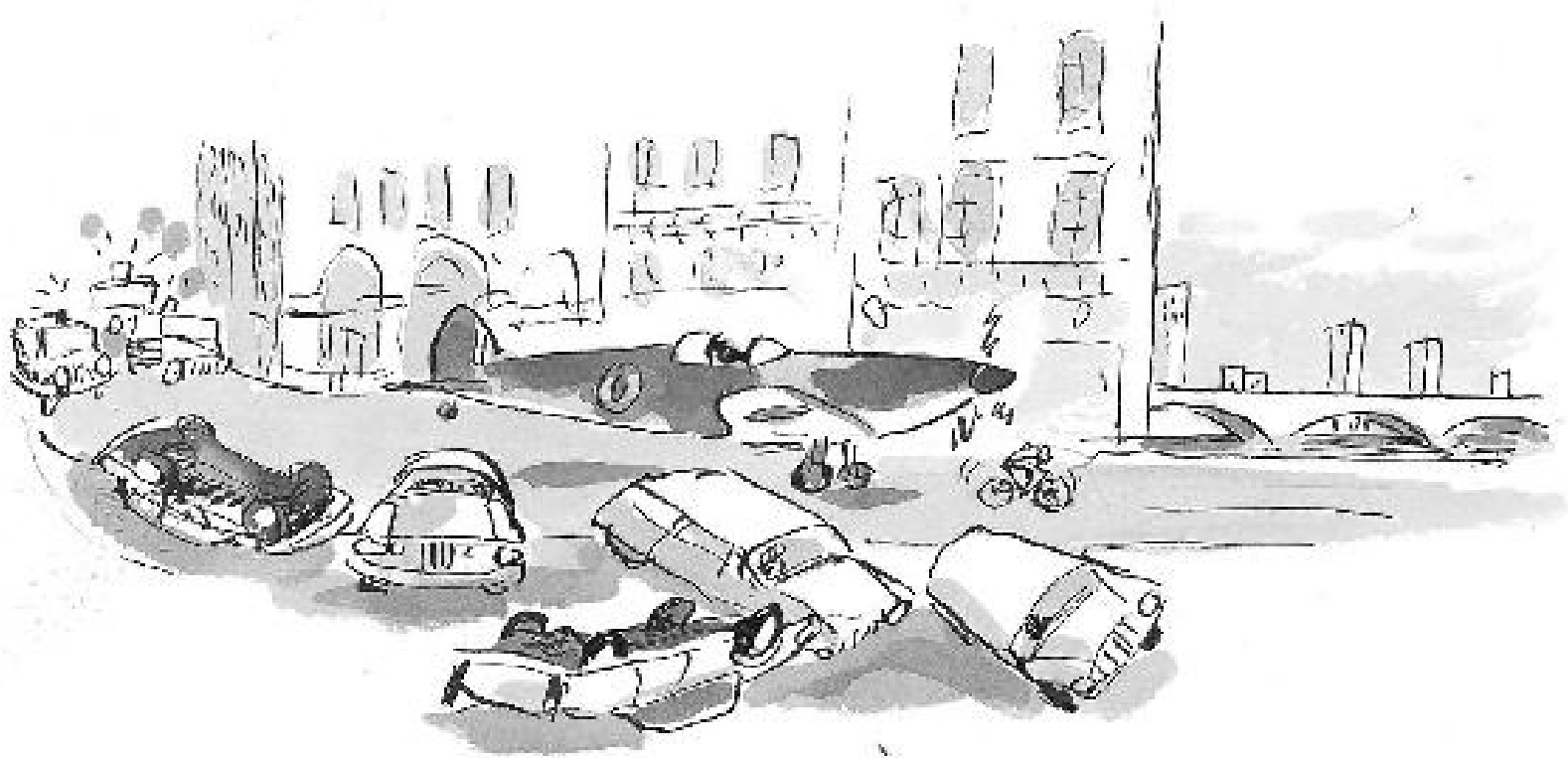
— É necessária uma longa extensão de pista limpa para decolar! — disse vovô.

Mas, como estavam no centro de Londres, aquilo não existia.

Jack olhou para a direita. Mais ruas. Depois olhou para a esquerda e viu a Ponte Waterloo.

— Vire à esquerda, comandante!

— Entendido!



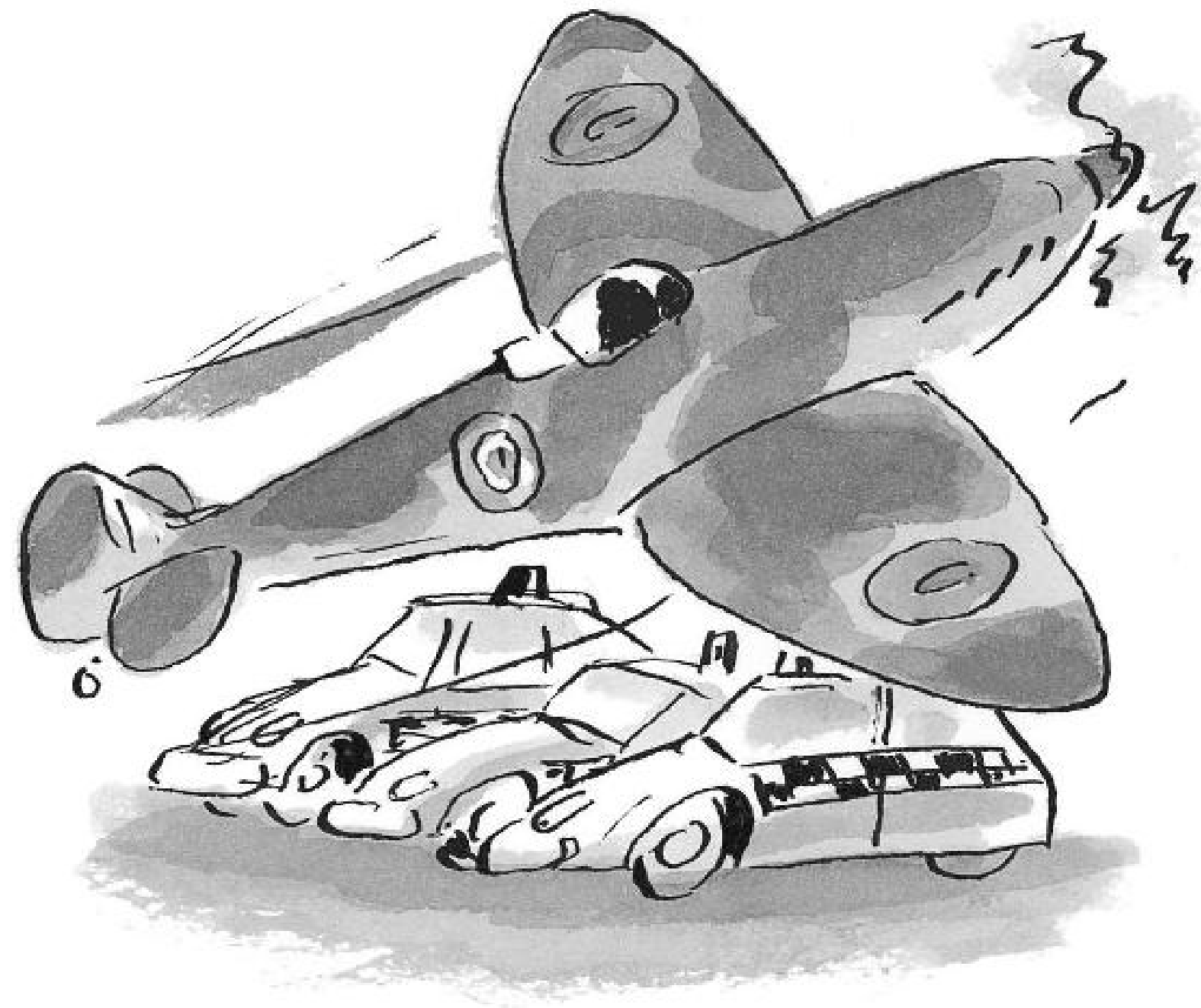
O avião virou e logo estava acelerando através da ponte, como se a rua fosse uma pista.

À medida que aceleravam, Jack viu várias viaturas se aproximando do outro lado da ponte, tentando bloquear o caminho.

— Olhe, senhor!

Vovô acelerou enquanto os carros de polícia começaram a criar um bloqueio improvisado na pista. Se o Spitfire não decolasse a qualquer segundo, seria um grande

CA T A P O F B A N G P A F .



ZUM!

UUUUUSH!

Uma grande sensação de alívio invadiu o menino quando percebeu que ele e o avô estavam no ar.

— *Para o céu e além* — disse o idoso.

— *Para o céu e além* — repetiu Jack.

As rodas traseiras do trem de pouso do Spitfire passaram raspando no teto de uma das viaturas no bloqueio, fazendo o avião balançar um pouco. Mas eles conseguiram.

E estavam seguindo direto na direção do histórico Savoy Hotel. Mas vovô empurrou o manche e o avião foi lá para alto, cortando o céu. O velho não resistiu e começou a se exhibir para os policiais lá embaixo, dando um grande *loop* da vitória com o avião.

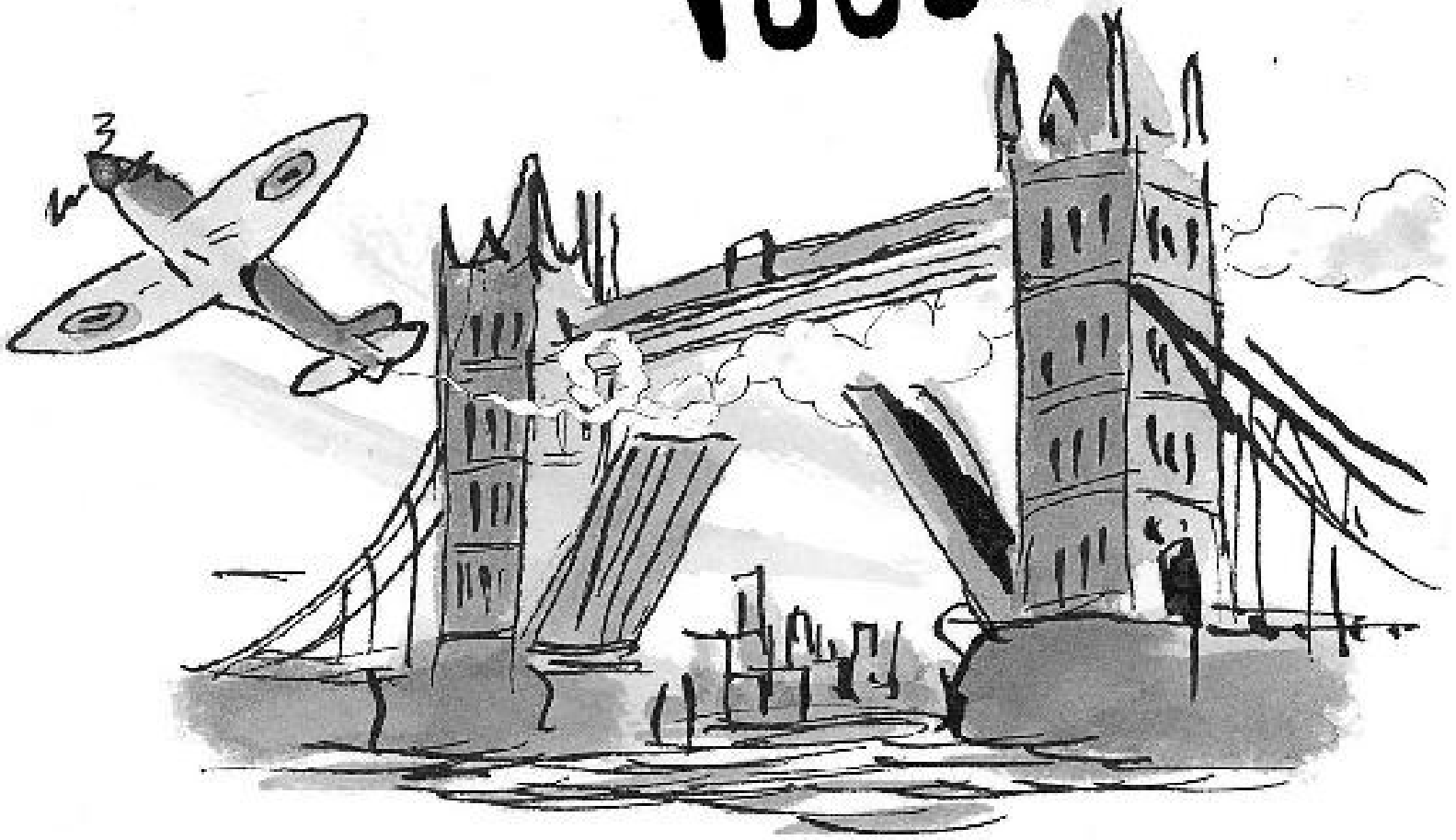
Parecia uma baleia assassina saltando pelas ondas só para provar sua superioridade absoluta sobre todas as outras criaturas do mar.



O Spitfire era assim. O maior avião de guerra já construído. E no controle estava um dos maiores pilotos da história da RAF.

Nas mãos do vovô, o velho avião se transformava em um carro de corrida novinho. Ele podia virar a curtíssima distância; vovô voou tão perto da Catedral de St. Paul que o coração do neto quase parou. Então, o caça acelerou sobre o rio Tâmesa, passou pelo HMS *Belfast* e seguiu rumo à Tower Bridge. Quando os dois lados da ponte começaram a se abrir, vovô acelerou o Spitfire e passou zunindo pelo vão.

VUUUSH!



Pela primeira vez em sua curta existência, Jack se sentiu verdadeiramente vivo. Livre.

— É todo seu, líder de esquadrão — disse vovô.

O garoto não acreditou no que estava ouvindo. O avô estava lhe dando o controle do caça.

— O senhor tem certeza, comandante?

— Positivo!

O velho tirou as mãos do manche, e o menino o segurou firme. Tal como o avô lhe ensinara, ele só precisava fazer os mais leves movimentos para o avião responder.

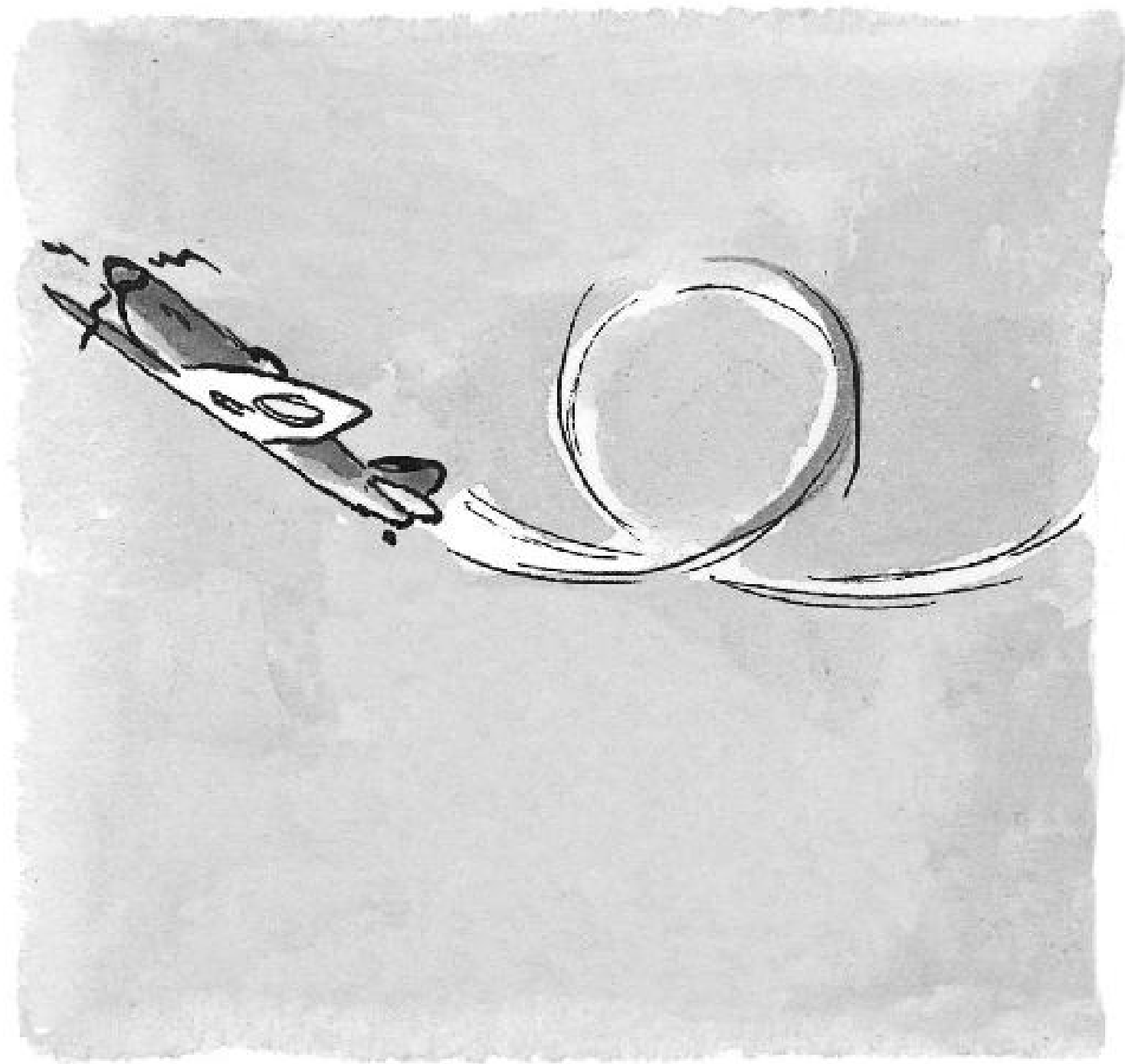
Jack queria tocar o céu. Empurrou o manche e o avião subiu, subiu, subiu... Eles dispararam através das nuvens e encontraram o sol, uma bola flamejante que iluminava o céu.

Acima das nuvens, enfim ficaram sozinhos. Abaixo deles estava Londres, bem longe; acima, apenas o espaço.

— Quero fazer um *loop*, senhor!

— Positivo!

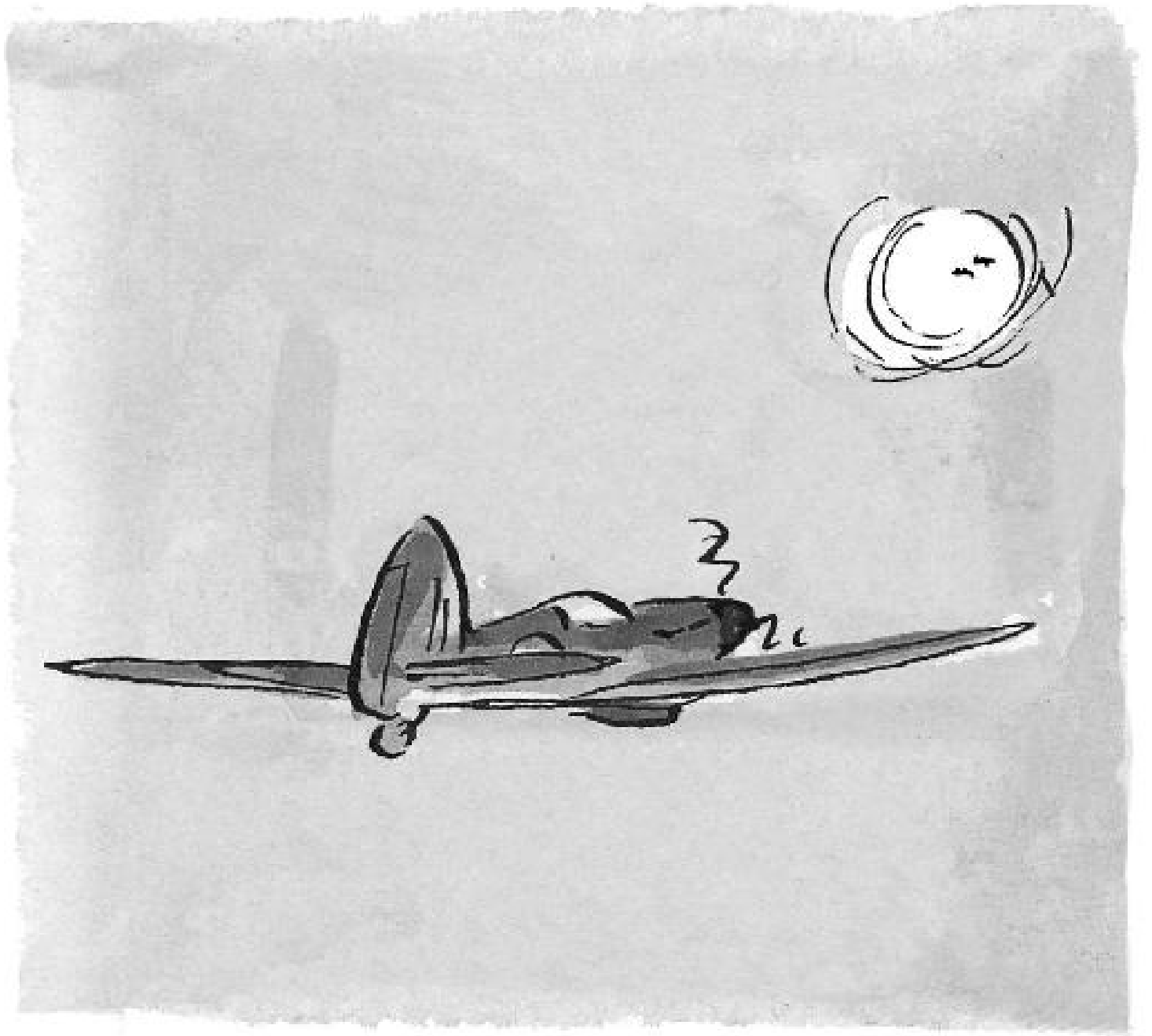
O menino puxou a alavanca em um movimento brusco e o avião traçou um arco no céu. Ficaram de cabeça para baixo. Nada mais importava além daquele momento. Todo o passado e todo o futuro nada significavam diante daquilo.



Com as mãos de Jack ainda no manche, o avião logo voltou à posição habitual. Tinham se passado segundos? Minutos?

Nada importava. Nada além daquilo importava. Nada do que havia acontecido importava. Nada do que iria acontecer importava. Só havia o **AGORA**.

O menino absorvia cada detalhe. A força que o prendia ao assento. O som do motor. O cheiro de gasolina.



O Spitfire se estabilizou e passou pelas nuvens, seguindo rumo ao sol.

Então, da luz vermelha ofuscante à sua frente, eles viram emergir dois misteriosos pontos negros. A luz era tão ofuscante que, no início, foi impossível identificar aqueles pontos. Mas estavam indo na direção deles em alta velocidade.

Render-se, jamais

Conforme os pontos se aproximavam, o menino logo reconheceu dois Jump Jets Harrier. Eram caças a jato modernos e passaram voando pelo Spitfire em uma velocidade inacreditável.

Jack estava com medo — por que aqueles caças tinham sido mandados? Para derrubá-los? A dupla de Harriers voava tão perto que parecia uma espécie de aviso. Atrás, ele viu que os dois aviões fizeram uma curva. Em segundos, eles os alcançaram e começaram a voar junto do Spitfire, um de cada lado, tão perto que as asas dos Harriers quase tocavam as deles. Os pilotos dos jatos usavam visores negros nos capacetes, que escondiam seus olhos, e as bocas estavam cobertas por máscaras. Pareciam mais robôs do que pessoas.

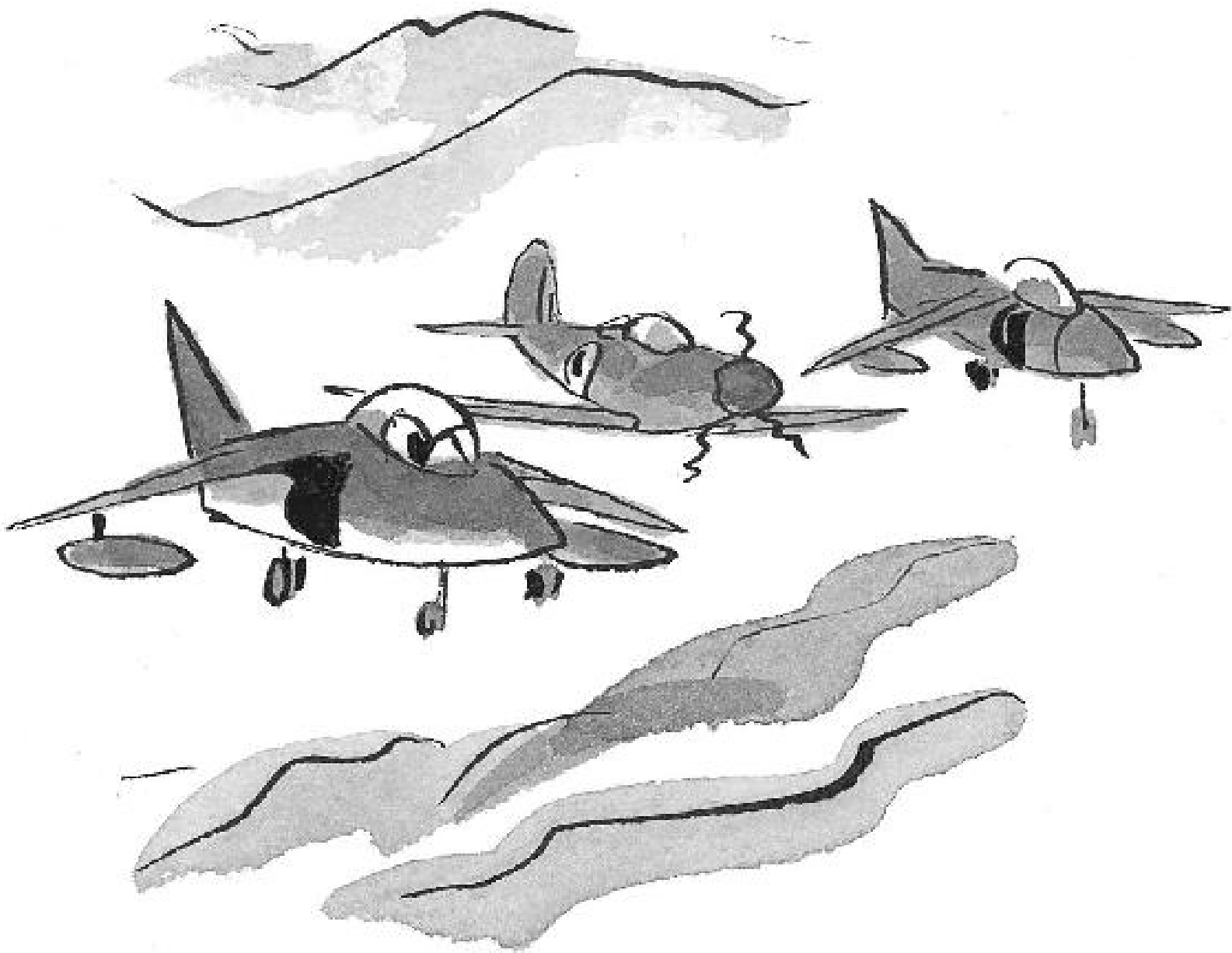
— Os nazistas estão com um avião novinho!

Quando vovô falou isso, Jack olhou para os dois lados, nervoso.

Os dois pilotos estavam gesticulando para que eles descessem.

— Senhor, estão pedindo que a gente aterrisse — gritou o menino.

— O que Churchill disse, líder de esquadrão?



Jack tinha aprendido nas aulas de história que Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico que ocupara o cargo durante a Segunda Guerra, dissera muitas coisas memoráveis. Naquele momento, ele não sabia ao certo a qual delas o avô se referia.

— Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos?

— Não.

— Lutaremos nas praias?

— Não.

Jack estava quebrando a cabeça para encontrar a resposta.

— Não tenho nada a oferecer senão sangue, sofrimento, lágrimas e suor?

— Não. Essa, não — respondeu vovô, ficando cada vez mais confuso. — Nosso grande primeiro-ministro disse algo sobre não desistir. Não lembro exatamente o que ele falou, mas tenho certeza de que ele disse para nunca desistirmos!

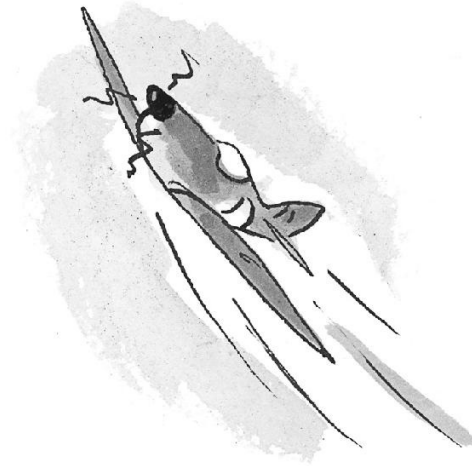
— Nunca nos renderemos? — arriscou o menino.

— Essa mesmo. E eu nunca me renderei...

Com medo, o menino engoliu em seco.

Pura poesia

Vovô empurrou o manche e o Spitfire subiu feito um foguete. Os dois pilotos dos Jump Jets foram pegos desprevenidos por um instante, antes de saírem atrás. A hélice de madeira do Spitfire não devia ser páreo para um motor a jato moderno. Mas, nas mãos do vovô, aquele avião antigo manobrava melhor que o Harrier. Sim, o velho caça chacoalhava, tossia e engasgava às vezes. Mas o Spitfire era pura poesia no céu.



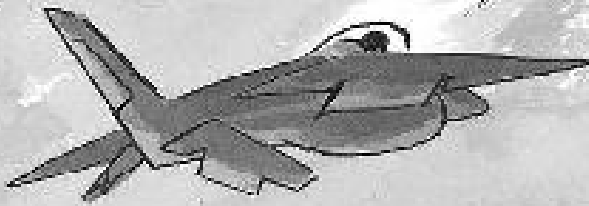
De repente, um dos Jump Jets Harrier que estava na perseguição lançou um míssil que passou zunindo pelo Spitfire e explodiu no céu.

BUUM!



Foi apenas um aviso. Se quisessem, os Harriers

poderiam derrubar o Spitfire em um piscar de olhos. Mesmo assim, um medo tomou conta de Jack.



Um caça não identificado sobrevoando o centro de Londres era um grande perigo. Os Jump Jets tinham mesmo sido enviados para fazê-los descer.

Naquele instante, uma voz veio pelo rádio do Spitfire.

— Aqui é o líder vermelho dos Harriers. Spitfire, você está voando em espaço aéreo restrito. Precisa aterrissar imediatamente. Câmbio!

— Nunca nos renderemos! Câmbio! — respondeu vovô.

— Não queremos fazer mal a vocês, mas temos ordens de derrubá-los se não pousarem! Câmbio!

— Câmbio e desligo! — disse vovô antes de desligar o rádio.

Passando pelo fogo

Atrás deles, Jack e o avô ouviram outro míssil ser lançado. O idoso virou o avião de lado, e o foguete passou raspando pela barriga do Spitfire.

BUUM!

O segundo míssil explodiu pouco à frente do nariz do Spitfire. Jack fechou os olhos enquanto a aeronave passava disparada pelo fogo.

— O senhor precisa fazer o que eles estão pedindo! — gritou o menino, mais alto que o ruído ensurdecido da explosão.

— Prefiro morrer aqui em cima como herói a ceder e viver como um escravo em terra.

— Mas...

— Mas você precisa saltar, líder de esquadrão! — insistiu vovô, também mais alto que o barulho.

— Não vou deixar o senhor, vovô!

— Vovô?

De repente, o idoso pareceu atordoado.

— Sim. Vovô — repetiu o menino. — Sou eu, Jack, seu neto.

— Você é meu... neto?

— Isso mesmo.

— Jack? — perguntou o velho.



Por um instante, pareceu que vovô estava presente no aqui e agora.

— Sim. Jack!

— Meu neto maravilhoso. Jack! Não posso deixar que você se machuque. Você precisa saltar.

— Não quero deixar o senhor! — exclamou o menino.

— Mas eu preciso deixá-lo.

— Por favor, vovô, não quero que o senhor morra!

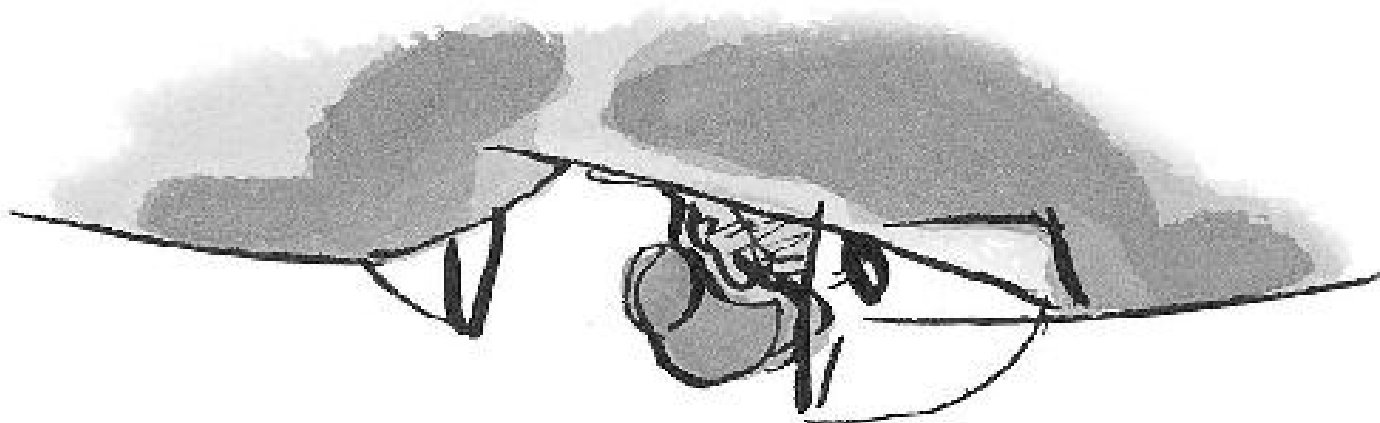
— Amo você, Jack.

— Eu amo você, vovô.

— Enquanto você me amar, não vou morrer nunca.

Com isso, o idoso virou o avião de cabeça para baixo, abriu a proteção da cabine e puxou a corda do paraquedas do menino.

— *Para o céu e além!*



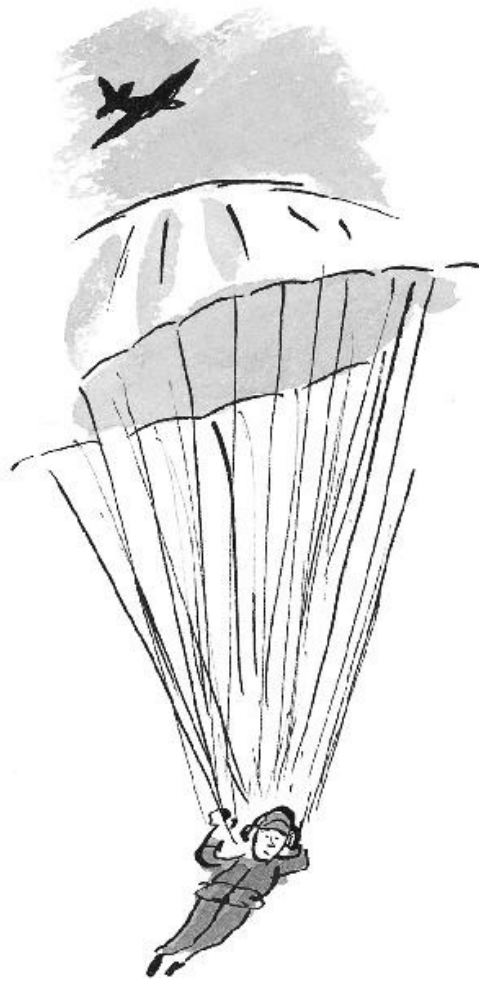
— gritou vovô para o neto, prestando uma última continência.

De volta à terra

De imediato, o paraquedas se abriu e arrancou Jack do caça. Os dois Jump Jets Harrier passaram roncando pelo menino, enquanto ele assistia ao Spitfire subir cada vez mais.

Enquanto descia de volta, Jack olhava fixamente para o céu. Logo o Spitfire não passava de um ponto minúsculo ao longe. Não demorou para esse ponto desaparecer de vista.

— *Para o céu e além!* — disse o menino para si mesmo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.



Quando Jack olhou para baixo, avistou Londres. A metrópole movimentada parecia pacífica dali do alto. O rio, os parques, os telhados de todos os prédios grandiosos eram agrupados um ao lado do outro de maneira organizada, como as casas de um jogo de tabuleiro.

Em uma tarde ensolarada no apartamento do vovô, eles brincaram de saltar de paraquedas de um Spitfire atingido. Por isso, apesar de nunca ter passado por aquela situação antes, o menino sabia exatamente como guiar a descida, puxando as cordas do paraquedas.



Jack observou uma grande área aberta. Havia muito verde, por isso ele supôs que fosse um parque. Dirigiu o paraquedas para aquela direção para garantir uma aterrissagem suave.

PARA BAIXO

PARA BAIXO

PARA BAIXO

navegou o menino.

Logo Jack passou ao lado da copa de árvores altas. Lembrando-se de encolher os joelhos, ele enfim atingiu o solo e rolou pela grama bem aparada. Ficou ali deitado, exausto. Fechou os olhos por um instante. A noite fora longa.

De repente, ele sentiu algo molhado e quente no rosto. O menino abriu os olhos e viu vários cãezinhos, todos lambendo-o e fazendo-o recobrar a consciência. Um instante depois, percebeu que todos os cães eram, na verdade, da raça corgi. Jack levou um susto tão grande que precisou se sentar. Ao longe, viu uma senhora com ar bastante elegante vestida com uma saia de tweed, um casaco de matelassê e um lenço na cabeça. Quando ela se aproximou, Jack

se lembrou de onde conhecia aquele rosto.

De um selo.

Era a rainha.

Atrás dela estava a silhueta inconfundível de sua casa magnífica.

O menino tinha aterrissado no jardim do Palácio de Buckingham.



A rainha olhou para Jack e, pensativa, indagou:

— Você não é um pouco novo para estar na minha Força Aérea?

PARTE 4

A CAMINHO DAS ESTRELAS



Homenagens ao herói

O funeral do vovô foi uma semana depois. A igreja ficou lotada de pessoas que desejavam prestar suas últimas homenagens ao herói.

Jack estava sentado em um banco na primeira fila, entre os pais. O menino sabia que o caixão ali diante deles estava vazio. Misteriosamente, o Spitfire nunca foi encontrado. Nem o corpo do vovô.



Os pilotos dos Jump Jets Harrier relataram ter visto o avião antigo voar cada vez mais alto na atmosfera da Terra antes de desaparecer do radar. Houve dias e noites de buscas, mas nenhuma revelou qualquer traço do Spitfire.

Uma bandeira do Reino Unido cobria o caixão. Era o modo britânico de homenagear seus militares. A Medalha da Ordem do Mérito Aeronáutico, a honraria mais ilustre que vovô recebera, tinha sido colocada sobre o caixão.

Bem atrás de Jack encontrava-se Raj, que chorava e assoava o nariz bem alto, como se

estivesse tocando tuba. Junto com ele estavam sentados os idosos que vovô e Jack haviam resgatado do **TORRES DO CREPÚSCULO**, entre eles a Sra. Bagatela, o major e o contra-almirante. Todos seriam eternamente gratos ao homem que os ajudara a escapar: vovô.



O que aconteceu no **TORRES DO CREPÚSCULO** tinha se tornado uma espécie de escândalo nacional. Chegou à primeira página dos jornais e aos noticiários de televisão. Jack não quis levar nenhum crédito, mas vovô havia ficado **famoso**.

O asilo podia ter sido reduzido a cinzas, mas as “enfermeiras” ainda estavam soltas. Pior ainda: ninguém sabia o destino que se abatera sobre a cabeça de tudo aquilo: a enfermeira-chefe do **TORRES DO CREPÚSCULO**. Será que a Srta. Porcina tinha falecido no incêndio? Ou estava ocupada bolando seu próximo *plano maligno*?

Do outro lado da igreja, estava um esquadrão de pilotos da Segunda Guerra Mundial. Os velhos camaradas do comandante Bunting se sentavam orgulhosos com as costas perfeitamente alinhadas. Todos tinham alguma espécie de bigode militar, como o:



Lápis



Guidom



Costeleta de
carneiro



Ferradura



Imperial



Dândi



Espadachim



Morsa



Mexicano



Quebra-luz



Escova de dentes



Estilo francês



Asa de morcego



Estilo chinês



Salvador Dalí

Todos estavam de paletó e calça comprida, com várias fileiras de medalhas tilintando uma ao lado da outra no peito.

Todos os alunos da aula de história de Jack também estavam ali. Eles haviam pedido à professora, a Srta. Vera Cidade, dispensa da aula para prestar sua homenagem. Tinham adorado a visita do vovô e nunca se esqueceriam de suas histórias emocionantes sobre a Batalha da Inglaterra. Claro que também queriam dar apoio ao colega.

Ao descobrir o verdadeiro herói que o homem foi, a Srta. Vera Cidade se sentiu profundamente culpada pelo modo como o tratara na aula de história naquele dia. Também estava derramando uma lágrima por ele. O segurança do Museu Imperial da Guerra a envolvia em um abraço reconfortante. Era nítido que um romance havia desabrochado entre o casal desde que ela fizera respiração boca a boca nele.

No banco dos fundos, atrás deles, estavam Roliço e Espeto, os dois detetives azarados da Scotland Yard. Eles tinham conhecido bem Jack e os pais, uma vez que estavam conduzindo a

investigação policial sobre o **TORRES DO CREPÚSCULO**. Conhecendo sua técnica de interrogatório, Jack não alimentava muitas esperanças. Mas o menino sabia que os dois eram bem-intencionados e, mesmo em sua tristeza profunda, ficou satisfeito por eles também estarem presentes no funeral do vovô.

Depois que o órgão da igreja tocou por alguns segundos, o reverendo Leitão começou seu sermão.

— Meus caros, estamos aqui reunidos hoje de luto pelo falecimento de um avô, pai e amigo de muitos.

— Ele foi o único homem que eu amei de verdade! — anunciou de repente a Sra. Bagatela, com uma grande pitada de melodrama.



Mas quando olhou para o vigário o menino parou de ouvir o que ele estava dizendo. Jack começou a perceber que havia algo muito *suspeito* naquele homem.

Narizes quebrados

Enquanto olhava com atenção, o menino percebeu que o vigário estava usando muita maquiagem no rosto, como se quisesse cobrir alguma coisa. Além disso, o reverendo Leitão não parava de lançar olhares furtivos na direção de Jack por trás dos óculos. Seu relógio de ouro cravejado de diamantes chacoalhava no pulso, e, quando ele viu que o menino o encarava, puxou a manga para baixo desajeitadamente para escondê-lo. Os sapatos pretos reluzentes do reverendo Leitão pareciam feitos de couro de jacaré caríssimo. Emanava dele o aroma doce de champanhe e charutos caros. Aquele não era um vigário comum que ajudava os outros. Era alguém que ajudava a si mesmo.

— Agora abram na página vinte e quatro do livro de cânticos, “Eu prometo a ti, meu país”.

O reverendo Leitão sinalizou com a cabeça para o organista, um homem grande e musculoso com “AMOR” e “ÓDIO” tatuados nos nós dos dedos. Em um lampejo, Jack percebeu que aquilo identificava nitidamente a... a enfermeira Rosa!



Quando a música começou, todos os presentes ficaram de pé e começaram a cantar:

“Eu prometo a ti, meu país, acima de todas as coisas terrenas,
Completo, íntegro e perfeito, o serviço de meu amor.”

Durante a música, Jack olhou nos olhos do vigário. Eram pequenos e porcinos. Ele já tinha visto aqueles olhos em algum outro lugar.



“Ouvi o chamado de minha pátria, do outro lado do oceano,
Ela me chama, me chama lá da imensidão das águas.”

Enquanto o canto continuava, o menino examinou o coral. Cicatrizes no rosto, narizes quebrados, dentes faltando.

Nenhum deles sabia sequer uma palavra da música e apenas murmuravam com vozes graves e roucas. Será que o do meio com dente de ouro poderia ser... a enfermeira Margarida?



“Ouço o clamor da batalha, o trovão de canhões,
Corro para ti, minha mãe, um filho entre seus filhos.”

Jack olhou para trás e viu o ajudante do vigário, o sacristão, parado ao fundo. Como ditava a tradição, ele vestia uma batina preta comprida, porém o mais estranho era que tinha a cabeça raspada e uma tatuagem de teia de aranha no pescoço. Mais uma vez, era muito familiar. Será que era a enfermeira Flora?



“E há outro país, do qual há muito ouvi falar,

Muito estimado por aqueles que o amam, muito grandioso para eles que o conhecem...”

Quando a música terminou, Jack tinha certeza de que estava perto de solucionar o mistério. Lembranças passaram por sua mente... a Srta. Porcina fumando aquele charuto grande e

grosso, o entusiasmo do vigário ao recomendar o **TORRES DO CREPÚSCULO**, aquele narizinho arrebitado comum aos dois... Se todos aqueles auxiliares na igreja, o organista, o

coral e o sacristão eram as enfermeiras falsas do **TORRES DO CREPÚSCULO** — a gangue criminosa que pretendia roubar as economias da vida dos idosos dos quais deviam estar cuidando —, sem dúvida o líder não deveria estar longe.

Continuando com a cerimônia, o reverendo Leitão anunciou:

— Agora vou ler o Salmo Trinta e Três, “Cantem de alegria ao Senhor...”

Jack não aguentou mais e se levantou.

— **PAREM O FUNERAL!** — berrou.



Mentiroso!

Nunca se ouviu falar de um funeral que tenha sido interrompido. Nenhuma das pessoas reunidas na igreja acreditava que o menino podia ter feito aquilo. De repente, todos os olhos se voltaram para Jack. Menos um ou dois olhos de vidro de aviadores idosos.

— O que significa isso? — esbravejou o reverendo Leitão.

— Mas o que você está fazendo, filho? — sussurrou papai.

— Por favor, Jack, sente-se e fique quieto! — chiou mamãe, puxando o menino pelo braço para que voltasse a se sentar.

— O vigário... — começou ele.

Jack tremia um pouco e, por mais que tentasse, foi incapaz de acalmar os dedos.

— O vigário e a enfermeira-chefe... eles... eles são... **A MESMA PESSOA!**



Quatrocentas pessoas levaram um susto e ficaram chocadas. Exceto o contra-almirante, que era meio surdo e, quando seu aparelho auditivo apitou, gritou:

— O que você disse, garoto?

— Eu disse... — começou Jack de novo, dessa vez muito mais alto. — **O VIGÁRIO E A ENFERMEIRA-CHEFE SÃO A MESMA PESSOA. ELE É UM VIGARISTA!**

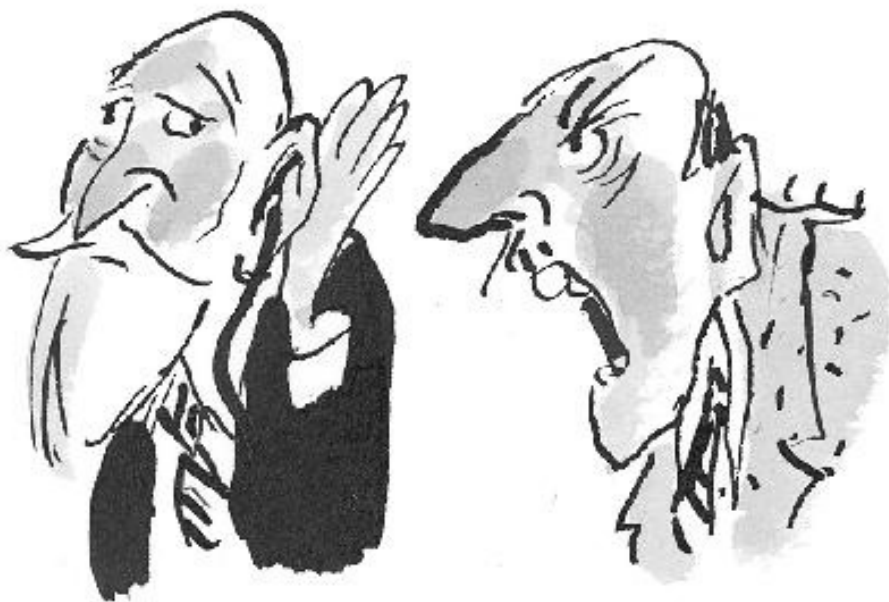
— Desculpe, alguém estava assobiando no meu ouvido. Eu não escutei nem uma palavra. O major, seu amigo, estava sentado bem ao lado dele e gritou:

— **ELE DISSE QUE O VIGÁRIO É UM VIGARISTA!**

— **UM MOTORISTA?**

O contra-almirante não estava entendendo nada.

— **O QUE ELE DIRIGE?**



— **EXPLICO DEPOIS!**— berrou o major.

— Não, eu, err... Essa criança malvada está mentindo! — protestou o vigário.

Suor brotava em sua testa. Sua boca estava tão seca que começou a emitir pequenos estalidos quando ele tentou falar. Aquele homem estava se enrolando feito uma bola de barbante.



Enquanto isso, o coral se entreolhava com nervosismo. Eles tinham sido descobertos.

— **ELE NOS OBRIGOU!** — gritou de repente a enfermeira Margarida. —

TIVEMOS QUE FINGIR SERMOS ENFERMEIRAS EM UM ASILO!

— **SILÊNCIO!** — interrompeu o vigário.

— **EU CONFESSO TUDO. SOU LINDO DEMAIS PARA IR PARA A CADEIA!**

— **EU DISSE SILÊNCIO!**



Um dos ratos já estava abandonando o navio que naufragava. Sem dúvida, outros iam seguir o exemplo. O menino sentiu que aquilo seria uma bola de neve.

— Então, no fim das contas, a Srta. Porcina sobreviveu ao incêndio no **TORRES DO**

CREPÚSCULO! Você esteve escondido embaixo do nosso nariz esse tempo todo!

— Eu não fiz nada de errado! — protestou o reverendo Leitão. — Só alterei os testamentos para dar o dinheiro todo aos pobres!

— **Mentiroso! Mentiroso!** — gritou o menino.

— Mentiroso! — prosseguiu Raj.

— Você gastou o que ganhou em champanhe, charutos e um carro novinho! — exclamou Jack.

O reverendo Leitão tinha sido **PEGO COM A BOCA NA BOTIJA!**

Um exército de veteranos

Parado no altar, o vigário assumiu um tom de voz raivoso e amargo.

— E daí se fiz isso, filho? De que serviria todo aquele dinheiro, afinal, para os velhotes estúpidos?

É desnecessário dizer que os idosos na plateia não gostaram nada de ouvir aquilo. A igreja logo irrompeu em murmúrios enraivecidos.



— Depois de todo serviço dominical, eu esvaziava a caixa de coleta. Tudo o que os velhos idiotas me davam eram algumas moedas de cobre e um botão velho. Como eu poderia comprar uma casa de veraneio em Monte Carlo?



— **BUÁ, BUÁ!** — interrompeu Raj, com sarcasmo.

— Você, cale a boca! — gritou o vigário.

— **Oooooooh** — zombou Raj.

— Então, bolei um plano com meus coveiros. Eu ia abrir meu próprio asilo e fraudar os testamentos dos velhotes fedorentos, ficando com o dinheiro todo para MIM...

— O senhor poderia falar um pouco mais devagar, por favor? — pediu o detetive Roliço do fundo, com um caderno na mão. — Estou tentando anotar isso tudo.



O detetive Espeto revirou os olhos.

— Você é um homem muito, muito mau! — gritou Jack.

— E mulher! — acrescentou a Sra. Bagatela.

— Sim! E mulher! — exclamou o menino. — Um homem muito, muito mau, e uma mulher muito, muito má. Você tratava todos os idosos com uma crueldade inacreditável!

— Ah, quem liga para eles? Estavam todos gagás!

É desnecessário dizer que isso também não agradou muito.

— **COMO OUSA?** — exclamou a Sra. Bagatela.

— **PEGUEM-NO!** — ordenou o major.

— **ATACAR!** — gritou o contra-almirante.

Os idosos se levantaram e começaram a correr na direção do vigário e sua gangue.

— Deixem que a polícia cuide disso! — interveio o detetive Espeto.

Mas os ex-internos do **TORRES DO CREPÚSCULO** não estavam no clima para escutá-lo.

Eles queriam **VINGANÇA**. Enquanto os marginais tentavam fugir da igreja, os velhos foram atrás. Bengalas, bolsas, andadores... tudo se transformou em arma. A Sra. Bagatela começou a bater com toda a força no vigário com um livro de cânticos. Enquanto isso, o major encurralou o sacristão (também conhecido como enfermeira Flora) na parede com o púlpito. O contra-almirante imobilizou as “enfermeiras” Rosa e Margarida pelo pescoço, enquanto os colegas da RAF do comandante Bunting faziam fila para bater na cabeça delas com almofadas.

Todas as crianças da aula de história de Jack vibravam.

A gangue criminosa não tinha nenhuma chance contra aquele exército de veteranos.



— Preciso vir à igreja mais vezes — comentou Raj. — Não sabia que era tão divertido!

Adeus

Os pais de Jack olharam para o caos que se desenrolava na igreja, em seguida se voltaram para o filho.

— Sinto muito por não ter acreditado em você no início, Jack — disse mamãe.

— Você é um menino muito corajoso por enfrentar um bandido malvado feito esse, filho — acrescentou papai. — Tenho certeza de que vovô estaria muito orgulhoso de você.

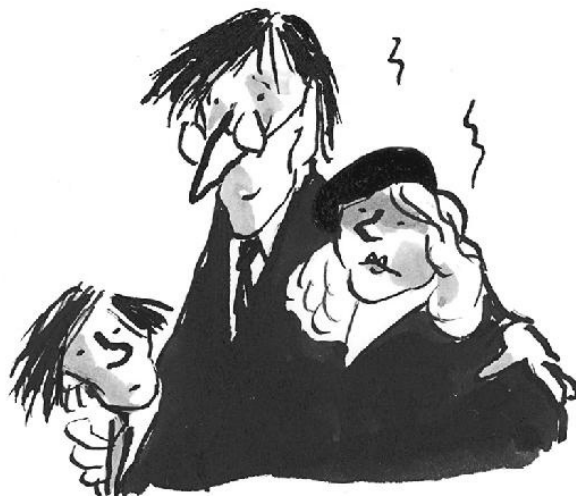
Jack teve vontade de sorrir e chorar ao mesmo tempo. Então, fez as duas coisas.

Ao ver as lágrimas do filho, a mãe o abraçou. Apesar do cheiro forte de gorgonzola (um queijo tão fedorento que faz até chorar), a sensação era boa.

O pai abraçou os dois, e, por um instante, tudo pareceu certo no mundo.

A batalha em andamento entre a gangue de marginais e o exército de idosos se espalhou para o cemitério. Os colegas do colégio de Jack acompanhavam a ação enquanto os detetives tentavam, sem sucesso, restabelecer a lei e a ordem.

— Eu deveria ir para casa e começar a fazer sanduíches de queijo — disse mamãe. — Todo mundo deve voltar para lá depois da cerimônia.



— Sim — concordou papai. — E esses velhinhos vão estar morrendo de fome. Vamos, filho.

— Vão em frente — respondeu o menino. — Eu só quero ficar mais um pouco aqui sozinho.

— Ah, sim, eu entendo — disse mamãe.

— Você tem razão, filho — falou papai.

Ele tomou a mão da esposa e, juntos, saíram da igreja.

O lugar ficou vazio, exceto por Jack e Raj. O jornalista pôs a mão no ombro do menino.

— Você viveu uma aventura e tanto, jovem mestre Bunting.

— Eu sei, mas não conseguiria sem vovô.

O jornalista deu um sorriso antes de dizer:

— E ele não conseguiria sem você. Vou deixá-lo sozinho com seu avô. Imagino que queira dar um último adeus.

— Obrigado. Quero, sim.

Como prometido, Raj deixou o menino sozinho na igreja com o caixão vazio do avô.

Jack olhou para a caixa de madeira e a bandeira e prestou continência pela última vez.

— Adeus, comandan... — começou ele, mas se corrigiu. — Adeus, vovô.



Epílogo

Naquela noite, Jack estava na cama quase pegando no sono. O quarto já começava a desaparecer e dar lugar ao mundo dos sonhos.



Então, do lado de fora da janela, o menino ouviu um som distante. O ronco de um avião alto no céu. Jack abriu os olhos e desceu do beliche. Para não acordar os pais, que dormiam no quarto ao lado, ele foi na ponta dos pés até a janela e afastou as cortinas em silêncio. Emoldurada por uma lua prateada estava a silhueta inconfundível de um Spitfire. O caça mergulhava e girava. Desenhava parafusos. Dava piruetas. Só podia haver um homem nos controles.



— Vovô?! — exclamou Jack.

O avião deu um mergulho emocionante e passou zunindo pela janela do menino. Na cabine, estava sentado o comandante Bunting. Quando o caça reluzente passou, Jack percebeu a coisa mais estranha de todas. O avô parecia exatamente igual ao retrato que havia acima da cama do menino. Era uma foto tirada em 1940, quando vovô era um piloto, lutando na Batalha da Inglaterra. Ele estava jovem outra vez. O vento provocado pelo Spitfire agitou os aviões de montar de Jack. O menino continuou olhando o Spitfire subir cada vez mais alto no céu da noite. Depois de algum tempo, o caça sumiu de vista.

O menino não contou a ninguém. Quem ia acreditar nele, afinal?

Na noite seguinte, quando Jack se deitou na cama, estava sem fôlego de tanta animação. Será que veria o avô outra vez? Fechou os olhos e se concentrou o máximo possível. Mais uma vez, quando chegou àquele ponto quase adormecido, o menino ouviu o ronco do motor do Spitfire. Mais uma vez, o avião passou voando pela janela.

E na noite seguinte. E na outra. Toda noite era a mesma história.

Era como vovô dissera: enquanto Jack o amasse, ele não morreria nunca.



* * *

Hoje Jack está crescido e tem um filhinho. Assim que o menino ficou grande o bastante para entender, Jack contou a ele tudo sobre suas aventuras maravilhosas com o avô. Agora, na hora de dormir, o menino pede repetidas vezes para ouvir as histórias da fuga ousada do **TORRES DO CREPÚSCULO**, do roubo do caça ou da descida de paraquedas no jardim do Palácio de Buckingham. Quando o filho começa a pegar no sono, ele também vê o Spitfire no céu. Toda noite o avião passa zunindo pela janela antes de voar na direção das estrelas.

Para o céu e além!



Fim

Glossário

Os anos 1940

Os anos 1940 foram dominados pela Segunda Guerra Mundial e suas consequências. Foi uma década de grandes mudanças e preocupações para o povo britânico. Milhões de soldados se juntaram às Forças Armadas, e os que permaneceram em casa tinham que se ajustar a novas regras e modos de viver para auxiliar nos esforços de guerra. Todo mundo foi convocado a “fazer sua parte” para ajudar a nação, e as pessoas eram conclamadas a economizar, o que significava reutilizar e consertar roupas e móveis, em vez de jogá-los fora. Depois do fim da guerra, em 1945, a vida não voltou ao normal de imediato. O racionamento de roupas durou até 1949, e o país estava quase falido por dívidas que haviam se acumulado durante aquele período, por isso as condições de vida eram precárias.

Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial começou em 1939 e terminou em 1945. Foi uma disputa entre as forças do Eixo (representadas principalmente por Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados (entre eles, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Canadá, Índia, China e União Soviética). É interessante observar que a União Soviética — que consistia na maior parte da Rússia — começou a guerra do lado do Eixo. O conflito teve início quando forças alemãs invadiram ilegalmente a Polônia, país que a Grã-Bretanha e a França haviam prometido proteger. O combate provocou mudanças dramáticas na vida das pessoas comuns na Grã-Bretanha, onde mais de dois milhões de crianças deixaram as cidades e foram para o campo, região em que estariam protegidas dos ataques aéreos, que destruíram muitas casas. Comida e outros bens eram extremamente limitados, pois muitas pessoas largaram os empregos para participar da guerra. Os países invadidos pelas forças do Eixo foram ainda mais devastados.

Em 6 de junho de 1944, conhecido como o Dia D, forças aliadas desembarcaram na Normandia para libertar a França do controle alemão. Então, os soldados abriram caminho até a Alemanha, e a guerra na Europa terminou em maio de 1945. Os Aliados continuaram a enfrentar os japoneses no oceano Pacífico até agosto. A vitória dos Aliados foi declarada oficialmente em 2 de setembro de 1945, e foi então que a Segunda Guerra Mundial terminou por completo.

Winston Churchill

É provável que Winston Churchill seja o líder político mais celebrado da história britânica. Ele era primeiro-ministro durante a Segunda Guerra Mundial. Depois de terminar os estudos com um rendimento muito baixo nas provas, se tornou soldado e jornalista em meio expediente antes de entrar para a política. Sua liderança militar foi decisiva na vitória dos Aliados, e os discursos motivadores que fez para o povo britânico, transmitidos pelo rádio, foram de grande importância para o moral da nação. Ele morreu em 1965, aos noventa anos, e recebeu da rainha a grande honra de um funeral de Estado.

Adolf Hitler

Adolf Hitler era o líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Nazista, e tomou o poder como chanceler da Alemanha em 1933. Imediatamente fez mudanças para dar a si mesmo o controle total e afastar qualquer um que se opusesse. Hitler acreditava na supremacia absoluta do povo alemão, e essa crença acabou por levá-lo a ordenar o assassinato em massa de milhões de judeus, ciganos e outros grupos minoritários. O Holocausto permanece como um dos acontecimentos mais sombrios na história da humanidade. Preso em seu bunker enquanto soldados russos tomavam Berlim em 1945, Hitler se matou com um tiro.

Gestapo

Formada em 1933, a Gestapo era a temida polícia secreta alemã. Seu objetivo era encontrar e prender inimigos do governo de Hitler, e seus membros receberam poderes especiais para prender pessoas e forçá-las a revelar informações. Por causa disso, eles ganharam a reputação de serem terrivelmente cruéis.

Racionamento

O racionamento de comida foi introduzido na Grã-Bretanha em janeiro de 1940 como forma de garantir que houvesse alimentos suficientes para todos durante a guerra. Para comprar alguns alimentos em particular, eram usados cupons de racionamento junto com dinheiro, de modo que ninguém pudesse comprar mais que a cota. Em 1940, alimentos racionados incluíam açúcar, carne, chá, manteiga, bacon e queijo — mas muitos outros foram racionados posteriormente. Embora frutas e verduras nunca tenham sido racionadas, eram difíceis de obter, e o governo estimulou as pessoas a plantá-las nos próprios jardins. Outros produtos racionados incluíam gasolina, sabão e até mesmo roupas.

Castelo de Colditz

O Castelo de Colditz, na Alemanha, foi usado pelos nazistas como campo de prisioneiros de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Era considerado uma “fortaleza da qual era impossível escapar”. Entretanto, muitas pessoas tentaram fugir do castelo, bolando planos mirabolantes que envolviam cópias de chaves, passagens pelos esgotos, falsificação de documentos e até prisioneiros escondidos dentro de colchões. A maioria das tentativas falhou, mas cerca de trinta fugitivos foram bem-sucedidos.

Operação Leão-Marinho

Depois da bem-sucedida invasão da França pela Alemanha, em junho de 1940, Hitler ordenou que as forças armadas se preparassem para invadir a Inglaterra com navios. O plano recebeu o nome de Operação Leão-Marinho. Para que ele tivesse mais chance de sucesso, os alemães sabiam que, primeiro, precisavam assumir o controle dos céus da Inglaterra e acabar com a ameaça apresentada pela RAF. Isso levou à Batalha da Inglaterra.

Batalha da Inglaterra e Blitz

A Batalha da Inglaterra começou no verão de 1940. A Força Aérea Alemã, chamada de Luftwaffe, fez uma série de ataques à Inglaterra, bombardeando alvos e pistas de pouso na costa na tentativa de destruir defesas e deixar o país livre para a invasão. A batalha foi um teste de forças épico entre a Luftwaffe e a RAF. Os alemães tinham mais aviões e pilotos, ao passo que os britânicos dispunham de um sistema de comunicações muito bom, o que deu à

RAF uma vantagem crucial.

No fim de agosto, a Luftwaffe acreditou erroneamente que a RAF estava perto de ser derrotada e passou a se concentrar em bombardear Londres e outras cidades britânicas. Esse período foi conhecido como Blitz — durante cinquenta e sete noites seguidas, bombas alemãs foram lançadas sobre cidades britânicas, e milhares de pessoas tiveram que buscar proteção em estações do metrô e abrigos antiaéreos. Embora tenha causado danos terríveis, deu aos britânicos tempo para recuperar suas defesas aéreas.

Em 15 de setembro, a Luftwaffe sofreu baixas pesadas nas mãos da RAF. A missão falhou, e a Operação Leão-Marinho foi logo abortada. A Grã-Bretanha obteve sua primeira vitória importante na guerra. Os pilotos que lutaram na Batalha da Inglaterra ainda são celebrados como heróis. Se a tivessem perdido, é provável que os nazistas tivessem invadido a Grã-Bretanha.

RAF

A Royal Air Force, Força Aérea Real Britânica, foi criada em 1918. Ela teve um papel vital ajudando os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial, e sua campanha mais famosa foi a Batalha da Inglaterra. Em 1940, a idade média de um piloto da RAF era de vinte anos.

Luftwaffe

Luftwaffe era o nome da Força Aérea Alemã. No verão de 1940, ela havia se tornado a maior Força Aérea do mundo. Quando foram para a Batalha da Inglaterra, os pilotos alemães eram muito experientes e estavam confiantes de que derrotariam os britânicos. A Luftwaffe foi extinta em 1946, depois que a Alemanha perdeu a Segunda Guerra Mundial.

FAAF

FAAF era a Força Aérea Auxiliar Feminina — em inglês WAAF, Women's Auxiliary Air Force. Foi formada durante a Segunda Guerra Mundial como parte da RAF, mas composta apenas por mulheres. No auge de sua força, tinha cento e oitenta mil membros. Cada membro também era chamado de FAAF. As FAAFs não participavam de combates ativos, mas tinham outros papéis cruciais, como monitorar radares aéreos, tripular os balões de artilharia e decifrar códigos. As FAAFs foram vitais no planejamento de operações, inclusive durante a Batalha da Inglaterra.

Char Wallah

Era o termo usado pelo Exército Britânico estacionado na Índia para se referir aos habitantes locais que lhes serviam chá. Na língua hindi, a palavra *wallah* significa alguém que desempenha determinada tarefa; a palavra *chai* significa chá. Entretanto, em inglês essa palavra frequentemente foi ouvida e compreendida como “char”, daí a expressão “Char Wallah”.

Hurricane

O Hurricane foi um avião de caça que teve um papel fundamental na vitória sobre a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Essas aeronaves eram incrivelmente fortes e eram os caças mais resistentes — isto é, tinham grande poder de voo —, apesar de não

serem tão rápidas nem manobráveis quanto o Spitfire. Após a guerra, os Hurricanes foram retirados do serviço militar.

Messerschmitt

Esse foi o principal avião usado pela Luftwaffe durante a Batalha da Inglaterra. O Messerschmitt era capaz de mergulhar muito mais rápido que os aviões britânicos. Entretanto, tinha um tempo de voo muito mais curto (apenas trinta minutos) antes de precisar de mais combustível: uma grande desvantagem em batalha.

Spitfire

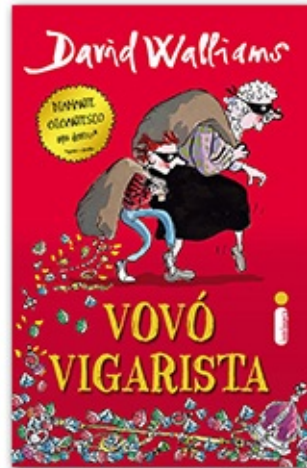
O Spitfire foi projetado nos anos 1930. O caça era muito avançado e podia facilmente ser adaptado para lidar com novas ameaças. Sua flexibilidade, junto com sua velocidade e seu poder de fogo, tornou-o muito bem-sucedido. Era um monoplano (o que significava que tinha apenas um conjunto de asas) de um só lugar, com um nariz, ou parte dianteira, muito grande. A RAF usou Spitfires em ações militares até 1954. O Spitfire é até hoje o caça britânico mais lendário a subir aos céus.

Um agradecimento especial a Charlotte Sluter e Laura Clouting, do Museu Imperial da Guerra, a Tim Granshaw, Matt Jones, Andy Annabel e Gerry Jones, do Goodwood Aerodrome, e a John Nichol, consultor da Força Aérea Real.

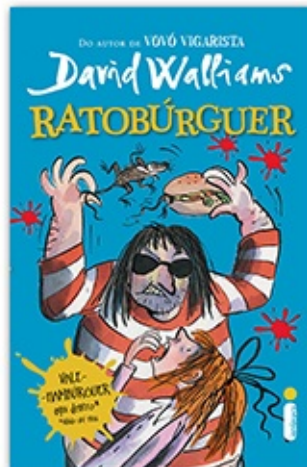
Sobre o autor

DAVID WALLIAMS é ator, roteirista e autor premiado. Considerado um fenômeno da literatura infantojuvenil na Inglaterra, recebeu em 2012, 2013 e 2014 o National Book Awards britânico de Melhor Livro Infantil, com as obras *Ratobúrguer*, *Dentista sinistra* e *Titia terrível*. Suas histórias, ao mesmo tempo engraçadas e comoventes, já foram traduzidas para mais de quarenta idiomas.

Conheça os outros títulos do autor



Em *Vovó vigarista*, um menino vai passar a prestar mais atenção na importância dos laços familiares depois de descobrir que sua avó pode ser uma grande companhia para uma sexta-feira à noite.



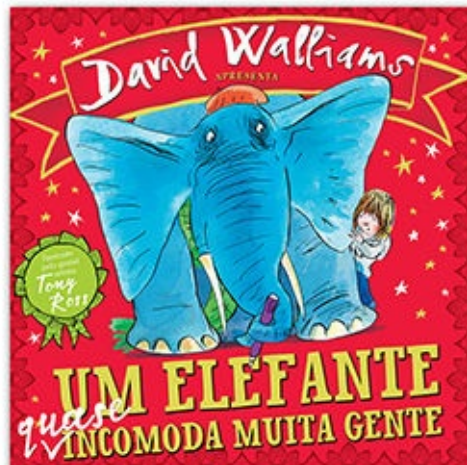
Em *Ratobúrguer*, uma menina sem amigos vai descobrir que é possível encontrar pessoas que fazem a diferença em nossa vida onde menos se espera.



Em *Senhor Fedor*, uma menina solitária e generosa descobre que a amizade pode ser encontrada nos lugares mais inusitados.



Em *O menino de vestido*, um menino constata que não tem problema gostar de coisas diferentes se isso não faz mal a ninguém e deixa a gente muito feliz.



Em *Um elefante quase incomoda muita gente*, o que a gente aprende mesmo é sempre prestar atenção nas letras miúdas de um contrato!



Em *Titia terrível*, uma das grandes lições é a confirmação de que a ganância pode destruir uma pessoa, e que às vezes um aliado pode estar onde menos esperamos.

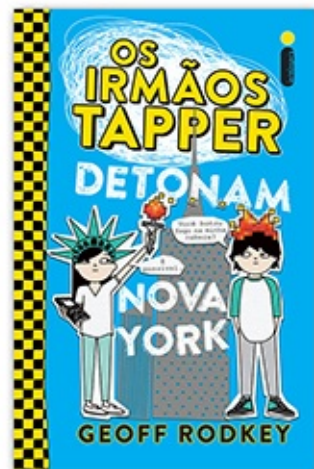


Em *Dentista sinistra*, além da importância de escovar os dentes, está também a constatação de que o amor entre pai e filho é capaz de suportar grandes sacrifícios.

Leia também



Os irmãos Tapper declaram guerra (um contra o outro)
Geof Rodkey



Os irmãos Tapper detonam Nova York
Geof Rodkey



Os dois terríveis
Jory John e Mac Barnett



Os dois terríveis ainda piores
Jory John e Mac Barnett